

# NAVEGANDO ENTRE ILHAS

experiências do isolamento em tempo de pandemia

Ludmila Carvalho  
Waleska Martins  
(Orgs.)





# NAVEGANDO ENTRE ILHAS

experiências do isolamento em tempo de pandemia



## **REITOR**

Fábio Josué Souza dos Santos

## **VICE-REITOR**

José Pereira Mascarenhas Bisneto



Editora UFRB

## **SUPERINTENDENTE**

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

## **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Lúcia Moreno Amor

Josival Santos Souza

Luiz Carlos Soares de Carvalho Júnior

Maurício Ferreira da Silva

Paulo Romero Guimarães Serrano de Andrade

Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro

Rosineide Pereira Mubarack Garcia (presidente)

Sirlara Donato Assunção Wandenkolk Alves

Walter Emanuel de Carvalho Mariano

## **SUPLENTES**

Carlos Alfredo Lopes de Carvalho

Marcílio Delan Baliza Fernandes

Wilson Rogério Penteadó Júnior

## **EDITORA FILIADA À**



**Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias**

Ludmila Moreira Macedo de Carvalho  
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins  
(Orgs.)

# NAVEGANDO ENTRE ILHAS

experiências do isolamento em tempo de pandemia



Editora UFRB

Cruz das Almas - Bahia - 2020

Copyright©2020 - Ludmila Moreira Macedo de Carvalho e  
Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins.

Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB.

Projeto gráfico e editoração eletrônica:

*Antonio Vagno Santana Cardoso*

Capa

*Walter Emanuel de Carvalho Mariano*

Revisão e normatização técnica:

*Júlia Vasconcelos G. Matos, Kelly Barros Santos*

*Marcello Girotti Callas e Viviane Ramos de Freitas*

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer  
meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

N323n

Navegando entre ilhas: experiências do isolamento  
em tempo de pandemia / Organizadora: Ludmila  
Moreira Macedo de Carvalho e Waleska Rodrigues  
de Matos Oliveira Martins. Cruz das Almas, BA:  
EDUFRB, 2020.

288p.; il.

ISBN: 978-65-88622-03-2.

1.Literatura brasileira – Percepção. 2.Pandemias –  
Isolamento social. I.Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia. II.Carvalho, Ludmila Moreira  
Macedo de. III. Martins, Waleska Rodrigues de Matos  
Oliveira IV.Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca Central de Cruz das Almas - UFRB.  
Responsável pela Elaboração - Antonio Marcos Sarmiento das Chagas (Bibliotecário  
- CRB5 / 1615) & Neubler Nilo Ribeiro da Cunha (Bibliotecário - CRB5/1578)  
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)



**Editora UFRB**

Rua Rui Barbosa, 710 – Centro  
44380-000 Cruz das Almas – BA

Tel.: (75) 3621-7672

[editora@reitoria.ufrb.edu.br](mailto:editora@reitoria.ufrb.edu.br)

[www.ufrb.edu.br/editora](http://www.ufrb.edu.br/editora)

[www.facebook.com/editoraufrb](https://www.facebook.com/editoraufrb)

## Apresentação

Nunca foi tão preciso navegar. O distanciamento social nos fez ínsulas. Grandes e pequenas, superficiais ou profundas, esses novos seres-ilhas se acomodam nos instantes vulcânicos, nas águas tranquilas da esperança ou nos momentos tempestivos. Navegar por essas ilhas desconhecidas também era preciso. Era necessário abrir o mar da escuta, deixar que o vento sussurrasse nos ouvidos outras línguas, outros sentimentos e novas experiências. Era preciso - urgente até -, marcar o acontecimento, suspender o ritmo do tempo. Precisamos de um repouso no olhar para tentar compreender uma pandemia. Contudo, esse movimento não se sustenta, ou não se completa, numa dimensão monocular, individualizada. Compartilhar várias experiências sensíveis, navegar por outros mares, escutar vozes de outras ilhas era mais do que importante: era reconhecer um pouquinho de nossas angústias e esperanças nos Outros, formando uma grande teia de empatia. É nesse sentido que o E-book “Navegando entre ilhas: experiências do isolamento em tempo de pandemia” propõe uma partilha. O objetivo do livro, na mais humilde proposição, era de partilhar os possíveis modos de sentir e projetar os olhares sobre a COVID-19 a partir da comunidade formada por alunos, professores e servidores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É de expurgar o isolamento e, de algum modo, darmos as mãos em solidariedade. O livro é um convite para navegar em mares poéticos, ilustrações e fotografias, ensaios com tom mais acadêmico, em riachos-contos, cartas de remansos e crônicas intranquilas.

Foi preciso navegar para compreender as águas profundas e revoltas de “Sob a sombra da morte”, da autora Ana Urpia, antes que os mares invadissem e escancarassem a nossa psique e nossos medos. É preciso coragem para velejar e perceber que o tempo é descontínuo e enigmático, uma ausência que se presenti-

fica em “O tempo parou: casa, espaço-tempo e isolamento social”, do autor Celso de A. Oliveira Jr. Cingir as ilhas de Lúcia e Marcos e percorrer sua semovente trajetória em “Vamos comprar Rosas Violetas”, de Cristian Martins de Souza. Foi necessário nos entregarmos à intrigante reflexão proposta em “Somos um o vírus do outro?”, de Deivide Garcia (em coautoria), para respondermos quem somos. Uma pergunta que empresta da ficção as diretrizes que invertem o jogo da realidade. Ou até mesmo coragem para se colocar diante de si, numa misteriosa “Introspecção cerebral”, da autora Priscila Teixeira, e perceber a própria fragilidade na reconstrução diária. Em águas turbulentas, o navegar de “Refazendo experiência”, da autora Renata Dias, não traz o remanso, mas faz qualquer navegação hesitar sobre seu Norte. Em “Quando voltar me traga o mar”, o monólogo teatral da autora Lua Candeia encontra a expectativa e a angústia do leitor e da leitora, mostrando a instabilidade da vida e a confusa relação entre realidade e ficção. Um diálogo silencioso que se abre na entrega dos seus mares.

Navegando encontramos outras ilhas, outras gentes, outras divindades e crenças. Nesse livro-convite, há ilustrações como “Medo”, de Vinícius Zurawski, e “O começo e o fim do mundo”, de Alan Barbosa de Santana, que expõem as marcas de um tempo obscuro. Nas fotografias, encontraremos outros ângulos de gentes atentas a tudo e em todos, como em “Olhares da Pandemia”, do autor Caíque Fialho. Em outra, um olhar sensível que percorre o ciclo da natureza observada dia após dia em “Pequeno ensaio sobre a Liberdade”, da autora Alessandra Gomes. Mas tudo que se aproxima da realidade embaça os olhos dos viajantes. Turvos, a realidade se mistura com a alucinação criando a imagem do “Desfoco” (autoria de William Conceição de Jesus).

Todas as grandes viagens se tornam crônicas, contos, músicas ou poemas, ou viajam em cartas. Nessa travessia, as crônicas refletem as angústias do coração e a esperança na corda bamba. É

preciso coragem para navegar no roteiro de “E eis que a guerra se avizinhava”, da autora Iara Sydenstricker, pois carregamos em nós a gênese da destruição e da reconstrução, e o conflito entre dentro x fora espreguiça as fendas. A reflexão crítica de “Inimigo invisível x Sociedade”, do autor Alessandro de Jesus Souza, também coloca a leitora e o leitor diante de escolhas difíceis. Mas algo também espreguiça esses caminhos: a esperança. Em “Minha Refazenda – Refazenda Toda”, a autora Nayara Pereira expõe sua complexa relação com a Pandemia, com o cuidado do seu “eu” e sua sensível percepção das coisas importantes. Por escrever ‘coisas importantes’, “Quando tudo parou”, da autora Sheila Araújo da Silva, vai buscar na vida simples de uma pequena cidade no interior a segurança do afeto. Contudo, a intranquilidade dos acontecimentos turva os dias iguais. Mas, há momentos em que, navegando em águas turbulentas, precisamos nos agarrar em “tábuas” de salvação. Em “As laves de Teresa Cristina: o tamanho da nossa alma”, a cantora se torna uma personagem metamorfose: aquela que transmuta e expurga as dores em choros, músicas e sorrisos. Um bálsamo para o coração inquieto da autora Sarah Oliveira Carneiro.

Na partilha dos mares poéticos encontraremos o delírio, a redenção, o imagético e o equilíbrio (nenhum deles em remanso). Se o “Jacaré nada de costas”, da autora Aline Souza Mota Nogueira, é porque ele encontra na Pandemia o marasmo dos dias iguais, mas com a saudosa lembrança dos tempos de outrora. Em “Quarenteneiras (I, II, III)”, a autora Ana Verônica Rodrigues Silva tenta compreender, junto com o leitor e a leitora, quem é ou o que é essa coisa tão pequena que estremece o mundo e causa tamanho sofrimento. Mas, quem conhece verdadeiramente “O barulho da dor”? Nesse texto, o autor Fernando Porfírio expõe os dissabores que causam ânsia e embrulha o estômago, reverberando na leitora e no leitor o insustentável peso da dor. Já em “O poeta do cientista em festa”, falando em delírios que se misturam com a (pseudo) realidade, o autor brinda à loucura, à carne em sangue e à (des)

razão em tempos pandêmicos. Ainda navegando por mares de poesias, o escritor Rubens da Cunha nos diz que é preciso receber (des)orientações, ondear as ilhas com as “Cinco Anotações Confinadas” para velejar em águas intranquilas. Como não seguir essas orientações? Nas noites das águas poéticas, a fratura da realidade reflete a ausência – aquela lacuna que todos sentem, mas que poucos preenchem. Inúmeros questionamentos levam a leitora e o leitor para a existência (ou não) de “A garota do Retrato”, da autora Críssia Magalhães. Um complexo de perguntas que nos impulsiona a questionar o que é reflexo e o que é realidade. Mas, por outro lado, descobrimos uma sensível sobriedade em não estarmos sós nesse mundo em delírio. Foi preciso navegar para entender, também, a angústia que cerca o sujeito e que o faz persistir e resistir em “Eu tenho raiva”, do autor Alan Barbosa de Santana. Em “Relato de meu Eu”, o autor Leandro dos Reis Muniz convida a leitora e o leitor a um passeio pela esperança do autoconhecimento. Entre as sentenças no imperativo e as notícias que desestruturam, “i so lamento”, do autor Wellison Silva, pretende questionar a posicionalidade do sujeito em seu momento ilha, de isolamento social. Num contexto pandêmico, questões como religiosidade, morte e solidão se erguem com forças vulcânicas. Navegar por esses mares esfíngicos é o que propõe o “Ser e Coexistir”, da autora Ludmilla Santana Soares e Barros. Se frequentemente a poesia e o mar são metaforizados na figura da mulher, “Música-poesia: Parte de Mim”, da autora Maria das Graças Mascarenhas Queiroz, contempla as possíveis formas, cores e sabores de um corpo-voz-ser mulher em meio à pandemia.

Contudo, nada seria mais apropriado do que receber uma carta de viagem. Quem já recebeu esse pequeno gesto de amor e/ou de cumplicidade, reconhece o poder mágico que, na maioria das vezes, ele provoca. Seja mensageira de más notícias ou de novidades alegres, a carta sempre resguardará o seu tom intimista e de expectativa. Uma “Cartas para Valentin: Escrevivências na

pandemia”, da autora Luciene Vieira Pereira (e coautoria), é um convite sensível para olhar a história por outro ângulo. Uma “Carta ao futuro”, do autor Gilmar Café Alves Jr., registra um pedido, quase uma súplica, de que ele, o futuro, não seja mais perverso que o vírus. Mas uma carta também pode ser um momento de confidencialidade, de se buscar a compreensão do que acontece, de reconhecer a importância das palavras do Outro. É para a professora da infância, dona Lucy, que o autor Sérgio Martins escreve “Dentro da pandemia: uma lembrança ausente”. Uma reflexão do panorama da doença, misturando saudade dos tempos idos e a sabedoria das palavras da professora.

O olhar de uma e um contista, através dessa pequena narrativa, pode relevar um mundo fantástico. Qualquer navegador procura, antes mesmo das águas, a fantasia. No conto “A hora que passa o trem”, a autora Aline Souza Mota Nogueira nos faz passear por complexas relações humanas e escolhas feitas logo no amanhecer. São situações cotidianas que fazem o ser humano ou o contrário? Em “O Verbo e o Vírus”, do autor Eduardo Borges de Jesus, percorremos, muito de perto, a caminhada de um José da Silva. Diluído entre nós, essa personagem enfrenta o vírus e se torna Verbo. Isso porque, para o autor, o mundo lhe parece em desordem. Uma navegação intempestiva e imprevisível sacode os mares de “Bioco”, da autora Maia Gonçalves. Essa personagem, navegadora de seu próprio oceano, transita entre mundos e silêncios que inquietam o leitor e a leitora. No conto “A Saudade de Caeu”, o autor Vinícius Zurawski naufraga a segurança do barco e nos coloca na instabilidade do tempo que parece não caminhar.

Nesse e-book, também navegaremos por mares menos poéticos, mas igualmente reflexivos. O texto “Covid-19: vulnerabilidades na saúde reprodutiva”, da autora Amália do Sacramento Santos (e coautorias), percorre o precário sistema da saúde pública e sua atenção à mulher. No aspecto educacional, alguns textos debatem sobre o contexto fragilizado da educação no país. Em

“Tecnologias Digitais na Educação: possibilidades e desafios à docência”, do autor Marcos José de Oliveira Silva (e coautorias), o debate recai na formação e na atuação docente trazendo uma reflexão sobre as novas tecnologias e seus impactos na comunidade acadêmica. Contudo, a proposição é de pensar nos desafios sociais, econômicos e políticos na aplicabilidade dessas tecnologias digitais na educação brasileira. No texto “Filosofia, cinema e isolamento social”, o autor Pablo Zunino traz uma pertinente discussão sobre cinema, capitalismo, confinamento e necropolítica.

No meio dessa longa viagem, navegantes escrevem diários colocando seus mais íntimos relatos de experiências em outras ilhas. Entre “Os meses de abril e maio de 2020” abre-se o diário e o cotidiano poético de Sarah Oliveira Carneiro. Nele encontramos as miudezas que engrandecem a alma. É na importância das pequenas coisas que o coração consegue bater e as vistas não se cansam, num “Tratado geral das grandezas do ínfimo” (Manoel de Barros). Com “75 dias sem tosse, sem febre” qualquer sujeito comemora. Mas o autor, Celso de A. Oliveira Jr., nos coloca numa trajetória que se desenrola na angústia de se viver, intensamente, questões profundas da existência. Tudo se passa diante dos olhos – como num filme em que somos, ao mesmo tempo, personagem e espectador. Nesses relatos de experiências, o leitor e a leitora é colocado e colocada diante de lutas, conquistas e sentimentos conflitantes. Em “A luta contra o câncer: COVID-19 e sua interferência”, da autora Edméa Barbosa dos Santos, somos guiados por caminhos hospitalares com o medo que espreita o trajeto e as doenças (do câncer e do vírus). É inevitável, nesse longo período de navegação, que “Pensamentos em tempos (pan)dêmicos” atravessem o sujeito de maneira contundente. Nesse relato, a autora Sarah Oliveira Carneiro partilha de sensíveis momentos de confronto interno, revelando suas leituras dos ínfimos e suas inquietações diante de tantas mortes de personagens (não) ilustres de nosso cenário cultural. Mas de mares sinuosos também surgem músicas

e inovações. No relato de experiência “SONORA\_01 – um netvideo low-fi diy”, do autor Cláudio Manoel Duarte de Souza (e coautorias), a inventividade cria um novo mundo sonoro capaz de inaugurar formas inusitadas na arte dos sons.

A navegação foi separada em “Entre mares” - seção que abarcará cartas, crônicas, contos e diários, “Navegação de errantes” - que ficará com as poesias, ilustrações e ensaios fotográficos, e por fim a seção “Em terra (quase) firme”, onde encontraremos ensaios mais acadêmicos e relatos de experiência.

Ao longo dos últimos meses, nós navegamos profundamente nesses mares e ouvimos outras vozes. Convidamos vocês, leitoras e leitores, a coser esses oceanos de leituras.

Ludmila Carvalho e Waleska Martins.



# Sumário

## Entre mares

<b>Minha Refazenda - Refazenda toda</b> <i>Nayara Pereira da Silva Vieira</i> .....	21
<b>E eis que a guerra se avizinhava</b> <i>Iara Sydenstricker</i> .....	25
<b>Inimigo Invisível X Sociedade</b> <i>Alexsandro de Jesus Souza</i> .....	27
<b>A hora que passa o trem</b> <i>Aline Souza Mota Nogueira</i> .....	29
<b>75 dias sem tosse, sem febre</b> <i>Celso de A. Oliveira Jr.</i> .....	33
<b>Bioco</b> <i>Maia Gonçalves</i> .....	57
<b>Dentro da pandemia: uma lembrança ausente</b> <i>Sérgio Ricardo Oliveira Martins</i> .....	61
<b>Quando tudo parou</b> <i>Sheila Araújo da Silva</i> .....	67
<b>A Saudade de Caeu</b> <i>Vinícius Zurawski</i> .....	71
<b>Os meses de abril e maio de 2020</b> <i>Sarah Oliveira Carneiro</i> .....	73
<b>Vamos Comprar Rosas Violetas</b> <i>Cristian Martins de Souza</i> .....	81
<b>Carta ao Futuro</b> <i>Gilmar Café Alves Júnior</i> .....	101
<b>O Verbo e o Vírus</b> <i>Eduardo Borges de Jesus</i> .....	103

<b>Introspecção cerebral</b>	
<i>Priscila Teixeira</i> .....	105
<b>Cartas para Valentin: Escrevivências na pandemia</b>	
<i>Luciene Vieira Pereira</i>	
<i>Hebert Luan Pereira Campos dos Santos</i> .....	107
<b>As laves de Teresa Cristina: o tamanho da nossa alma</b>	
<i>Sarah Oliveira Carneiro</i> .....	111

## **Navegação de errantes**

<b>Cinco anotações confinadas</b>	
<i>Rubens da Cunha</i> .....	117
<b>Desfoco</b>	
<i>William Conceição de Jesus</i> .....	119
<b>Música-poesia: parte de mim</b>	
<i>Maria das Graças Mascarenhas Queiroz</i> .....	121
<b>Eu tenho raiva</b>	
<i>Alan Barbosa de Santana</i> .....	122
<b>Quarenteneiras (I, II, III)</b>	
<i>Ana Verônica Rodrigues Silva</i> .....	124
<b>Quando voltar me traga o mar</b>	
<i>Lua Candeia</i> .....	128
<b>i so lamento</b>	
<i>Wellison Silva</i> .....	132
<b>O barulho da dor</b>	
<i>Fernando Porfirio</i> .....	133
<b>Pequeno ensaio sobre a Liberdade</b>	
<i>Alessandra Gomes</i> .....	135
<b>A garota do retrato</b>	
<i>Críssia Magalhães</i> .....	139

<b>Jacaré nada de costas</b> <i>Aline Souza Mota Nogueira</i> .....	140
<b>Medo</b> <i>Vinícius Zurawski</i> .....	141
<b>Relato de Meu Eu</b> <i>Leandro dos Reis Muniz</i> .....	142
<b>O poeta do cientista em festa</b> <i>Fernando Porfírio</i> .....	143
<b>Ser e Coexistir</b> <i>Ludmilla Santana Soares e Barros</i> .....	144
<b>Olhares da Pandemia</b> <i>Caíque Fialho</i> .....	146
 <b>Em terra (quase) firme</b>	
<b>Refazendo experiência</b> <i>Renata Dias Oliveira</i> .....	155
<b>Sob a “sombra da morte”</b> <i>Ana Urpia</i> .....	163
<b>O tempo parou: casa, espaço-tempo e isolamento social</b> <i>Celso de A. Oliveira Jr.</i> .....	179
<b>Pensamentos em tempos (pan)dêmicos</b> <i>Sarah Carneiro</i> .....	189
<b>Filosofia, cinema e isolamento social</b> <i>Pablo Enrique Abraham Zunino</i> .....	199
<b>S O N O R A_01 -um netvideo low-fi diy</b> <i>Cláudio Manoel Duarte de Souza, Andrea May, Gleydson Públio</i> .....	215
<b>Somos um o vírus do outro?</b> <i>Deivide Garcia da Silva Oliveira, Bárbara Simões Barreto de Araújo</i> .....	229

<b>Tecnologias digitais na Educação: possibilidades e desafios à docência</b> <i>Marcos José de Oliveira Silva, Naiana de Carvalho Guimarães, Ana Maria da Silva Oliveira</i> .....	243
<b>A luta contra o câncer: COVID-19 e sua interferência</b> <i>Edméa Barbosa dos Santos</i> .....	259
<b>COVID-19: vulnerabilidades na saúde reprodutiva</b> <i>Amália Nascimento do Sacramento Santos, Ana Beatriz Argolo Cavalcante Lima, Cristiane dos Santos Silva, Luís Eduardo Pessoa Farias, Raíssa Morgana dos Santos Fuza, Tháís Emanuelle Bomfim Aragão</i> .....	265
<b>Sobre os/as Autores/as</b> .....	279

**Entre mares**



# Minha Refazenda - Refazenda toda

*Nayara Pereira da Silva Vieira*

“Minha refazenda - refazenda toda”. Parafraseando o grande Gilberto Gil, eu, tão pobre de palavras, queria morar nessa linda canção.

Dia desses, encontrei, jogados na rua, dois galhos de maracujá ressecando. Trouxe-os comigo, plantei, zelei e eles estão vivos, ainda. Assim como eu e os meus! Sobrevivendo! 63 dias depois, ouvi a Trilogia Ré, e entendi que o processo vivido é de Refazenda... a retomada do diálogo com a natureza e o constante aprendizado sobre o tempo.

No jogo de palavras desta canção, intuitivamente, me questionei sobre o seu significado hoje. Li numa entrevista de Gil, anos atrás, que ele dizia ser sua intenção nessa composição retomar o Tropicalismo e o resgate da sua infância sertaneja. Além disso, me trouxe a ideia de “refazer” algo. Ora, se não é esse um grande exemplo para analogia da necessidade atual da vida.

“Abacateiro teu recolhimento é justamente o significado da palavra temporão”<sup>1</sup> quem dera o meu maracujá, ou eu mesma, fosse o abacateiro dele, para que eu sabiamente soubesse, como num passe de mágica, esperar e usufruir do tempo certo das coisas.

Sei lá, talvez, a graça realmente da Refazenda, se eu bem entendi, seja o temporão que, segundo as definições do dicionário, quer dizer que vem ou ocorre antes ou fora do tempo apropriado. E tanto na vida, como na natureza, a matemática é assim, imperfeita. Não há como calcular o inesperado, o espontâneo: uma chuva que alaga a roça e se vai toda sabedoria temporal das estatísticas meteorológicas; os pássaros que invadem a plantação e não há boneco de palha no mundo que os afaste; uma praga, o lagarto

---

<sup>1</sup> Trecho da canção “Refazenda”.

do fruto que para sobreviver destrói todo o abacate. Conhecemos essa história com outros personagens e em maiores proporções de danos. Dói! Lidar com o imprevisto, com o não calculado. A fera solta na rua pronta para devorar qualquer um.

Improvisar dentro das possibilidades ofertadas é coisa de quem conhece o solo, conecta-se com a natureza, tem a propriedade de quem cuida dela e a resiliente fé no amanhã. O agricultor, por exemplo. A paciência com que ele cultiva é algo precioso neste momento, a paciência e a temperança, porque ele sabe que enquanto o abacate não brota “amanhecerá tomate e anoitecerá mamão”.

A vida segue seu fluxo e continua trazendo outras opções que nem sempre vão ser doces como a manga, mas também não serão sempre azedas como o tamarindo. E se você e eu entendermos isso, conseguiremos enxergar beleza neste processo difícil, porém especial e necessário de Regeneração da natureza e da natureza das coisas. Tua e minha Renovação. A Refazenda toda!

Cada um de nós cumpre um caminho diferente e individual que deságua(rá) em um lugar muito maior que se chama humanidade, ou coletivo, ou grupo, ou aglomeração, ou nós mesmo. Mas o “nós” aqui pode ser também o entrelaçamento de fios de solidariedade necessário para prender galhos na cerca, arrematar uma costura, aportar um barco no cais, ligar e dizer que ama, encurtar a distância isolada. Nó. Ou tantos outros “nós” que engasgam na garganta de saudade, de medo, de distância, ansiedade, perda. Sim, estou fazendo trocadilhos e aqui vai mais um: não há nó cego no mundo que não desate com atenção e paciência (de novo). Tem dias que o nó afrouxa, tem dias que aperta. O mais importante é não desistir do “nós” ou de desatar, ou atar os “nós”! Aí, é o trilhar de cada um... E não esqueça, o trabalho colaborativo é crucial nesse momento. Assim como no trabalho do campo, todas as mãos importam.

A Refazenda e a vida isolada me ensinaram a buscar forças todos os dias para continuar, para além de uma rotina de trabalho e esforço, garantir o meu lugar ao sol.

Não me refiro apenas ao mercado de trabalho/universidade, falo do meu compromisso diário, às 17h16, na minha janela, apreciar e agradecer mais um dia que se vai com o pôr do sol. Ou mesmo rir com o riso solto de minha avó que no auge dos seus 82 anos se engraça ao utilizar a tecnologia numa chamada de vídeo com a família para propagar o seu amor maternal (ao quadrado – potencializado ao seu máximo). E até nas minhas aventuras acrobáticas no yoga e na busca pela alimentação saudável que eu sempre quis ter, mas a desculpa da falta de tempo era constante. E tempo, eu tenho.

Embora eu possa citar tantas descobertas, vou dar oportunidade a você, de também descobrir a sua Refazenda no canto dos pássaros, na abertura para um grande amor, na adoção de um bichinho de rua, na nova receita que você vai aprender, nos passos de dança dos tutoriais na internet, na sua sala que vai virar academia improvisada ou mesmo no maracujá que você pode plantar, ou no abacate, ou no mamão, no limão, acerola, manjerição... É contigo! E comigo! Meu “eu” foi exposto e entregue nessas mal traçadas linhas, e o teu?

## Referências

REFAZENDA. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Gilberto Gil. In: REFAZENDA. [S.l.]: Philips, 1975, LP/CD.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tempor%C3%A3o/>. Acesso em 20 de julho de 2020.



## E eis que a guerra se avizinhava

*Iara Sydenstricker*

Enredados em micro batalhas cotidianas, ignoramos o extermínio da delicadeza, sucumbida sob a fúria dos homens do capital. Orientados por cínicos magistrados, perdemos a lucidez. Contaminados pelo incestuoso sangue de parlamentares, não vimos as lágrimas das crianças que, aos gritos, alertavam sobre a tirania do império. Empinamos pipas-propinas em céus de brigadeiros e intoxicamos a terra para suprir deficiências nutritivas de nossos pensamentos. Sob temporais de balas perdidas abdicamos responsabilidades e vimos se desfazer a solidariedade, soterrada por deslizamentos em periferias. Gulosos por distração digital, colocamos nossas cabeças sobre guilhotinas de exércitos midiáticos. Fascinados pela brutalidade dos templos acreditamos nos proteger do mal-me-quer, enquanto bem-me-quer fingíamos sentir. Cúmplices de milícias, fizemos brotar a violência enraizada em nossas almas e cindimos ao erguer mitos que estão a concluir nosso massacre. Abrimos mão do sopro juvenil que nos libertaria e enterramos os velhos antes mesmo que morressem. Chefiamos nosso fim, como se vida fosse. Sob aplausos e urros ficamos surdos e não ouvimos os últimos avisos. Explodimos nossos DNAs. Rogamos por nosso genocídio. Abortamos nossa humanidade.

Então, ao nosso redor surgiu aquela gente armada a urrar seu ódio, sedenta de carnificina. Os que ainda restaram lá fora negociaram a abertura de cemitérios populares em troca de indulgência.

Fomos isolados. Respiramos baixinho. Um gole d'água de vez em quando.

Poucos resistiram. Foram humilhados, segregados, expulsos. Estão agora nas montanhas, entre silêncios, onde escrevem e leem. Dizem que de vez em quando ainda tocam flautas.

## Inimigo Invisível X Sociedade

*Alexsandro de Jesus Souza*

Após a existência do COVID-19, que diariamente provoca a morte de milhares de pessoas afetando todo o mundo, muita coisa tem mudado. Nunca se dependeu tanto do outro como nos últimos dias, seja para encontrar a cura do Coronavírus ou para fazer-se cumprir as medidas de distanciamento social estabelecidas em todos os países do mundo. Há quem faça profecias sobre o fim dos tempos e a religião nunca esteve tão perto dos seres humanos como atualmente, fazendo com que a fé aflore nos corações e seja o agente transformador em meio a tanto caos.

A esquerda e a direita que ecoavam suas brigas partidárias constantemente nas mídias. Jamais foram tão irrelevantes para a nação como nos últimos dias. Brasil! Para onde vamos? Quando vamos? O que iremos fazer? Tais perguntas surgem diariamente através de milhões de brasileiros, cujas respostas são apresentadas em forma de painéis, apitações, “ele não”, “ele sim”, “fica em casa”, “pode sair”. Ultimamente o país vive num conflituoso cenário, uma verdadeira crise política em meio a uma pandemia que desencadeará no colapso do Sistema Único de Saúde (SUS).

Os estados e municípios, juntamente com a imprensa brasileira, levando em consideração as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), criaram a campanha #FicaemCasa, que tem como objetivo disponibilizar aos cidadãos informações verídicas baseadas em estudos científicos. Por outro lado, o Presidente da República Jair Messias Bolsonaro repudia as ações que promovem o isolamento social visando a estabilidade da economia do país.

Assim, entre egoísmos e hipocrisias, a vida segue num constante fluxo. Talvez exista solução para tudo. Enquanto isso, a pro-

dução científica que seguia tão desvalorizada, nunca teve tanta visibilidade e importância para o mundo. Os profissionais de saúde com salários defasados, arriscam suas vidas em prol de outras vidas na luta contra um inimigo invisível.

O momento é de reflexão. É de se aproximar dos nossos familiares, de proteger o outro e a si mesmo. Precisamos ter empatia. Sejamos mais humanos, mesmo que imperfeitos. Se puder ajude e não julgue. Acolha e não escolha. Doe, mesmo se doar. Tente ao máximo se enxergar no outro, seus atos geram mudanças boas ou ruins e somente você pode decidir qual caminho trilhar.

O que nos resta é esperar sonhando com dias melhores. Dias que virão independente deste momento. Precisamos manter a credibilidade no superior, naquilo que nos ergue dia após dia. É preciso acreditar, por mais que seja difícil. Afinal, quem disse que a vida seria fácil? A única certeza é que sairemos desse momento mais fortes e atenciosos, viveremos na prontidão juntos, unidos e preparados para o que vier a acontecer.

## A hora que passa o trem

*Aline Souza Mota Nogueira*

Renê acorda, todas as manhãs, às cinco horas, quando a *playlist* internacional começa a tocar no *iPhone 7*, pago em dez prestações. O levantar é precedido do ritual de espreguiçamento e alongamento, em preparação para a caminhada matinal. Hoje ele acordou meditativo e resolveu demorar mais na cama box. Levantou passado trinta minutos, mas mesmo assim pôs a camisa e meias brancas, tênis preto, bermuda colorida com listas pretas na bainha e laterais, experimentou vestir o boné preto, mas decidiu pela viseira vermelha. Apanhou na mesinha de cabeceira os óculos e a máscara azul jeans. Tomou um copo de suco verde detox e pegou as chaves de casa e do carro. Dirigiu até à Praça da Matriz, onde faria sua corrida matinal e retornaria mais saudável para sua casa de andares e vidros transparentes, a fim de se preparar para mais um dia de trabalho. Estacionou próximo à empresa de internet e foi para o calçadão.

Seu dia passou da linearidade para um diâmetro sem tamanho específico. Em voltas, sua mente começou a produzir o espelho do dia. A música que saía do seu fone *bluetooth* animava seus passos largos e definia o ritmo do seu coração. Os passos ao redor cadenciavam suas ideias.

Corria sempre ali, mas não mantinha vínculo afetivo com ninguém. Desde criança tinha dificuldade de socialização. Mora só. O timer alarmou o fim da atividade. Tirou da cintura a garrafa de água com gengibre e limão e partiu para atravessar a rua e pegar o carro. Já distraído e não percebeu Antenor, que vinha com sua bicicleta preta de rodas engraçadas: uma aro 10 e a outra aro 18, carregada com nossos prazeres. Ele trazia na frente engradados plásticos com produtos dos mercados e da feira livre. Atrás trazia

outras caixas plásticas com compras e na frente mais sacolas plásticas iam enfeitando o guidom.

Pela manhã, Antenor ajoelhou-se em oração para agradecer o novo dia e levantou, para começar sua rotina. Ele é eletricista e está desempregado faz seis meses. Precisa ganhar o dinheiro para sustentar sua família. Com o surgimento da pandemia ele viu surgir uma oportunidade de trabalho informal. Lembrou que quando jovem carregou muitas compras no mercado com o carro de mão, no turno oposto ao da escola, para ajudar a mãe. E decidiu fazer entregas no novo modo: *delivery*, agora com sua bicicleta.

Seu exercício diário é de bike e de sobrevivência. Com suas botas pretas, luvas azuis e máscara branca, pedala saindo do Pilar até onde seus pés possam levar, entregando alimentos e o que mais lhe for requisitado. Com o novo lema #fiqueemcasa, tudo é pedido por telefone e os entregadores levam em casa. Assim, pedalando a vida, ele adquiriu a confiança de muitas pessoas da cidade.

Antenor mora no Pilar e sua rotina desde criança era sair bem cedo, com os pais e as outras crianças, vizinhas, para catar araçá e vender na beira da pista. Sempre sonhou viajar de trem. As linhas cortam a paisagem do seu ambiente montando um chão de aço. Já se arriscou pegando carona nos trens em movimento e quando chegava em casa se escondia atrás das bananeiras para não ter de sentir o som do cinto na carne jovem.

Naquela manhã, Antenor ia fazer entregas no Bonfim, quando seu pedalar cruzou com o caminhar apressado de Renê. Precisou frear bruscamente e o engradado da frente caiu fazendo ele se desequilibrar. Os tomates rolaram pelo chão e Renê, com raiva, pisou os tomates espatifando as sementes pelo chão da praça. Pegou o carro e saiu cantando os pneus. O que parecia ser um bom dia ficou pesado.

Antenor encostou a bicicleta e com a ajuda de passantes juntou tudo o que tinha caído e continuou a fazer suas entregas.

Enquanto isso Renê chegou em casa furioso e foi tomar uma ducha morna. Pegou sua pasta com *notebook* e saiu apressado. Seu escritório de advocacia fica no apartamento 207, próximo à Pindobal. A crise pandêmica estava deixando-o irritado, ele já não tinha causas suficientes para continuar trabalhando. O seu estilo de vida precisava urgente de uma reforma e isso o assustava muito.

A noite já ia empurrando a tarde quando Antenor foi fazer a última entrega do dia, no apartamento 209, próximo ao escritório de Renê. Subiu as escadas cantarolando uma canção qualquer. O prédio fica próximo à sinaleira do imperador, mas o trânsito é sempre razoável. As sacolas estavam pesadas. Ele tocou a sirene, entregou os pacotes, recebeu o pagamento e virou-se para descer as escadas e ir para casa com o dinheiro do dia. Ao dar cinco passos seu olhar cruzou o olhar de Renê, que se preparava para sair. Uma imagem de Nossa Senhora da Purificação assistia do alto da sua cantoneira posta do lado esquerdo do corredor. Ele sorriu e acenou. Partiu em direção à escada. Renê buscou na lembrança de onde o conhecia. Correu pelos degraus varrendo a poeira e encontrou Antenor já montando sua bicicleta. “Por favor, me desculpe pelo que fiz de manhã” – falou Renê. “Sem problema, eu dei o desconto dos tomates espatifados” – disse Antenor.

Renê voltou para casa sem entender como aquele homem conseguia sorrir e perdoar de modo fácil. Dona Lena, do 209, não entendia porque Renê era tão abstrato.

A mente agoniza, com o medo do inimigo invisível. Ele lava as mãos e vai para a cozinha preparar um sanduíche, com alface, peito de peru e maionese de ervas finas.

Antenor refaz seu caminho de volta para casa. No bar da esquina, coloca uma moeda na máquina de pedir música. Começa a tocar uma música da Legião Urbana, ele compra um guaraná e vai embora. Em casa, coloca o guaraná na geladeira e faz a alegria das crianças. Toma banho de cuia. A água está gelada. Sem camisa, coloca a mortadela no pão cacetinho e enche um copo de gua-

raná. Vê o noticiário e vai deitar. Infeliz, Renê come seu sanduíche e toma meia garrafa de vinho. Decide que não vai mais ficar em casa. Dirige no sentido da saída da cidade e ao chegar próximo ao portal leu na placa: “volte sempre, agradecemos a sua visita”. Não ouviu o apito frenético do trem.

## 75 dias sem tosse, sem febre

*Celso de A. Oliveira Jr.*

1º dia de isolamento. Segunda-feira. Teatros fechados, não sei quando voltaremos em cartaz. Em 1642, todos os teatros de Londres foram fechados pela Administração Puritana Inglesa. A justificativa é que a aglomeração do público facilitava a contaminação da peste bubônica. "O passado é um prólogo"<sup>1</sup>.

2º dia de isolamento. Terça-feira. Nota da reitoria. Suspenderam todas as atividades presenciais. Ainda não sabemos o que pode ser feito remotamente. Os bancos estão funcionando normalmente, como se nada estivesse acontecendo.

3º dia de isolamento. Quarta-feira. Tô aqui, pensando nos brasileiros que estavam na China, no início da epidemia. Foram expatriados, com aquele *bafafá* todo, maior cuidado. Cumpriram quarentena, totalmente monitorados. Chegaram aqui, e essa merda toda. Quer dizer... antes tivessem ficado em Wuhan. Fiz feijão. Panelaço e gritos "Fora Bolsonaro". Por favor, não morram. "Coloquei meu coração e minha alma em meu trabalho e perdi a cabeça no processo"<sup>2</sup>.

4º dia de isolamento. Quinta-feira. Dia de São José. Dia de plantar o milho que será usado nas festas juninas. Renovando a esperança de novas colheitas. Dizem que, se chove no dia 19 de março, teremos colheita farta no inverno. Semeemos. Atualizei o Lattes. Tive um momento de ansiedade e pânico. Coração acelerado, falta de ar. Chorei um pouco. Passou. Leo chegou e me abraçou. "Senhor, nós sabemos o que somos, mas não o que seremos"<sup>3</sup>.

1 - SHAKESPEARE, W. **The tempest**. Oxford: Oxford University Press, 2008. (ato II, cena 1)

2 - VAN GOGH, Vincent **Letters from Provence**. Londres: Collins & Brown, 1992, p. 93.

3 - SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Trad. de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2001, p. 102. (ato IV, cena 5)

5º dia de isolamento. Sexta-feira. Quem puder ficar em casa, fique. Quem não puder, evite tocar em maçanetas, corrimões. Lave as mãos com água e sabão. Evite tocar na boca e nos olhos. "Assim como há uma tensão intrínseca entre o silêncio e as palavras, do mesmo modo há uma tensão intrínseca entre a imobilidade e o movimento. Palavras emanam do silêncio e voltam a ele; movimentos emanam da imobilidade e voltam a ela"<sup>4</sup>.

6º dia de isolamento. Sábado. Nenhum sintoma de febre, tosse ou falta de ar. Pequenos momentos de ansiedade: taquicardia, suor frio, angústia. Lavei roupa, consertei o sofá, troquei os lençóis e as toalhas de banho. Seguimos. "Mas não existem duas leis, essa foi uma coisa que eu achei que entendi, não são duas leis, uma para os saudáveis, outra para os doentes, mas apenas uma lei à qual todos devem se curvar, ricos e pobres, jovens e velhos, felizes e infelizes"<sup>5</sup>.

7º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tudo tranquilo. Tive um sonho lindo. Estava numa casa perto da praia, com Suelena, Breno e Maluh e outras pessoas, conversando sobre literatura, cinema e teatro. Acordei feliz. Aparei a barba. É um privilégio poder ficar isolado em casa, com quem a gente ama. Tudo fica mais suave. Diminuí radicalmente os noticiários apocalípticos. Vamos ter de sair para comprar coisas no supermercado: legumes, frutas, ovos e alguns medicamentos na farmácia. Assim, seguimos. Raspei a barba.

8º dia de isolamento. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. *Home office* bombando. Preciso encontrar paciência e concentração para continuar a ler uma tese de doutorado. Leitura árdua, mas instrutiva. O carro do ovo tá passando. Ainda não é o fim do mundo. Os gatos estão bem. "Há muitas formas de

---

4 - CHABERT, Pierre. The body in Beckett's theatre. *Journal of Beckett studies*, University of reading, n. 8, s.p, out. 1982.

5 - BECKETT, Samuel. **Molloy**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 1949, p. 60.

dizer a verdade. Talvez a mais persuasiva seja a que tem a aparência de mentira”<sup>6</sup>.

9º dia de isolamento social. Diário do isolamento: eu avaliando uma tese de doutorado para qualificação, Leo em *home office*. Seguimos.

10º dia de isolamento social. Lavei todas as panelas.

11º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tudo certo. As sementes de limão siciliano brotaram, transplantei para um vaso. Pro jantar, pedimos uma pizza pelo *iFood* e fizemos gin tônica. Deu certo.

12º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Acordei tarde. Dormi bem pela primeira vez em semanas. Aproveitei para colocar roupas para lavar. Depois do almoço, fui buscar meus sogros (de 81 e 87 anos) para tomarem vacina. A cidade bem vazia. Pouquíssimas pessoas circulando nas ruas. À noite, caí na armadilha de assistir a um telejornal. Resultado: taquicardia, pessimismo, leve crise de ansiedade. Lavei as panelas. Tô mais tranquilo.

13º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dia Internacional do Teatro e do Circo. Redigi o parecer da monografia de um TCC que eu estou na banca e enviei ao orientador. Leo trabalhando mais em casa do que se estivesse no banco. “Sex-tou”, fizemos gin tônica e comemos beijuzinhos com manteiga e queijo. Não tô acompanhando noticiários. Por aqui, estamos bem. A vida que segue. “Eu sou a vaca que, diante dos portões do abatedouro, compreende todo o absurdo das pastagens. Seria melhor ter pensado nisso mais cedo, lá, quando estava no pasto verde e tenro. Tanto faz. A ela resta ainda atravessar o pátio. Isto, ninguém pode tirar dela”<sup>7</sup>.

---

6 - ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2000, p. 83.

7 - BECKETT, Samuel. **Eleutheria**. Trad. para o inglês de Barbara Wright. Londres: Faber and Faber, 1996, p. 29.

14º dia de isolamento. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tudo certo. Acordamos relativamente cedo. Malhamos, com garrafas pet cheias de água como se fossem halteres. Vestimos *short*, tênis, camiseta, tudo como se fôssemos para a academia (Acho importante manter esses pequenos rituais). Depois do almoço, tirei um cochilo. Amanhã é dia de *nhoque!*

15º dia de isolamento. Domingo. Aniversário de 471 anos da chegada de Tomé de Souza em Salvador. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dormi mal de ontem pra hoje. Pequenos episódios de ansiedade, taquicardia e pânico. Consegui dormir lá pelas quatro da manhã. Sonhos perturbadores. Acordei todo dolorido da malhação de sábado. A semente de limão siciliano brotou. Já tem algumas folhinhas. Em breve, teremos *lemoncello*. A vida segue.

16º dia de isolamento. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tudo bem. Ainda bem. Tive sonhos estranhos. Bonecos de vodu, chuva, mãos molhadas. Acordei com a triste notícia da morte de Riachão. Seguimos. "Xô xúá / Cada macaco no seu galho / Xô xúá / Eu não me canso de falar / Xô xúá / O meu galho é na Bahia / Xô xúá / O seu é em outro lugar / Não se aborreça moço da cabeça grande / Você vem não sei de onde / Fica aqui não vai pra lá / Esse negócio da mãe preta ser leiteira / Já encheu sua mamadeira / Vá mamar noutra lugar"<sup>8</sup>.

17º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. A manhã foi de tarefas domésticas. Não vou passar roupa. A sociedade vai ter que me aceitar amarrotado mesmo. Depois da pandemia, a gente negocia isso. Ao terminar o horário de trabalho de Leo, fomos à nossa aventura: farmácias (no plural) e supermercados (no plural), pois gostamos de viver perigosamente. Enquanto estávamos trazendo as compras para casa, ainda no carro, ouvimos o maior pannelço da história do Apipema. Foi realmente arrepiante.

---

8 - CADA macaco no seu galho. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. Compositor: Clementino Rodrigues (Riachão). In: *EXPRESSO* 2222. Intérpretes: Caetano Veloso e Gilberto Gil. [S.J.]: gravadora Philips, 1972.

18º dia de isolamento. 1º de abril. "A mentira é apenas o adiamento da verdade" (Fabrício Carpinejar). Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tive uma noite terrível. Refluxo, azia, insônia. Consegui dormir apenas por volta das 5:00 da manhã. Temporada da peça suspensa, sem aulas, algumas poucas reuniões administrativas. Lendo tese, TCC, escrevendo pareceres. Festinha virtual, em videoconferência, com amigos. Foi bem divertido. Muitas fofocas. Gatos doidos, correndo pela casa. A vida segue e a gente vai encontrando outros modos de convivência.

19º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dormi melhor. Bem melhor. Sem refluxo, sem insônia, mas com muitos sonhos e pesadelos. Acordei com foco na faxina. Coloquei roupas para lavar e quase zerei o cesto de roupa suja. Coloquei louças para lavar também. Oh, glória, a máquina de lavar louças! Dedilhei meu velho violão, em breve teremos uma *live*, talvez... Os gatos não gostam do aspirador de pó. Fato. "O sono trai a noite, porque faz dela uma interrupção entre dois dias, permitindo ao seguinte suceder ao precedente. [...] A insônia é o animal entocado, que se estende tanto quanto os dias e se retrai com tanta força quanto a noite. Aterrorizante postura da insônia"<sup>9</sup>.

20º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Acordei cedo. Operação de guerra: minha sogra teve de colher urina para um exame de emergência. Eu fui designado a pegar o potinho de xixi na casa dela e levar ao laboratório. Em menos de 40 minutos, eu estava de volta em casa, para descontaminação. Passei o resto da manhã meio dormindo. Nenhuma tarefa a ser realizada. Chega a triste notícia da morte da mãe de uma amiga. Meu coração aperta. Uma amiga querida, mas ela está tranquila. Meu pensamento emanando boas energias para ela. Não tenho saúde mental para acompanhar os noticiários. Meu bebê de limão siciliano com folhas lindas. Seguimos vivendo. "Sextou". É um privi-

---

9 - DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**: Um manifesto de menos/ O esgotado. Trad. de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.105-106.

légio passar esses tempos sombrios com Leo ao meu lado. Mas não tem um chocolate nesta casa. “Provisoriamente não cantaremos o amor, / que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos. / Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços”<sup>10</sup>.

21º dia de isolamento. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Nada extraordinário. Fui dormir cedo. Acordei cedo, por volta das 6:40h. O calor fez aparecer umas brotoejas. Fiz uma consulta virtual com minha dermatologista, Dra. Maria Elisa. Tô medicado. Liguei e mandei mensagens para algumas pessoas queridas. Nestes momentos de crise, é importante realinhar os afetos, manter o contato. “Ah, se pudéssemos saber... se pudéssemos saber...!”<sup>11</sup>.

22º dia de isolamento. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Com brotoejas, por causa do calor. Manhã de tarefas domésticas. Depois do almoço, longa ligação em vídeo com minha comadre Débora, que mora em Amsterdã. Fofocamos, demos risada, trocamos experiências. Tudo certo lá e cá. Reconnectando os afetos. Meu afilhado Pier é um príncipe. Calor intenso, temperaturas em torno de 40°C. “O tempo parou”<sup>12</sup>.

23º dia de isolamento. Segunda-feira. Sem tosse, sem febre, sem falta de ar. Acordei com o estrondo das trovoadas. Chuva forte sobre Salvador. Manhã cinzenta e chuvosa. Nada muito importante a fazer. Cortei as unhas pela segunda vez, desde que começou o isolamento. O pequeno pé de limão siciliano está crescendo aos poucos. Choveu tanto que não precisei regar. A vida que segue. “Não espere ser caçado para se esconder, este sempre foi o meu lema”<sup>13</sup>.

24º dia de isolamento. Terça-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Manhã meio parada. Leo trabalhando. Eu, no ar condicionado do quarto, tentando acordar de verdade. Não liguei a TV

10 - ANDRADE, Carlos Drummond. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: Record, 1940, p. 20.

11 - TCHEKHOV, Anton. **As três irmãs**. São Paulo: Nova Cultura, 2002, p. 149.

12 - BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2005. (ato I)

13 - BECKETT, Samuel. **Molloy**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 1949, p. 210.

hoje. Li uns capítulos do livro *Tragédias gregas*, de Pascal Thiercy. Tava querendo relembrar um trecho da guerra de Troia em que os soldados troianos passam a noite acordados, esperando um ataque dos gregos, que pode acontecer a qualquer momento. É na peça *Rhesus*, de Eurípidés, baseada na passagem 'Doloneia', do canto X, da *Iliada*. Colocamos louça na máquina e fizemos cachorro-quente pro jantar. "Atarei uma pele de lobo nas costas, / e porei as faces da fera na cabeça, / imitarei quadrúpede passo de lobo, / indistinto a inimigos, chego perto dos navios, / mas ao chegar diante deles, serei bípede: / nisto consiste o ardil"<sup>14</sup>.

25<sup>o</sup> dia de isolamento. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Sonhos intranquilos. Manhã preenchida com uma longa reunião do Conselho Acadêmico, em videoconferência. Pauta extensa. Depois do almoço, fui lavar panelas. E tentei tirar um cochilo, mas não consegui. Estamos conseguindo manter o ritmo de três treinos semanais. Tem sido bom, pra manter o corpo funcionando. Grande panelaço aqui na vizinhança. Nem me interessa saber o que foi. "Alguma coisa segue seu curso"<sup>15</sup>.

26<sup>o</sup> dia de isolamento. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Acordei animado para realizar as tarefas domésticas. Geralmente a quinta-feira é o dia de faxina aqui. Aproveitei pra lavar roupa branca e passar aspirador na casa (A gente tem um aspirador-robô que fica circulando, sob olhar a-pa-vo-ra-do dos gatos). Chega a notícia de um amigo querido daqui de Salvador que estava desde anteontem com febre alta e dores pelo corpo. A situação piorou e ele teve de ir ao hospital. Não era Covid-19, era dengue. Bati um longo papo com o amigo Artur. Falamos sobre espiritismo e os tempos atuais, sobre filosofia, história (lembrei que o presidente eleito Rodrigues Alves morreu de gripe espanhola em 1918 e não tomou posse), candomblé e fofocamos um pouco.

14 - TORRANO, Jaa. **A tragédia Reso de Eurípidés**. [S.l.]: Philia&Filia, 2012. (v. 208-213)

15 - BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 78.

Depois que Leo terminou o trabalho, nos preparamos para a aventura arriscada de fazer supermercado. Confeccionamos máscaras de tecido de algodão grosso e elásticos e fomos ao supermercado que estava LO-TA-DO! "Estamos em meio a uma praga só comparável à Peste Negra"<sup>16</sup>.

27º dia de isolamento. Sexta-feira da Paixão. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Acordei cedo, sem motivo algum. Tive um pesadelo em que Salvador era assolada por um terremoto. "Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado"<sup>17</sup>.

28º dia de isolamento. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Sábado de lavar roupas. De fofocar com Claudinho. Sábado de dormir muito. Sábado de conversar com Augusto por telefone. Sem forças para queimar Judas. Ele vai se queimar sozinho. Sábado de Aleluia.

29º dia de isolamento. Domingo de Páscoa. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Nada muito a dizer. Depois do almoço, eu dormi. Dormi profundamente. Passei o dia recolhido. Sem muito ânimo. À noite, videoconferência familiar de Páscoa. "Nada a fazer. Ninguém vem, ninguém vai. É terrível"<sup>18</sup>.

30º dia de isolamento. Segunda-feira. Sem tosse, sem febre, sem falta de ar. Acordei tarde. Dormi muito. Passei uma boa parte da manhã terminando de ler uma coletânea de contos de Virginia Woolf. Triste notícia da morte do amado Moraes Moreira. Liguei para Isabela, para parabenizar pelo aniversário em plena quarentena. Passamos quase uma hora ao telefone. Hoje também é aniversário de Beckett. Hoje também é a data em que eu e Leo celebramos nosso aniversário de namoro. 14 anos juntos. Há 14 anos,

---

16 - Virgínia Woolf, em seu diário, em outubro de 1918. WOOLF, Virgínia. **Os Diários de Virgínia Woolf**. Trad. de José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. [s. p.]

17 - BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. e anotação Pe. Matos Soares. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. (Mateus 26:2)

18 - BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2005. (ato I)

resolvemos dar as mãos e sair pelo mundo juntos. Pra celebrar, abrimos uma garrafa de champanhe e fizemos um jantarzinho especial, pra brindar o amor, a amizade e as risadas. Ficar ao lado dele durante o fim do mundo é um privilégio. "O nascimento foi a morte pra ele. De novo. Restam poucas palavras. Pra morrer também" <sup>19</sup>.

31º dia de isolamento. Terça-feira. Sem tosse, sem dor de garganta, sem falta de ar. O dia começa com a tristíssima notícia do assassinato brutal do estudante Jonas, meu aluno na universidade. Um menino de 22 anos, de sorriso lindo. Uma tristeza tão grande. Tristeza demais pelo assassinato do jovem Jonas. "Fora daqui está a morte" <sup>20</sup>.

32º dia de isolamento. Quarta-feira, sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tô bêbado. "Para onde eu iria, se pudesse ir, o que eu seria, se eu pudesse ser, o que eu diria, se eu tivesse uma voz, quem é que fala assim, dizendo que sou eu?" <sup>21</sup>.

33º dia de isolamento. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Acordei e lavei as panelas, coloquei louças na máquina. Gastei boa parte da manhã nesta função limpeza. Limpei o fogão (tá brilhando). Passei um pano no chão da cozinha depois. Aproveitando o tempo para voltar a treinar o violão. Em breve, devo fazer uma *live*.

"HAMM - A morte se aproxima. (Pausa) O que ele está fazendo?

CLOV - Chupando o biscoito.

HAMM - A vida continua." <sup>22</sup>

34º dia de isolamento. Sexta-feira, sem febre, sem tosse, sem

---

19 - BECKETT, Samuel. **A piece of monologue**. The Grove Centenary Edition. Londres: Grove, 2000. p. 453 (Tradução do autor)..

20 - BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 76.

21 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 27. (Textos para nada IV)

22 - BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 70.

falta de ar. Ontem à noite, falei ao telefone com os amigos queridos Paulo e Claudio. Querendo saber como estão lidando com os isolamentos, com as famílias, com as coisas. Acordei bem disposto. Lavei roupas brancas, inclusive as máscaras que minha sogra mandou pra gente. Máscaras de algodão, parecem boas. Decidimos comprar um fogão novo, porque o atual já estava pedindo misericórdia. Estamos pesquisando. A vida que segue. "É difícil libertar os tolos das amarras que eles veneram"<sup>23</sup>.

35º dia de isolamento. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Sábado, aventura de ir ao supermercado e farmácia. Usamos máscaras e luvas. Verdadeira operação de guerra. "*You can't always get what you want*"<sup>24</sup>.

36º dia de isolamento. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tive uma noite de insônia e enxaqueca. Depois do almoço, tirei um cochilo. "Adormeci. Ora, não faço questão de dormir. Não há mais lugar para o sono no meu horário. Não faço questão — mas não tenho explicações a dar"<sup>25</sup>.

37º dia de isolamento. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Depois da noite péssima, de ter acordado em sobressalto na madrugada, consegui dormir profundamente até mais tarde. Chuva forte sobre Salvador. Achei umas fotografias que eu e Paulo tiramos em Petrópolis, no ano 2000. Digitalizei algumas. Na madrugada, Claudinho me liga, pra saber a quantidade de sal para cozinhar aipim. É bom ter amigos. "Tebas hoje se encontra totalmente transtornada; / ela se extingue nos germes antes fecundos / da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos / e nos abortos das mulheres, tudo estéril. / A divindade portadora do flagelo / da febre flamejante ataca esta cidade; / é a pavorosa

---

23 - VOLTAIRE. **Cartas filosóficas**. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (s. p.)

24 - *YOU can't always get what you want*. Letra escrita por Mick Jagger e música de Keith Richards. Intérprete: Rolling Stones. [S. l.]: Music&Records. In: *Let It Bleed, 1969. 1 LP*.

25 - BECKETT, Samuel. **Malone morre**. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Códex, 2004, p. 63.

peste que dizima a gente e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre / transborda de nossos gemidos e soluços”<sup>26</sup>.

38º dia de isolamento. Terça-feira, feriado de Tiradentes. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Estamos vivendo um momento histórico importante da humanidade. Viver a história é estranho, porque ainda não temos um fluxo narrativo que dê conta da experiência, porque estamos vivendo no presente. Chegam notícias da morte do pai de um amigo querido. Provavelmente de Covid-19. O círculo que se aproxima. “Meu filho está dormindo. Que durma. Virá a noite em que ele também, não conseguindo dormir, irá sentar-se à sua mesa de trabalho. Estarei esquecido”<sup>27</sup>.

39º dia de isolamento. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Sem vacina, sem remédio, sem presidente. 520 anos da chegada de Cabral ao Brasil. Muito pouco a comemorar. Chegaram duas encomendas pelo correio. Depois do almoço, longa reunião da universidade, em videoconferência. Várias demandas burocráticas, administrativas e de planejamento. Depois da reunião, fui cuidar do meu pequeno pé de limão siciliano. Já emagreci quase três quilos, desde o início da quarentena. Me alimentando melhor, comendo menos, fazendo os exercícios. Leo também emagreceu. “...acenda a luz dos meus olhos para que eu não durma o sono da morte”<sup>28</sup>.

40º dia de afastamento social. Quinta-feira, dia de São Jorge, dia de William Shakespeare.

41º dia de isolamento social. Sexta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Com tretas. Mais uma noite turbulenta e mal dormida. Acordei bem tarde de novo. Tomei café da manhã ao meio-dia. Grande panelaço. Tive dois sonhos bem estranhos. “Nos

---

26 - SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. e introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007. (v. 29-40).

27 - BECKETT, Samuel. **Molloy**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 1949, p. 222.

28 - BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. e anotação Pe. Matos Soares. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. (Salmos 13:3).

dias de hoje não lhes dê motivo / Porque na verdade eu te quero vivo / Tenha paciência, Deus está contigo / Deus está conosco até o pescoço / Cai o rei de Espadas / Cai o rei de Ouros / Cai o rei de Paus / Cai não fica nada”<sup>29</sup>.

42º dia de isolamento social. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. 25 de abril. Revolução dos cravos. Se eu tivesse um cravo vermelho, eu colocava na janela. “Oh, musa do meu fado / Oh, minha mãe gentil / Te deixo consternado / No primeiro abril / Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal / Ainda vai tornar-se um imenso Portugal”<sup>30</sup>.

43º dia de isolamento social. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Muita chuva. Eu estava quase cochilando, quando senti o cheiro de fumaça e ouvi os gritos de “Fogo!” aqui perto.

Um prédio grande bem em frente ao nosso apartamento estava com grossos rolos de fumaça preta saindo pelas janelas da garagem. “...é preciso continuar, não posso continuar, é preciso continuar, então vou continuar, é preciso dizer palavras, enquanto houver palavras, é preciso dizê-las [...] é preciso continuar, não posso continuar, vou continuar”<sup>31</sup>.

44º dia de isolamento social. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Algumas lágrimas. Quando eu comecei a cozinhar... acabou o gás. Antes de saber do confinamento, minha intuição me fez comprar um botijão de gás sobressalente. Troquei o gás e continuei a cozinhar. “Nós colocamos nosso garoto principal neste lugar gay e, ao mesmo tempo, insistimos em que ele evitasse suas casas obscenas”<sup>32</sup>.

---

29 - CARTOMANTE. Intérprete: Elis Regina. Compositores: Ivans Lins e Vitor Martins. In: TRANSVERSAL do tempo. Intérprete: Elis Regina. [S. l.]: Philips, 1978. 1 LP.

30 - FADO tropical. Intérprete: Chico Buarque. Compositores: escrita por Chico Buarque em colaboração com Ruy Guerra. In: CALABAR. Intérprete: Chico Buarque. [S. l.]: Universal Music Ltda, 1975. 1 LP

31 - BECKETT, Samuel. **O inominável**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009, p. 184-185.

32 - BECKETT, Samuel. **Dream of Fair to Middling Women**. Londres: Faber and Faber, 2012, p. 38.

45º dia de isolamento social Terça-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Com Chuva. Gatos doidos durante a madrugada, literalmente batendo na porta do quarto. Sonhos estranhos. Viagem internacional, restaurante cheio de ambientes, eu e Leo procurando o banheiro do restaurante... À tarde, reunião. "Tão doente. Tão sozinho. E agora. Mais doente, mais sozinho. Isso não é alguma coisa?"<sup>33</sup>.

46º dia de isolamento social. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Ainda com chuva. Hoje é dia de nhoque da fortuna. Todo dia 29, a gente come nhoque, com uma nota de US\$1 sob o prato. Nossa despensa está faltando coisas básicas, acabou o peixe, acabou a carne, acabou o arroz, acabou amaciante de roupa. Amanhã, teremos de ir ao supermercado. Depois de quase 15 dias sem sair de casa. "Não permita que a tua presença, assim como o sol de abril, / Lisonjeie a terra e logo desapareça, trazendo o frio"<sup>34</sup>.

47º dia de isolamento social. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Manhã esquisita. Acordei sobressaltado com algum pesadelo que eu não lembro mais. Passei boa parte da manhã feito um zumbi em casa. No fim da tarde, eu e Leo nos preparamos para a aventura de ir ao supermercado e farmácia. Máscaras, luvas, álcool gel. Passamos na farmácia. E ainda fomos entregar os itens de higiene pessoal que compramos para doar a um hospital. "É meia-noite. A chuva está batendo nas janelas. Estou calmo. Tudo está dormindo. Entretanto levanto-me e vou até a escrivaninha. Não tenho sono"<sup>35</sup>.

48º dia de isolamento social. Sexta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dia tristíssimo. A primeira notícia que chega é da morte de George Vassilatos, um amigo querido, ator talentoso,

---

33 - BECKETT, Samuel. **Watt**. Londres: Faber and Faber, 2009, p. 289.

34 - SHAKESPEARE, William. **Obra Completa**. Versão anotada de Fernando Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1960. (Ricardo III, ato I, cena II)

35 - BECKETT, Samuel. **Molloy**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 1949, p. 222.

especialista em musicais. Uma das estrelas de "Os cafajestes" e de "O casamento do pequeno burguês". Dividimos o palco e o camarim, na peça "Castro Alves", em 1994. Um amigo tão querido... Pra onde vão nossos planos de fazer o nosso cabaré gay brechtiano? Pra onde vão o abraço, o perfume? As risadas? Fica o vão. Vá em paz, amigo. Fique em paz. Logo mais, à noite, chega a notícia da morte do pai de uma amiga queridíssima. Sofreu um acidente doméstico, teve uma complicação cerebral. Alguns dias internado. Morreu hoje. Hoje é um dia triste. Eu sei que vai passar. Mas hoje eu tô sem graça. "Até a ruína do corpo, / A lenta decadência do sangue, / Colérico delírio / Ou decrepitude torpe, / Ou o pior de todos os males — / A morte dos amigos, ou a morte / Do brilho dos teus olhos / Que me deixavam sem respiração — / Até parecer as nuvens no céu / Quando o horizonte esvanece; / Ou o sonolento grito do pássaro / Entre as sombras que afundam"<sup>36</sup>.

49º dia de isolamento social. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar, sem sono. O veterinário dos gatos chegou aqui no fim da manhã. Examinou Caramelo e fez prescrição de remédios. Caramelo tá ótimo, ativo, brincalhão. Mas tá com esse machucado na pata. Recebi um telefonema carinhoso do amigo queridíssimo Fernando. Fofocamos, falamos sobre nossas experiências durante a pandemia, falamos sobre perspectivas pós-pandemia. Fiz minha declaração de imposto de renda. (Que renda?) "Logo, logo vou perder a consciência de vez, não é mais que uma questão de tempo"<sup>37</sup>.

50º dia de isolamento social. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Fiz uma lasanha para o almoço. Aproveitei o sol que bate no final da manhã no escritório e fiquei tomando sol, enquanto lia Fernando Pessoa. Participei da videoconferência da festa de aniversário do querido Lúcio, que chega aos 60 anos mui-

36 - YEATS, W. B. **Collected poems of W. B. Yeats**. Disponível em: <https://www.csun.edu/~h-ceng029/yeats/yeatspoems/TheTower>. (tradução do autor).

37- BECKETT, Samuel. **Molloy**. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 1949, p. 382.

to gato! "Há doenças piores que as doenças, / Há dores que não doem, nem na alma / Mas que são dolorosas mais que as outras. / Há angústias sonhadas mais reais / Que as que a vida nos traz, há sensações / Sentidas só com imaginá-las / Que são mais nossas do que a própria vida. / Há tanta coisa que, sem existir, / Existe, existe demoradamente, / E demoradamente é nossa e nós.../ Dá-me mais vinho, porque a vida é nada"<sup>38</sup>.

51º dia de isolamento social. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Mais uma noite de sono entrecortado, sonhos intensos. Logo, recebemos a notícia da morte de Aldir Blanc (grande poeta!) e de Flavio Migliaccio (tão querido). Pela manhã, reunião em videoconferência da universidade. O possível corte de bolsas deste governo estúpido ameaça o andamento de várias pesquisas da área de Humanas e Artes. É uma política vingativa contra o pensamento crítico. Mas vai passar... Enquanto eu estava fazendo o feijão, chegaram as compras que a gente tinha feito pela Internet e Leo foi buscar lá em baixo. Depois do almoço, outra reunião. Bem objetiva. A vida que segue... "Um suicídio planejado com grande antecedência - pensei - e não um ato espontâneo de desespero"<sup>39</sup>.

52º dia de isolamento social. Terça-feira, sem febre, sem tosse, sem falta de ar. O dia começa relativamente cedo. Tive um sonho muito estranho: eu estava numa piscina de azulejos azuis escuros, conversando intensamente com amigos, em discussões conceituais complexas. Aproveitei a manhã para lavar panelas. Recebi uma visita de trabalho. A querida Camila passou aqui, para deixar uma parte dos figurinos da peça *A última virgem*, que estavam no camarim do teatro desde março. Eu descii, de máscara e luvas, para buscar as coisas no carro dela. Conversamos por três

38 - PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. São Paulo: Nova Aguilar, 1992, p. 120. (Volume Único).

39 - BERNHARD, Thomas. **O naufrago**. 2. ed. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 46.

minutos e voltei pra casa. Lavei lençóis e fronhas. "Nunca amamos alguém. Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém. É a um conceito nosso - em suma, é a nós mesmos - que amamos"<sup>40</sup>.

53º dia de isolamento social. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Pela manhã, reunião da universidade. Reunião objetiva, com mais de 30 participantes, em videoconferência. Foi bom rever alguns colegas. Aproveitei a tarde pra cortar as unhas dos gatos. Eu sou bom nisso, faço rapidamente, com cuidado, sem estresse. No final da tarde chuvosa, li mais um pouco o livro de Fernando Pessoa. "Só aos mortos sabemos ensinar as verdadeiras regras do viver"<sup>41</sup>.

54º dia de isolamento social. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Ontem à noite, liguei para os amigos Claudinho, George e Augusto. Avancei pela madrugada, nos papos. Calor "duzinfernos". Aproveitei o sol da manhã que bate no escritório e fiquei lendo meu livro. Tomei sol pra tirar o mofo. Fizemos um vídeo pra um projeto sobre "abraços na quarentena". Leo me filmou abraçando os gatos. Foi uma luta pra conseguir colocar os dois no meu colo. Mas conseguimos. Saudade de abraçar. "Chegam-me, então, pensamentos absurdos, que não consigo todavia repelir como absurdos de todo"<sup>42</sup>.

55º dia de isolamento social. Sexta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Chuva. Sonhei que tinha perdido o olfato. Acordei com muita dor de cabeça. Tomei um chá com leite e um Dorflex. Passei o resto da tarde trabalhando. Organizando documentos. Trabalho bem burocrático. Chegaram as compras de supermercado que a gente tinha feito via Internet. Era pra malhar. Mas deu preguiça. "A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos"<sup>43</sup>.

40 - PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Intro. e org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Bernardo Soares, fragmento 112).

41 - Idem (fragmento 191).

42 - PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Intro. e org. Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Bernardo Soares, fragmento 350).

43 - Idem (Bernardo Soares, fragmento 357).

56º dia de isolamento social. Sábado. Sem febre. Sem tosse. Sem falta de ar. A manhã começa com gatos doidos batendo na porta do quarto. Pro almoço, fiz um risoto vermelho, inspirado na receita de Helena Rizzo. Arroz arbóreo, caldo de legumes com beterraba, queijo feta. Ficou lindo. Uma obra de arte. E muito gostoso. Pela tarde, fui ler Platão. Porque tinha uma referência em Pessoa. Acabei lendo o *Hípias menor*, que traz referências à *Iliada*. Peguei a *Iliada* pra ler. Sou desses. “Assim como aos portões do inferno, odeio aquele que esconde uma coisa na mente, mas diz outra. Pela minha parte, sempre direi aquilo que me parecer melhor”<sup>44</sup>.

57º dia de isolamento social. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Muita chuva. A temperatura finalmente baixou. Depois do almoço, resolvi reler um dos pequenos romances de Samuel Beckett (o título é *Basta*). Agora a pouco, chega a triste notícia do falecimento do namorado de um amigo querido. Dias tristes... “Silêncio demais é demais. Ou é a minha voz fraca demais às vezes. A que sai de mim”<sup>45</sup>.

58º dia de isolamento social. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Muita chuva mesmo. Acordei mais cedo do que eu queria. Tive sonhos intrincados, complexos, meio angustiantes. Passei boa parte da manhã organizando documentos. Acho que agora, consegui juntar tudo. Às três da tarde, reunião em videoconferência de produção do projeto interrompido pelo isolamento. Para organizar as ações que podem ser tomadas mesmo durante a pandemia. “Tudo se mistura, os tempos se misturam, primeiro eu tinha apenas estado aqui, agora continuo aqui, em breve não estarei mais aqui”<sup>46</sup>.

59º dia de isolamento social. Terça-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Fui dormir muito tarde, organizando documen-

---

44 - HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Ediouro, 1989. (Canto IX, v. 312-14).

45 - BECKETT, Samuel. **Enough**, The Grove Centenary Edition. Londres: Grove, 2000, p. 365. (tradução do autor).

46 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 06. (Textos para nada I).

tos para a abertura de um processo burocrático na universidade. Acordei relativamente cedo. Dormi pouco. "Desde quando estou aqui? Que pergunta, muitas vezes eu a fiz. E muitas vezes eu soube responder; Uma hora, um mês, um ano, cem anos, conforme o que eu entendia por aqui, por mim, por estar, e aí nunca procurei coisas extraordinárias, nunca variei muito, quando muito o aqui parecia variar. Ou eu dizia, Não deve ter muito tempo, eu não teria aguentado"<sup>47</sup>.

60<sup>o</sup> dia de isolamento social. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Sessenta dias em casa. Saí apenas três ou quatro vezes, para ir ao supermercado e à farmácia. Acordei tarde e fiquei no quarto ainda por um tempo, de preguiça. Hoje foi o dia da preguiça. Chuvinha lá fora... No fim da tarde, resolvi fazer uns biscoitos amanteigados: limão siciliano, laranja, amendoim e chocolate com flor de sal. Ficaram deliciosos. Começamos a organizar a lista de compras. Em breve, teremos de sair. "Uma única coisa certa, pelo menos, é que dentro de uma hora será tarde demais, dentro de meia hora será noite, e mesmo assim, não é certo, que a noite impeça o que o dia permite, àqueles que sabem se haver com isso, querem se haver com isso, e podem, podem de novo tentar"<sup>48</sup>.

61<sup>o</sup> dia de isolamento social. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Estou sem sair de casa (exceto para ir ao supermercado e à farmácia) desde o dia 15 de março. Foi a última apresentação da peça. Um domingo. Terminou a peça, vim pra casa. E daqui já não saí. Fiquei lendo meu Beckett, tomando sol pelado no sofá do escritório. É bom reler Beckett nesta situação, tudo ganha uma outra perspectiva. É impressionante perceber o quanto as personagens beckettianas saem de casa! No final da manhã, um pedido de ajuda. Meu amigo, ex-aluno, vizinho querido Luís Henrique precisava imprimir um documento. Eu imprimir aqui e ele

---

47 - Idem, p. 06.

48 - Ibidem, p. 08.

veio buscar. Levei alguns biscoitos pra ele. E ganhei uma garrafa de vinho branco. Gentilezas em tempos de pandemia. "...fingi minha morte em todos os lugares, de fome, de velhice, assassinado, afogado, e depois sem motivo, muitas vezes sem motivo, de tédio, é revigorante, nada como um último suspiro para encher você de vida de novo..."<sup>49</sup>.

62º dia de isolamento social. Sexta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Pela manhã, tomei meu café no escritório, no sol, lendo Beckett. Depois do almoço, falei com a querida Fabiana, que está longe. Mas falamos, choramos, rimos um pouco. Longe também é perto. Prometi fazer um almoço para ela, quando ela estiver em Salvador. Tá marcado. Pela tarde, comecei a organizar a lista de compras. Porque hoje foi dia de supermercado e farmácia. Sinal vermelho: acabou a coca zero. Assim que Leo terminou o trabalho, nos arrumamos e fomos primeiro à farmácia e depois ao supermercado. Todo mundo de máscara. Mas muita gente nas ruas. "Pena que a esperança morreu. Não. Como se a gente tivesse esperança antes, de vez em quando. Com que diversidade?"<sup>50</sup>.

63º dia de isolamento social. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Fomos levar uma encomenda para os pais de Leo e aproveitamos para dar uma volta de carro pela cidade. Saímos de Ondina, passamos pela Barra. Subimos a Ladeira da Barra, Corredor da Vitória, Campo Grande, seguimos pela Av. Sete. Retornamos pelo Politeama. Fizemos a volta na Casa d'Itália, voltamos pela Vitória, Ladeira da Barra. Passamos em frente ao Hospital Espanhol e voltamos pra casa. Muita gente nas ruas! Apenas 60% das pessoas de máscara. Muita gente simplesmente passeando. "Ver o que acontece aqui, onde não há ninguém, onde nada acontece, fazer com que alguma coisa aconteça aqui, que haja alguém, acabar

---

49 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 10. (Textos para nada I).

50 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 17. (Textos para nada II).

com isso, fazer silêncio, entrar no silêncio, ou em outro ruído, um ruído de outras vozes que não as de vida e morte, vidas e mortes que não querem ser as minhas, entrar em minha história, para poder sair dela, não, tudo isso é bobagem”<sup>51</sup>.

64<sup>o</sup> dia de isolamento social. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. A triste notícia da morte do pai de um amigo querido, que estava internado há duas semanas com Covid-19. “Fico aqui sentado, se é que estou sentado, muitas vezes eu sinto que estou sentado, às vezes em pé, uma coisa ou outra, ou então deitado, é outra possibilidade, muitas vezes me sinto deitado, um dos três, ou de joelhos”<sup>52</sup>.

65<sup>o</sup> dia de isolamento social. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Se estivesse vivo, meu pai estaria completando 77 anos de idade. E eu estaria preocupadíssimo com ele querendo sair de casa... Uma confusão na praçinha aqui em frente. Uns seis ou oito carros entraram na praçinha, fazendo muita confusão, buzinando alto. Vários vizinhos começaram a bater panelas, vaiar e gritar “Fora, fascistas!”, “Fogo nos fascistas!”, “Fascismo aqui não!” e ainda “Joga ovo!” Mas as pessoas pararam os carros e começaram a cantar parabéns! Era uma surpresa de aniversário, em tempos de isolamento. “É preciso ter uma vida, parece, uma vez que se fala, não é preciso uma história, não se exige uma história, apenas uma vida, foi o erro que eu cometi, um dos erros, desejar uma história para mim, quando só uma vida bastava”<sup>53</sup>.

66<sup>o</sup> dia de isolamento. Terça-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dormi pouco. Tive um sonho de que eu tinha perdido o olfato. E ficava desesperadamente buscando cheiros intensos para voltar a sentir. Pânico de vazamento de gás. Hoje choveu o dia todo, não fui tomar sol no meu cantinho. “Será que eu nunca mais

---

51 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 24. (Textos para nada III).

52 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 157. (Textos para nada IV).

53 - Idem, p. 29.

vou ver o céu, nunca mais vou poder ir e vir, ao sol, na chuva, a resposta é não, toda resposta é não. Mas também não perguntei nada, este é o tipo de extravagância que eu invejo neles, até o eco morrer”<sup>54</sup>.

67º dia de isolamento social. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Noite de insônia. Ansiedade e tristeza. Consegui dormir por volta das 4:30h da manhã. Acordei às 8:00h, sem a menor necessidade. “Às vezes é assim, um pouco de silêncio, os suspiros, como os de uma tristeza cansada de gritar, ou subitamente velha, que se vê subitamente velha, e suspira por si mesma, pelos dias felizes, os longos dias em que aos gritos ela se dizia imperecível, mas, isso é bem raro, na verdade”<sup>55</sup>.

68º dia de isolamento social. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Dia estranho. Muita chuva o dia inteiro. Passei praticamente o dia inteiro no quarto, no escuro. Assistindo séries e dormiscando. “Mas os fantasmas, esses voltam, ainda que partam, que se misturem aos moribundos, voltam a se enfiar no caixão, do tamanho de uma caixa de fósforos, foi com eles que eu aprendi tudo que eu sei”<sup>56</sup>.

69º dia de isolamento social. Sexta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Manhã dedicada a tarefas domésticas. Mutirão de lavagem de panelas. Tem uma pilha de potes de plástico esperando a vez deles. Logo depois do almoço, chegou uma encomenda e eu tive de descer para buscar. “... queria ter certeza de que fiz tudo, antes de me ausentar e desistir”<sup>57</sup>.

70º dia de isolamento social. Sábado. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Fui dormir cedo. Acordei cedo, com Caramelo ten-

---

54 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 35. (Textos para nada V).

55 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 41. (Textos para nada VI).

56 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 39. (Textos para nada V).

57 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 35. (Textos para nada VII).

tando derrubar a porta do quarto. Uma reflexão felino-filosófica: gato não quer entrar nem sair. Gato quer é porta aberta. Tava fazendo sol. Aproveitei pra ficar no meu cantinho, sintetizando vitamina D. “Tenho o dia todo pela frente, pra errar, acertar, me acalmar, desistir, não tenho nada a temer...”<sup>58</sup>.

71º dia de isolamento social. Domingo. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Fui dormir tarde. Acordei e fui pro meu cantinho pegar sol e ler meu livro. Cuidei das plantas. O pé de feijão tá imenso. O limoeiro tá ganhando força. Fiquei fofocando com a queridíssima Andréa. Tanta saudade. Falamos de Nelson Rodrigues, de culinária, da Máfia calabresa. Aqueceu o coração. “Só as palavras rompem o silêncio, todo o resto se calou. Se eu me calasse não ouviria mais nada. Eu também choro sem parar. É um fluxo ininterrupto de palavras e lágrimas”<sup>59</sup>.

72º dia de isolamento social. Segunda-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Tentei ficar no sol, mas estava muito forte. Minha dermatite piorou. Marquei consulta presencial com a dermatologista para amanhã. Todos os dias, na minha *timeline* do *Twitter*, chegam notícias de mortes de pais, mães, tios e tias, irmãos, devido à Covid-19. Muitas são apenas suspeitas, já que não estão fazendo exames em quantidade o suficiente. É muito triste. “...o tempo passou a ser espaço e não haverá mais tempo, enquanto eu não estiver fora daqui”<sup>60</sup>.

73º dia de isolamento social. Terça-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Manhã suave. Acordei cedo. Fiquei lendo meu livro e tomando solzinho. Tive uma consulta com a dermatologista no início da tarde. Saímos da clínica e passamos numa farmácia. No caminho para casa, testemunhamos um assalto violento. Dois rapazes tentando arrancar a bolsa de uma senhora, num ponto de ônibus. “Pois bem, vou dizer a mim mesmo uma coisa (se eu con-

---

58 - Idem, p. 52.

59 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 36. (Textos para nada VIII).

60 - Idem, p. 56.

seguir), carregada, assim espero, de promessas para o futuro, ou seja, que começo a não saber mais como eram as coisas antes (eu consegui!)”<sup>61</sup>.

74º dia de isolamento social. Quarta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Olfato ok. Acordei cedo, dei remédio pra Caramelo e fui ler meu livro, no sol. Hoje faz 3 anos que Caramelo chegou aqui em casa e mudou a dinâmica de tudo. Chica veio um pouco depois. É tanto amor felino!

Pela tarde, comecei a organizar documentos da universidade, para analisar uns processos e escrever os pareceres. Burocracia necessária “... tudo é inexplicável, espaço e consciência, falso e inexplicável, sofrimento e lágrimas, e até mesmo o velho grito convulsivo: Não sou eu, não pode ser eu. Tudo o que eu disser será falso, e pra começo de conversa não será dito por mim, eu aqui sou meramente um boneco de ventríloquo, não sinto nada, não digo nada”<sup>62</sup>.

75º dia de isolamento social. Quinta-feira. Sem febre, sem tosse, sem falta de ar. Olfato ok. Noite agitada. Por volta das três horas da manhã, desliguei a TV e fui dormir. Às 4:15h, Caramelo estava tentando derrubar a porta do quarto. Ele não queria comida, não queria ficar no quarto. Queria a porta aberta. Gato doido. No final da manhã, liguei para a querida amiga Maria. Fofocamos muito, falamos sobre teatro, sobre mães (a minha e a dela), sobre ausências, sobre consolar e ser consolado. Afetos e carinhos. Hoje faz vinte e nove anos que minha mãe morreu, aos 42 anos de idade, após um infarto fulminante. Eu tenho 52. Sou mais velho do que ela jamais foi. “Se eu dissesse: Ali há uma saída, em algum lugar há uma saída, o resto viria. O que será que eu estou esperando então, para dizer, para acreditar?”<sup>63</sup>.

---

61 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 56. (Textos para nada VIII).

62 - Idem, p. 58.

63 - BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 65. (Textos para nada IX).



# Bioco

Maia Gonçalves

— Isto não faz sentido. Eu sempre fui tão coerente.<sup>1</sup>

Disse, como quem carregasse a coerência do mundo no bolso, feito amuleto. Valia-se de suas certezas para ser justa. O que não reparava é que, apesar das verdades alheias, punha abaixo suas próprias verdades. Creio que deva ser dolorido compreender que a consonância do mundo não se carrega feito joia.

Em sua penteadeira, no alto de sua janela do 7º andar, observava a rua, mas não via o vento que balançava a pipa presa à árvore no entorno de tanto prédio, ou os passos apressados do trabalhador em pegar o ônibus antes do mundo cair. O que lhe interessava naquele momento era o dentro. Olhou para trás parando a escova antes de chegar as pontas dos cabelos como se estivesse sentido um olhar sobre sua nuca. Mas não há ninguém, além do leitor que a imagina e eu, que sou uma certa hibridez entre observador, interlocutor e seus próprios pensamentos.

— Isto não faz sentido. Eu sempre fui coerente.

Repetia, enquanto passava a escova devagar feito seu último ato enquanto pessoa antiga de si. Seu olhar vestia bioco e ainda assim fitava sua imagem como quem perguntava *quem era aquela que tinha os olhos iguais aos seus?* Mas que tinha urgência em despir os véus que encobriam com naturalidade toda sua percepção e o estilo de vida que levava até então. O mundo revirou-se; num piscar de olhos as velhas convicções e falsas empatias eram as fraturas expostas daquele ano. Seu pensamento não parava de criar imagens, lembranças, projeções de quem foi, de quem é e de quem pensa ser. Aquela imobilidade começou a deixar em pânico a mim. Por fora nenhuma reação, mas eu sentia que em seu corpo,

---

1 - Agradeço à professora Paula Alice pelo incentivo.

por dentro, tocava alguma sinfonia de Chopin que a confrontava em seus conflitos e ainda era capaz de dar alguma esperança poética. Pude escutar o piano alternando rapidamente entre uma nota e outra e logo, então, um ritmo brando, ondular. Seu dentro era uma caixa branca onde suas angústias eram refletidas num espelho pequeno pendurado ao longe; a sinfonia continuava enquanto ela chorava, dançava, sorria de desespero, ajoelhava-se, sem tirar os olhos de si. O tempo era lento. Por fora seu olhar marejava e só.

Do lado de fora, o cotidiano mantinha uma frequência ruidosa: buzinas, vozes sem rosto abafadas pela chuva. E, para quem está dentro de si, o cotidiano é um tempo paralelo inaudível. A lágrima caiu sobre o colo; seus gestos agora eram imóveis por dentro e por fora. Era o bioco sendo posto fora.

— Não é coerência que sempre julguei ter... o que atravessa meu peito é compreender que eu sou peça na desgraça do mundo e como sou inacessível em escutar. Pois as minhas convicções, mesmo com falhas reconhecidas, não poderiam conter tamanha discrepância moral, não no meu mundo. Ironicamente, isso faz com que tudo tenha sentido e coerência nos desajustes que vivemos. Tenho sido egoísta estes anos todos sem perceber que, quando defendia que o sol era para todos, a luz que eu emanava saía pelas frestas da peneira que me cobria.

Secou o olho esquerdo e se levantou. Não era tristeza e vergonha que a conduziam ao banheiro, era uma ânsia. Retornou ao mesmo lugar de início, sentou-se com certa calma e passou a tesoura sem medida prévia na altura do queixo. Mas não foi um corte Chanel assimétrico o escolhido para ser seu novo cartão de visitas. Cortou tão curto quanto nunca ousara, um corte um tanto bagunçado, mas para quem nunca cortou o cabelo de ninguém, quanto mais o seu, aquele era o início da mulher mais linda que ela poderia ser.

Na rua o mundo caía; Chopin já não se escutava e finalmente descansara. Eu, como não durmo, a encaro gratificado com a

chance de poder assistir a morte e o nascimento. Busco palavras que descrevam sem exasperar a tenacidade do momento. Morte e nascimento são irmãs univitelinas e surpreendentes. Se parir no mundo dói, é como deixar que os demônios te entreguem a paz. Matar-se, também.



# Dentro da pandemia: uma lembrança ausente

Sérgio Ricardo Oliveira Martins

Outono de 2020.

Querida Professora Lucy,

Quanta saudade do tempo em que o portão do Educandário Santa Helena, mais alguns passos de cambitos e uma porta a óleo branco me levavam às suas aulas. Quanta saudade da garotada da turma, do sinal que iniciava o intervalo do recreio e até daquele período em que todos tinham receio de ir ao banheiro e dar de cara com a “mulher do algodão”<sup>1</sup>. Essas e outras tantas lembranças me transportam no tempo a uma distância segura do presente. Tempos de menino que voltam como recordação, acariciando a consciência e afagando um coração aprendiz eternamente agradecido por ter partilhado de seus conhecimentos.

Imagino que a senhora tem acompanhado esse momento difícil que estamos vivendo. É “barril dobrado”, para usar uma gíria aqui da Bahia. Refiro-me à pandemia causada por um vírus que, literalmente, sufoca por dentro. Uma “peste” que avança. Tal qual cenário de guerra, cujo *front* está batendo à nossa porta. Guerra que seria totalmente silenciosa não fossem as sirenes das ambulâncias, os alertas sonoros das UTI, os choros incontidos por entes queridos que se foram sem atendimento, sem leito e sem ar. Dores que não podem ser expressas por números ou gráficos verticais. Em tempo, mais uma vozinha, mais uma filha, mais uma mãe que não conheceu o filho, mais um e uma se foram, mais lágrimas, mais dor.

---

1 - Espécie de lenda urbana disseminada desde a década de 1970. Consistia na aparição de uma mulher loira com algodão na boca, ouvido e nariz, aterrorizando as crianças nos banheiros das escolas.

Incansável foice, quem te manuseia com tanta destreza? Quais deuses ou mãos que balançam nosso berço? Bocados de incompetência ou o inevitável destino? Não acredito em destino e nem que haja “deuses” com tanta disposição. O que a senhora acha, professora Lucy? Para mim, maneja a foice quem conta números e não mareja os olhos; egos inflados de si e rasos de alteridade; quem não se afeta com a imagem de centenas de pequenos sepulcros apressados exibidos nos noticiários. Esse cenário de morte deveria ser mais persuasivo e mais vergonhoso. Deveria.

Pandemia é a palavra do momento, professora. Enfermidade que se dissemina “glocalmente”, diria o geógrafo francês Georges Benko. A enfermidade viajou de avião pelo mundo, de primeira classe ou classe econômica. Parecia ter intenções democráticas, mas, sem demora, revelou sua predileção por quem enfrenta a incerteza diária da comida na mesa. Sabemos que há pessoas que resistem à seriedade do momento e descuidam; as que optam pela cegueira ante o sofrimento alheio; as que não veem nada além do próprio umbigo. Mas também há muitos outros e muitas outras que apenas precisam trabalhar. O vírus avança, marca o tempo e o espaço com máscaras, luvas, cumprimentos mudos e sem tato; abre covas individuais e coletivas e provoca tristeza eterna pelos que se foram sem despedida.

É um mundo outro, professora, expandido pela conectividade cibernética e pelo *online* que parece suplantar distâncias. Mas sei que a senhora, em sua sensibilidade e sabedoria, diria: “ainda é o mesmo mundo dos camarotes, onde poucos podem entrar, e da pista de onde muitos não conseguem sair”. A pandemia, com uma onipresença só atribuída às divindades, confirma ser a mesma equação biológica em cada ser humano. Mas outra equação, de variáveis sociais e econômicas, determina quem sofre mais, quem sofre menos e quem não sofre. Acredite, professora Lucy, há quem ganhe com a enfermidade, a dor e o sepultamento de muitos. Além

de faturamento, a dor e a morte rendem audiência, votos e curtidas. Acho que a senhora não deve ter entendido bem o que sejam “curtidas”, mas isso eu explico em outra carta.

O choro mais sentido não aparece diante das câmeras. Lágrimas que fluem por Adalbertos, Alessandros e Alziras, Joanas, Josés e Marias, entre tantas e tantos inumeráveis<sup>2</sup>. As imagens são fortes, corpos desfeitos por sacos e urnas, carregados, descartados e escondidos. De fato, não é o pano de fundo que alguém escolhe para uma eventual *selfie* (mais um termo para explicar na próxima carta). Mas já houve quem, em meio ao desespero da perda iminente ou à tristeza da perda acontecida, tenha feito o que eu chamaria de registro indisfarçável da vaidade humana. Para mim, professora, a calamidade dessa situação não está apenas na mortalidade diuturna, está também, e talvez mais, em olhares que não se afetam, em gritos que não encontram ouvidos, em corpos que jazem nos corredores dos hospitais à espera de humanidade.

As cidades estão no olho do furacão. Não todas e nem na mesma intensidade. As cidades almejam se reduzirem aos lares, proclamando a quarentena como meio de conter o avanço da epidemia. Chamam de “isolamento social” o confinamento dentro de casa para evitar o convívio público e todas as formas de aglomeração. Isso, professora, para desacelerar o contágio e desafogar o sistema de saúde (muito precário, aliás). “Fique em casa!” é a palavra de ordem, o bordão de enfrentamento da pandemia. Todavia, se bem me lembro de suas aulas de estudos sociais, um pouco de geografia aqui, um pouco de sociologia ali, esse “fique em casa”, na verdade, é muito mais uma forma de “isolamento espacial”.

Recentemente li um autor cuja obra está na raiz dos estudos sociológicos. Refiro-me a Georg Simmel, que concebe a “sociação” como as diferentes formas pelas quais as pessoas interagem, estabelecem contatos e relações de reciprocidade. Seria daí que se

---

2 - Referência ao ‘Inumeráveis’, memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil (<<https://inumeraveis.com.br/>>).

forma a consciência da mútua afetação ou da interdependência, fundamentos constitutivos de sociedades e comunidades. Ele analisa o papel do espaço nas interações humanas, considerando uma proposição kantiana (e me lembro que a senhora falava muito de Immanuel Kant), segundo a qual, o espaço é definido como possibilidades de “estar junto”. Eu acrescentaria a essa definição as possibilidades de “estar separado”.

Ficar em casa determina o local onde se “isolar” ou se distanciar de outras pessoas. Concebe-se como isolamento social, porque se entende que a sociabilidade deve ser reduzida ao estar sozinho ou ao convívio familiar. Parece que essa ideia desconsidera as múltiplas formas de sociabilidade possibilitada pelas tecnologias de comunicação e interação. A senhora talvez não se recorde de um trabalho que solicitou à nossa turma, exatamente sobre esses avanços tecnológicos. O grupo que chegou mais perto, ainda que em tom de brincadeira, foi o que tomou por referência aquele desenho animado *Os Jetsons*. Não imaginavam que alguns recursos comunicativos da animação futurista seria realidade em poucos anos.

Atualmente, há sim inúmeros meios de se relacionar socialmente. Isoladas dentro de casa, as pessoas continuam interagindo, se relacionando, fazendo compras, se reunindo. Tudo na virtualidade das redes sociais, é verdade, e com relativa independência da distância ou proximidade entre os interlocutores. Entendo que os relacionamentos à distância não atendem plenamente à necessidade de estar junto e que, tampouco, sejam possíveis sem condicionantes espaciais. Então, professora, como vê, Geografia na veia! Quem diria?

Lembro de outro autor citado pela senhora em suas aulas, Florestan Fernandes. “Para Florestan, [dizia a senhora], uma comunidade não se constitui com a mera existência próxima de indivíduos”. Sim, a comunidade vai além do fato de estar junto ou,

nas palavras de Florestan, da “vizinhança espacial” ou a habitação espacial próxima e contígua como em uma aldeia. É indispensável considerar que as interações sociais e os relacionamentos interpessoais se dão não apenas presencialmente, como também, nesse contexto de pandemia, muito mais à distância. Sei que a senhora chamaria a nossa atenção para o que é, verdadeiramente, essencial: a solidariedade enquanto compromisso de estar e ser com o outro. Essa certeza, professora, conforta meu coração.

Sem dúvida, a solidariedade é o que pode evitar que o “fique em casa!” se torne um estado de abandono. Tanto quanto estar juntos, precisamos ser juntos. É o que o confinamento domiciliar deve estar ensinando a muita gente. Parece que a “falta” de gente por perto, coloca qualquer pessoa diante de si mesma. Recobra ou cobra a consciência de que convivemos, compartilhamos o ar, a água, a vida, enfim, de que nós nos precisamos.

Pode ver agora, professora, que seu esforço teve resultados. Seus ensinamentos introduziram o meu pensar, motivaram reflexões que me permitem enfrentar essa pandemia com sobriedade e com a certeza de que dias melhores não podem depender de uma vacina. E que o mundo de hoje, com toda essa tristeza, pessimismo e desumanidades, pode ser o mundo melhor de amanhã, a depender da bondade que habita em nós, da consciência de que interdependemos e que, portanto, o nosso bem estar precisa do bem estar do outro. Falando nisso, professora Lucy, lembrei de um escritor checo, Milan Kundera, que disse no seu livro *A identidade*: “Dois seres que se amam, sozinhos, isolados do mundo, é muito bonito. Mas de que iriam alimentar sua convivência? Por mais desprezível que seja o mundo, precisam dele para poder conversar”.

Querida professora, são tantas recordações, tantas coisas pra dizer, tantos sentimentos a compartilhar com a senhora, que colocar tudo em uma única carta seria como escrever um romance. E eu me lembro que a senhora gostava de romances. Assim

como temos nos desejado por aqui: “Fique bem!”. Com saudades, carinho e gratidão,

Sérgio Martins,  
Seu aluno dos cambitos.

# Quando tudo parou

*Sheila Araújo da Silva*

O ano foi 2020<sup>1</sup>, depois da festa da Nossa Senhora da Purificação em Santo Amaro, o mundo parou. Em Lustosa não foi diferente, parou também. Assim como o restante do mundo, os jornais e meios de comunicação já anunciavam previamente o que estava por vir. Mas ninguém, ou quase ninguém, tinha muita noção da gravidade desse vírus.

Quando os números de doentes se alastraram pelo mundo nos últimos meses, parece que as pessoas se apegaram mais a suas crenças e santos. Vô, que acendia a vela no altar dos santos às 18 horas, tem acendido mais cedo, e rezado mais cedo também. Tem pessoas que dizem que não reza, em vez disso, ora. Mas pra mim é tudo a mesma coisa, já que estamos no mesmo barco, receosos da morte chegar para levar a gente ou alguém que a gente ama.

Eu na minha fé rezo para que isso acabe logo, e as coisas voltem ao normal. Rezo para os que cuidam dos contaminados nos hospitais também voltem com saúde para suas famílias, que lhes esperam em casa. Mas pelo meu pai eu rezo mais, pra que ele não adoça. Técnico em enfermagem, 59 anos, todo dia atende, cuida, toca em gente doente, e nem sempre tem os Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs) básicos à sua disposição. Para o médico tem. Mas para os técnicos faltam máscaras e luvas. Mas não se pode negar atendimento. O juramento que ele fez não permite, conheço bem. Também fiz o mesmo juramento. Mas pra mim não deu. Se tem uma coisa que descobri ao longo dos meus 26 anos é que não consigo trabalhar tendo por perto a morte. A vida: essa sim me motiva. Mas nem sempre ela permanece ali, nos corpos que chamam por ela na cama dos hospitais.

---

1 - A maioria dos nomes utilizados são fictícios, assim como algumas partes da escrita.

Meu pai até tem amor pelo que faz, mas nos últimos dias tem estado mais abatido e também tem reclamado da desvalorização da sua profissão. Não que o médico e a enfermagem não sejam importantes. Mas os técnicos carregam o hospital nas costas. Sei bem como é: vão de cuidadores a psicólogos. Tem contato direto com o paciente, são humanos e adoecem também. Mas recebem um salário de miséria e não são valorizados. Muitos vão sem saber se voltam. Acho bonito o agradecimento da mídia aos profissionais da saúde, mas a gente, família, esperamos eles em casa com vida. Eu espero todos os dias o meu pai.

Theo parece não entender o que está acontecendo. Thales entende e me repreende quando tento abraçá-lo. Mesmo na sua inocência de criança parece entender o risco que corre com um simples abraço. O meu 'eu' adulto, mas que tem muito de criança, parece não se conformar com o distanciamento repentino e volta e meia esquece das normas de sobrevivência.

Me parece também que esse vírus veio para denunciar a desigualdade social que existe no mundo. Mas junto com a denúncia veio também os aproveitadores. Bando de ratazanas, abutres fétidos, que se utilizam da miséria do povo para se promover. Vai na favela, dá uma cesta básica e tira foto. Depois posta nas redes sociais para ganhar curtidas. Quando políticos, eles querem ganhar votos e crescer em cima da miséria do povo. Tem surgido muitos desses.

Muita gente desaprendeu o que é ser um bom samaritano. Nesses últimos meses máscaras também caíram, e o ditado "macaco só olha para o rabo" nunca fez tanto sentido. Ontem, Dita foi apedrejada que nem Maria Madalena e crucificada igual a Jesus na cruz. Parecia que estavam levando-a para o tribunal de julgamento. As juízas foram várias mulheres que são suas vizinhas. Estavam dizendo que ela recebeu visita do namorado que mora em uma cidade que já tem três casos da doença confirmados. O filho de Dita é transplantado do coração. Uma das mulheres juízas

passou na rua falando que nem em época de doença as mulheres aquietam o fogo no rabo.

Ontem aqui em Lustosa, período de isolamento social, relampejou. A chuva foi forte e pensei que a casa ia destelhar. Lembrei do homem que ficava no final da rua do Sapé gritando que o fim estava perto, e que quando criança eu tinha medo do mundo acabar e eu ir para o inferno. Minha tia, que era crente, dizia que a Babilônia ia para lá. Nunca soube o que era, mas sabia que era coisa ruim e não queria fazer parte dela.

Os últimos meses, pra mim, têm sido bonitos e assustadores. No entanto, mais assustadores do que bonitos. Ontem no céu de Lustosa apareceram dois arco-íris de uma só vez e as nuvens estavam com uma coloração nunca vista antes. Dona Teda, a resmungona, que vive falando das crianças que brincavam perto do poste de sua casa, comentou da janela da sua casa que o tempo estava feio e que era bom que chovesse mesmo. No fundo, sinto que ela também tem medo e, mesmo não gostando, queria que as crianças voltassem a brincar ali.

A rua do Bambu tem muita criança, mas faz dias que não as vejo na rua. Estão todas trancadas em suas casas. Eu consigo ouvir as suas risadas, choros e birras, através das casas que são todas coladas umas nas outras. As ruas estão desertas. No interior não tem movimento. Mas nos últimos meses está pior. Às vezes vemos uma ou outra pessoa que anda na rua parecendo estar desconfiada e esse também tem sido meu sentimento nos últimos dias.

Há três meses não vejo minha vó Marina. Há duas semanas parei de assistir jornal para não enlouquecer a cada notícia da quantidade de pessoas que perderam a luta contra esse vírus. Toda vez uma parte de mim ia junto. Em fevereiro meu padrinho se foi. Não foi do vírus, foi de outra enfermidade. Mainha sempre diz que quem não sabe rezar xinga Deus. Sua partida, ainda que precoce, foi necessária antes do vírus se alastrar e sua saúde frágil não aguentaria mais essa.

Já é maio. Esse ano não vai ter sons de tambores no mercado de Santo Amaro e em junho o São João será diferente. Não terá festas nas ruas, mas a fogueira de cada casa com certeza será acesa. Milho e amendoim é certo ter. Mesmo com o mundo parado, o campo continua trabalhando. Três semanas atrás era dia de São José. Plantamos duas roças: uma de milho e outra de amendoim. Eu, mainha e papai. Ao campo não deram o direito de parar. O campo também não come se não plantar e, para muitos, é o único meio de sustento.

Os dias têm sido comuns e iguais. Vou me acostumando com a rotina e não vejo minha casa como uma prisão, como nos primeiros dias. Hoje, vejo minha casa como um abrigo, como uma oca de habitação coletiva e tenho a sensação de estar segura nela. Meus sobrinhos também alegam meus dias. Feliz é quem tem crianças em casa nesse período de recolhimento. Elas tornam os dias mais leves, me impulsionam a ser positiva e pensar que é só uma fase. Tem sido dias chuvosos. Pra mim é vantajoso. Chuva é boa quando estamos em casa. Mas também penso nos que não têm teto e seria egoísmo da minha parte olhar só pro meu umbigo.

Hoje é domingo e está chovendo. Assim como nos últimos dias, a sensação que tenho é que o mundo está parado. Mas estou mais confiante de que tudo é passageiro, transmuta e não permanece o mesmo. Talvez amanhã os jornais anunciem que o mundo voltou ao normal.

# A Saudade de Caeu

*Vinicius Zurawski*

(Texto criado com frases recebidas por várias pessoas, via *Whatsapp*. Peço aqui licença para dar uma nova visão a todas as palavras digitadas em grupos e outras conversas.)

Utopia. Eu ouvi essa palavra pela primeira vez em uma canção religiosa. Nunca parei para pensar em utopias, pois eu não chamo sonhos assim. Eu os nomeio como coisas que não estão no tempo certo de acontecer. Quando eu falo em sonhos, eu não estou falando daqueles absurdos que vemos de olhos fechados, mas sim daquelas maravilhas que vemos de mente aberta. Isso tudo me lembra a fala de um filme “é só fechar os olhos e deixar a mente bem aberta”. Isso eu nomeio imaginação. Logo, juntando os pontos: utopia, para mim, é sonho, imaginação, vontade, mas que fica só no inconsciente; o que eu quero é algo que se faça de olhos abertos e mente aberta. Alguém já criou um nome para isso? Bom, meu papel aqui não é ser o próprio Aurélio. Vou falar da minha utopia. Na verdade, acho que vou falar da minha vontade, pois imagino que a palavra utopia retrate o futuro. A minha vontade é que nada do que aconteceu na noite passada tivesse acontecido. Eu já rezei, falei com Deus e com meu Orixá. Estou com muita fé. Eu estava na sala vendo TV, estava escurecendo, o céu rosa, gritava para ele entrar. Ele não entrou desde então. Ele fez teimosia. Desde que era menor eu sempre falei pra ele não subir no trem. Agora eu estou aqui sozinha, circulada por porta-retratos e cortinas. Tem muito cimento nessa casa pra uma pessoa só. Passei o dia assistindo televisão, comendo, lendo, comendo, estudando, comendo, fazendo comida. Mas na hora que alguém gritar pelo meu nome

ou que o celular tocar, eu sou capaz de deixar o fogão ligado e sair correndo. O fogão ligado. Botar a primeira roupa que enxergar. Não vou nem tomar banho. Pego carteira e telefone. Um elástico para prender o cabelo e um chinelo para não me preocupar com as meias. Por fim eu saio pela porta. Paro. Volto com pressa. Vou estar à procura de algum artigo religioso. Fecho a porta e saio. Talvez será assim. A minha vontade era de estar lá no hospital, no entanto pediram que eu viesse para casa. “Fazer o que lá?”, eu perguntava. “Fazer o que aqui?”, me responderam. Agora eu estou sozinha, circulada por porta-retratos e cortinas. Às vezes eu penso: só vão me encontrar quando sentirem o cheiro.

Eu ainda espero a ligação. Acho que esqueceram de mim aqui. Tudo tem estado muito silencioso. Ontem da minha janela vi apenas nove pessoas e dois cachorros. Nenhum desses sequer olhou para o meu rosto. Alguns com malas de mão. Para não dizer que ninguém me notou, um cachorro latiu pra mim. Meu Deus, chegou a me dar um ruim. Parecia um carnaval no meu coração. Alguém viu esse resto de alma na janela. Mas logo parou. Eu estava mais pra vulto do que pra gente. Vocês sabiam que o nosso ouvido é capaz de perceber apenas algumas frequências de som? Outras frequências apenas animais, como o cachorro, escutam. Eu era uma dessas. Tão baixa, mas tão baixa, que só um vira lata me notou. Só um vira lata. Eu estou desprezível. Faz tempo que eu não gasto a minha voz. Talvez quando eu precisar não vou nem saber o que falar. A gente nunca sabe, não é? Mas tem uma coisa que eu sei que queria muito dizer. Queria poder chegar perto dele. Olhar no fundo daquelas bolinhas de gude escuras e sussurrar: “Ainda é cedo amor, mal começaste a conhecer a vida”. Mas eu sei que isso sim é uma utopia. Não vai acontecer. Está tarde demais. O céu já está marinho. Eu já estou esquecida. Tudo aqui já está vazio. E o fogão ainda está ligado.

# Os meses de abril e maio de 2020

*Sarah Oliveira Carneiro*

I.

*04 de abril de 2020*

Pela primeira vez,  
tenho a sensação  
de que todas as ruas do planeta  
são iguais.

Estão vazias.

Todas,  
eu disse todas.

Faço mais silêncio  
do que as árvores,  
e isso também é inédito.

Ainda não arrumei os livros,  
fiz deliciosas comidas,  
dancei uma música de Gil,  
lavei roupas e suei a camisa.

Tudo virou ação a ser pensada:  
o ato banal de levarmos nossas mãos ao rosto,  
a bobagem de descalçarmos os pés.

A gente há de crescer com isso  
e tenho fé que eu vou acordar  
todos os dias que virão  
com voz na garganta e ar nos pulmões.

**II.**

*05 de abril de 2020*

Abraços proibidos,  
medos operantes,  
sonhos adiados  
cerimônias postergadas,  
multidões suspensas,

e nunca nos soubemos tão versáteis.

**III.**

*06 de abril de 2020*

Reorganizo livros,  
mudo a biblioteca de lugar,  
confirmo minha participação na meditação online.  
Terei três reuniões amanhã.

Encostar a minha pele na mesa,  
como eu estou fazendo agora,  
faz parte do ritual de mimetização  
que estou praticando com a casa,  
cuja principal espera eu sei qual é,  
e, para vir, a pandemia tem que acabar.

A lua iluminou o telhado da casa vizinha.  
Ficou bonita a madrugada.

Ontem foi Domingo de Ramos,  
e com o meu pai escutei a missa  
da Paróquia de São José Operário.  
Recomendação da minha tia que fez 60 anos e  
ganhou da amiga fotos da letra dela de quando tinha 20.

O padre falou que estamos todos convidados  
a fazermos a experiência da pequenez.  
Sabermo-nos pó é urgente.

Sigo com os planos e os sonhos de antes.  
Ganharam outros tons,  
é verdade,  
deslizaram no calendário,  
mas não saíram.

Sou natureza.  
Sou biologia.  
Sou cultura.

Acredito na ciência dos homens,  
e mais ainda na das mulheres.

IV.

*11 de abril de 2020*

Na quarentena tudo dorme e tudo acorda.  
Dormem os livros nas livrarias fechadas,  
acordam as lembranças  
dos livros lidos.  
Em três minutos,  
tomei nota do voo da abelha  
que voava na cozinha,  
e vi o pássaro que comeu  
as jabuticabas novinhas do pé.  
A literatura de Manoel de Barros  
estava ali,  
fresquinha, fumegante...

V.

*17 de abril de 2020*

Sou filha de uma mulher otimista. Ter crescido escutando a voz materna, que é tão fundante em nossa existência, sendo a voz

que se ergue para falar da parte bonita da vida, sublinhando o lado bom das coisas, é uma sorte. Penso mesmo que se trata de uma dádiva, e esta condição me levou e me leva a olhar o mundo a partir de um prisma que está mais para o iluminado do que para o sombrio.

Insisto em perceber as nuances de tudo, captar os detalhes, expandir o horizonte e evidentemente que eu ganho e também perco com esse modo de ser. Diante da pandemia, sinto-me testada em minhas convicções, colocada à prova em todas as facetas que me constituem, flagro-me indo aos extremos de quem sou e muita coisa aconteceu nestes já vividos dias de isolamento social, que eu realizo tendo a companhia do meu pai; experiência que guarda muitos e amplos significados, muitos e amplos desafios, muitos e amplos aprendizados.

É tempo de conexão com a dimensão do cuidado em seu sentido integral. Cuidado com o tempo, com o planeta, com o outro, consigo, com as relações, com os vínculos, com os pensamentos, com os sentimentos, com as escolhas. Encontrei um pássaro morto no quintal. Teria sido flechado pelo estilingue do tempo? Estaríamos todos nós sendo alvo deste mesmo estilingue? Ritualizei o seu voo para não se sabe onde, devolvendo-o à terra.

Meu pai, varrendo a casa, quebrou uma boneca de barro, cujo pescoço estava remendado. Recolhi os cacos e joguei-os fora. Senti como se a casa estivesse a ditar o que deve ficar e o que precisa sair. Uma faca de forte valor afetivo teve seu cabo rachado. Dela eu não consegui me desfazer. Ações e fatos que teriam um tamanho, se a vida tivesse seguindo seu curso sem pandemia, mas com pandemia, esses eventos ficaram enormes e assumiram significados contundentes e graves em meu íntimo.

Meu radar está apontado para o que me cerca. Fui ao ápice em muitos dos aspectos que me constituem. Chorei, ri, escrevi, li, cozinhei, trabalhei, limpei, arrumei, rezei, dancei, meditei, ajudei, briguei, xinguei, lavei, comprei, colhi, plantei, ignorei, sonhei...

Sinto-me humana como nunca.

Sinto-me errante como nunca, incoerente como nunca, vulnerável como nunca.

Não consigo fazer um relato linear das vivências tidas ao longo deste primeiro mês e só sei que a quarentena cruzou o meu caminho bem na hora em que eu estava aportando no Recôncavo. Fazia pouco tempo que eu havia chegado à Bahia, após um período em Paris fazendo pós-doutorado, com mais um tempinho em São Paulo. Tudo o que eu queria era encontros para eu contar tudo que eu vivi durante mais de um ano fora, um mergulho demorado no mar, os abraços de quem tenho saudade, a sala de aula e suas descobertas, rodas de samba e todo o sol e todo o luar da Bahia.

Vou ter que esperar.

VI.

*17 de maio de 2020*

Dois meses. Uma aranha construiu uma casa no quintal, outra aranha fez seu abrigo no jardim. A teia dos fundos se apoiou no varal, a da frente numa pilastra. As duas se revelaram verdadeiras obras de arte. Dois meses. Um sapo apareceu pela primeira vez entre as plantas e desapareceu de repente. Sua passagem, mesmo que rápida, me levou para as fábulas que ensinam. Será que ele volta? Dois meses. Minhocas de diferentes naipes atravessaram suas terras preferidas dentro e fora dos banheiros. Distingui-las é tarefa que ainda não aprendi. Observar com mais vagar os animais nunca foi má ideia. Dois meses. Lagartixas não se esqueceram de passear nem mesmo dentro da caixa de correspondências. Seu arrastar veloz pelas superfícies me sacode. Eu gosto! Dois meses. Alguns pássaros se ancoraram nas folhas moventes do outono. Ao levantarem voo, partiram sob o ritmo da certeza de que galhos seguros os aguardavam na próxima esquina. Acenei para o céu com respeito e guardei a lembrança do azul dos dias. Dois meses.

Incontáveis borboletas pousaram nas paredes, nos quadros, na estante, nas cadeiras e nas fotos onde estamos meu amor e eu num parque europeu. Fiz a foto da foto e enviei para ele. Sempre soubermos que, saídas do casulo, mariposas adoram ser vistas e apreciadas. Dois meses. Um vaga-lume surgiu entre os livros na minha escrivaninha. Apaguei as luzes para vê-lo ainda melhor. Entendi no ato que luminância vem das coisas vivas.

## VII.

28 de maio de 2020

Aniversariei. Aniversariei contornada por tempos pandêmicos. E aniversariar nestes tempos, em que a vida está insistentemente por um triz, é comemorar o mínimo, porque o mínimo se tornou o máximo; respirar, comer, abrir os olhos de manhã entraram para a lista das grandiosidades humanas.

Estarmos vivos decididamente não é banal.

Nestes dias em que a máscara de proteção invadiu o cotidiano e resolveu morar no mais simples gesto de mostrar o rosto na rua, a vida que nos habita pulsa mais, muito mais. Afinal, nos sabermos sãos e salvos sob as circunstâncias ameaçadoras que estão impostas é um saber enorme, valioso, impagável.

Ontem, vigiei o dia como uma criança cuida do experimento do feijão no pedacinho de algodão. Não queria perder um segundo sequer da percepção do que se passava dentro de mim, e assim, acionei todas as forças para que a alegria tomasse conta das horas.

Ritualizei cada instante. Tomei sol no rosto, toquei as plantas com as mãos, pisei na terra; movi bastante o corpo, li, escrevi, cozinhei; olhei intensamente o céu azul, mirei as estrelas, escutei música e poesia, poesia e música novamente. Alarguei os pulmões, meditei, dancei, rezei; brindei com amigas, amigos, irmãs, pai, sobrinha, cunhado, tias e primas.

Recebi flores do marido, colhi todas as lindezas que me foram escritas no *facebook* e nas mensagens de WhatsApp, assim como os telefonemas, e converti o pequeno bolo de chocolate, a taça de vinho e a dúzia de salgados e brigadeiros que encomendei na Casa do Pão no maior banquete de que se teve notícia, ontem, à noite, no bairro Ana Lúcia, na cidade de Cruz das Amas, onde completei 43 anos de vida em ritmo de gratidão e fazendo contato com toooooooodas as festas que já promovi e nas quais aglomerei muita gente amada e disposta a conversar, rir e se divertir.

Ter acúmulo de festas vividas nos salva!

Honro as comemorações dos maíos dos anos de 2019, 2018, 2017... 2007, 2006 etc. e que me povoam, hoje.



# Vamos Comprar Rosas Violetas

*Cristian Martins de Souza*

Alguns dias atrás, muitos tentaram ignorar o comunicado mundial jamais pensado que se disparava e pairava pelos ares: fiquem em casa, caso queiram viver!

Alguns responderam, outros nem fizeram questão de dar ouvidos. Naqueles dias, ouviam-se uma resposta de uma linda jovem experiente e acostumada a bem viver: — O contato de perto no presente, não podes impedir-me, caso o façam, não serei mais a mesma. Eu imploro, me deixem a vadiar perambulando pelas ruas como ontem. Só eu sei o mal que posso me tornar se me obrigas aqui ficar...

Passaram-se alguns dias, depois desse desprezível comunicado. Então, certa manhã, não tão distante da realidade, ela abria os olhos emaranhados, bem abotoados, despreocupada, com aquela calma inusitada. Desequilibrada, mexeu-se o corpo como alguém imóvel que morreu e resolveria ressuscitar em algum momento da vida. E, finalmente, ela acordava lentamente. Virou-se pra lá e pra cá, gestos amáveis, singelos e delicados. Levantou-se demente, dançando, dormente, despregando-se da cama amadeirada de dégradé amarelo. O colchão fundo da acamada tocava o assoalho querendo desligar-se dela rapidamente, desenhando uns rabiscos de uma escultura indecente de estúpida rupestre, contornando seus traços e rastros que ela deixava impressos ao elevar-se da cama sobrecarregada. Os olhos remelados da jovem, quase sem piscar, continuavam lutando para tocar um feixe de luz. Eles lembravam o primeiro dia de vida dos pintinhos que, ao romperem as cascas dos ovos, davam os primeiros suspiros arejados pelo ar. Mas, uma canção antiga veio-lhe à mente. Ela cantou, acompanhada de um memorando nostálgico daqueles velhos tempos em que

vinha mamãe acordá-la, com uma cantiga curta de ninar. Todavia, naquele quarto vazio, valor algum não se via, mas de um simples cômodo fez-se sua vida, seu mundo e seu abrigo.

— Lúcia, Lúcia... — chamava ele, sem ter respostas.

Marcos mal dormira a noite, tamanha era sua ansiedade. Ao clarear, levantou-se às cinco horas da manhã, todo agitado e empolgado, esbarrando-se nas coisas ao seu redor. Mais tarde, chamou-a novamente, sentando sobre o chão gramado do quintal, logo abaixo da janela do quarto de Lúcia. Ele esperou e, impacientemente, se cansou. Então começou a contar aquelas folhas grandes, suaves e compostas que se separavam daqueles grosseiros galhos encurtados que começavam a cair daquela velha paineira rosa, frondosa, alta, rainha majestosa, com sua base charmosa, alargada e bem espinhosa. As folhas fadigadas, ao se separarem, secavam-se rapidamente e não ficavam a vagar sozinhas ou viúvas. Elas formavam casais de par a par, esperando suas vezes de enamorem pelo longo assoprar do tocar da brisa leve, conduzindo-as numa emocionante sincronia e aventura de bailar pelo ar. Cansado de encantar-se com a beleza da árvore, ele resolveu distrair-se atirando alguns pedregulhos no poço para ouvir os estalares alvoraçados ao caírem no profundo vazio. Ficou um bom tempo brincando, mas o tempo não passava e Lúcia continuava dormindo. Inquieto e agoniado, ele notou que em cima do muro havia lindos pardais contentes, recém-chegados na área e que assobiavam relaxantes e harmoniosamente acalmando-lhe o espírito aflito... Se quiser castigar alguém, deixe-o esperar. Disso, ele já estava farto! O sol lhe esquentava a careca, sem ao menos um fio de cabelo, incomodando-o, pois eram muitas gotas de suor que lhe escorriam pelo rosto e por entre as curtas orelhinhas.

— Acorda, Lúcia! Anda, vamos... Estou desanimado de ir... Desse jeito não dá para te esperar mais... — disse ele outra vez, sentado, sem ter o que fazer. Estava entediado de olhar fixamente para a janela que não se mexia. Ele puxou um pedaço de grama

com a raiz ressecada, que veio acompanhada de uma tora de terra, ficou fazendo arte, feito uma criança impaciente longe dos pais.

Ela, com um semblante pacífico e seus braços branquelos compridos, abriu sua janela que estava emperrada na lateral, dando uns tapas leves nela para ajudar. Viu que o sol estava esquentado, muito forte, posicionado bem acima. Não era tão cedo, por volta das sete horas. Até parecia que se esquecera da vida.

Ele embaixo da janela, rezando com seus olhos fitos para o alto aguardava, ansiosamente, para aquela janela miserável do segundo andar se abrir. E assim que ela abriu-a, imediatamente, ele pôs-se de pé e gritou:

— Meu Deus do céu, veja as horas, Lúcia! Tá ficando tarde...

— Hamm?! Tarde? Como assim... ahhhhh e, muito bom dia também viu! Como passou sua noite? Dormiu bem? — interrompeu-o ela, desinteressada na conversa.

— Passei bem demais! Você, pelo visto, hibernou foi? Não queria acordar, é ou o quê?

— Seria bom, só mais um pouquinho, não acha? Estou amando essa nova vida de dona de casa, sem compromisso com nada e com esse mundo aí fora se matando...

— Aiai viu, você dona de casa? Quando foi isso? Faz é tempo que vive ilhada aí, sozinha... — disse rindo, descontroladamente, como uma pessoa assistindo a uma palhaçada. Ela não gostou, ficou séria e afirmou, furiosamente:

— Olha aqui, seu bobo! Eu vivo como quero, entendeu? O que você tem haver com a MINHA VIDA?

— Eita, muita calma nessa hora! Meu Deus... Só foi uma brincadeira, esqueça isso... Olha, Lucinha, eu nem dormi essa noite de tanta ansiedade aguardando o nascer deste dia. Eu levantei bem cedo, preparei o café e estou aqui te esperando, sabia?

— Ahm. Me esperando? Como é então, esperar uma dama como eu? — interrogou ela, bocejando e indiferente, com um tom de preguiça e desânimo, com a expressão mais fria que um gelo esquentado. Desinteressada na conversa, sentou-se meio de lado

no vão da janela, com as pernas inquietas para dentro como se estivessem balançando de costas para ele.

Ele, cruzando os braços ao ver que ela o desprezava com aquela atitude, virou-se para trás e observou umas aves diferentes vindo do alto, de longe, dos lugares frios. Elas vinham em sua direção. Então, pousaram sobre o muro fortalecido que separava a casa do resto do mundo. Pareciam buscar abrigo, com umas malas sobre as asas e seus filhotes fresquinhos atrás. Lembravam uma família de migrantes sem rumo, quando fogem dos seus ninhos por correr grande perigo. Marcos estranhou a presença delas ali, paradas... Ele ficou pensativo e com dúvidas, coçando sua careca que continuava a queimar com o sol de arder à moleira e, disse espantando, meio perplexo e levantando sua mão esquerda apontando para elas que continuavam sobre o muro:

— Veja, Lúcia! Como elas são grandes e bonitas! Vieram nos visitar e anunciar algo, para além dessa fortaleza. Será que trazem boas notícias...

Ela virou sua cabeça com aquele pescoço fino, lembrando um robô sob comando, olhando para as aves, mas sem curiosidade, enquanto ele encantava com o show que vira tão perto de si.

— Que imaginação, Marcos! Não passam de aves que vieram voando por todos esses lados redondos e quadrados. O quê tem de mais, de diferente nisso? — disse ela, descendo rapidamente de cima da janela, pois começava a perceber que não estava tão segura ali, tal qual aparentava.

— Não, não, não! É incrível demais minha irmã! Em todos esses dias não havia nada no céu, nem uma mosca zunindo! Eu sempre vinha aqui no quintal para respirar, buscando um novo fôlego, cheio de expectativa para tudo isso virar de uma vez por todas, não aguentava mais! Aqui, antes, só se via chuva, sol e esse mísero quintal desabitado. Olha, eu acho que as aves estavam ilhadas em suas casas, como nós estamos aqui, solitários e presos.... Será que

hoje é o grande dia para elas também? Pelo visto, parece que todos já podem ser libertos, até os animais...

Enquanto ele dizia essas coisas aparentemente ditas como sem fundamentos e cruas, sem gostos e sabores, ela imaginava o quão difícil seria para retirar-se dali e voltar a conviver com as pessoas. Isso a atormentava e não seria mais possível e, questionou-se internamente em seu consciente:

— Tanto tempo isolada no meu deserto, me abandonei em uma gaiola, feito os pássaros que vivem presos, pulando e voando de poleiro a poleiro. Eles acordam pelas manhãs com deprimente canto, chorando para serem libertos. Será que eles... Não...

— Lúcia, tá aí? — perguntava-a preocupado, pois ela não respondia. Estava cega e muda, mas seu corpo continuava presente e parado. — Me responde Lúcia! Cê me ouviu? Lúcia?!

— Claro que estou aqui, não me vê? Nossa Marcos! Por um momento eu pensei que... Ah, deixa pra lá isso!

— Então, vamos irmã!!! Mal, mal posso esperar...

— Calma! Do que você está falando?

— Que tolo eu sou! Era de se esperar. Você se esqueceu da conversa de ontem no jantar. Eu levantei cedo, animado para sairmos pô...

— Estou brincando com você... Não me esqueci de nada, só me desinteressei de ir... Eu, realmente, não consigo sair mais... E por que deixaria esse humilde cantinho aconchegante que de teias de aranhas me acompanham? Só por um combinadinho de jantar seu?

— Caramba! Lúcia, nunca mais te reconheci!!! Faz semanas que vives aí, trancada, quem sabe jogada às traças nesse quarto mofado, caiado, esse mundo aí não é seu! Você nunca gostou de ficar sozinha! Para que te guardas em todo esse tempo? De quê cê tá fugindo hein?

— Quê? Bem capaz Marquinhos, só me reinventei depois desses contos macabros narrados pela TV. Não era para se adaptar com essas novas lendas urbanas de se isolar e, no último capítulo,

na frase final, a gente ia ler assim: e todo mundo viverá feliz para sempre. Então?

— Mais blá blá blá.... Tudo isso foi passageiro, era só por um simples evitar de contatos físicos para não causar mais estragos.... Te garanto que tudo continua normal lá, como nos velhos tempos da gente, com os mesmos trabalhos, amizades, encontros e passeios. Imagine a pracinha central Dois de julho cheia, superlotada, sem vazios, com aqueles banquinhos de concreto cinza, pesados sobre o solo preto e com aquelas pessoas doidas falando alto, rindo e chorando, uma verdadeira confusão de Babel! Meu Deus, me segura! Aquelas crianças por todos os lados sem pararem, correm, balançam e se sacodem nas gangorras de ferro enferrujadas, em companhia dos pais bravos. Claro que ainda existe vida lá fora, além dessas barreiras físicas que nos distanciam de todos. Lá sim! No meio do povão, se movendo e bebendo, cada um com seu tom adocicado, passando para o azedo desbotado têm as expressões desejadas para todo tipo de gente, boa ou ruim — disse ele, pausadamente, com um tom debochado e entusiasmado, encenando cada frase que dizia.

— É um bobo, pobre coitado! O isolar no Brasil foi para mudar nossa maneira de viver em sociedade falsa, idolatrada, vivendo separada. Quando foi que esse país se uniu? Eu me tornei essa pessoa que estás vendo, não porque eu queria, mas porque precisava fazer algo, né! Hoje, meu mundo se resume aqui dentro, sozinha, comigo mesma.

— Não precisa ser sentimental com esse matiz radical deprimidamente, como uma bela flor que perdeu sua cor só por despencar as pétalas, que a fazia bela. As flores sempre renascerão e continuarão com vida meu bem, elas apenas permanecem só por uma ocasião, de um dia ensolarado a várias noites de verão.

— Você com esse papo de florzinha e eu que sou sentimental? Faz-me rir... Veja a vida ao seu redor, as pessoas e os noticiários, o pânico prevaleceu nos corações frágeis, enrijecidos.... Eles

são como um balão de ar, você enche, enche e, de repente, quando não se pode encher mais, ele some no ar, mas basta um toque nele para ir ao chão.... Depois que o balão cai, você o enche de novo ou tenta remendá-lo? Não se vive em sociedade como se viveu...

— Deixa dessas birutices, Lúcia! Não esperávamos a hora de sair dessa casa sombreada por essa imensa árvore que nos tapavam os olhos de ver o que há de melhor por trás desta muralha? Foram meses aqui dentro sem relacionar com o lado de lá. E, justamente agora que podemos sair e velejar mar adentro, vamos ficar nessa onda aí, desinteressante? Parados no mesmo lugar? Quê nada viu... eu tô fora! — disse ele, esperançoso, pulando alto e tentando ver algo na rua por cima do muro. Mas a árvore que crescera adjunta ao muro tampava tudo e nada se via, por isso aguardava ansiosamente a hora de escapar-se dali. Lúcia não aceitava nada do que ele falava, ainda mais com essa alegria que o invadia. Ela sempre se incomodava com a alegria alheia.

— Olha... Estou ótima aqui dentro! Você que ficava aí correndo por toda esta área feito um cão preso no canil sem dono, perdido e com fome. Vá! E, te dou um conselho: aproveite o que está escrito nas entrelinhas das poesias e dos romances...

— Não né?! Quem que aguenta isso? Vou me aventurar por esse mundão afora, ver a beleza da natureza que está a me aguardar. Ela nos permeia, positivando tudo e convidando para ladear, explorar sua campina imensa. Veja, Lúcia! Aquelas aves continuam paradas e parecem querer cantar pra você... ahhh, quanta beleza ao nosso redor, sem tristezas... — disse ele abrindo os braços e com os olhos esbranquiçados, rodeando em todos os lados com espaços, semelhante a um pião rodopiando sem freios. Assim, uma envolvente felicidade tomava conta de si, como alguém que flutuava ou andava sobre o mar, mas sem acreditar que seria possível sair daquele lugar carregado das mesmices dos dias.

— Marcos, chega desses papinhos furados! É viagem demais!

— exclamou ela, indo e balançando as mãos e colocando-as no bolso de sua camisola rosa salmão com bolinhas brancas.

Ele não aguentava ouvir umas conversas dessas, na verdade, era muito eufórico, do tipo alto astral, porém, imperativo demais para ficar atento a umas asneiras longas. Afinal, ele não queria perder mais tempo ali dentro.

— Olha Lúcia, agora o papo é sério! Deixa eu te perguntar uma coisa: o que tem aí nesse quarto que não sai mais? Eu juro que não entendo viu! Uma mulher como você estudada, falada, noticiada a todo o momento, venerada, e que resolvera prender-se numa alcova da própria casa? É demais isso, não acha? Já sei a resposta: Você só deve aguardar um príncipe com asas bater na sua ventana, convidando-a para uma passeata por cima das ruas iluminadas da cidade, não é mesmo?

— Me veja e diga você?! Estou bem sozinha ou não? Não preciso de ninguém aqui me incomodando, tirando minha serenidade! Sou muito evoluída para me contaminar, meu bem!

— Tá, tá, tá, tá... Viva a sociedade, terra amada! Dá, dá, dá... — respondeu ele, cantando, gritando alto e bem humorado, tentando levar a conversa na brincadeira, pois sabia que ela não gostava do seu gênio divertido. Mas quando o assunto é sarcasmo, Lúcia não fica para trás. Então, ela retrucou friamente:

— Sociedade dos mosquitos voando né? Ela não existe mais, acabou, seu idiota! Você está você, como eu, isolada do duvidoso ser social! E nem morremos...

— Viva a sociedade em solidariedade, dia após dia, no fim permanece unida — continuava gritando e com ritmo, parecendo um grito de guerra. Depois, ele ficou sério e esclareceu:

— Irmã, o que você se tornou longe das pessoas demonstra o que você já era, só se escondendo agora por entre as cortinas justificadas da sua janela.

— Pois é, meu irmão! São as marcas dessa tenra sociedade cruel que vive nos tentando engolir. Isso que nos aconteceu é con-

tra os princípios de viver, a não ser que queiras ficar como eu. Ela não me aceita mais! Eu acho que ela nem se quer me merece, se é que ela ainda me conhece. Ontem, continuei com aquelas ideias que eu já vinha pensando há muito tempo.

— Quês ideias? Ahh... Já sei! As ideias deprimentes como se o mundo tivesse acabado quando as pessoas deixariam de viver e se importar umas pelas outras, sem dar um remédio para o doente, pão para o faminto, água para o sedento? Essas coisas de drama né...

— Óh, eu refleti bastante! Você não entende bem ainda... Mas, não quero ser perseguida por aquelas pessoas que vivem com uma pedra na mão para atirar. Toda vez que eu penso nisso, sinto-me... — respondeu ela, engasgando como quem engolia um sapo pequenino a força. Repentinamente, ela parou de falar, restando apenas o silêncio naquela hora. Marcos achou que ela ia prantear.

— Lucinha, Lucinha, sei do que passamos nesses dias, principalmente quando mamãe adoeceu...

— E o que você sabe?

— Ora essa viu! Sei de tudo minha gente! Aqueles dias não foram fáceis. Mas, eles passaram como uma cortina de fumaça que vem e vai... Vire as páginas, escreva, desenhe e pinte como quiser! Só não aceite essa condição! E outra coisa, o aniversário da vovó não tem nada a ver com isso. Não acha? Já é amanhã!

— Quê? Como assim Marquinhos? Ahh, vovó Margarida, um amor né? — disse ela, calma, saudosa, mas sem dar a entender se estava surpresa.

— Sim, sim! São 90 anos de muita luta, garra, história e saúde! E a coitada, só tem a gente agora! Tadinha... E, você é especial para ela também viu...

Ela com sua mente indiferente, sem lucidez alguma, meio áspera e ácida, pensava como naquelas épocas em que se colhiam as frutas maduras e fora da estação, sem chuva, sol, mas que davam fruto vistoso, brilhoso, grandioso e, quando ele se partia, explodia-se o caroço com um estrondoso som, abalando as consci-

ências puras e sãs. O que importa é o conteúdo, a qualidade, o sabor, o interior, o que se é.

— E, quem dá valor pra isso hoje? Você se lembra de quando alguém te parabenizou? Isso, vá visitá-la! Aproveite que já pode sair e dê um abraço nela por mim!!! Eu pensei bem e... Por que eu iria com você ao centro da cidade, no final da rua, tendo que pular por entre aquele enxame de gente com veneno? — disse ela friamente, como se estivesse embriagada ou possuída. Só podia estar “depressivíssima”. Ele pensou nas palavras dela e reagiu, todo espantado como um espantalho parado no quintal. Ficou, realmente, estático, seus olhos não piscavam e sua boca não se mexia.

Marcos permaneceu parado olhando para o sublime céu azul ensolarado, pois só restava uma intervenção divina. Inesperadamente, ele reconheceu aquelas aves que pousaram sobre o muro há mais tempo, eram os famosos corvos pretos que, de tão pretos, refletiam em azuis-escuros. Ele achou estranho e pensou consigo espantado:

— São eles mesmos?! E... Continuam aqui? Os corvos que vêm das altas colinas sombrias e montanhas frias?

Os corvos foram chegando bem perto dele. Estavam com fome e, ao descerem em direção à mesa, foram comer umas migalhas que sobraram do café da manhã ao ar livre que, satisfatoriamente, o ar ainda era livre. Eles fizeram um som fúnebre, roco e quebradiço, sem melodias. O sol ainda estava em cima, não se via trovões, tempestades, fantasmas, nada de casa mal-assombrada. Era na verdade um símbolo dos sinais inevitáveis do porvir.

— Marcos, pare, pare de olhar para o céu e esses bichos aí! Não vê que só há sombras dessa espinhosa árvore. A vida é feita desses esconderijos que nos vendam os olhos! E por isso te falo, ouça a experiência! Aprendi nesse tempo que sozinha a vida é mais fácil, sem sofrer pelo outro. E, outra coisa, se for para morrer, morro bem sozinha! — disse ela, apontando para a árvore e, seu semblante era medonho feito uma cena de terror com toda aquela frieza de espírito.

Aos poucos, Marcos se movia, como se por alguns instantes o relógio tivesse parado. Pensou que estava sonhando, mas ao notar que os corvos traziam notícias e que sua irmã permanecia na janela com os olhos fechados viu que se tratava de uma realidade cruel, daquelas que se enxerga e não quer acreditar. Então, comovido por aquela circunstância entristeceu-se por perceber o caminho que sua irmã tomava, em consequência do extremo isolamento que fora ordenado pelo governo daqueles dias e disse uma frase, espontaneamente, que ela sempre gostava de ouvir, a qual marcara sua infância e os tempos da mamãe:

— Vamos comprar rosas violetas?

— Ahh! Aquelas rosas são diferenciadas entre as milhares, suas pétalas aveludadas, macias, foscas como a noite escura, serena como o alvorecer, desfazem todas as fumaças e neblinas com o sol irradiante vem trazer. Seu cheiro a exalar enfeita as lindas manhãs, acordando os mortos e vivos. Seus espinhos impedem os invasivos... Nossa... Que delícia aquele aroma amadeirado atraente ao cravo com notas de desatar os nós... Ah meu Deus, minha gente! Quanta saudade! É tanta vida... — disse ela devagar e suspirando, como se sentisse o perfume delas subindo, lembrando-a da época de quando ia com seu irmão na floricultura do final da rua, aos sábados pela manhã bem cedo, para escolher as flores preferidas da mamãe. Ele interrompeu-a com empolgação, aproveitando-se daquele momento único. Não se sabia de onde vinha tamanha inspiração que o sopro trazia.

— Também sinto muito! Sinto falta... E, o que achou desse convite, querida irmã? É o último, tá bom? Eu prometo!

— É, nada mal! Mas lembre-se é a última vez que saio dessa querência!

— Então, então, então... Bora? Vamos... Já tô aqui embaixo te esperando, e desde cedo... — falou ele, batendo as mãos e colocando-as sobre o rosto, sem acreditar no que acabava de ouvir.

— Você sabe me conquistar né! Seu bastardo! Mas, só vou com uma condição: de você não me deixar sozinha com aquela

gente, feito leões devoradores com fome. Quando penso no monstro que elas se tornaram, sinto uma náusea profunda no estômago, me consumindo os ossos. Dá até vontade de vomitar!

— Credo! Já sei disso...

— E nada de parar na rua para ficar papeando com esse povo idolatrado. Até parece que eu me esqueci da sua medíocre vida de político, rindo para as coisas, postes e pessoas, sem ninguém lhe devolver um sorriso amigo... ai ai ai viu, só você!

Ela estava conversando com ele pela velha moldura vermelha da janela do seu quarto. Ela pegou uma escova e pôs-se a pentear seus cabelos claros, fios de seda, uma pluma de pena. O vento tocava-lhe o rosto, arrepiava seus cabelos feito um pavão quando abria seu rabo ao excitar-se atraindo sua fêmea. O sol quente da arte ardente refletia em seus olhos verdejantes. Tal cena, que se via, lembrava um humilde quadro pintado. Ela fechou a janela e foi se arrumar e, pensou consigo:

— Quem aguenta um irmão mais novo? Será que só eu mesmo?

— Lúcia, tô te esperando perto do portão. Não demore! — gritou ele.

— Não estressa! — respondeu ela, berrando. Ao se arrumar, desceu a escadaria do seu quarto, atordoada e pálida. Cada passo era um compasso de notas tristes e infinitas que lhe afligia o espírito, do tanto de tempo que não saía. Seria o princípio de um caminho para o abismo? — Que idiota eu sou, prometer a meu irmão comprar flores? — pensou em alta voz com raiva, durante o trajeto. — Marcos, cadê você? Agora é hora de brincar de pique-esconde? Chega?! — chamava ela, procurando-o por toda a parte da casa e não o encontrou em nenhum lugar. Então, retornou para seu quarto rapidamente apertando os passos e subindo a escadaria, pois achou que ele estava cansado de esperá-la.

— Lúcia? Lúcia? Tô no portão, vamos?! Ande rápido né minha filha!

Ao chegar no quarto, ouviu que seu irmão a chamava desesperado. Lúcia não acreditou e parecia que estava em crise e

delirava. Olhou ao redor, tudo estava meio cinzento. Os seus ouvidos corroíam-se ao ouvir a voz dele chamando-a, soando meio estridente como uma barra de ferro sendo arrastada vagarosamente sobre o piso de cimento. Uma irrealidade tomou conta de si, sufocando-a e faltando o ar. Entre soluços, umas lágrimas caíam no seu rosto que se deprimia com a solidão acostuada. Era só mais uma das muitas crises que ela tinha por se isolar da sociedade como várias pessoas tiveram naqueles dias. Ela não recordava muito bem das suas ações recentes e corriqueiras. A noção de tempo havia perdido. Mal sabia onde estava.

— Lúcia? Cê tá aí? — interrogou-a preocupado e batendo na porta do seu quarto.

— Oi, Marcos... Espere um pouco! — respondeu ela, ignorando o choro e com os pés firmes no chão, não estava mais voando pelas nuvens. Então, apossou-se do lençol amarelado, jogado sobre a cama e secou o rosto encharcado como uma poça d'água sem fundo. Abriu a porta de seu quarto e, murmurou: — Onde é que você estava? Eu não te achei! Pare com essas brincadeiras infantis! Você já é de maior rapazinho...

— Ahh, entendi já! Mas, eu tenho que te contar algo.... Olha só, eu tava no portão te esperando, certo? Daí, abri... E fui curiosamente para o lado de fora. E, não acreditei no que eu vi! Um ermo de rua, reinando o eco do silêncio, nada se ouvia ou se via... Irmã, eu fiquei com medo, não sabia onde pisava e não reconheci nada, apesar de que, era o nada ali diante de mim, sem carros, bicicletas, pessoas, cachorros e gatos abandonados. Nunca vi tanta melancolia e solidão na rua. O mato daninho ramificado se alastrava, cobrindo as calçadas, as paredes escuras rachadas. Era até encantador aqueles tons de verde capim-limão subindo e brotando, mórbidos e eternos pelas frestas das novas florestas. O matagal parecia ser a única coisa com vida como se a rua estivesse vestida de uma selva pura e plena sem a presença do homem...

— Peraí! Não sou eu quem surto sozinha mais?! Pare com isso, seu ridículo!

— Ahm? Quê que foi dessa vez?

— É triste... Mas, eu tinha razão!!! Finalmente, os homens deram as caras! Mostraram-se o que eram, saíram todos dos armários para ficarem dentro de casa, antes tivessem saído dos caixões dos cemitérios! — disse ela com uma voz grossa, forte, parecia estar desabafando-se.

— Não é isso! Affs! Lá vem...

— Sim! Esse isolamento iria acontecer mais cedo ou mais tarde, com doenças, pragas, pestes ou não. Eis aí a prova, Marcos! A sociedade e os homens se escondem nos porões de suas próprias almas sombrias, se alimentando dos seus vícios e erros, revelando a irredutível condição humana pervertida diante da vida coletiva. Ninguém nunca soube viver em sociedade e em harmonia com a natureza! Hoje você me compreende?! Foi preciso esse isolamento para todos ver o que somos em essência, desde milhares de anos atrás. Hoje, os homens estão abandonados e jogados na lama, desesperados nos seus próprios desejos amargos.

— De novo com esse papo?! Olha só prô cê vê como são as coisas... Eu só descrevi o que vi lá fora, além daquele portão caído que não podia abrir esses dias — disse ele, zombando e cansado dessas conversas.

— É isso, irmão! Acredite na realidade dos fatos que você vê com os seus próprios olhos, não se engane, viu?! Você acha que o mundo vive cantando, rindo, como se nada tivesse acontecido? Ou acha que os vizinhos resolveram enfeitar a rua de verde para você se desbravar e festejar esse dia de liberdade? Acorde, Marcos! Eles não estão comemorando nada!

— Quem sabe?! Seria uma boa ideia! Imagine umas festas assim, do tipo selvagens? Olha, não sei o que houve e nem quero pensar, mas as pessoas não estão vivendo no mundo da lua, querendo pular para Marte, como se não existisse mais vida em nenhum lugar. Não sobrou só essas ilusões, depressões, tristezas, crises existenciais. Não! Que Deus me livre disso! Já basta... E, eu

sempre encarei a vida como novas oportunidades e positividade para recomeços, você me conhece muito bem! Eu não sou desses aí não fia!

— Óhh... Como quiser viver, viva! Eu gosto dessa doçura de solidão — exclamou ela!

— Sim, eu só te falei como a rua estava em consequência de todos esses dias sem a ação do homem. A natureza pura, bela e perfeita venceu! Basta o mundo parar que ela volta a ser como antes! Toda primitiva, se restaurando sozinha e gerando vidas e vidas em seu processo evolutivo. Eu gostei muito do que vi e daqui para frente nós deveríamos pensar mais sobre a nossa relação com o meio ambiente.

Ele encostou-se à porta do quarto, meio reflexivo e sério com seu rosto pensativo sobre essas questões interessantes.

— Chega, né, Marcos! Então você saiu e voltou por não ser viável nossa ida, certo?

— Não, não, não é isso! — respondeu ele, com aquele meio sorriso tímido de lado sem mostrar os dentes. E continuou: — Só achei superinteressante! Ontem mesmo, pela manhã, a rua estava com aquele velho tapete tradicional de pedras e, desde que me lembro, nunca trocaram nem preocuparam em reformá-lo. A rua estava toda esburacada, com tanta poeira, mas tanta que o meu nariz até entupia viu! Eu não entendo como aquele mato se alastrou rápido e tomou conta de tudo, eu não vi nenhuma pedra... Enfim, vamos deixar isso de lado...

— Também acho! Não podemos sair depois de tudo isso! Você viu que não há nada, além do suave vazio — disse ela, respirando fundo, satisfeita feito um alívio imediato.

— Nada disso! Ande, logo!

— Como assim?

Enquanto eles desciam a escada da entrada do quarto de Lúcia e iam para o portão, ela pensava em como reagiria ao encontrar as pessoas novamente na rua. É como se o senso, a capaci-

dade de relacionar e conviver fossem perdidos durante esses dias. Ele nada preocupado, ansioso para sair e encontrar as pessoas apressou-se e pôs-se à frente dela. Com todo o seu cavalheirismo, abriu aquele grande portão com rodinhas de correr que estavam meio emperradas. Como o portão havia sido pouco usado naqueles dias, estava muito pesado, tortuoso, sem manutenção e pintado com uma nova cor dourada amarronzada, pois já era a residência de uns pequenos desabrigados ferrugens que vieram de longe e estavam em processo de construção. Quando ela viu o novo mundo ou o que sobrou dele, imediatamente disse:

— Que triste é isso, Marcos? Por quanto tempo ficamos dentro de casa? Gente, o mundo se esvaziou como um balão! Todos vivem como eu! Até parece que estou no meu quarto ou que tudo isso é só pra mim... Veja esses lodos e musgos! Essas pragas de... Como chama mesmo?... Quebra-pedras... Como são grandes, altas com sementes espalhadas por todos os cantos! Essas aroeiras cresceram tanto que... Uau... — disse ela com a expressão facial surpresa em êxtase absoluto. Inesperadamente, se virou como quem iria dar meia volta e voltar para dentro de casa.

— Lúcia, não é tão encantador isso?! Tudo novo se fez...

Ele puxou-a firmemente pelo braço, delicadamente segurando-a firme para que continuasse adiante e não voltasse para trás, pois sabia que algo a esperava quando visse novamente as rosas. Ele acreditava que somente um momento que a marcou significativamente pudesse ajudá-la a ressocializar e superar aquela fase avassaladora que vivia. Somente as rosas teriam esse poder transformador. Elas são sinônimos de lembrança, amor e cura.

— Seu idiota!!! Não podemos andar nisso aqui. Sem falar que é tenebroso essas trilhas que ninguém andou. Pode ser esse, mais um motivo pelo qual as pessoas não saem dos seus esconderijos, elas não sabem o caminho que seguirão e têm medo do novo e do que sobrou da vida. Agora, me entendo... Quando se está no escuro, é melhor continuar nele, porque ao chegar à luz, os olhos se queimam. Assim é mais fácil permanecer na condição de antes,

confortável, sem enxergar o mal. Nós somos essa eterna solidão. Você não pode fugir disso também, meu bem.

— Lúcia, Lúcia, deixa de tolices! Você vê o mundo de cabeça para baixo ou quer que ele o torne? Você precisa de novos óculos... Vamos dar umas voltas, se jogar nessa beleza chamada de: o agora, por poder viver o hoje infinitamente, acordar e se libertar dessa prisão. Temos que nos apressar pra isso! E, além do mais, a floricultura pode estar fechada.

—Você só poderia ser meu irmão mais novo e burro. Você não entende nada da vida, não se preocupa com ela? Eu até acho que você não pensa nela. Vive conforme a música do momento, se adaptando ao que toca? Ridículo isso! Veja essa imensidão diante de nós, mal reconhecemos ou sabemos por onde ir, não têm mais nada aqui!

— Chega! Chega, Lúcia! Ótima ideia! É isso, como antigamente... Marcos ao ouvi-la dizer sobre música veio-lhe à mente uma ideia, que a faria parar de pensar nessas coisas deprimentes. E continuou falando e se gesticulando:

— Se mexa assim, óhh... Agora pense que uma música boa e gostosa toca, dance comigo, desfile sobre os meios-fios como se estivesse sendo observada, recebendo dúbios aplausos de quem nunca viu. Esse é o meu segredo que poucos sabem, viu!

Caminharam por aqueles matos selvagens infinitos em passos lentos e descontraindo, mas na medida do possível, pois o chão não se via muito bem. À medida que avançavam, notavam-se que algumas árvores já eram crescidas, alguns animais nunca vistos foram se aproximando. O caminho parecia longo, duradouro e emocionante em cada parte. Foi uma aventura inesquecível sem reclamações! Esqueceram-se da vida e nem perceberam o quão pouco caminharam. As residências vizinhas jamais reconhecidas. Era um cenário inédito em que as esquinas, as lojas, os bares e as igrejas não faziam faltas, nem a memória se encarregava de trabalhar. Era tanto nada de si que muito se aproveitou, um completo esvaziar para se encher. De tanta tristeza e frieza que ela carregava

em todos os dias de sua vida, naturalmente, resolveu se esvaecer e despir-se de todos os conceitos, sem mesmo ter a opção de escolher. Ela praticamente parou de lembrar-se daquelas ilusões que vinham à tona e acabou entrando nessa nova onda do momento, permaneceu calada por um bom tempo e se divertindo.

— Isso, irmã, está lindo! Vamos comigo, assim, agora na palma da mão... — continuou ele, cantando e dançando. E ela acompanhava-o.

— Marcos, até que você é humoradinho, hein! Tá demais...

— Ah... Que ar! Tudo só nosso, irmã! Aproveite esse bosque que de verde encobre-se de esperanças, como um novo amanhecer dissipando o orgulho humano maldoso, sem as dores refletidas no espelho. Logo, logo entardecerá trazendo os esquecimentos do passado! Se liberte hoje mesmo, teremos um luar estrelado!

— A gente até distraiu um pouco juntos! Parece como antigamente na nossa velha infância, cercada daquelas crianças com os narizes escorrendo, pulando os muros, subindo nas árvores, brincando de roda, aprontando...

— Sim, sim! Eis aí o significado da vida.

Ele tomou-a pelas mãos delicadas e, suavemente, pararam por um instante de caminhar ao longo da trilha. Eles viraram-se simultaneamente, como um maravilhoso passo forte de tango e, ficaram-se de frente, um diante do outro, se olhando fixamente pelos olhos. Em suas mentes, um mesmo sentimento saudoso veio-lhes, dos tempos de quando eram crianças e saíam pelas ruas, entrelaçando, bagunçando, brincando na praça com os vizinhos e, no final da tarde, antes do escurecer, colhiam juntos uma linda flor no antigo canteiro central, feito de um maravilhoso jardim localizado no meio da rua, em frente ao mercadinho do Sr. Wilson, para entregar-lhes à querida mamãe. Eram os bons tempos de quando a mamãe estava presente e nos pedia para comprar peixes. Ao passarem pelas flores não havia como ignorá-las. Eles adoravam tirar aquele belo sorriso fácil dela, ao pegarem aquele lindo buquê de

rosas violetas e saírem alegres saltitantes como cabras de tanta euforia para entregá-la. As violetas eram as preferidas da mamãe.

Aqueles segundos de recordações pareciam um encontro do céu com a terra, narrado por um canto gregoriano, glorioso, lento e harmonioso. Sem hesitarem, inevitavelmente, se abraçaram em meio à rua deserta. Somente quem já foi abraçado pode sentir o brio da vida. É nos momentos singulares da vida em que há partilha, que é permitido ver o seu verdadeiro sentido. Na compreensão da dor há a comoção, através do convincente convívio que só é possível quando compartilhado no coletivo.

Depois, Lúcia abaixou sua cabeça como se estivesse sendo pressionada para baixo ao carregar um colar de bolinhas de chumbo. Ela mal conseguia erguer a cabeça, então olhou para o chão e para seus sapatos, eles estavam sujos de terra escura e poeira fina. Virou-se para trás, avistando de longe, o portão celestial por onde havia saído, e em sussurro suave, muito fraco, quase sem voz ouvia-se dos seus lindos lábios carnudos:

— É, Marcos, aqui do lado de cá, de fora da caixa que a gente gosta de entrar, longe das cercas, das teias e dos muros que construímos que podemos ver um mundo diferente de tudo.

— Confie em mim, querida irmã! Estou com você... A maldade não mais anda pelo mundo, pelos cantos e esquinas buscando lugar. Tudo passou! — interrompeu-a, falando baixinho.

— Você não pode me entender! O vazio de quem vive só é horrendo... Não dá para continuar nesse estrado estreito, íngreme, que me importuna à alma. A vida já escureceu e perdeu suas cores... — disse ela, quase sem voz e, parecia querer continuar, mas não conseguiu.

De repente, ela ficou pálida, esverdeada, se camuflando no meio daquele matagal e, antes de terminar a conversa, inesperadamente, saiu correndo, deixando cair sua bolsa. Ela nunca correu tão rápido como naquele dia ao retornar para sua casa sem olhar para trás. Precisava de abrigo para se proteger e isolar urgente-

mente, era involuntário quase que instintivamente. Parecia que as pessoas estavam ali diante dela, perseguindo-a incessantemente. Seus olhos claros avermelharam-se, como que iam explodir-se feito uma panela de pressão com o ar comprimido querendo estourar. Era mais uma crise que lhe sobreveio naquele momento, em consequência do seu extremo afastamento da vida ativa e intensa que levava no centro da cidade.

— Espere! Espere, Lúcia! Olhe para o seu redor! Lembre-se das rosas...

Ela corria e corria, mal ouvia ser chamada. Ele não foi atrás, mas gritava-a, o quanto mais alto conseguia:

— Fique calma, irmã! Não volte para casa agora... Não!

Um ser isolado é quase um escravo de si e do mundo que o cerca. Ele vive algemado ou preso em sua “casa”. O medo avassalador o persegue a todo momento, precisando apenas de um abrigo para entrar. Talvez, o medo do amanhã tão incerto, seja a causa da sua dor. Surge um mundo novo que ele construiu, sem muitas vezes, incluir a presença do outro. Ninguém jamais o viu. As loucuras passeiam por aí do lado de dentro, sozinhas e solitárias...

As rosas sempre terão seus valores enquanto houver vida, acompanhadas de significativos íntimos, mesmo que estes sejam desprezados. Elas lembram alguma companhia, um convite para sair.

# Carta ao Futuro

*Gilmar Café Alves Júnior*

Santo Antônio de Jesus, 30 de maio de 2020.

Querido Futuro,

Registro esta carta para informá-lo que sua chegada é intensamente desejada por mim e por toda nação mundial. Temos vivenciado dias difíceis e a sua tão esperada vinda soa como uma esperança em meio ao caos. Por isso, escrevo-lhe, na tentativa de que você nos traga o conforto e a certeza de dias melhores.

Nessa carta eu desejo informá-lo dos acontecimentos que estão nos aprisionando, nos fazendo levantar e nos esforçar diariamente. Estamos enfrentando uma pandemia terrível, um fato histórico jamais visto antes. Vivemos um momento onde o distanciamento social é a palavra de ordem, e a quarentena é a nossa única arma eficaz para a contenção de um inimigo invisível e ainda em estudo.

Vivemos uma crise profunda e precisamos aprender a lidar com ela. Definitivamente a rotina da população mundial não é mais a mesma e tudo isso tem nos levado a adotar mudanças de rotina e comportamentos. A sociedade, com suas primorosas construções tecnológicas se encontra paralisada por um vírus, o maldito Covid-19.

Preciso informá-lo que, por todo canto, a morte comanda os noticiários, os corpos se aglomeram, a angústia está notória. Há também as perdas econômicas, o desemprego, o desalento, o isolamento forçado. Acredito que iremos demorar a sair desta crise, estamos diante da impotência da vontade. Não há o que possamos fazer, apenas parar, esperar.

O vírus tem nos obrigado aprender a lidar com os limites, com as frustrações. Às vezes me pergunto se essa parada no mundo foi para começarmos a dar mais valor às coisas essenciais, e quais seriam? Precisamos agora, aproveitar a reclusão, o isolamento e olharmos para dentro de nós mesmos e conectarmos com a nossa própria essência.

Estamos diante de desafios econômicos imensos e o isolamento rompeu a suposta autonomia que nós tínhamos. Além disso, o vírus é como uma roleta russa, não sabemos exatamente como ele age em cada pessoa. Estamos com aumento significativo de casos, o sistema encontra-se em exaustão. Como lidar com tudo isso? Como aprender com tudo isso? Que ganhos podemos tirar com essa experiência inédita?

Eu não posso e nem quero apagar da memória o que sinto hoje: essa desorientação, a incerteza, essa insegurança. Igualmente desejo que você não esqueça tudo o que estou lhe contando e que essa carta venha a ser o botão para as mudanças necessárias que tanto almejamos. Espero que ao ler essa carta, você não se arraste em tentativas amargas e não se minimize perante as dificuldades. Que você nos traga a esperança de dias melhores, que restabeleça a normalidade de nossas vidas e que chegue para colocar todas as coisas no seu devido lugar.

Esperamos ansiosamente a sua chegada.

Um grande beijo,

Gilmar Café.

# O Verbo e o Vírus

*Eduardo Borges de Jesus*

No princípio não era o Verbo. No princípio era a criatura palpitante, devoradora incontrolável da seiva materna, era a matéria animada pelo desejo parasitário. No princípio era a coisa, a carne vibrando a sua brutalidade consentida. No princípio era o anti-Pai. Até que um dia essa pulsação bestial se fez Verbo, palavra vigiada, frase aprisionada na sintaxe da angústia. Fez-se José da Silva. E deram-lhe um par de asas, inúteis porque a expansão do céu exigia muito mais. E deram-lhe os deuses com suas varas corretivas. E com pontapés lançaram-no na Terra, que já não era mais vazia e sem forma: a Terra era uma linguagem feita de ruas, instituições e automóveis apinhados de Verbos. E deram-lhe o código: és Verbo, e se te fizeres Silêncio proibido, e se te fizeres Grito, e se te fizeres Poesia, certamente morrerás.

Nada estava em ordem, nunca esteve. Mas ele, José da Silva, carne que se fez Verbo, embora desconfiasse, às vezes, da existência de um caos invencível, via na rotina uma rota, um mapa que era melhor seguir sem fazer muitas perguntas. Então seis dias eram o suor no rosto e a mais-valia em troca do pão, e o sétimo era um abismo de onde brotavam os próximos seis. Tudo conforme o mapa. Conforme a legenda. Conforme a rota.

Mas o Vírus chegou. E o Vírus, diferentemente de José da Silva, era a matéria parasitária que jamais se faria Verbo, jamais se adequaria à sintaxe do Bem e do Mal. O Vírus não era quente, e nem frio, e nem morno. O Vírus não tinha Pai nem Mãe. O Vírus, brutalidade incorrigível, invadiu a Terra, violou a linguagem vigente, despedaçou-a com barbarismos, e nós e José da Silva, carnes já feitas Verbo, fugimos para casa como se tivéssemos sido expulsos do paraíso.

José da Silva isolou-se (não era dos indispensáveis à existência dos seis dias). O mapa agora estava rasgado. A casa tornou-se uma rota, mas uma rota constantemente submetida à desconfiança. O caos sempre esteve lá, aqui e ali. O caos era Deus. Perguntas antigas dançaram em sua cabeça sob uma nova e desesperada melodia: “Por quê?”, “Sim ou Não?”, “E daí?”. Veio a insônia, uma dentre outras portas abertas para o Inferno. Veio a tosse, demônios chafurdando em seus pulmões. Veio a febre. Sim, o Vírus indiferente possuía a carne de José da Silva, aquele Verbo em tumulto. Dias e dias – o sétimo e os outros seis repetiram-se algumas vezes – entre as paredes brancas do hospital. Teve visões da sua própria morte, de sua carne inerte, carne só, sem Verbo, exposta à linguagem monótona do cemitério. Seria o fim? A pergunta mais dolorosa (“Pai, por que me abandonaste?”) traduzia-se num código de suspiros, lágrimas e ranger de dentes. Mas não, não era o fim. José da Silva, carne e Verbo, resistiu à investida cega do Vírus.

Viveu. Mas ainda era o mesmo? Teria o hóspede terrível aberto os olhos daquele homem para que visse que estava nu? Teria aquele homem, carne e Palavra, passado a imaginar como seria se ele fosse Vírus e não Verbo? Não sabemos. E se não sabemos, nos calemos quanto a isso, para que a blasfêmia não saia de nossas bocas, para que nossa própria palavra não nos condene.

# Introspecção cerebral

*Priscila Teixeira*

O que tem dentro da cabeça? São pensamentos? E como eles te fazem sentir? Muita cobrança, cobrança demais, exigências que não lhe cabem, não valem, não devem valer. Não são para ter. Só peço cuidado. Cuidado com as vozes, aquelas maléficas, que são tão poderosas a ponto de te cegar. Você chega na frente do espelho e o que você vê? Responda com sinceridade. É, a gente tende a observar mais as coisas negativas de si. Cuidado com as vozes, aquelas maléficas, que são tão poderosas a ponto de te paralisar. Deixar-se inerte, só seguindo o fluxo de forma automática. E quando você perceber, já se perdeu de si.

O que é a cabeça? É consciência? General do corpo? É *ori*? E como você lida com a sua espiritualidade? Não tô falando de religião, tô falando de intuição. Aquelas vozes que te alertam, te movem. Que abrem os teus olhos quando por conveniência você não quer enxergar. Te obriga a sair da zona de conforto. Faz com que você se veja de fora. Para. Se analisa, e entre os pontos negativos e positivos mostra o equilíbrio. A perfeição que se constrói e provavelmente não se conclui. Se ainda não seguiu a sua intuição, comece. Ainda há tempo de ver o seu melhor. E de colocar em prática o autoconhecimento para que não se perca de quem tu és.



# Cartas para Valentin: Escrevivências na pandemia

Luciene Vieira Pereira  
Hebert Luan Pereira Campos dos Santos

Amargosa - Bahia, 22 de Maio de 2020.

Querido filho,

Escrevo-lhe para contar como foram os meses pelos quais estivemos isolados dentro das nossas próprias casas devido a um vírus chamado COVID-19 (SARS-CoV-2).

Escrevo-lhe para te deixar a par de tudo que aconteceu durante estes dias, pois sei que, talvez, os livros de história jamais relatarão o que passamos aqui.

Escrevo-lhe acreditando que, no momento em que ler esta carta, com os restos de esperança que ainda me sobram, o mundo seja outro.

Neste momento, atravessamos, talvez, uma das maiores e mais importantes crises sanitárias de todos os tempos: a pandemia pelo COVID-19. Registramos, no momento em que te escrevo esta carta, o número de 465,1 mil brasileiros infectados e 27,8 mil mortes por conta desse tal coronavírus.

Queria, meu filho, que essa COVID-19 fosse mais uma daquelas gripezinhas, a qual o presidente do nosso país, fez questão de esbravejar.

É maio de 2020 e estamos há cerca de três meses presos dentro das nossas próprias casas, talvez, os livros de história registrem que todos tiveram a opção de estar dentro das suas próprias casas, inclusive, aqueles que possuíam a rua como seu lar. Meu filho, o mundo parou e diversas medidas foram implementadas com vistas a reduzir o número de infectados: distanciamento e isolamento social, proibição de qualquer evento que causasse aglomeração, suspensão de aulas em escolas e universidades, fechamento de comér-

cios e de transportes interestaduais e intermunicipais, divulgação massiva de medidas de higiene para redução da transmissibilidade (lavagem de mãos, uso de máscaras), entre tantas outras.

Filho, espero que saiba que o Brasil, neste período, permanecia sendo um país desigual. Tais medidas não chegaram a todos os brasileiros, uma vez que, lavar as mãos com água limpa, por exemplo, ainda era um privilégio: no nosso país, 34 milhões de pessoas viviam sem água encanada e 100 milhões não possuíam coleta de esgoto nas residências.

Filho, espero que essa realidade, no momento em que esteja lendo esta carta, seja diferente, porém boa parte dessas pessoas que não tinham o direito à água limpa e a saneamento básico eram pretos e pardos. Os descasos estatais voltados para a população e as políticas de isolamento seguiram sendo seletivas, privilegiando alguns e relegando, intencionalmente, parte da população a morte. A necropolítica sabe bem qual é a parte dessa população: em duas semanas, a quantidade de pessoas negras que morreram por COVID-19 no Brasil quintuplicou, sendo que o risco de morte por coronavírus foi 62% maior para negros.

Além das diversas doenças negligenciadas que também acertavam, em maioria, o povo negro, convivíamos com a certeza de que muitos dos nossos morreriam para essa tal COVID-19. Ainda que eu tivesse esperança, meu filho, as atrocidades contra o nosso povo seguiram acontecendo. O medo que nos cercava não era somente o medo deste vírus – o qual a gente nem conseguia ver –, seguíamos cercados pelo medo da arma e dos tiros que nos acertavam certamente, com destino, horário e localização definidos. Nosso povo, filho meu, seguiu sendo o alvo de um racismo estrutural que nos matava, sufocava, limitava e ainda exterminava.

O cenário brasileiro, contudo, foi muito mais complexo e preocupante do que no resto do mundo. Possuíamos, na época, 748 mil pessoas privadas de liberdade – em condições precárias de superlotação de celas, um fosso existencial cunhado pela desigualdade social, com populações vivendo em condições precárias de

habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração. Vivenciamos uma sobreposição de vulnerabilidades entre os mais jovens e os mais idosos também.

Durante estes quase três meses, acompanhamos o desnudamento de uma sociedade que seguia infectada pelos mais diversos vírus: racismo, machismo, sexismo, misoginia, intolerância religiosa e tantos outros males.

Vivemos em tempo de trabalho remoto, mas cabe aqui, meu querido filho, te dizer que neste momento existiam no país 12,8 milhões de desempregados. Cabe ainda te deixar ciente de que, embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) e as mais altas instâncias tenham sugerido a adoção de trabalho remoto, este seguiu sendo um privilégio de poucos: muitos tiveram seus salários cortados, outros tiveram seus contratos de trabalho findados, outros tiveram que seguir sendo linha de frente para manter a estrutura social.

O capitalismo nos impôs que deveríamos decidir: saúde ou economia? Isto é, vidas humanas ou capital para empresas? CNPJs ou CPFs? Fomos convidados a repensar quais os papéis dos dois Es com letra maiúscula (Estado e Economia).

Ainda que isolados, não tivemos tempo para a recreação, para o autocuidado, para o engavetamento em si mesmo, para a autorreflexão. O capitalismo nos impôs, o tempo todo, que precisávamos produzir e, ainda que, boa parte das atividades estivessem paradas, o lema era: a vida não para. Ainda que escolhêssemos o ócio, esse, na lógica capitalista, deveria ser um ócio produtivo. E foi assim que muitos de nós seguimos, meu filho: fazendo dos dias em que o planeta pediu para que parássemos, uma verdadeira máquina de produção. Agendas cheias: *lives*, vídeo aulas, *webinar*, mesas redondas e todas as possibilidades de reunião e trabalho virtual que você possa imaginar, seguíamos assim, sem poder parar.

Talvez, os livros de história não irão te contar que vivenciamos a escalada de um representante político alvo de deboches internacionais, por posturas cruéis e insensatas. Foram das mais diversas atrocidades, querido filho.

Veja só, durante um período de crise sanitária, onde todos os países e governantes de Estado estavam energicamente envolvidos e motivados em conter a disseminação do vírus, o presidente do nosso Brasil esteve focado em rixas políticas e ministeriais.

Do outro lado, registramos um mar de solidariedade: sociedade civil, organizações não governamentais, comunidades e artistas motivados a ajudar, cada um da sua forma. Os pesquisadores brasileiros trabalharam incansavelmente para trazer possibilidades de contenção da disseminação do vírus. As universidades, que mesmo frente a tanto desmonte e ataque, se mostraram fundamentais para o combate a este vírus: projetos de pesquisa, ações de extensão, mobilização e capacitação pelas secretarias de saúde e diversos outros projetos foram encabeçados pelos responsáveis por uma balbúrdia científica.

Todo movimento da ciência, meu filho amado, foi também alvo de *fake news*. Vimos, no piscar dos olhos, o poder da internet, das redes sociais e da conectividade que mesmo possibilitando conexão mundo afora ainda permanecem sendo excludentes. Discutimos sobre telemedicina, ensino a distância, plataformas virtuais e *fake news*.

Ainda que o cenário tenha sido difícil, a pandemia nos trouxe certezas e incertezas: o tempo para sim, querido Cazuza; os planos também esperam e estagnam; a economia, cunhada pelo capitalismo, só funciona se existir gente; e gente só existe, se tiver vida. Eu espero que o futuro não repita o passado.

Querido filho, numa das músicas de Djavan, que recebe coincidentemente o nome “Carta” ele diz que a felicidade pode ser simples como um aperto de mão, espero que seja este o vírus que você contraia, ainda que as intempéries dessa estrutura nos assuste.

Espero que, ao ler esta carta, você compreenda o que este momento significou para mim, para os seus semelhantes e para o nosso país.

Muitos abraços e beijos, pois espero que, no momento em que esteja lendo esta carta, o tempo seja outro e o toque caloroso seja possível, sem medos.

## As *lives* de Teresa Cristina: o tamanho da nossa alma

*Sarah Oliveira Carneiro*

Minhas irmãs me falaram das *lives* de Teresa Cristina que acontecem todas as noites no Instagram, de forma bem caseira, sem patrocínio, sem os alardes da TV Globo e têm muita repercussão, mas eu ainda não tinha assistido. Um pouco, porque a internet daqui de casa estava péssima, caindo sem parar a partir das 19h; um pouco, porque eu não estava muito convencida de que eu queria me envolver com a efervescência que está expressa nas intervenções de TT, como a carismática cantora é carinhosamente chamada.

Desconfiava que a exaltação para a qual TT nos conduz me chegaria fora do tom, num momento em que as perdas pela Covid-19 são dilacerantes, algumas cidades brasileiras vivem seus piores dias e o tempo nos pede reclusão, silêncio, oração. Mas o que eu mais tenho feito nesta quarentena é demolir conceito para montar outro, depois remontar, e quando penso que não, o conceito sumiu, podendo ou não ressurgir – já aconteceu de não voltar mais, e está tudo bem.

Fui, então, ao encontro de TT e senti algo que eu ainda não sei dar nome, mas tem a ver com a vastidão existencial, esta força que parece somente ser visível e acessível em sua essência, quando estamos a um pé do abismo, cruzando limites, alinhavados/as com a incerteza, como estamos agora. É nesta hora que vemos que a vastidão é mesmo a costela da qual viemos. A paleta de sentimentos que nós, humanos, abarcamos é desconhecida, gigante, surpreendente. Somos caixas de pandora.

Numa das *lives*, Teresa Cristina, partindo de canções de Gil-

berto Gil e Caetano Veloso, fez uma ode à amizade. Foi a do dia 3 de maio. Emocionante! Ressaltou amizades como a de Marisa Monte e Arnaldo Antunes e a de João Bosco e Aldir Blanc<sup>1</sup>, para quem emanou as melhores energias, pois ele, infelizmente, foi infectado pelo coronavírus e está internado. Fiquei triste em saber e espero que ele se recupere.

TT canta sambas lindos. Vê-los, senti-los, escutá-los, tendo como “pano de fundo” tudo que está acontecendo, hoje, agora, é comovente, muito, muito comovente. Ela está fazendo história e todos esses vídeos que vem gravando e que ficam disponíveis somente por 24 horas tinham que ser eternizados, catalogados. São riquíssimos! E eu não tenho dúvida de que estamos diante de um material que porta um forte apelo no campo da memória.

Teresa Cristina “recebe” um monte de artista. Em tela, o Brasil que tem vigor. Em tela, uma mulher dando tudo de si para salvar a noite. Diante de nós, uma mulher que entrega sua voz e o seu espantoso saber musical para transmutar dor em alegria. É um negócio muito potente. A música é decididamente uma das melhores coisas que a gente inventou, é das maiores pérolas que favorecem o viver.

Eu chorei, eu lembrei da minha mãe, eu rezei pelas pessoas todas, eu senti pena de todos e de todas nós, eu dancei, eu meditei, eu respirei fundo, eu agradei, eu ri, eu mandei beijo pra Fábio Assunção, que estava também acompanhando a *live*; até que Marina Lima apareceu. Ela cantou e elas conversaram e eu lembrei de um Mercado Cultural, em Salvador, em que, quando eu chegava em casa, depois de passar horas e horas vendo arte, eu escutava o disco “Pierrot do Brasil”, de Marina, três, quatro, cinco vezes seguidas, aí eu lembrei de Ruy Cezar, da Casa Via Magia, que fazia acontecer aquele festival incrível na cidade, ele que nem está mais aqui entre nós, e fui puxando fatos muitos da minha vida, fui vendo

---

1 - Esta crônica foi escrita no dia 3 de maio e Aldir Blanc infelizmente não resistiu e morreu no dia seguinte, dia 4.

que a vida se faz presente aqui e agora, e tomar pé disso todos os dias tem muito sentido, sempre teve, mas nestes tempos nossos parece que tem ainda mais.

Seu Mateus Aleluia fala que o som veio antes de tudo, inclusive do verbo que se fez carne, porque antes do verbo, havia o som dos mares, o som do farfalhar das folhas, o som dos animais. O som é, para ele, a vibração, o barro que concebe a vida. E música é som. E eu continuo: samba é música. Samba é som. Samba produz vida, e é esta aula que Teresa Cristina está a nos oferecer todas as noites. Sou gratidão, TT.



## Navegação de errantes



# Cinco anotações confinadas

*Rubens da Cunha*

1

Isolamento, isolar, ilha.

Lá - no antes - essas palavras se encontravam em ínsula.

Por agora, insular-se é preciso,  
para que haja lá - no depois - cada vez mais

penínsulas.

2

Será que ilhar-se tanto continuará sendo preciso?

Ilhar-se em casas, grupos, parencças, pátrias, preconceitos, fronteiras, línguas?

Terá sido preciso um isolamento para sabermos que ninguém é um isolamento?

3

O mundo ficou pequeno. Passamos a ver o outro cada vez mais filtrado pelas telas. Mostramo-nos cada vez mais filtrados pelas telas. Em tempos de confinamento, isso tem sido um paliativo, uma ilusão necessária.

Até quando?

O corpo é presença. O outro é presença.

O outro, esse que é um eu num lugar outro.

O outro, esse que converge ou diverge de mim.

O outro corpo: espelho necessário para que eu seja.  
O corpo do outro: cinco sentidos, intuição, sangue, pele, sentimento.

*“... Porém de perto, o original  
do que era antes correção fria,  
sem que a câmara da distância  
e suas lentes interfiram,*

*Porém de perto, ao olho perto,  
sem intermediárias retinas,  
de perto, quando o olho é tato,  
ao olho imediato em cima...”*

É, João Cabral, não há como tornar o olho tato só pela tela.

4

*Casa é ilha.  
E o teu amor é sempre travessia.*  
(H. Hilst)  
A presença se dá fora da ilha  
e se dá na travessia...

5

Agora  
- enquanto estamos isolados -  
talvez seja a hora  
de sermos continentes.

Seja hora de desmerecermos  
as ilhas que nos tornamos.

## Desfoco

*William Conceição de Jesus*

A estagnação provocada pela inércia exaustiva que esse isolamento forçado tem desenvolvido em alguns corpos (e me incluo), tem nos colocado em estados monótonos e desenvolvido atividades exaustivamente repetitivas. Percebi neste processo o quão cansativo é levantar da cama sem um direcionamento ao longo do dia. Neste pequeno ensaio tentei reproduzir um momento em que acordei cansado de dormir.



*Crédito da foto: William Conceição de Jesus*



*Crédito da foto: William Conceição de Jesus*



*Crédito da foto: William Conceição de Jesus*

## Música-poesia: Parte de mim

*Maria das Graças Mascarenhas Queiroz*

### **Parte de mim**

Se eu fosse escrever  
Uma poesia para mim,  
Parte do todo  
Se apartaria  
E uma história sem notas  
Seria meu “eu”  
Parte de um todo  
Melodia de notas sem fim

**Seria uma mulher sem mim,  
Mulher de dissabores  
Mulher sem cores,  
Mulher sem rótulos  
Mulher digna de mim**

Na poesia não escrita  
Uma das formas de se entender a mulher seria  
Descompreendida da conotação sexual  
De seu lugar social  
De ressignificar a pluralidade  
Desatrelada da imposta afetividade  
Recriada a identidade  
Eu seria uma mulher  
**Parte mim.**

## Eu tenho raiva

*Alan Barbosa de Santana*

Por todos os dias em que levantei  
por todos os dias em que não deitei,  
por todos os dias em que me calei  
eu tenho raiva.

Quero que vejam a parte mais bela de mim  
aquela quarentenada antes de todo esse caos começar,  
que alimentei com todo tipo de cálice  
eu tenho muita raiva.

Eu tenho raiva do estado genocida que, em cima do meu povo,  
eleva sua operação matemática de levar um e mais um e mais um  
e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um  
e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um  
e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um e mais um.

Eu tenho raiva por todas as vênus mortas e silenciadas nesse país,  
por todes que não puderam alinhar seus planetas  
por todes que ainda estão a deriva nesse imenso vácuo social,  
e desejo que toda nossa raiva provoque um novo *big bang*.

Minha ilha está em chamas e por isso tenho raiva  
eu tenho raiva de mim  
tenho raiva de você  
tenho raiva de todos vocês.  
A paz só reinará quando todos sentirem raiva.  
A todes eu rogo esta praga.



O começo e o fim do mundo. Crédito da ilustração: Alan Barbosa.

## Quarenteneiras I

*Ana Verônica Rodrigues Silva*

Quem é você?  
todo mundo quer saber  
O que é isso?  
Um nadinha de nada?

De onde você veio?  
onde estava antes,  
Muito antes de Wuhan?

*Decifra-me ou te devoro*

Veio fazer o que por aqui?  
com sua ubíqua presença  
insidiosa  
malévola  
mortífera.

Veio desconcertar a ordem capital das coisas do mundo?  
difícil crer  
Di Lampedusa não nos deixa esquecer as lições da História,  
mudar para continuar igual  
o dinheiro sempre se reinventa.

Você  
uma tira de RNA  
minúsculo fragmento  
um pedaço de qualquer coisa  
nanico  
nanométrico  
aquém da vida.

Um tóco de nada  
assombrando  
com o medo, o sufoco, a dor e a morte.

Outro dia, em uma bela igreja queimada, um padre rezava  
era uma igreja secular  
do Velho Mundo,  
testemunha de pedra  
de outras pragas e pestes,  
no fim a reza dizia:  
*la vie est toujours là!*

E por aqui, nesses tristes trópicos  
o que diremos?  
*Oremus!*

## Quarenteneiras II

O nanico nanométrico  
botou pra correr  
pra dentro  
da casa,  
pra dentro de si  
que agonia  
por estar só  
por estar em companhia.

Lá dentro dos hospitais  
na trincheira quente  
mais aflição  
de quem cuida  
de quem é cuidado.

Enclausurados em seus escafandros  
uns tentam desafogar-se  
da angústia respiratória.  
Sem escafandro, outros buscam com o olhar  
o ar que já não lhes chega pelos pulmões avariados,  
contou um enfermeiro entre sensibilizado e impotente  
*José e agora?*  
*Se você gritasse*

Lá fora,  
as cidades que ficaram desertas  
com sua alma quarentenada  
agora animam-se  
a ânima moveu-se.  
Talvez a presença dos arquétipos da Revolta da Vacina.

Nas beiradas da pólis  
as imagens de novos cemitérios  
covas rasas aos montes  
para sepultar as mortes severinas  
uma sinistra reforma agrária?  
Um naco de terra  
*de bom tamanho/ nem largo / nem fundo.*

Essa tragédia pandêmica,  
televisionada,  
desafia a esperança esquelética,  
mas ela resiste  
a primavera chega, não falha.

Ela virá  
refazendo tudo  
*abacateiro teu recolhimento é justamente/*

*o significado da palavra temporão.*

Salve, salve  
Saravá!!!

## Quarenteneiras III

Dá-me um pouco d'água  
clara  
do barro  
da fonte  
do filtro.

Doce química  
o barro e a água  
a mitigar a mágoa.

O filtro se compra na feira  
na de Caruarú, há de se ver  
*de tudo o que há no mundo  
nela tem pra vender.*  
Só não a fonte.

Nem a sede.

## Quando voltar me traga o mar

*Lua Candeia*

### Áudio

ACREDITE EM MIM  
E NOS MEUS OLHOS DE FUGA

*Joyce, corte a carne. Sem demora.*

Gosto de começar amaciando ela bem devagar, fica mais fácil o corte, ela também prefere, acredito eu. Foi um acordo que deu certo entre nós. Mas eu conheço gente que é mais bruta, já chega e enfia a faca e pronto. Não. Não é assim que se faz. Não dá certo. Não funciona na panela e nem na boca. Ela tem que ser tocada com carinho. Depois que ela tá bem molinha, bem molinha, quase se desmanchando. Água por todo canto. Aí, então, eu começo a cortar, sempre do fim pro começo, sem pressa. Não precisa ter pressa. Ela não vai fugir. Essa daqui, olhe! Tem uma textura parecida com carne de ausência em becos sem saída. Becos sem saída. Carne de ausência. Olhe. Pegue. Pegue. Pegue. Sem saída. Encurralada. Sem saída. Sem saída. Encurralada.

Vamos. Fica pra janta.

Não dá.

Dá sim. É só dizer que quer.

Não dá.

Eu fiz ela só porque você gosta.

Abre o portão pra mim?

E pra onde você vai?

Praia.

Você é um vazio mesmo.

*Calma. Fique calma. É melhor que ele vá mesmo.*

...

Quando voltar me traga o mar. Me traga o mar.

*Pare de gritar, ele já não te ouve mais. Entre. Entre logo. Por favor. Joyce. Joyce.*

Eu vou deixar a porta aberta pra ele entrar de vez com todo o sal e arraias e tubarões e ovos de tartarugas e o que mais vier. Ele vai dormir comigo, comigo, na bancada da cozinha, porque é o ponto de fuga maior que eu tenho pra lidar com as inundações primeiras. E de noite, se eu tiver entranhada na altura – com medo, mergulho na sala. Me arrisco. Nado entre os livros, a mesa, o tapete. Me apoio no sofá, que também é areia, para me notificar que estou a princípio do fim. Sento. E dou de cara com um tubarão. Encaro ele.

*Não faça nada. Não se mexa. Não diga uma palavra. Você não conhece ele.*

Ladrão da minha sensatez.

Lábios sem rumo.

Amante perdido.

Beco meu.

Saio desse jogo que eu gosto muito e nado até a cozinha. Me rebeno nas ondas próximas do fogão.

Me dá um pedaço dessa carne?

Não.

Você mentiu pra mim.

Eu sempre menti.

Me enfio ainda mais, me misturo ainda mais em água e sal. Perdida e esmiuçada, chego no banheiro e sou posta na parede pela arraia. Aonde vai?

Não sei. Me solta.

Quebro o espelho nela, porque preciso me defender. Como consequência os meus segredos todos se repartem. Perco minha carne. Maldita.

Inútil.

Eu?

Você.

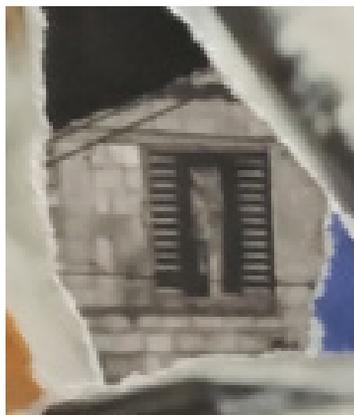
Desculpa. Não foi porque eu quis.

Vai se ferrar.



Crédito da imagem: Lua Candeia

*Respire. Foi você quem desejou profundo.*



Crédito da imagem: Lua Candeia

Consigo, enfim, sair desse duelo patético. Quero minha cama. Eu preciso tanto dela. Me jogar. Deitar atravessada naquele deserto. Porque pra mim já deu. Minhas pernas estão sem forças e meu pulmão começa a inflar. Cada vez mais. Inchando. Inchando. Inchando. Explode. Eu não aguento. Amor. Vírus repentino. Nó desenfreado. Curva de ataque. Inchando. Inchando. Mais. Mais. Mais. Igual os olhos da baleia que me olha dessa janela. Chego. Estrangeira no meu próprio lençol – embebedado. Cavalos marinhos, ostras, e até mesmo um destino semiárido migraram pra cá. Território duvidoso. Geografia desconhecida. No entanto, eu sou obrigada a aceitar essa cama destemperada e esse monte de desconhecidos, que invadem as encruzilhadas do meu sono.

*Joyce, cuidado com o peixe espada debaixo de seu travesseiro.*

Trace curvas mais possíveis. Estradas mais possíveis. Observe. Observe. Veja que me perco. Desapropriada em tua solidão. Eu reconheço suas fraturas. Olha pra mim. Eu fiz questão de romper com o canal que ligava dentro e fora. [Calcário]. [Arenito].

*Eu não tenho que lidar com isso. É você com o seu mar.*

Poxa! Estou presa dentro dessa casa com todo esse mar, te implorando ajuda. Eu não sei o que fazer mais. Não quero que mergulhe comigo. Não é isso. Eu só quero sair daqui. Me ajuda a fazer um canal, então, pro mar poder encontrar outras vias. Se não for possível, diga. Que eu vou entender.

*Ainda que eu saiba lidar apenas com as falhas geológicas. Quando eu voltar, levo o seu mar comigo, pra inundar a minha seca.*



*Crédito da imagem: Lua Candeia*

## **i so lamento**

*Wellison Silva*

A cobrança é: fica em  
casa.  
Na saída,  
o medo toma conta.  
Com receio de tudo:  
casa, compras, pessoas  
de mim.  
O reflexo do invisível

pode ser você  
ou não  
ninguém viu  
não se sabe.  
Números.  
Notícias.  
Desespero.  
Quem vai?  
ninguém.  
Co ro na  
(não peguel!)  
vírus.

## O barulho da dor

*Fernando Portirio*

Você já ouviu o barulho da dor?  
ela pipoca por dentro  
sussurra por fora  
e escorre entre os poros brutalmente rasgados  
ateados por reflexos manchados na carne.

Carne, carne  
pra comer  
vender  
usar  
descartar  
atear fogo, fogo, fogo!  
Pisar, pisar, pisotear...!

Você entende o barulho da dor?  
É visceral, rasga tudo, tudo  
é uma chaga sem cura  
um arame farpado entranhado nos cabelos  
pelos, beijos.  
É uma guerra entre a bala achada  
e a mão desesperada pedindo socorro  
socorro, socorro...

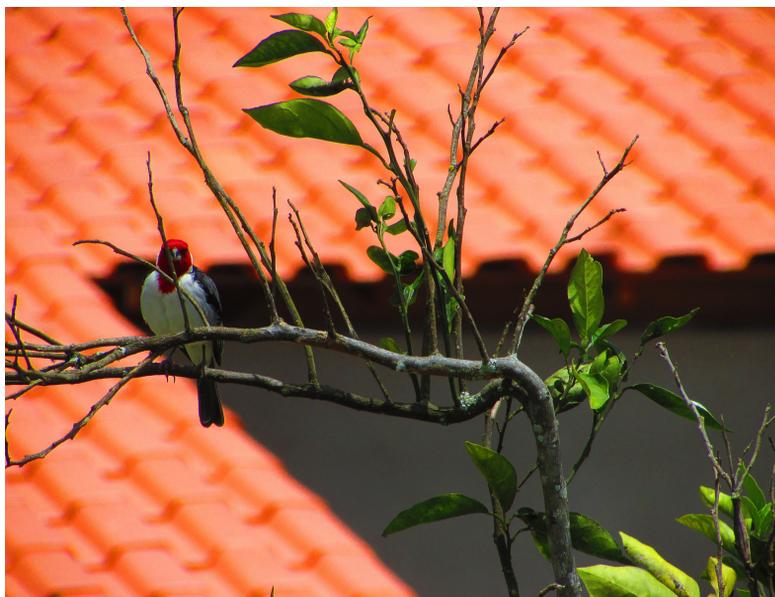
É o choro  
é a dor esfregada  
é o corpo de uma desgraçada  
que leva um tapa na cara  
e escuta: fica em casa descarada, puta, retardada  
fica em casa, fica em casa,  
e olha a bala!

## Pequeno ensaio sobre a Liberdade

*Alessandra Gomes*

Estar confinada em casa e, em muitos casos isolada, é uma experiência de privação da liberdade. Alguns estão em casa com familiares, companheirxs-afetivos, colegas com quem dividem sua residência. Outros estão distantes de seus vínculos, sejam eles familiares ou de amizade. Alguns não possuem sequer bichos de estimação. Estar unicamente consigo é um desafio de amor e autocuidado. Tornar-se amigo de si mesmo, de plantas, insetos, pássaros que rodeiam a casa e outros animais que nela adentram, é também uma experiência vital, afetiva, que pode transfigurar-se em experiência estética e de descobrimento de si e do mundo. É também um modo de vivenciar o cotidiano observando detalhes que antes passavam despercebidos. A casa, num momento de isolamento e confinamento, torna-se “o” mundo.

Aqui, nesse pequeno ensaio fotográfico, trago imagens daquelas que representam, talvez, o maior símbolo da liberdade: os pássaros. Da janela de meu escritório, da varanda e do quintal, observo-os chegando, partindo, cantando, procriando e morrendo. Dentre eles uma abelha-abelhuda surge também para colaborar com o nascimento de outras fiéis companheiras: as flores do jardim. Como capítulos de uma novela-cotidiano, esses personagens surgem. São meus companheiros diários. Alegam meus dias, me encantam, musicam minhas lágrimas. Em casa, privada de liberdade, olho os pássaros e ensaio voos por meio de meu olhar fotográfico, vivo meu novo presente às vezes como dor, às vezes como dádiva. E vislumbro silenciosamente, muitas vezes encantada por seus cantos ou pela imagem da abelha-abelhuda que poliniza flores, a minha futura liberdade. Liberdade acrescentada desse presente. Desses presentes.



*Liberdade atenta. Crédito da foto: Alessandra Gomes*



*Liberdade guardiã. Crédito da foto: Alessandra Gomes*



*Gestando a liberdade. Crédito da foto: Alessandra Gomes*



*Liberdade semeadora. Crédito da foto: Alessandra Gomes*



*Liberdade atenta ao horizonte. Crédito da foto: Alessandra Gomes*



*Morte da liberdade. Crédito da foto: Alessandra Gomes*

## A garota do retrato

*Críssia Magalhães*

Quem sou eu  
Se não um retrato de mim mesma  
Em óleo  
Amor  
Dor e vigor  
A juventude em seu apogeu.

Quem sou eu  
Se não aquela que há muito se esqueceu  
De ser o que eles creem que sou  
Prazer, sou eu  
Em todo ardor, calor e fulgor.

Quem sou eu  
Se não carne e osso  
Sou bem mais do que aquilo que ouço  
O poeta não me anteviu.

Quem sou eu  
Se não alma lavada  
Atenta ou avoada  
Paciente, nem sempre calma  
Maré mansa em copo d'água.

Quem sou eu?  
Quantos nomes tive?  
Quantas de mim ainda serei?  
Quando renascerei?  
Não sei.

Só  
Vou descobrindo  
Enquanto descortino  
O mundo ao meu redor.

## Jacaré nada de costas

*Aline Souza Mota Nogueira*

Chove chuva  
no meu sábado Imortal.  
Passo a manhã  
em mangas de camisas.

Passo a seco  
meu passado,  
Manguetown.

É nostálgico passar o tempo  
em casa,  
com CDS, borrifador e máscaras.

A luz vermelha  
acende a juventude,  
que molhou o travesseiro  
em noites secas.

A Avenida 35  
é em mim  
o CD de pop antigo  
esquecido na gaveta.

## Medo

*Vinicius Zurawski*



*Crédito da ilustração: Vinicius Zurawski*

## Relato de Meu Eu

*Leandro dos Reis Muniz*

Não estou só,  
Apesar de estar nesta casca do tempo,  
Em que todo dia é o mesmo dia  
- acordo, bebo o café, banho-me e me deito no sofá,  
e assim o dia se acaba no passar das horas iguais -,  
Ainda assim, mesmo dentro destes instantes de tédio,  
Eu não estou só.

Não estou só simplesmente porque há futuro,  
E o futuro não é o presente que se repete noutro dia.  
De certo, há muita intenção no amanhã  
- amanhã vou fazer isso... amanhã não vou fazer aquilo -,  
Só seria isso se eu não estivesse vivo,  
Mas estou bem aqui.

E mesmo que seja para realizar meus desejos mais egoístas,  
Eu não estou só,  
O desejo sempre resvala no outro ou nas coisas do outro,  
E nenhum eu é sozinho neste mundo, isto é óbvio.  
Ainda que eu esteja dentro desta casca de repetições,  
Afinal, tempo e eu são coisas correlatas,  
Assim como eu e o outro também são,  
Veja - se há tempo sem eu, não sei dele,  
e se há eu sem tempo, é uma mentira, não poderia existir,  
e... se há outro sem eu, não sei dele, ora,  
e se há eu sem outro, é uma mentira, não poderia existir -,  
Viu!? As coisas são mesmo correlatas, meu caro.

Agora é a hora da paciência,  
As ilusões de hoje podem ser cumpridas amanhã,  
Toda casca pode se quebrar um dia,

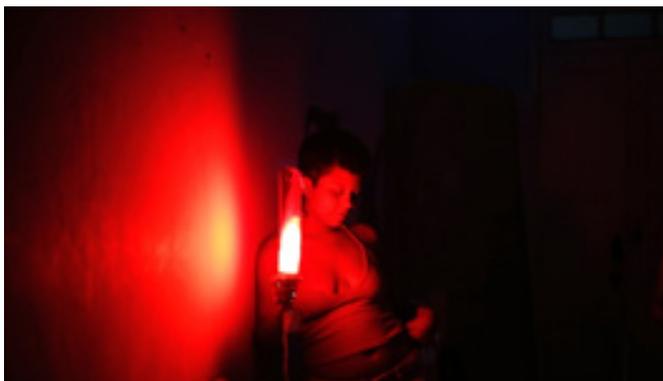
Ainda resta esta esperança  
- não quero parecer piegas,  
mas esperança é coisa que aponta para o futuro,  
coisa que mira o desenrolar do tempo,  
e ela vem bem dos fatos, bom que seja dito,  
tal qual esta obviedade aqui:  
eu, o tempo e o outro  
corremos sempre para o depois e para o além.  
De fato, eu não estou só.

## O poeta do cientista em festa

*Fernando Porfírio*

Mil festas em mim,  
Dançante, pulsante, efervescida.  
A vida é tão linda.  
Dolorida, alquimista  
Por isso tem crise, fetiche, exclusão, destruição.

Veste-se desrazão



*Crédito da foto: Valeska Coelho*

A festa em mim continua,  
Agora com realidade, sabor e verdade  
A vida é tão limitada.  
Assim que despi a gozada,  
Encontrei gotículas de angústia  
Uma carne crua,  
Onde navegam sob risco  
Os cientistas-poetas  
E nadam.

## Ser e Coexistir

Ludmilla Santana Soares e Barros

Quando o VIVER usa a RECLUSÃO

A RECLUSÃO permite a INCLUSÃO e a EXCLUSÃO do VIVER.  
A RECLUSÃO incita a INCLUSÃO do espírito para com a alma.  
A RECLUSÃO insta a EXCLUSÃO do ego do nosso eu material e emocional.  
A RECLUSÃO torna o convívio consigo, em muitos casos, dissonante e assustador.  
A RECLUSÃO é o único caminho para a EXCLUSÃO da dor e a INCLUSÃO do AMOR PRÓPRIO E ALTRUÍSTA.  
A RECLUSÃO permite a sua INCLUSÃO ao TODO DIVINO.

---

A difícil arte de VIVER

Há dias em que a vida torna-se difícil de ser vivida, e apenas sobrevivemos.

Angústias e solidões invadem a vida.

Incertezas e frustrações tornam-se o tempero indigesto da vida.

E a consequência nefasta é o vazio regado de desesperança!

Todavia, essas fases são realidades, assim como os devaneios de felicidade.

A felicidade deve ser imperativa, e não hormonal, pois assim deixará de ser um devaneio.

A felicidade deve ser Divina, e não material.

Nesses momentos de tristezas e dúvidas, por mais dolorosos que sejam, precisamos ouvir nossas dores. Ouvir nossos prantos vazios e sufocantes.

Ouvir a serenidade adentrando no espírito, junto com as lágrimas do alívio existencial.

A serenidade acompanha a tristeza, para assim transmutá-la em retidão.

E a retidão, mesmo na obscuridade, nos guia para a Luz Divina!

Precisamos apenas de tempo, para ouvir os prantos e hidratar a alma.

E a vida, em todas as esferas, surge e se mantém com a hidratação.

---

### A ambiguidade do LUTO PARENTAL

O luto parental engendra a dualidade no ser.

O SER se aproxima e invade nosso ser com perda e dor.

Sentimentos dilacerantes emergem do nosso âmago e reverberam no espírito e na alma.

Dores atrozes nos consomem.

Choros copiosos nos inundam.

E a desesperança instala-se como uma foice em nossa alma.

Nosso alicerce foi-se!

E não encontramos mais nosso ser.

E morremos!

Morremos para nascer, verdadeiramente.

Nascemos em vida, após perdas necessárias.

Nascemos para um acréscimo libertador.

Nosso ser liberta-se de sentimentos incertos.

Nosso ser consegue, finalmente e fielmente, compreender e apreender a liberdade do SER.

## Olhares da Pandemia

*Caique Fialho*

O projeto fotográfico *Olhares da Pandemia* mostra como o Coronavírus tem afetado a população brasileira, principalmente homens e mulheres negros. Nesse projeto, por exemplo, destaco a luta dos trabalhadores informais, como os feirantes e as quituteiras, que tiveram os trabalhos temporariamente interrompidos, desde que se fez necessário a regra do isolamento social, para o bem individual e coletivo. Diante da observação desse cenário, fui motivado a registrar fotograficamente três trabalhadoras negras de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Essa experiência desafiadora, em meio ao caos, me revelou a força feminina a partir dos relatos pessoais da vida de cada uma das personagens envolvidas. Aqui, apresento-as: Nara do Acarajé, Ileyldes dos Santos Conceição e Rosilene Rodrigues. A partir de agora, te convido para ver o resultado, denominado *Olhares da Pandemia*.

### Rosilene Rodrigues



*Crédito da foto: Caique Fialho*

Também conhecida como Rose, teve que se readaptar à nova realidade imposta pela disseminação do vírus, que vem amedrontando o mundo. Ela trabalha desde mocinha, com a mãe, na Feira Livre de Cachoeira. Já adulta, com formação acadêmica, Rose não deixou o local de trabalho. É de lá que ainda tira o sustento e mantém a casa. Infelizmente, ela não pode deixar de trabalhar. O pequeno comércio familiar continua ativo.

Rose se protege contra a Covid-19 usando máscara de proteção individual e higienizando sempre as mãos. Além disso, também é cuidadosa com a saúde dos colegas das barracas vizinhas à dela, chamando-os sempre à atenção quando é necessário. Pense numa alegria contagiante, é a que é externalizada no sorriso de Rose. O sorriso que não se desfez perante as dificuldades da vida.



*Crédito da foto: Caique Fialho*

### **Nara do Acarajé**



*Crédito da foto: Caique Fialho*

Uma das pessoas afetadas por essa pandemia é Nara do Acarajé, herdeira do ofício transmitido por Anália do Acarajé, que em vida também era conhecida como Anália da Boa Morte. Nara aprendeu a preparar o acarajé com a mãe, na época da juventude, depois disso, começou a vender os bolinhos na Praça Dr. Aristides Milton (onde na década de 30 funcionava a Feira Livre de Cachoeira). De lá para cá, já são mais de 30 anos de trabalho e dedicação ao apetitoso quitute afro-brasileiro.

Com a chegada da Covid-19, Nara teve que reinventar o modo tradicional da venda no tabuleiro. Agora, ela trabalha de casa fazendo entregas por *delivery*, o que, economicamente, não está sendo a mesma coisa de antes.



Crédito da foto: Caique Fialho



*Crédito da foto: Caique Fialho*

Lleylde é conhecida carinhosamente como Soy, mora na Ladeira da Cadeia, um bairro situado em Cachoeira. Ela trabalha, há mais de 18 anos, na Feira Livre da cidade. No local, começou vendendo desinfetante num carrinho de mão, e com o passar dos anos, montou uma tradicional barraquinha de madeira, muito comum naquela época, dando continuidade à venda dos produtos de limpeza.

Após um determinado período de tempo, Lleylde abriu uma banca de cereais e, por último, com ajuda e incentivo das amigas, optou por uma barraquinha de roupas, que mantém até os dias atuais.



*Crédito da foto: Caique Fialho*

Hoje em dia, além de atuar como comerciante, ela preside a Feira Livre do Mercado Municipal, e é reconhecida como uma das representantes das Mulheres de Axé do Recôncavo e do Brasil. No momento, Soy está sem poder vender as mercadorias, em virtude da pandemia, assim como estão as pessoas que dependem da venda praticada no trabalho informal.

Para que tudo isso passe logo, nós precisamos fazer a nossa parte. Devemos seguir as recomendações preventivas de combate ao vírus recomendadas pela OMS – Organização Mundial da Saúde: Fique em casa, só saia em caso de extrema necessidade, use a máscara de proteção de uso individual, evite aglomeração e higienize bem as mãos, com água e sabão ou álcool gel 70%. É uma atitude simples, que pode salvar muitas vidas. Adote e compartilhe essa ideia!



**Em terra (quase) firme**



## Refazendo experiência

*Renata Dias Oliveira*

Ultimamente ando com vontade de escrever sobre as diversas faces da vivência em isolamento social que experimento há mais de dois meses, em função das medidas de controle adotadas por governos e sociedade para deter a progressão aloprada do vírus. Embora esteja certa do quão desafiadora seja esta nova condição de vida, responder “*como você está?*” nunca me pareceu tão complicado. Por isso mesmo pretendi atribuir significado a este presente passando pelo movimento da escrita.

Esse chamado certamente vem das leituras de Ricoeur, Gagnebin, Kilomba, Sodré, dentre autoras e autores que dedicam grande esforço argumentativo para defender a autonarração como condição humana fundamental e, neste sentido, fazer compreender que nós, pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação, para além de lamentosamente analisar as vaguezas das histórias oficiais, devemos disputar a pretensão de inscrever no futuro a memória desta experiência do presente. Soma-se ainda o desafio trazido por Boaventura Sousa Santos (2000), ao recordar a crítica do matemático e físico francês Jean-Baptiste Fourier que dizia da incapacidade dos cientistas sociais em responder aos problemas fundamentais da humanidade, para além de explicar como eles são sentidos pela maioria de nós.

A interdição do ir e vir refaz todo o sentido da palavra *casa*. As paredes contém os movimentos, a pausa é necessária. As dimensões domésticas, produtivas, familiares e acadêmicas das relações sociais se desenrolam intercaladamente, reconfigurando os limites visuais de um espaço-tempo que agora assume múltiplas

funções. O longo período de permanência nestes limites me proporcionou inicialmente a pausa para ver melhor o crescimento das plantas, para ouvir o sino da Igreja de Nazaré que vem pelo vento me avisar que já é quase noite, para ouvir o disco cuja melodia faz despertar memórias que estavam soterradas pela dinâmica frenética imposta em rotina. No entanto, sensações de segurança e de descanso convivem com confusão e medo. A rigidez do corpo parece entender que há perigo lá fora. Um perigo invisível, inodoro, que não emite som. Que toma o ar, impede o respiro. Que age subitamente.

No início do período de isolamento, estimando que seria coisa de um mês de resguardo, eu pretendia manter bem posicionados os horários de trabalho, de apoio às atividades escolares da minha filha e de produção acadêmica. Ainda conciliaria este fazer com a gestão saudável da cozinha, período que me parecia perfeito para pôr em prática um desejo de maior autonomia no preparo da minha alimentação. No entanto, depois de três semanas, com o cansaço imposto pela sobreposição cumulativa das tarefas, todo este plano de engajamento parecia comprometido. Estimo que esse arrefecimento do ânimo vem de um pensamento que, na percepção de que verdadeiramente não temos o controle de nada, também abre mão de controlar esta nova rotina. Sem perspectiva de fim, o peso do confinamento vai se evidenciando em impaciência, em choros frequentes, em noites mal dormidas, em angústia. Daí o impulso para a escrita.

Em reflexões que tentam dar forma a um mundo pós Corona vírus, lancei mão de premissas benjaminianas sobre experiência e narratividade para o refletirmos também sobre o campo das artes, considerando as similaridades que constroem a experiência humana em ambos os momentos históricos. A experiência da fruição artística, por excelência, reivindica a reunião de pessoas, instaurando, por meio das trocas simbólicas ali estabelecidas, lugar propício à abertura de narrativas. Walter Benjamin associa a

pobreza da experiência humana ao período vivido em uma Alemanha destruída após a Primeira Guerra Mundial. O autor apresenta suas ideias sobre um período em que o silêncio produzido pelos efeitos do horror da guerra e da destruição teria tornado as pessoas mais pobres em experiências comunicáveis.

Em tempos de se temer o bioterrorismo, os teatros, cinemas e museus foram as primeiras organizações sociais a serem interditadas com as imposições decretadas para conter a propagação acelerada da doença. Estas unidades também serão as últimas a restabelecerem seu pleno funcionamento. Os fazeres advindos das recomendações sanitaristas durante o período de isolamento social já estão configurando novas práticas culturais, que ensejarão a adoção de novos protocolos de ordem sanitária por parte das casas de espetáculos, dos cinemas, teatros, museus, das escolas de artes. Desta disrupção nenhuma sociedade no planeta poderá se esquivar. Analisar a desarticulação das pessoas nos espaços de fruição artística – estejam elas na condição de público ou de profissionais –, é pensar, sobretudo, que a subtração dos encontros sociais incide em perda da capacidade de contar histórias de uma sociedade.

Isolados socialmente e sem perspectivas de retorno sobre suas atividades profissionais, uma parcela de artistas reconfigura suas produções com o intuito de migrar para as plataformas virtuais, consolidando plateias que agora interagem de maneira dispersa e exclusivamente teleguiada. A fruição do público ocorre privativamente, na intimidade das suas casas. Mas até que ponto esta fissura reorganiza de maneira estruturante as práticas de consumo cultural?

Precisamos ter em mente que a intensificação da difusão de conteúdos artísticos nas plataformas virtuais não pode alimentar a ideia de consolidação da democratização do acesso prometida pela internet. É notório que os grupos econômicos que ditam o que é bom ou não para ser consumido também reorientam seus

mecanismos de controle para buscar uma atuação cada vez mais racional neste espaço virtual redinamizado. Prova disso é a manutenção dos investimentos por parte dos conglomerados de comunicação e das indústrias de bens de consumo no patrocínio às *lives* e a outras materialidades audiovisuais que se somam às selfies para performar o corpo na mídia.

Fundamental neste momento é questionar em que medida as *lives* ou congêneres, ao serem difundidas em larga escala pela internet, dão conta da narratividade perdida com a suspensão da experiência social provocada pela pandemia. Em 1933, em um contexto de guerra iminente, Benjamin entendia que a popularização do romance se deu justamente por ser este um gênero literário que carrega em si a necessidade de concluir, de pôr fim a história. Para o filósofo judeu, quando a experiência coletiva se perde, as formas narrativas predominantes tendem a repetir a lógica das narrativas tradicionais, contrariando um movimento de abertura de narrativas. É muito possível que o *boom* das mídias sociais em tempos de pandemia esteja reproduzindo os abismos já vivenciados no mundo material.

Se em 1933 o mundo inteiro ainda não conhecia a internet, em 2020 esta rede virtual ainda é desconhecida para um quarto da sociedade brasileira. 46 milhões de pessoas no Brasil ainda não acessam a rede mundial de computadores, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados, que se referem aos três últimos meses de 2018, mostram ainda que “o percentual de brasileiros com acesso à internet aumentou no país de 2017 para 2018”, mas “25,3% ainda estão sem acesso [...] Em áreas rurais, o índice de pessoas sem acesso é ainda maior que nas cidades”<sup>1</sup>.

---

1 - Os dados aparecem no site Agência Brasil. Disponível em: <[https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet#:~:text=Em%20%C3%A1reas%20rurais%2C%20o%20%C3%ADndice,%25\)%20diz%20n%C3%A3o%20ter%20interesse](https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet#:~:text=Em%20%C3%A1reas%20rurais%2C%20o%20%C3%ADndice,%25)%20diz%20n%C3%A3o%20ter%20interesse)>.

Quase a metade das pessoas que não têm acesso à rede aponta que os motivos se referem ora à indisponibilidade do serviço na região em que residem, ora à indisponibilidade financeira para contratar um pacote de internet ou para comprar o equipamento necessário para acessar a rede. Embora a pesquisa não traga o recorte racial, sabemos qual é a raça predominante deste contingente populacional. Limitados em comunicabilidade, é este contingente populacional que tem o seu potencial de transmissibilidade e de narratividade mais drasticamente afetado. Como apresenta Paola Berestein Jacques (2012, p. 15), “são sobretudo os habitantes das zonas opacas da cidade, dos ‘espaços do aproximativo e da criatividade’, como dizia Milton Santos; das zonas escondidas, ocultadas, apagadas, que se opõem às zonas luminosas, espetaculares, gentrificadas”.

Esta massa social majoritariamente negra está alijada desta nova maneira de consumir cultura. Também é majoritariamente negro o perfil dos artistas que não terão a oportunidade de performar virtualmente. Nesse contexto, é a consciência histórica que deve nos imbuir do compromisso com os significados que atribuiremos a incidência do isolamento social. Analisar este fenômeno sob o prisma cultural requer um olhar que articulado com as distintas dimensões da comunicação.

Para a rede de sujeitos colocados à parte das transformações tecnológicas, a suspensão das atividades nos espaços de partilha significa o cancelamento de si enquanto sujeitos comunicacionais. Este cancelamento é dado não somente porque atuar artisticamente é contar uma história, mas também pela impossibilidade dos múltiplos intertextos instaurados a partir da relação do artista com a plateia. A questão agora pode ser eminentemente virtual, mas as estratégias que se desenham no presente apontam para caminhos já percorridos pelos movimentos sociais brasileiros, que historicamente disputa com o próprio corpo o espaço das contra narrativas. Cabe a nós, pesquisadores de Comunicação, implicar-

-nos assiduamente com a ideia de uma outra narração, articulada por meio de redes colaborativas de transmissão de conteúdos que visibilizem as experiências das ruínas, dos becos, das vielas, das zonas rurais, em um movimento que acompanha o compromisso ético e político de não reencenar silêncio e apagamento.

Comunicadores ou não, cabe a toda sociedade brasileira – sobretudo para quem vem conseguindo reconfigurar virtualmente suas atividades produtivas – materializar o compromisso com o estado de sobrevivência deste “Outro” artista. A resistência dos setores artísticos às investidas de governos retrógrados não pode mais ser assunto estrito àqueles implicados nesta cadeia produtiva. Esse comprometimento – que é mais potente quando feito coletivamente mas representa sobretudo um ato intransferível de exercício da cidadania –, passa inicialmente pelo interesse na gestão pública e pela apropriação dos instrumentos de luta política. Importa ainda dar publicidade à própria posição crítica, por meio manifestações que demandem, por parte do estado, o reconhecimento desta categoria como trabalhadores que são, pois muito embora majoritariamente configurados em vínculos informais<sup>2</sup>, representam cerca de 4% do PIB anual do país<sup>3</sup>. Na situação de emergência deflagrada pela pandemia do coronavírus, esse grito deve, enfim, exigir dos estados o cumprimento do pacto federativo que articula os três entes em torno de um sistema nacional de cul-

---

2 - Oportunamente, e com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT/BA), desde o início da imposição das restrições sociais, o Observatório da Economia Criativa da Bahia (OBEC-BA) – iniciativa desenvolvida no âmbito do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) vem desenvolvendo a pesquisa “Impactos da COVID-19 na Economia Criativa”. A iniciativa, que visa coletar informações sobre as consequências da pandemia para profissionais e organizações atuantes das diversas áreas culturais, acumulou, até o mês de maio de 2020, a participação de 255 organizações e 392 profissionais. Os dados revelam que 73% dos participantes, majoritariamente baianos, declararam não possuir vínculo empregatício formal até o início da pandemia.

3 - O Atlas Econômico da Cultura Brasileira, publicação que visa estabelecer uma padronização para medir a participação da cultura no Produto Interno Bruto (PIB), a soma das riquezas produzidas em um país. No primeiro volume, lançado em 2017, o Atlas traz a estimativa de que os setores culturais brasileiros representavam, em 2010, cerca de 4% do PIB anual do país.

tura que por ora deve ter sua natureza renovada pelo princípio de garantia dos direitos fundamentais aos agentes culturais do Brasil.

## Referências

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: \_\_\_\_\_. Walter. **Obras Escolhidas**. Vol. I – Magia Técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOCCHINI, B. Ministério estima que cultura é responsável por 4% do PIB. **Agência Brasil**, São Paulo, abr. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-04/ministerio-estima-que-cultura-e-responsavel-por-4-do-pib>. Acesso em 30 de maio de 2020.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 243-299.

TOKARNIA, M. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em 30 de maio 2020.



# Sob a “sombra da morte”

Ana Urpia

Viver numa ilha<sup>1</sup> não é, de todo, viver isolado. Não quando se está na eminência de ver-se invadido pelo mar. Seja o mar do vírus lá fora, nos ameaçando, seja o mar da vida de dentro – em sua pulsante criação imagética – com seus “*daimones*” e suas “fantasmagorias” a nos embarçar, constranger e assombrar (ABRAHAM; TOROK, 1995; HOLLIS, 2017; KIMBLES, 2014). Para estudiosos como Carl Gustav Jung (2013a, 2014), é no “mar”<sup>2</sup> de nossa psique inconsciente que encontramos as imagens mais fidedignas destas “figuras da imaginação” (MARONI, 2001) que nos falam todos os dias nos sonhos, nos mitos, nas artes, no outro e no mundo. Figuras que também podem assumir, por outro lado, um sentido de conforto, iluminação e proteção, com potencial transformativo e curativo importante.

Para Jung (2013b, p. 210), “tudo que é inconsciente projeta-se”, e tem efeito em nossa vida “interior” e “exterior”. Embora ele considere que com a introdução do conceito de inconsciente a alma ou psique “[...] estendeu-se para a fórmula: psique = consciência do eu + inconsciente”, chega a afirmar, em outro trecho que “[...] a verdadeira psique é o inconsciente, e que a consciência do eu só pode ser encarada como um epifenômeno temporário.” (JUNG, 2013b, p. 106). É sobretudo neste conjunto de ideias associadas ao campo da Psicologia Analítica que se apoia este ensaio, cujo objetivo é refletir sobre um dos possíveis efeitos da pandemia no domínio da vida psíquica: o medo da morte. Apoia-se ainda

---

1 - A imagem da ilha faz referência à situação atual de isolamento social em que estamos sendo obrigados/as, em função do risco de contágio pelo Covid-19, a ficar todos em casa.  
2 - A imagem do “mar” faz referência ao inconsciente. Com base no estudo comparativo de diferentes culturas, Jung verificou que a água é o símbolo mais comum do inconsciente (JUNG, 2014, p. 27).

naqueles conhecimentos ligados à cosmovisão ou percepção africana e aos estudos antirracistas.

Para Jung (2013a), todos nós estamos ligados ao ambiente por um sistema de projeções inconscientes. E não é o “eu consciente” que projeta, é o inconsciente que é projetado. O outro, o sonho, as situações da vida, as artes, funcionam para nós como um “suporte de imago<sup>3</sup> ou de símbolo” de tudo aquilo que imaginamos, desconhecemos, reprimimos ou que “[...] nunca foi apreendido cognitivamente, mas conhecido existencialmente”, nas palavras de Cristhopher Bollas (2015, p. 52) foi “conhecido [mas] não pensado”. A psique, nas palavras de Jung (2013b, p. 104), “[...] é o espelho do SER, é o conhecimento dele e tudo se move nela”.

Nesse momento em que estamos vivendo em “ilhas” ameaçadas de serem invadidas por um vírus com alto poder de contágio e de morte, o inconsciente com todas as suas “figuras da imaginação” e temas da vida, continua tonalizando nossos dias e noites com as mais variadas imagens – os sonhos podem nos dizer muito sobre isso – e também com os mais variados sentimentos: medo, melancolia, ansiedade, etc. Além disso, nos têm colocado “cara a cara” com um dos mais misteriosos temas da vida, ou, de outra perspectiva, com um dos mais tenebrosos fantasmas da alma humana: “a sombra da morte”.<sup>4</sup> Como nota Luiz Cláudio Bandeira (2010, p. 46), “em nossa sociedade, a morte e o medo da mesma faz parte do cotidiano das pessoas”. Fazemos de tudo para ampliar nosso tempo de vida! “No entanto”, completa o autor, “nesta mesma sociedade, reina uma cultura de morte: o aumento da indústria bélica, o tráfico de drogas, a violência desenfreada e o desrespeito ecológico” (BANDEIRA, 2010, p. 46).

3 - De acordo com Jung (2013a, p. 226), a imago seria “[...] uma grandeza psicológica distinta da percepção do objeto. Consiste numa imagem existente à margem de todas as percepções, mas sustentada por estas.”

4 - Inspiro-me aqui em Freud e em Bollas quando fazem referência à sombra do objeto para sugerir que estamos todos, em face do alto risco de contágio e morte pelo Corona vírus, sob a influência do arquétipo da morte. Nosso eu consciente muitas vezes sente-se como que crepuscularizado pela sombra da morte.

Mas talvez nunca como nestes dias, tenhamos sido tão lembrados de que viver é nos deparar algum dia com o morrer. A vida parece agora nos afigurar como algo que pode nos escapar a qualquer tempo, nos levando não exatamente corpos – que também importam – mas pessoas muito queridas e importantes para nossas vidas. Nossa ilusão de controle tem sido questionada por este “fantasma”, que se esgueirando de nós, abala nossas mais firmes convicções. Para Jung (2014), teórico que convidamos a dialogar conosco nesse ensaio, ao lado de autores e autoras, a morte é um tema da vida, é um arquétipo, em sua terminologia.

Jung (2014, p. 57) afirma que “há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida”. É nos produtos da fantasia que estas “imagens primordiais” que ele chamou de arquétipos tornam-se visíveis. Mas como o autor sublinha, não é mérito seu ter observado esse fato pela primeira vez: “o primeiro a pôr em evidência a ocorrência, na área da etnologia, de certas ‘imagens primordiais’ que se encontram em toda parte [leia-se em todos os tempos e culturas] foi Adolf Bastian” (JUNG, 2014, p. 57). E complementa: “mais tarde, são dois pesquisadores na escola de Durkheim, Hubert e Mauss, que falam de categorias próprias da fantasia.” (JUNG, 2014, p. 86). Estes produtos da fantasia possuem uma natureza típica, por isso, diz Jung (2014, p. 154): “podemos chamar de ‘motivos’, ‘imagens primordiais’, tipos ou arquétipos como eu os designei.” Segundo ele, os arquétipos aparecem nos mitos e contos de fadas, nas artes de todos os tempos, nos sonhos, bem como nos produtos da fantasia, inclusive a psicótica. Os arquétipos são, nesta perspectiva, forças da vida anímica, que querem ser levados a sério, eles apontam para um núcleo de significado inconsciente, “[...] o arquétipo é sempre uma imagem (a morte, a criança, a mãe, o velho sábio) que pertence a humanidade inteira

e não somente ao indivíduo” (JUNG, 2014, p. 163), pertence ao inconsciente coletivo.

Para Jung, o inconsciente, com todas estas “imagens primordiais” ou arquétipos, é uma realidade em potência, e possui uma base afetiva que é ativada em circunstâncias pessoais e socioculturais particulares. Para o autor, “o desconhecido que o afeto descobre sempre esteve aí e mais cedo ou mais tarde se apresentaria à consciência”, já que estamos falando de imagens primordiais. É importante observar: “[...] a consciência sucumbe facilmente às influências do inconsciente [...]” (JUNG, 2014, p. 281), que gera sonhos, visões, emoções e sentimentos como o medo da morte. A influência do inconsciente em nossas vidas é de tal ordem que “mal o inconsciente nos toca através de suas imagens, afetos e ‘narrativas fantasmas’ (KIMBLE, 2014) e já o somos [...]” (JUNG, 2014, p. 30).

Referindo-se à imagem primordial que nos interessa nesse ensaio, Eduardo Oliveira (2003) afirma que na cosmovisão ou cosmo percepção africana, como prefere Oyoronké Oyewumí (1997), “a morte é um evento de fundamental importância [...] ela é o mecanismo comunitário que cria os ancestrais e, como rito de passagem, tem a função de harmonizar as tensões do grupo” (OLIVEIRA, 2003, p. 44). E acrescenta que “a crença na imortalidade do homem explica, em grande parte, a grande importância que a morte e os ritos funerários têm na cosmovisão de mundo africana” (OLIVEIRA, 2003, p. 44). De acordo com o autor, esse arquétipo ou situação típica, para usar a expressão de Jung (2014), abrange as esferas mais importantes da vida africana, envolvendo tanto a concepção de ser humano como a necessidade das restituições dos papéis sociais mais importantes dentro da comunidade. Nesse contexto, entende-se que uma vez ocorrido evento da morte, o equilíbrio desta última está em questão, pois os membros ou

as personagens que morreram sintetizam as ações históricas do grupo. É neste momento que os ritos funerários ganham grande importância, pois eles cumprem um papel fundamental na reorganização das comunidades, restabelecendo o equilíbrio social.

Citando Leite (1984), Oliveira afirma que esses ritos em parte podem ser considerados como “de passagem”, em parte “de permanência”, pois deles nascem os ancestrais. Eles atuam não somente na dimensão da vida psíquica, atenuando o sofrimento relacionado à perda de um membro da comunidade – o luto –, mas revelam também “[...] a capacidade de a sociedade dominar a desordem provocada pela morte e dar continuidade à vida ao elaborar o ancestral, fazendo com que a imortalidade do homem se configure de maneira precisa e em relação vital com o grupo social [...]” (LEITE, 1984 apud OLIVEIRA, 2003, p. 44). O ritual funerário transforma o morto num ancestral – é nesse sentido que podemos falar num ritual de permanência. “Sua vida fora desfeita, mas sua força vital, não. Ela volta para a comunidade, alimentando-a. Sua morte é sinal menos de perda que de ganho” (OLIVEIRA, 2003, p. 28). Sobre a morte, Iku, nos conta Reginaldo Prandi (2001, p. 506):

### **Obatalá cria Iku, a Morte**

Quando o mundo foi criado,  
coube a Obatalá a criação do homem.  
O homem foi criado e povoou a Terra.  
Cada natureza da Terra, cada mistério e  
segredo,  
foi tudo governado pelos orixás.  
Com atenção e oferenda aos orixás,  
tudo o homem conquistava.  
Mas os seres humanos começaram a se  
imaginar  
com os poderes que eram próprios dos  
orixás.

Os homens deixaram de alimentar as divindades.

Os homens, imortais que eram, pensavam em si mesmos como deuses. Não precisavam de outros deuses.

Cansado dos desmandos dos humanos, a quem criara na origem do mundo, Obatalá decidiu viver com os orixás no espaço sagrado que fica entre o Aiê, a Terra, e o Orum, o Céu.

E Obatalá decidiu que os homens deveriam morrer;

Cada um num certo tempo, numa certa hora.

Então Obatalá criou Iku, a Morte.

E a encarregou de fazer morrer todos os humanos.

Obatalá impôs, contudo, à morte Iku uma condição:

só Olodumare podia decidir a hora de morrer de cada homem.

A Morte leva, mas a Morte não decide a hora de morrer.

Omistériomaiorpertenceexclusivamente a Olorum.

O tema da morte, ou o mistério de Iku e de Olorum, tem sido central na vivência desta pandemia, e tem, sem dúvida, questionado nossos “podres poderes”<sup>5</sup> com seus sempre renovados “ridículos tiranos”, e tornado ainda mais explícito aquilo que a todo custo desejaríamos negar: as desigualdades sociais e a miséria humana que ajudamos a construir através de nossas escolhas pessoais e sociopolíticas. Ela revela também os aspectos mais “humanizados”

---

5 - Faço menção à canção de Caetano Veloso: “Podres Poderes”.

de nossa alma coletiva, cultural, expressos em diversas ações solidárias bem como em políticas efetivas de apoio aos que estão adoecendo e aos seus familiares, lado a lado daqueles outros aspectos que raramente identificamos em nós – os sombrios –, algumas vezes expressos em afirmativas do tipo “e daí” que está morrendo gente! Em entrevista ao *Geledés*, a deputada federal Benedita da Silva (2020), aos seus 87 anos e frente à pandemia do Corona vírus no Brasil afirma que nunca sentiu medo pela sua “raça” como nos dias de hoje. Benedita diz ao *Geledés* que ora todos os dias para que esse quadro da pandemia não piore, afirmando que estamos vivendo “um retrocesso inigualável”, com “governantes e executivos que querem que a gente morra”.

De luto pela morte de um sobrinho, vítima do Corona vírus, a deputada Benedita da Silva considera que a atitude do presidente em flexibilizar o isolamento social atinge diretamente a vida da população mais pobre e negra e tem como efeito a morte “[d]os pobres, [d]os camelôs da vida, [d]as meninas do supermercado”. E lembra: “acabei de perder meu sobrinho por coronavírus. Nossa raça está morrendo.” (SILVA, 2020). Uma afirmativa que nos adverte para o fato de que a maioria dos mortos no Brasil tem cor e raça, mais uma vez confirmando um racismo institucionalizado que como sociedade brasileira, há séculos, insistimos em negar, postura que se naturalizou nesses últimos tempos.

Mas como bem observa a Conceição Evaristo (2020a), também em entrevista ao *Geledés*, para “quem historicamente vive na corda bamba”, como a população negra e de bairros e regiões periféricas de nosso país, o medo é um companheiro de todos os dias. Nas palavras de Evaristo, estes grupos “desde sempre [sabem] o que é o medo”, e lembra: “[...] as mães, as tias, as namoradas, os pais, isto é, a família em suas diversidades de formação,

sofrem pavorosamente quando um jovem negro sai do interior de casa e ganha a rua, saindo para o trabalho, para a escola ou para a diversão”. E completa: “isso independe de pandemia, é, infelizmente, uma realidade brasileira”. Referindo-se, porém, a este momento em que o medo parece atingir todos os grupos sociais, embora com maior violência, os mais vulneráveis do ponto de vista socioeconômico, ela afirma sem negar a gravidade do problema: “para mim, está explícito que há um medo no ar, há um medo em cada uma/um de nós. O medo maior talvez não seja o da doença e sim o da morte. A morte ronda a humanidade”. Evaristo afirma que está vivendo muito mal este momento, que não está atravessando esse tempo de pandemia, mas sendo por ela atravessada. Perguntada sobre se através da literatura seria possível converter medo em força, afirma que acredita que sim e diz mais: “Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui” (EVARISTO, 2020a). Nos remete ao atlântico negro e ao sofrimento e luta de nossos antepassados africanos escravizados no Brasil, afirmando ainda que “apesar das acontecimentos do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe. Sonhamos para além das cercas”. Quem conhece o belo trabalho de Conceição Evaristo no campo da literatura sabe do que ela está falando!

Sobre essa “sombra da morte” que parece nos assombrar tal qual um fantasma nesses tempos de pandemia, vale notar: não se trata do registro de uma perda que de fato ocorreu na vida da pessoa, mas de uma perda que se anuncia. É justamente por isso que para mulheres negras como Benedita da Silva e Conceição Evaristo, essa sombra da morte não é novidade, antes, é uma velha conhecida, e ganha concretude a cada vez que um jovem negro é morto em nossas comunidades negras, como ocorreu estes dias

no Rio de Janeiro. Assim, em artigo publicado pela própria Conceição Evaristo (2020b), a escritora faz referência à morte do menino João Pedro em função de uma operação policial numa comunidade carioca, e denuncia: “Jovens corpos negros defrontam com a precipitação da morte. Um deles, João Pedro Matos, 14 anos, com o seu corpo negro estava ‘marcado para morrer’.”

A sombra da morte, uma presença invisível, porém constante na vida de mulheres negras, agora se faz mais veemente dadas as condições históricas de vida das comunidades negras e se anuncia nesse momento para todos/as com o novo Corona vírus, de tal sorte que sofremos, literalmente, por antecipação. O sentimento de luto, nesse caso, ou talvez seja melhor dizer, a melancolia<sup>6</sup> – considerando que aquilo que queremos destacar aqui não é exatamente o sofrimento psíquico gerado pela ocorrência da morte de um ser amado – é como que antecipada, em face de uma perda que pode não se enunciar, mas se anuncia. É como se uma “furna intrapsíquica” (ABRAHAM; TOROK, 1995) se instalasse antecipadamente na alma daquele que imagina a perda eminente de alguém querido ou de si mesmo, e que imagina os seus efeitos na continuidade da vida. É a perda que se avizinha, instalando sorrateiramente no interior da alma uma sepultura aberta, secreta, que antecipa o enlutamento de um ser amado e daqueles mais vulneráveis do ponto de vista social. O “fantasma da cripta”,<sup>7</sup> para usar mais uma terminologia de Nicolas Abraham e Maria Torok (1995), nesse caso o arquétipo da morte, ou ainda, parafraseando Bollas (2015), “a sombra da morte” ou a “sombra da perda [possível] do objeto amado” fica ali dia e noite a nos assombrar, como a nos avisar que a qualquer momento, pode-se ver morrer.

---

6 - Sobre a diferença entre luto e melancolia, ver Freud ([201-]) em texto clássico sobre o assunto.

7 - Para aprofundar essa discussão ver Abraham e Torok (1995).

O fantasma aqui não seria, como em Abraham e Torok (1995, p. 393), “[...] uma formação inconsciente que tem a peculiaridade de não ter nunca sido consciente [...], e de resultar da passagem – cujo modo resta determinar – do inconsciente de um dos pais ao inconsciente de um filho”. Ele não indicaria os efeitos sobre os descendentes daquilo que tivera para pai e mãe valor de ferida e não seria o “testemunho da existência de um morto enterrado no outro” (ABRAHAM; TOROK, 1995, p. 393). O fantasma nesse caso seria uma espécie de aparição que se esgueira de nós não como denúncia, mas como anúncio. Não se trata de um segredo enterrado vivo no inconsciente de um ente querido que agora retorna em nós, mas de um contágio por assimilação do medo social que tem vazão no inconsciente na forma de figuras espectrais (HOLLIS, 2017) – fantasmas –, por vezes ganhando proporções de um “mar agitado” a pretender inundar o “eu consciente” com sugestões. Essa presença “invisível” pode nos impedir de fazer coisas que normalmente faríamos se estivéssemos em casa com “tempo livre” para estar ao lado do outro, trabalhar, estudar, dormir, cuidar, criar, etc. Essa fantasmagoria pode ser altamente desestabilizadora e querer tomar a totalidade das atividades conscientes do sujeito, gerando melancolia. Esta última, como disse, não como resultado da perda real, porém inconsciente, de um objeto amado, mas como efeito da antecipação às vezes inominável de uma possível perda que causa angústia e desencanto.

O fantasma toma configurações de um arquétipo, uma presença-ausência (KIMBLES, 2014), e o seu efeito, nas palavras de Jung (2013a, p. 154), não é muito claro, mas sabe-se que “pode ser curativo ou destruidor, mas jamais indiferente [...]”! É assim a anúncio da morte como possibilidade eminente. De acordo com o autor referido, “o arquétipo aparece sob a forma de espírito nos

sonhos ou nos produtos da fantasia, ou se comporta inclusive como um fantasma [...]”. E diz mais: “há uma aura mística em torno de sua numinosidade e esta exerce um efeito correspondente sobre os afetos” (JUNG, 2013a, p. 154). Não sabemos de onde veem os arquétipos, não temos como provar a sua existência senão através dos sonhos e dos dramas que acometem a vida dos humanos de todos os tempos, com seus temas típicos, como o tema da morte, sempre a nos consumir, intrigar, afetar. Justamente por isso, reafirma Jung (2013a, p. 155), referindo-se aos arquétipos: “[...] com paixão inaudita e lógica implacável que submete o sujeito ao seu fascínio, de que este, apesar de sua resistência desesperada, não consegue e, finalmente, já não quer se desvencilhar [...]”. É que a “imago” da morte que se antecipa em nossa psique, é presente corporificado.

Em sua aparição indesejada, a morte, enquanto mitologema, tema ou “imagem arquetípica” de forte valor afetivo/indutivo, se anuncia e pode nos paralisar. Como nota Jung (2013a), o mesmo medo que nos paralisava diante da vida, pode nos paralisar agora diante da morte. Pode também nos dizer do tempo que perdemos, e daquilo que talvez seja importante viver enquanto é possível. A morte pode nos convidar à vida! A morte nos coloca diante da pergunta sobre o sentido da vida: o que fizemos ou estamos fazendo de nossas vidas? Eis um possível efeito psíquico resultante da proximidade forçada com a morte. Nas palavras de Jung (2013a), “nunca estamos tão convencidos da marcha inexorável [da vida em direção à morte] do que quando vemos uma[tantas] vida[s] humana[s] chegar[arem] ao fim, e nunca a questão do sentido da vida se torna mais premente e mais dolorosa [...]” (JUNG, 2013a, p. 359). Uma questão que nos remete à ideia de “*daimon*” conforme apresentada por pós-junguianos como James Hillman (1996) e que

muito se aproxima do *Ori*, conforme a tradição nagô no contexto da cosmo percepção africana. De acordo com Luiz Cláudio Bandeira (2010, p. 51), “cada pessoa humana traz consigo seu *ori*, seu destino; é necessário assegurar que o eterno renascimento de um plano da existência ao outro, a imortalidade, se cumpra”.

A palavra *daimones*, em Hillman (2010a), ganha um sentido um tanto diferente daquele que estamos acostumados em nossa cultura. Como nota o autor, “seja Ortodoxa ou Romana, no Velho ou no Novo Testamento, seja protestante ou católico, *daimones* não são boas coisas” (HILLMAN, 2010a, p. 90). O autor, entretanto, nos convida a entrar em um mundo anterior e paralelo ao cristianismo, de Homero aos Renascentistas, passando por Platão e depois por Plotino, para compreendê-los de uma outra perspectiva: “[...] os *daimones* eram figuras do reino intermediário, nem bem Deuses transcendentais nem bem humanos físicos, e havia muitos tipos deles, benéficos, aterrorizantes, portadores de mensagens [...]” (HILLMAN, 2010a, p. 90) E observa que a questão é que “a cristalização dogmática de [parte – digo parte porque não é isso que ocorre com a tradição religiosa afro-brasileira] nossa cultura religiosa o demonizou” (HILLMAN, 2010a, p. 91).

Na obra hillmaniana (1997, 2010), o *daimon*, à semelhança do *Ori*, aparece como um guia que tem a função de não nos deixar esquecer do que escolhemos realizar, enquanto significado necessário no curso da vida (VIEIRA, 2016); e também como figuras da imaginação, personificações nas palavras de Jung (2014) e também do próprio Hillman (2010b), algumas vezes identificados como “complexos”.<sup>8</sup> Personificações que nos sonhos e na vida de

---

8 - Para Jung (2013a), “os complexos podem ‘nos ter’. A existência dos complexos põe seriamente em dúvida o postulado ingênuo da unidade da consciência que é identificada com a ‘psique’, e o da supremacia da vontade. [...]. De fato, quando um complexo está ativo nos coloca por algum tempo num estado de não liberdade, de pensamentos obsessivos e ações compulsivas [...]”. O complexo é uma imagem de uma determinada situação ou conjunto de situações psíquicas de forte carga emocional, com elevado grau de autonomia.

vigília podem nos colocar nas situações mais estranhas, mas que também parecem nos guiar para aquilo que em nós ou através de nós precisa encontrar realização. Referindo-se a essa habilidade de nos guiar pelos labirintos de nossa alma – que é própria dos *daimones* –, a fim de que não “desperdicemos a vida”, Hillman (1996) nos reporta a Platão em *A República* (620, X), quando afirma: “na análise final, só contamos para alguma coisa por causa do essencial que encarnamos, e se não encarnamos isso, a vida é desperdiçada”. Para Hillman (1996), muitos de nós passamos uma vida inteira desconhecidos de nós mesmos, de nossa alma, perdidos nos mandos e desmandos de um ego que pensa ser “senhor em sua própria casa”. Esse “senso de destino” nos é, então, muitas vezes anunciado pelas proezas dos *daimones*, que nos interceptam o caminho às vezes através de situações inusitadas como esta que estamos vivendo, reconduzindo-nos por caminhos impensados ou talvez até desejados, porém negados. Segundo o autor (HILLMAN, 1997), anunciações desse tipo tem a mesma força de um evento traumático em nossa trajetória de vida, mas a psicologia tem se ocupado pouco deste fenômeno. Mas é justamente “[...] isso que se perde em tantas vidas, e o que precisa ser recuperado: um sentido de vocação pessoal: de que existe uma razão para eu estar vivo” (HILLMAN, 1996, p. 14). Um sentimento de que o mundo precisa que eu esteja aqui e que realize algo que somente eu posso realizar. Hillman (1996) considera que cada pessoa tem uma singularidade que pede para ser vivida, um código que não é genético, antes, é um “código do ser”.

## Referências

ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A casca e o núcleo**. Tradução de Maria José R. Faria Coracici. São Paulo: Escuta, 1995.

BANDEIRA, L. C. C., A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. **Último Andar**, São Paulo, v. 19, 2010, p. 1-70.

BOLLAS, C. **A sombra do objeto**: psicanálise do conhecido não pensado. Tradução de Fátima Marques. São Paulo: Escuta, 2015.

EVARISTO, C. Está implícito um medo no ar. [Entrevista cedida a] Ana Paula Orlandi. **Portal Geledes**. São Paulo, 3 de maio de 2020a. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/esta-explicito-um-medo-no-ar/>. Acesso em 2 de maio de 2020.

EVARISTO, C. A reinvenção contínua da morte para corpos negros. **Gama**, Rio de Janeiro, 24 de maio de 2020b. Disponível em: <https://gamarevista.com.br/semana/chegamos-no-limite/conceicao-evaristo-joao-pedro-genocidio-negros-no-brasil/>. Acesso em 25 de maio de 2020.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. [201-]. Disponível em: <https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

HILLMAN, J. **O código do ser**; uma busca do caráter e da vocação. Tradução de Adalgiza Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

HILLMAN, J. **Ficções que curam**: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. Tradução de Gustavo Barcellos et al. Campinas: Verus, 2010a.

HILLMAN, J. **Re-vendo a psicologia**. Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2010b.

HOLLIS, J. **Assombrações**: dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas. Tradução de Daniel Françoli Yago. São Paulo: Paulus, 2017.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis:

Vozes, 2014. (Obras Completas, v. 9/1).

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2013a. (Obras completas, v. 8/2).

JUNG, C. G. **A prática psicoterápica**. Petrópolis: Vozes, 2013b. (Obras completas, v.16/1).

KIMBLES, S. **Phantom Narratives: the unseen contributions of culture to psyche**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2014.

MARONI, A. **Figuras da imaginação: buscando compreender a psique**. São Paulo: Summus, 2001.

OLIVEIRA, D. E. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, B. Deputada Benedita da Silva: “a escravidão mudou do chicote para a caneta”. [Entrevista cedida a] Luiza Souto e Nathalia Geraldo. **Portal Geledes**, São Paulo, 15 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/deputada-benedita-da-silva-a-escravidao-mudou-do-chicote-para-a-caneta/>. Acesso em 17 de maio de 2020.

VIEIRA, A. S. S. **Lívia e Guma**, Salvador: Iglu, 2016.



# O tempo parou: casa, espaço-tempo e isolamento social

*Celso de A. Oliveira Jr.*

## **Pra iniciar a conversa**

Este ensaio surge a partir de uma reflexão a respeito das deformações das noções entre espaço e tempo, nas experiências pessoais de indivíduos que foram submetidos compulsoriamente ao isolamento social proposto por autoridades médicas e sanitárias, para evitar a proliferação do vírus SARS-CoV-2, durante a pandemia de Covid-19, no primeiro semestre do ano de 2020. São usadas como referência as obras de Gaston Bachelard, em sua reflexão sobre a “casa”, de Samuel Beckett, cujas ações de suas personagens estão continuamente tensionadas nos limites entre tempo e espaço, e de autores que darão suporte teórico às reflexões.

## **Pandemia**

Na segunda semana do mês de março, de 2020, as autoridades sanitárias e médicas brasileiras começaram a indicar três tipos de medidas como controle da pandemia de Covid-19, que se alastrava pelo mundo: quarentena, isolamento e distanciamento social. As duas primeiras medidas visam evitar o contato de pessoas que sabidamente estavam infectadas pelo vírus causador da doença, a terceira medida foi sugerida como uma forma de conter o contato social entre indivíduos e, assim, desacelerar a contaminação de pessoa a pessoa. Assim, o distanciamento social prescreve que as pessoas devam permanecer em suas residências, saindo de suas casas apenas para atividades imprescindíveis.

Desta maneira, por cerca de oitenta dias, começaram as experiências pessoais de indivíduos quase sem contato físico com outras pessoas, voltados para atividades domésticas e atravessados por experiências inéditas de relação com suas próprias casas e com o tempo colocado compulsoriamente à disposição pra seus afazeres.

## Fique em casa

A relação do indivíduo com sua casa se modifica e, desta maneira, também se modificam as relações da pessoa com o tempo e o espaço. A casa passa a ser um espaço múltiplo de trabalho, descanso, lazer, reflexão. Aos poucos, quem habita a casa deve redesenhar sua arquitetura, redescobrir suas linhas internas, onde tudo é dentro. As notícias que chegam sobre a pandemia são cada vez mais assustadoras. Mesmo os prenúncios anunciados dos lugares onde a onda pandêmica passou anteriormente (China, Itália, Espanha, Estados Unidos) não prepararam o habitante da casa para a experiência de estar sempre dentro.

As pessoas que habitam a casa descobrem onde o sol adentra, e quando. Descobrem novos modos de preparar o alimento, transitam pela casa como se estivessem se deslocando por espaços simbólicos diversos. Do quarto para a sala, dali para a cozinha, o banheiro, o outro lado. A casa então se modifica. O escritor e filósofo Gaston Bachelard afirma, em *A poética do espaço*, que “a casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano” (BACHELARD, 2008, p. 62) e, sendo assim, possui humores, possui estímulos, recorrências, ganha o *status* de um ente.

Finalmente, a profecia de Samuel Beckett, feita na peça *Fim de partida*, de 1956, se torna realidade: “Fora daqui é a morte”. (BECKETT, 2002, p. 48). Se, lá fora, a morte nos espreita, ficar dentro é modo de sobrevivência. Então, as relações entre as pessoas e suas casas se modificam.

Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência simples às formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico (BACHELARD, 2008, p. 62).

O espaço habitado deixa de ser espaço e se transforma em lugar. Empenhado de significados, história, memória e trânsito de hábitos. É o oposto intenso do não-lugar preconizado por Marc Augé (2007), no seu livro *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Enquanto o não-lugar é destituído de significado ou, quando muito, pode ser um espaço adaptável a qualquer demanda cultural, a casa, em tempo de pandemia, se torna um super-lugar, um denso ambiente permeado por camadas sucessivas de significados, experiências, memórias e micro-memórias, tão denso e imanente que até a noção de tempo se deforma. E Bachelard nos ajuda, questionando: “Essa transposição do ser da casa em valores humanos pode ser considerada como uma atividade de metáforas?” (BACHELARD, 2008, p. 63).

Talvez ainda seja cedo para aferir quais os novos significados a casa irá adquirir nos tempos pós-pandemia. Estamos vivendo a História, com H maiúsculo. Só é possível compreender uma situação depois que fazemos sua “desrealização” (FREUD, 1969), depois que conseguimos nos referir à experiência no passado. Enquanto estivermos no presente da experiência, qualquer tentativa de definição será fragmentada, gaguejada ou inexistente - estupor.

Na casa, neste espaço empenhado de significados e camadas de memórias, o tempo se torna um agente preponderante e palpável.

## O tempo parou

Ao experimentar a sensação do tempo palpável, surge uma frase retirada do oitavo dos *Textos para nada*, de Samuel Beckett -

que estava inicialmente colocado como epígrafe deste ensaio - e que ecoa a experiência do tempo e o coloca intrinsecamente ligado ao espaço: "o tempo passou a ser espaço e não haverá mais tempo, enquanto eu não estiver fora daqui." (BECKETT, 2015, p. 36), o que nos leva a um pensamento a respeito da noção de espaço-tempo, formulada pela Física moderna.

Na sua *Teoria da relatividade geral*, o físico alemão Albert Einstein formula o conceito de espaço-tempo como um tecido que pode esticar ou encolher. Logo no início da formulação da *Teoria da relatividade especial*, Einstein já faz uma separação epistemológica entre tempo e espaço, necessária à compreensão de seus estudos, afirmando: "[...] comecemos, portanto, por deixar de lado esta obscura palavra 'espaço', com a qual, para sermos sinceros, não somos capazes de imaginar coisa alguma" (EINSTEIN, 1999, p. 16). Einstein se fixará na tentativa de compreensão do tempo, pois, segundo ele próprio,

uma descrição *completa* do movimento só ocorre quando indicamos como o corpo modifica sua posição *com o tempo*; ou seja, é necessário que indiquemos em que tempo o corpo se encontra em cada ponto da trajetória (EINSTEIN, 1999, p. 17).

O físico estadunidense Michio Kaku, afirma em seu livro *Física do impossível* que "o tempo é um dos grandes mistérios do universo" (KAKU, 2010, p. 225). De fato, a natureza do tempo vem sendo discutida desde os primórdios do pensamento humano. Apesar disso e, de acordo com o escritor Bill Bryson em seu livro *Breve história de quase tudo*, "o mais desafiador e anti-intuitivo de todos os conceitos na teoria da relatividade geral é a ideia de que o tempo faz parte do espaço", pois o "nosso instinto tende a considerar o tempo eterno, absoluto, imutável - nada pode perturbar seu tique taque constante" (BRYSON, 2010, p. 135).

Segundo o pensador contemporâneo G. J. Withrow (2005), "ao que parece, todos os animais, exceto o homem, vivem num

presente eterno” (WITHROW, 2005, p. 17-18) e que “parece [...] que o homem se distingue dos outros animais por seu sentido de passado e futuro – ou seja, por sua consciência de tempo” (WITHROW, 2005, p. 45). Para ele, esta distinção humana se deveu a dois fatores: a tensão emocional causada pelo desenvolvimento da memória e do raciocínio (que possibilitou ao homem a noção de passado e de futuro) e o “fator vital da intuição do homem primitivo” (WITHROW, 2005, p. 19) com sua noção de ritmo.

O antropólogo estadunidense Edward T. Hall busca uma outra dimensão do tempo em seu longo ensaio intitulado *A dança da vida*. Segundo ele, podemos filosofar infinitamente sobre a ‘natureza’ do tempo, pois

Tempo não é uma constante imutável, como Newton supôs, mas um aglomerado de conceitos, eventos e ritmos que cobre uma variedade extremamente ampla de fenômenos (HALL, 2003, p. 13 - tradução minha).

Ao esmiuçar os conceitos, eventos e significados do tempo, Hall (2003) chega a nove categorias fundamentais de tempo, embora afirme que a maioria das pessoas que vive no mundo ocidental industrializado fará uso de apenas seis a oito delas. Estas categorias são chamadas, pelo autor, de meta-tempo e são elas: Tempo sagrado; Tempo profano; Tempo físico; Tempo metafísico; Tempo biológico; Tempo cronológico (do relógio); Tempo pessoal (subjetivo); Micro-tempo (Monocrônico ou Policrônico); Tempo sincrônico. Para Hall, “pode-se demonstrar que tanto no nível nuclear da cultura como na superfície da cultura manifestada, os seres humanos usam e distinguem esses tipos de tempo que se podem identificar” (HALL, 2003, p. 206). E ele irá fixar-se no estudo dos dois tipos de microtempo, separando-os a partir de fronteiras culturais geográficas. O mundo monocrônico é representado pelas culturas ocidentais industrializadas do hemisfério norte, em que cada evento

deverá ser realizado em um tempo determinado, cada coisa a seu tempo. É o mundo das agendas, do tempo compartimentalizado. Cada compromisso deverá ter um tempo apontado para seu início e término. Fazem parte deste mundo monocrônico os povos do norte da Europa, dos Estados Unidos da América e do Japão contemporâneo que fazem uso racional do tempo. Já o mundo polícronico prima pela utilização intuitiva do tempo, em que tudo ocorre em um fluxo constante, nada é sólido e firme. Neste tipo de utilização, podem-se fazer muitas coisas ao mesmo tempo, não há uma divisão explícita de tarefas a serem realizadas. Esta é uma aferição temporal comum aos povos dos países da África, Oriente Médio, Índia e algumas regiões do Brasil.

Porém, a análise que mais irá chamar atenção para um estudioso da obra de Samuel Beckett é a que Edward T. Hall faz a respeito das discrepâncias causadas entre o tempo biológico e o tempo cronológico (do relógio). Para ele, “o tempo parece ‘se arrastar’ quando o relógio biológico e o relógio da parede estão fora de sincronia” (HALL, 2003, p. 131). Essa noção de “tempo arrastado” é uma chave importante para a compreensão da noção de tempo na obra beckettiana. Há diversos exemplos de passagens nas peças de longa duração (*Esperando Godot*, *Fim de partida* e *Dias felizes*), em que as personagens repetidas vezes fazem menção à sensação desconfortável da passagem do tempo: “O tempo se arrastando é sinônimo de um desconforto” (HALL, 2003, p. 131). Este desconforto, segundo o próprio Hall, que vai buscar na literatura de Marcel Proust e Kafka, entre outros, exemplos de suas manifestações, pode ser percebido através da experiência da leitura. Segundo ele, por exemplo, “James Joyce nos enxerga aprisionados no estreito confinamento do tempo linear” (HALL, 2003, p. 134). A professora de filosofia Olegária Matos, em um de seus estudos a respeito da natureza filosófica do tempo, afirma que

o tempo dos relógios é o ‘tempo homogêneo e vazio’ que é preenchido qual um recipiente, que vai

acomodando, indiferente, acontecimentos que caem 'dentro dele'. O tempo do calendário, ao contrário, não se desenrola mecanicamente, pontua a existência com 'dias de recordação', momentos que capturam o tempo em 'pontos de concentração'. Nestes dias as coisas lembradas subitamente se tornam 'atuais', retornam à existência 'nos momentos de recordação'. Este é o caráter diferencial do tempo histórico; não a badalada regular do relógio que nivela todas as ocorrências em um contínuo indiferente, mas a súbita pausa do colecionador; não o frio avanço do processo infinito, mas sua transgressão (MATOS, 1989, p. 31-32).

Sendo assim, pode-se compreender o tempo a partir de sua relação com a memória e o absurdo do confinamento da noção de tempo a partir do relógio.

### **Cronocarcinoma (o tumor do tempo)**

O tempo marcará a obra de Beckett de maneira a não deixar dúvidas sobre a sua natureza destruidora. Assim como em Marcel Proust, o tempo interfere nas vidas e percepções das personagens. Desta maneira, Beckett vê as personagens comprimidas entre o futuro e o passado.

O indivíduo é o sítio de um constante processo de decantação, decantação do recipiente contendo o fluido do tempo futuro, indolente, pálido e monocromático, para o recipiente contendo o fluido do tempo passado, agitado e multicolorido pelo fenômeno de suas horas (BECKETT, 2003, p. 13).

A ideia que Beckett faz do tempo prefigura de maneira bastante explícita em *Esperando Godot*, quando a personagem Pozzo, após ser arguida sobre quando Lucky teria ficado mudo, responde:

Pozzo (*subitamente furioso*) - Você não cessa de me atormentar com suas histórias sobre o tempo!? É abominável. Quando! Quando! Um dia, será que isso não lhe basta, um dia como qualquer outro dia, um

dia ele ficou mudo, um dia eu fiquei cego, um dia vamos ficar surdos, um dia nascemos, um dia morremos, o mesmo dia, o mesmo segundo, será que isso não lhe basta? (*Mais calmo.*) O nascimento ocorre com um pé na cova, a luz brilha um instante, e depois surge novamente a noite (BECKETT, 1976, p. 176).

“Memória e Hábito são atributos do cronocarcinoma” (BECKETT, 2003, p. 16 - destaque meu), ou seja, do ‘tumor do tempo’, e é nestes dois atributos que ele irá seguir sua análise sobre a “tragédia que se abaterá nas relações humanas, cujo fracasso é preestabelecido” (BECKETT, 2003, p. 16).

## O cronótopo do fim do mundo

Em um de seus escritos mais densos, reunidos em um volume publicado sob o título de *Textos para nada*, Samuel Beckett afirma que “o tempo passou a ser espaço e não haverá mais tempo, enquanto eu não estiver fora daqui.” (BECKETT, 2015, p. 36). Este pequeno fragmento parece conter solidamente as questões que vêm sendo tratadas até aqui: espaço, tempo e suas reconfigurações em tempos de isolamento social devido à pandemia. Neste momento, a sensação é de que o tempo parou, de que tudo se resume ao espaço preche de significados que se tornou a casa.

O fino tecido do espaço-tempo está tensionado. A casa é o lugar seguro, lá fora está a morte. O tempo só retorna ao seu curso depois que as pessoas puderem sair da casa. Enquanto isso, nos adaptamos a novos hábitos, que criam situações para novos cronocarcinomas.

Mikhail Bakhtin, em seu estudo *Formas de tempo e de cronótopo no romance* e nas *Observações finais* do livro *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (1998), define e desenvolve o conceito de cronótopo, criando territórios desta relação entre as categorias de tempo e de espaço na literatura de romances. Para ele, todos os elementos abstratos do romance – as generalizações

filosóficas e sociais, as ideias, as análises de causa e dos efeitos etc. – gravitam ao redor do cronótopo.

É preciso que criemos o cronótopo do super-lugar, onde o tempo parou e as camadas de relações habituais com o espaço da casa se sobrepõem com intensidade. Desta maneira, saberemos lidar criticamente com as criações poéticas - em todas as linguagens artísticas - que refletirão sobre os tempos de pandemia.

Depois da grande epidemia de peste bubônica que assolou a Europa, no final do século XV, a humanidade ultrapassa a Idade Média e avança para o Renascimento, trazendo, em contra-fluxo a Inquisição. A pandemia de influenza dizimou milhões de pessoas no mundo todo, entre os anos de 1918 a 2020, mas lançou as artes no modernismo, e trouxe, no contra-fluxo, as políticas fascistas e totalitárias do século 20. Se a história é cíclica, depois da grande pandemia de Covid-19, devemos esperar uma revolução nos campos das artes, da poesia, dos modos de execução poética. E também - e isto a História nos ensina - um contra-fluxo violento de retrocesso moral e político. O cronótopo é uma ferramenta para compreender as produções artísticas que virão. Enquanto isso, fiquemos em casa.

## Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução (do russo): Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. Tradução de Flávio Rangel. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Coleção Teatro Vivo)

BECKETT, Samuel. **Fim de partida**. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BECKETT, Samuel. **Proust**. Tradução de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

BRYSON, Bill. **Breve história de quase tudo**. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade especial e geral**. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

FREUD, Sigmund. Um distúrbio de memória na Acrópole. In.: **Obras completas** - Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (v. XXII)

HALL, Edward T. **The dance of life: the other dimension of time**. New York: Anchor Books, 2003.

KAKU, Michio. **Física do impossível**: uma exploração pelo mundo dos phasers, campos de força, teletransporte e viagens no tempo. Tradução de Talita Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

MATOS, Olgária. **Os Arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WITHROW, G. J. **O que é tempo**: uma visão clássica sobre a natureza do tempo. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

## Pensamentos em tempos (pan)dêmicos

*Sarah Carneiro*

Está tudo em rota de mutação no planeta. Giros e mais giros sendo dados e eu vivendo a quarentena na pequena cidade de Cruz das Almas. Abrigada em casa. Podendo tocar a terra. Contemplar o céu. Ver a lua. Tomar sol. Molhar as plantas. Tendo pelo menos três árvores como moradoras também da casa que diz ao mundo quem eu sou. Uma delas está preparando jabuticabas, como se nada de grave estivesse acontecendo do portão para fora.

Aqui, no Brasil profundo, no Recôncavo da Bahia, longe dos ditos centros do mundo, sinto-me protegida. É como se a “Cidade de casas coloridas e curtas distâncias” estivesse fora da mira do vírus, estivesse a salvo das suas garras. Este texto abraça o pensar. Este texto abraça o rito de desenfreadamente escrever, sem que o fluxo do raciocínio se deixe ser metrificado pelos modelos que inibem o sentir e acabam por favorecer a objetividade científica ancorada na síntese entre empiria e arcabouços teóricos.

Nada contra, evidentemente, mas o modo como a pandemia atravessou meu corpo-território onde habita o meu senso de percepção não me levou de imediato para o acervo dos saberes acadêmicos que trago comigo. De cara, o que foi revirado foi o ramo dos meus sentimentos, os quais se desdobraram em pensamentos, que por sua vez, puxaram perguntas, que desajeitaram certezas e evocaram o ato de desafogar o íntimo para deixar fluir o que viria em forma de reflexões. Não hesitei. Abriguei tudo que me veio e dei partida ao narrar.

Por isso, o que está esboçado aqui pode ser entendido como um ensaio-postagens, visto que se trata de um ensaio contendo múltiplas reflexões, bem ao ritmo dos escritos de um *feed* de no-

tícias de uma rede social. Tenho sido atravessada por incontáveis pensamentos num mesmo dia, e vou tomando nota para desenvolvê-los mais adiante, num tempo que virá, mas que tempo será este, quando vai ser e como vai ser não sabemos. Mas uma coisa é certa: a ABNT precisa o mais rápido possível indicar como citarmos *lives* em textos científicos, porque elas viraram fontes de pesquisa. Elas têm cruzado nossos olhos e nossos ouvidos o dia inteiro e nos trazido conhecimento de todo tipo.

Entreguei-me aos inquietantes sentires que aportaram no mês de março, quando suas águas fecharam o verão e ao mesmo tempo abriram um percurso assustadoramente desconhecido que “não deixaria pedra sobre pedra”. São muitas as mudanças à vista, são muitas as rotas novas que surgirão; quais exatamente e em que segmentos vão acontecer ainda não sabemos propriamente, mas é melhor que tenhamos em nosso rebolado o forró de Genival Lacerda que diz: “Aqui tudo pirou! / Tudo tá mudado! / Aqui tudo pirou, tudo mudou” (1986).

Na sequência, o cantor diz “tá tudo americanizado”, querendo dizer que está tudo norte-americanizado, mas espero que mais adiante estejamos bem mais sul-americanizados. Não vou aprofundar aqui o que se move em torno da geopolítica que esta afirmativa dançante expõe, talvez faça isso noutra oportunidade, porque agora, agora que a ação de proteger nossa saúde se tornou ainda mais obrigatória, o que eu quero é expor reflexivamente o que me povoa.

## Os dias

Os dias transcorrem de um jeito jamais vivido, desconhecemos em absoluto o aonde para o qual as setas das horas estão apontadas e a incerteza nos ronda sem disfarces. O máximo que está revelado é que a rua deve ser usada o menos possível. É tempo de quarentena, é tempo de vínculo com a casa, e porque assim

tem de ser é que eu fui, hoje, à página 40 de *Miudezas de uma cidade do interior; escritos sobre Cruz das Almas*, este livro-antena do simples sentir, e fui até ele para buscar estas linhas minhas, estas linhas nossas e repetir: a casa é muita coisa!

A casa rende trabalho. A casa rende começos. A casa rende cansaço. A casa rende fomes. A casa rende lembranças. A casa rende ideias. A casa rende sentimento. A casa rende conversa. A casa rende suor. A casa rende enredo e nos enreda (CARNEIRO; FOGAÇA, 2017, p. 40).

Desassossegante tomarmos contato com o perigo que a Covid-19 instalou no mundo. Saber que um drama deste porte ronda nossa existência e bagunça o que somos. Termos como regra o recolhimento comunica muito e eu ainda estou assentando as sensações que estes dias de pausa forçada, num mundo que aprova a pressa<sup>1</sup> e legitima a vida acelerada, têm a nos dizer, a nos ensinar e a nos exigir.

Vai demorar para que os recados filosóficos desta pandemia sejam absorvidos em todos os seus aspectos. É muita coisa num evento só. Ritmos afetados, lógicas alteradas, hábitos reinventados temporariamente e pela frente uma vida outra por ser feita sobre trilhos novos. É certo que tudo isso vai passar e não seremos mais os/as mesmos/as.

No meio da tarde de ontem passei por uma das prateleiras de livros daqui de casa. Fui chamada pela poesia de Cora Coralina e olhem os versos que me chegaram... estão no poema “Ofertas de Aninha (aos moços)”. Eles, os versos, me confirmaram o poder cósmico das palavras e a capacidade de transmutação da arte. Achei, então, a epígrafe para este tempo nosso: “creio nos milagres da ciência e na descoberta de uma profilaxia futura dos erros e violências do presente” (CORALINA, 2004, p. 132/133).

---

1 - A pressa é “irmã” da velocidade, e sobre esta última o filósofo francês Paul Virilio publicou relevantes reflexões. Ver: VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Provavelmente a pandemia causada pelo coronavírus deixará mais perguntas do que respostas, mais dúvidas do que certezas. Contudo, uma conclusão já tem condição de ser declarada nos quatro cantos do planeta: a vida em sociedade não pode ficar à mercê do mercado, como recomendam as receitas neoliberais. A vida em sociedade exige que o Estado seja o guardião do bem-estar social. É a sua forte atuação que pode, em alguma medida, favorecer a disseminação da dignidade. A oferta da renda básica é uma conquista fundamental e já era urgente bem antes da Covid-19.

## **A máscara**

Caetano Veloso canta "o melhor o tempo esconde" (1979) e eu quero acreditar que o melhor virá. Eu quero crer que tudo que estamos vivendo vai passar, que outro tempo vai existir, que as marcas vão ficar, é verdade, mas que o renascimento será o legado que tudo que estamos vivendo vai deixar. E dentro do "tudo que estamos vivendo" tem muita coisa difícil, dura, intragável. As cenas tristes são muitas. Pessoas aglomeradas nas filas para receberem o auxílio emergencial, covas cavadas em série, as milhares de vidas que se foram, o uso constante de máscara...

Em qualquer lugar é estranha a sua presença, mas é mais estranha ainda numa cidade do porte de Cruz das Almas, onde a vida tem uma mansidão, as senhoras em seus vestidos estampados conversam nas calçadas, senhores de camisas quadriculadas andam de bicicleta, crianças jogam bola na rua, empinam pipa e sobem em árvore. A máscara num município de 60 mil habitantes soa muito mais intrusa do que em Nova York, onde o ritmo agitado e os prédios altíssimos por si só, em certa medida, já instalam um ar apocalíptico.

Mas em Cruz das Almas não. Cruz das Almas é terra onde o vento pode ser apanhado dentro do chapéu. Por isso, a contradi-

ção que a máscara instala é enorme. Foi chocante ver um homem e seus dois filhos pequenos usando máscaras numa carroça. Chorei. Nós nos olhamos com tristeza, com piedade. Aqui o dito progresso<sup>2</sup> não chegou por inteiro, mas as consequências negativas de um modelo de vida desregrado e pautado mundialmente no lucro sim.

Perceber isso no contexto de uma pandemia é revoltante. Para aquele homem da carroça, por exemplo, um carro não se fez possível para seu transporte, mas o preço por um mundo de cabeça para baixo ele tem que pagar, ele e seus filhos pequenos montados numa carroça tendo que usar máscaras para não adoecerem. Aquela imagem me chegou como absurda, muito absurda.

## **Curar e criar são primas-irmãs**

Certa vez escutei uma assistente social que trabalha no presídio, em Salvador, que as mulheres que lá viviam, ao receberem suas roupas, sempre encontravam um jeito de customizá-las, e este gesto a fez compreender que era a vaidade que as sustentava em pé. "A vaidade ali era sinônimo de dignidade", dizia ela.

As bonecas Abayomi, feitas pelas mulheres nas embarcações repletas de dor e que partiram de África para o Brasil, são o retrato da capacidade humana de seguir criando, mesmo em condições absolutamente adversas; seguir criando pode ser a única maneira de manter a lucidez em meio à turbulência. Afinal, criar e curar são primas-irmãs, e pode-se criar para não surtar, pode-se criar para proteger a cria, como é o caso das Abayomis produzidas pelas mães, que rasgando suas saias, extraíam os retalhos para compor bonequinhas e acalentarem seus filhos.

Em Auschwitz, e outros campos de concentração, os/as presos/as usavam carvão para desenharem, de modo que estão cata-

---

2 - O conceito "progresso" é daqueles conceitos espinhosos e que exigem relativizações. Sem dúvida, dois autores que contribuem para isso são o francês Edgar Morin e o brasileiro Eduardo Viveiros de Castro.

logadas pelo menos 2000 obras de arte feitas por quem viveu os maltratos do nazismo. Uma artista, em Strasbourg, me contou que tinha tomado conhecimento de uma poeta que, torturada num campo de concentração, escrevia na barra do vestido para não se esquecer que era humana. Ela me disse que os versos eram de uma beleza sem fim.

A pandemia é um acontecimento diferente. Não é um conflito bélico, como foi a II Guerra, e nem um projeto conscientemente genocida amparado por lei, como foi a escravidão. Mas é incontestavelmente um evento que nos desajeita por inteiro, que traz a morte como presença cotidiana, e por mais que isso seja uma verdade da vida, saber que há um vírus invisível ameaçando visivelmente o existir físico deixa esta verdade muito mais expressa, encorpada e incômoda.

É cansativo e desconcertante o protocolo de cuidados que precisamos cumprir. A condição de isolamento físico à qual estamos submetidos/as é uma situação inédita nos caminhos de todo mundo que está passando por isso agora, pois o que diz a história é que algo similar aconteceu pela última vez há pelo menos 100 anos. Logo, mesmo quem hoje tem 105 deve se lembrar bem pouco dos esforços que precisou fazer.

Como cada um e cada uma vai atravessar o trecho desafiador que nos está imposto é, em certa medida, um roteiro subjetivo, com base no que cada um e cada uma tem e é. Então, tem gente que vai segurar a onda fazendo foto de dentro de casa, tem gente que vai manter o equilíbrio escrevendo um diário e publicando-o, tem gente que vai encontrar sua grande motivação propondo *lives* – quem não gosta delas e acha “descolado” ficar dizendo que já encheu o saco... saiba que você pode estar massacrando o que tem sido a alavanca para quem as faz levantar da cama de manhã, e isso tem um quê de desumanidade, penso eu -, há quem vai se jogar na cozinha e deixar o seu melhor nas panelas porque

somente enchendo a casa de aromas é que seguirá respirando, há quem vai se salvar revendo fotografias antigas e projetando-as no Instagram etc.

Enfim, vai ter de um tudo, e isso não é romantizar a quarentena, isso é outra coisa: isso é usar o lirismo como recurso para prosseguir, isso é recorrer à ação mínima para fazer os enfiamentos necessários, isso é resistência. Decididamente criar em tempos adversos é a maximização da potência humana. Não ataquemos isso, não julguemos esse florescer que se faz viável, hoje, agora. E se entregar a esse florescer não é ser indiferente a quem está em situação de rua ou nas periferias ou a quem perdeu um ente querido.

Aprendamos a existir sob a cadência do “e”. Eu me importo com quem está mais vulnerável do que eu, [e] eu cuido do meu cerco do jeito que me é possível. Um sentir não exclui o outro.

## **Cuidemos das palavras**

Tenho extremo respeito pelas palavras e me incomoda ver a palavra “novo” associada ao coronavírus. “Novo” é termo que evoca vida, pulsação que cria e não o movimento de morte que o coronavírus dissemina. Sei que o vírus que circula livremente nestes dias de 2020 e está a desestabilizar o mundo é uma variação da família de vírus que se chama coronavírus, sendo que os coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. Mas este que está, atualmente, correndo solto pelas ruas tem nome, né? Por que então não o chamar pelo seu nome? A saber: SARS-CoV-2.

Meu senso respeitoso com as palavras vem de longe. São muitas as vozes que contribuíram para isto em meu caminho, mas para citar uma que está bem recente em meu espírito, evoco Herta Müller, que na entrevista que ofereceu à Angelika Klammer no livro

“Minha Pátria era um Carroço de Maçã”, num dado momento, diz: “tenho uma fome de palavras” (MULLER, 2019, p. 204).

Flagrando-me insatisfeita com a naturalização do uso da ideia sagrada de “novo” vinculada ao terreno movediço do coronavírus, lembrei de várias outras frases que me incomodam: uma delas é dita para expressar que o valor de um ingresso de um show está caro. Algumas pessoas, para externarem sua indignação, dizem: “só posso comprar se eu vender um rim”. Acho um horror esta elaboração que acaba flertando com a comercialização de órgãos.

### **A vida é rápida**

A vida é rápida. Sem previsão. Estava em São Paulo. Era fevereiro. Ano de 2020. O senhor de preto que estava a falar era o escritor Sérgio Sant’Anna que morreu, ontem, 10 de maio, vítima de Covid-19. Inacreditável! Este deve ter sido um dos últimos eventos públicos da sua história. Foi um bate-papo na Biblioteca Mário de Andrade. Poucos dias depois, fiz uma oficina de narrativas curtas com Gustavo Pacheco, que nos disse que Sérgio era uma pessoa que não saía de casa para nada, de modo que sua ida do Rio para São Paulo, para conversar um pouco sobre literatura, podia ser vista como um grande acontecimento. Eu lhe fiz duas perguntas na ocasião. Era noite de quinta-feira. Eu encontrei um amigo. Havia pouca gente na plateia. Comprei o livro “O voo da madrugada”, onde Sérgio escreveu “Para Sarah, esse voo com carinho”.

Aldir Blanc é o compositor junto com João Bosco de uma das músicas que mais amo na vida, “O Bêbado e a Equilibrista”. Chorei e choro escutando-a. Ser brasileira faz sentido porque eu levo comigo o dado de que nasci no mesmo lugar onde algumas pessoas extraordinárias também nasceram, e muitas dessas pessoas fazem música, que é seguramente a fonte que mais consegue nos dar respiro diante da sombra que o Brasil tem insistido em ser. A perda de Aldir Blanc para a Covid-19 gera um dia triste.

Moraes Moreira alegrou nossas vidas. Diz muito para mim o seu cantar. Adoro dançar suas músicas, verdadeiros hinos de alto astral. Os carnavais guardados em mim trazem sua presença e seu agito. Curtia muito seu estilo. Tenho sido cada vez mais grata por ter aprendido a gostar de multidão, de muvuca, por ter em minha memória o corpo a corpo suado da pipoca do trio elétrico. Essas coisas ganharam ainda mais importância em mim desde que o isolamento social se estabeleceu como regra de convívio.

Hoje chorei quando soube da partida repentina de Moraes Moreira<sup>3</sup> e fui nas minhas lembranças carnavalescas de um jeito que eu não sei explicar. É como se sua morte, tendo acontecido em meio às turbulências da pandemia, anunciasse a morte de um jeito de festejar a vida, e que é aquele jeito que a gente conhece na Bahia, e que é com um monte de gente pulando de uma só vez, se encostando, muvucando, se abraçando. E que é bom, e que é saudável, e que vai voltar a ser.

## Referências

AMERICANIZADO. Intérprete: Genival Lacerda. Compositores: Jorge de Altinho e Genival Lacerda. In: HOT-DOG BAIANO. [S.l.]: RCA Camden, 1986, LP. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5h2tf\\_rUisA](https://www.youtube.com/watch?v=5h2tf_rUisA). Acesso em 31 de maio de 2020.

CARNEIRO, S.; FOGAÇA, L. **Miudezas de uma Cidade do Interior**: escritos sobre Cruz das Almas. São Paulo: Conspire edições, 2018.

CASTRO, E. V. de. **Viveiros de Castro**: “estamos assistindo a uma ofensiva final contra os povos indígenas”. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/11/politica/1570796332\\_223092.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/11/politica/1570796332_223092.html). Acesso em 30 de maio de 2020.

CORALINA, C. **Melhores poemas**. Seleção e apresentação Darcy França Denófrío. 3. ed. (rev. e ampliada). São Paulo: Global, 2004.

---

3 - A causa da morte de Moraes Moreira, ao contrário de Sérgio Sant'Anna e Aldir Blanc, não foi Covid-19. Ele morreu vítima de infarto.

MORIN, E. **Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/seguimos-como-sonambulos-e-estamos-indo-rumo-ao-desastre-diz-edgar-morin.shtml>. Acesso em 11 de dezembro de 2019.

MÜLLER, H. **Minha pátria era um caroço de maçã**: uma conversa com Angelika Klammer. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

SANT'ANNA, S. **O voo da madrugada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TRILHOS urbanos. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: CINEMA TRANSCENDENTAL. Intérprete: Caetano Veloso. [S.l.]: Philips, 1979, LP/CD. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PfGcF1VQVLk>. Acesso em 29 de maio de 2020.

VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

# Filosofia, cinema e isolamento social

*Pablo Enrique Abraham Zunino*

Em resposta ao desafio lançado pelo *I Ciclo Internacional de Debates: Utopias e Distopias: o mundo pós COVID-19*, fui instado a pensar em torno do que a filosofia e o cinema poderiam dizer sobre a pandemia e sobre toda essa situação que estamos vivendo.<sup>1</sup> É muita coisa, na verdade, querer articular cinema e Covid-19 com tudo o que está acontecendo. Para dizer uma única frase, eu diria que vivemos numa era onde o mundo se tornou cinema. O fato é que vocês me veem (no vídeo da *Live*) como uma imagem; eu sou uma espécie de ator, porque não é o meu corpo que está em contato com vocês, nem com nada ultimamente. Tudo se tornou imagem. Então, podemos falar do cinema com base neste conceito de “imagem”, que engloba tanto a imagem atual quanto a imagem virtual. Isso nos permitirá desdobrar algumas ideias filosóficas para pensar diferentes maneiras de abordar esses temas.

O cinema pode ser pensado, como propõe Serge Daney (1983) na leitura de Gilles Deleuze (2013a, p. 92), segundo as “diversas funções da imagem cinematográfica”. Haveria três períodos na história do cinema durante os quais a imagem teve funções diferentes. Talvez estejamos agora em um quarto período. Há também uma questão da “perda do mundo”, que remete a um período da história ocidental – o niilismo – e ao mundo pós-guerra mundial, que em certos aspectos se assemelha ao que vivemos hoje. Nos tornamos imagem, o mundo se tornou cinema e perdemos o mundo. Não sabemos sequer se vamos poder voltar ao mundo. Então, uma das tarefas do cinema seria, como queria Deleuze (2018,

---

<sup>1</sup> - Uma versão preliminar deste texto foi apresentada ao vivo durante o *I Ciclo Internacional de Debates: Utopias e Distopias: o mundo pós COVID-19*, organizado pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão - NUPEF do Centro de Formação de Professores - CFP/ UFRB.

p. 252), fazer-nos voltar a “crer neste mundo”. Mais do que uma crença, eu diria que se trata de uma espécie de esperança, pois a crença na maioria das vezes remete a uma fé cega, um apelo para algo transcendente: a salvação de Deus ou a revolução; quando o que se espera de nós é justamente o contrário: atuar em função do que pode ser feito na imanência deste mundo, por mais que esteja doente. Nisso consistiria a crença neste mundo, um pré-requisito para poder viver nele, o único que temos.

Temos um diagnóstico, não temos a cura e aguardamos, esperamos a vacina. Ficamos encerrados como em alguns filmes da história do cinema: *Os Pássaros* (1963), de Hitchcock, mostra justamente como uma variedade de aves pode tomar conta das cidades, deixando os humanos enjaulados dentro de suas casas. Eles não podem sair porque são um perigo para o mundo. A relação entre o cinema e a vida real também aparece em séries recentes de *streaming*. No filme *Sérgio* (Netflix, 2020), protagonizado por Wagner Moura, um funcionário brasileiro da ONU (Sérgio Vieira de Melo) escuta uma mulher negra do Timor Oriental sussurrar algo assim: “Quero virar uma nuvem para depois chover sobre esse chão, essa terra onde eu nasci para nunca mais sair daí”. Esse é o sentimento de perda do mundo. Com tantas viagens, tantos desejos e tantas conquistas, nós acabamos perdendo o mundo e o corpo.

A gente perde o mundo. O que isso quer dizer? Nós ficamos, como nota Asiáin (2011, p. 13), em um “circuito de informação” repleto de textos e imagens em quantidades excessivas, nos angustiamos com toda essa informação que nos invade e se acumula diariamente. Então, a perda do mundo acontece porque ficamos alienados nesse circuito de informação, que nada mais é senão uma repetição de clichês. Isto nos impede de formar novos vínculos com o mundo, vínculos afetivos com corpos de pessoas reais, com nossas crenças e pensamentos; e não com proposições informativas e repetitivas – viralizadas, como se diz agora. O sujeito

superinformado é um sujeito ineficaz, que já não pode atuar sobre o mundo. Trata-se, na verdade, de uma vítima dessa ferramenta de poder que organiza e aliena os cérebros chamada informação.

Existe uma linguagem no Cinema Novo brasileiro que precisa ser resgatada, sobretudo pelo próprio povo brasileiro. Os filmes de Glauber Rocha, considerados por Deleuze (2018, p. 317) como um cinema revolucionário que infunde a “crítica do mito”, já apontavam para essa necessidade de esquivar a transcendência. Um povo miserável, manipulado pela figura do político, resignadamente crente na salvação pela religião – se ninguém vai nos salvar; em todo caso, Deus – passa pela câmera de Rocha com toda a crueza do sertão brasileiro. Não obstante, esses filmes não estão no *streaming*; há que pesquisar e fazer *download*, hoje uma das formas de meditação para sobreviver à pandemia: assistir bons filmes e fugir dos ruins, segundo os mais variados critérios para estabelecer essa distinção. Ocorre que nós já fomos treinados para não gostar de filmes cuja lentidão exige um tempo e uma atenção que extrapolam a limitada paciência do espectador. A qualidade é sempre deixada de lado por essa educação ao contrário do que seria uma educação estética. O gosto pela música e pelo cinema ficou em mãos da “indústria cultural” (ADORNHO, 2002, p. 6-7) e continua sendo moldado por ela. Nos últimos anos, no Brasil, houve uma espécie de neo-evangelização que exerceu domínio cultural, político e comercial, afetando até as preferências musicais com seu estilo “sertanejo gospel”. No cinema, os filmes de sangue, violência e narcotráfico ajudam a manter o rebanho medroso dentro dos currais. Daí o gesto de Wagner Moura, depois de protagonizar a série *Narcos* (Netflix, 2015), que visa atenuar a visão americanizada que se tem do latino-americano, sempre fazendo papel de traficante, mafioso ou violento. No caso da mulher latina – a morena sexy, a exploração da sensualidade feminina muitas vezes se confunde com a prostituição. O supracitado filme *Sérgio*, produzido por ele nos EUA, mistura elementos da realidade com outros resumidos na ficção, crian-

do cenas e personagens que afastam do ator de cinema brasileiro desse lugar comum, associado ao tráfico de drogas e ao submundo do crime. Por outro lado, também é importante visualizar esse cenário, na medida em que a guerra contra o tráfico é o outro lado da mesma moeda, enfim, outra maneira de se fazer necropolítica. Muito antes de aprender a fazer estatísticas de óbito por Covid-19, as mortes por homicídio que ocorrem diariamente nas favelas já teriam sido suficientes para desenhar a curva do genocídio da juventude negra, acusada em bloco de estar envolvida com o tráfico, como mostra o filme *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e a saga *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007) e *Tropa de Elite 2: o Inimigo agora é outro* (José Padilha, 2010).

### **Confinamento, necropolítica e capitalismo**

No contexto da luta de classes, há um tratamento diferenciado para as classes médias e as classes baixas, donde a “necropolítica” surge como um dos conceitos chave para pensar a questão do isolamento social. Trata-se de uma forma de poder que envolve decisões sobre a vida e a morte das pessoas. No cenário de migrantes afogados no mediterrâneo – para seguir um exemplo de Mbembe (2018) –, a estratégia é simplesmente “deixar morrer”, a mesma que alguns chefes de estado tem pregado ultimamente frente ao aumento vertiginoso de mortes por Coronavírus. Do mesmo modo, a guerra contra o tráfico travada nas favelas não é mais que outra variante da necropolítica, desta vez, dizimando a juventude negra.

No entanto, para a classe média tem o auto isolamento (*lock-down*) como medida preventiva e de cuidado que ao mesmo tempo introduz o que Foucault (1983) chamava de “técnica disciplinar do corpo”, isto é, uma técnica de poder que permite imobilizar as pessoas. Em nome da pandemia, e com razão, se recomenda

e até se proíbe que as pessoas saiam de suas casas, onde elas ficam confinadas. A análise foucaultiana da “sociedade disciplinar” toma a prisão como modelo, mas também se aplica às fábricas, às escolas e aos demais espaços onde os indivíduos ficam reclusos, porque ali é mais fácil disciplinar seus corpos. De certa forma, algo disso estamos vivendo agora. Por uma razão de força maior – que é o contágio próprio e a possibilidade de contagiar os outros – devemos fazer o *lockdown*. Eis que se coloca o problema do confinamento, de estarmos sendo disciplinados, inclusive pelas videoconferências que são gravadas. Tudo o que nós falamos pode ser acessado por outrem, mesmo sem autorização, sejam *hackers* ou instâncias às quais estamos subordinados. Isso nos coloca em uma situação de controle extremo. Desde aí, quem sabe, possamos construir a resistência, uma alternativa, usando essas mesmas tecnologias de trabalho para tentar criar a linha de fuga. Por enquanto, estamos confinados, sem vínculos sociais, sem laços, sem abraços, sem beijos e não sabemos por quanto tempo.

Com o *lockdown* se deteve a mobilidade daqueles que viajam por turismo, negócios, congressos acadêmicos etc. Este grupo da população consegue custear voos internacionais, mas também tem um tipo de trabalho que pode realizar-se em casa, um refúgio com acesso à internet, último nicho de mercado das plataformas virtuais como *Zoom* ou *Meet*. Pode acabar o mundo, mas não o capitalismo, porque já tem gente vendendo fundos de videoconferência com prateleiras virtuais, aquelas estantes cheias de livros que alguns tem, outros não, em sua biblioteca real. Desse modo, o capitalismo se reinventa; aproveita brechas como essa ou ainda mais profundas, como a do comércio de máscaras que proliferou junto com o vírus. Hoje existem máscaras de todo tipo: aquelas que você faz em casa, com plástico ou tecido; mas também máscaras de grife, com desenhos exclusivos, adornadas com fios de prata, detalhes em ouro e pedras preciosas. Sempre vai ter alguém que se aproveita da situação para vender um produto de primei-

ra necessidade e lucrar com isso, tal é a essência do capitalismo. Então, a utopia do fim do capitalismo ou do fim do neoliberalismo não está assegurada com a pandemia, como alguns dos “grandes filósofos” anunciaram prematuramente<sup>2</sup>. Lamentavelmente, muitas empresas estão quebrando; outras conseguem adaptar-se para continuar funcionando. Às vezes a empresa sobrevive, mas os funcionários não. Têm ainda os “empreendedores” surgidos nos últimos anos, vítimas do capitalismo (entregadores de comida em bicicleta, motoboys, motoristas de Uber etc.), que trabalham mais do que antes, arriscando a própria vida nessa empreitada.

Quanto a nós, professores, a situação atual nos empurra violentamente para a Educação à Distância - EaD. Diante do esvaziamento dos espaços físicos, as universidades estão adotando modalidades pedagógicas adaptadas ao trabalho remoto (*home office*), contando com a capacidade de seus docentes e discentes para desenvolver imediatamente essas habilidades. Contudo, cabe pensar alternativas para resistir a essa tendência, a fim de não perder o espaço conquistado nas últimas décadas, com a criação de universidades mais inclusivas e cursos destinados a populações carentes - povos indígenas e quilombolas - ou mesmo comunidades da zona rural, onde não tem a estrutura mínima necessária (computador com acesso à internet) para implementar essas modalidades de ensino a curto prazo. Esta deficiência reforça a necessidade de um investimento maior na educação, em vista do abismo que separa as etapas do ensino fundamental e médio da universidade, lacuna que já deveria ter sido preenchida e sanada.

A pergunta que subjaz a esta gestão dos comportamentos é sobre a produtividade: quais são os benefícios e a quem se reportam? A quarentena já mostrou que, além de assistir filmes e fazer visitas virtuais a museus, é possível ofertar todo tipo de cursos *on-line*, inclusive, usando essas plataformas para reuniões de tra-

---

2 - Sobre o assunto ver: Úrsula Passo - Folha de São Paulo, 2020; AGAMBEN et al, 2020; DAVIS et al, 2020.

balho, negócios e cursos de educação à distância. É uma tendência mundial que tomou conta da produtividade, sustenta Estévez (2020). Somos nós que estamos imobilizados, mas essa imobilização não é suficiente para deter a produção e o consumo, que continuam alimentando o capitalismo. Se bem o objetivo principal do *lockdown* é evitar a propagação do vírus, não se pode negar que há também consequências nefastas, sobretudo para as mulheres, como apontam algumas reivindicações feministas (FRATESCHI, 2020): além de trabalhar em regime de *home office*, as mulheres devem cuidar da casa, dos filhos e de tudo que envolve a “reprodução social”, no mesmo espaço físico.

No que tange ao cinema, antes de propor utopias ou distopias, caberia neste momento pensá-lo como projeto estético, mas sobretudo político, no sentido de construir uma realidade positiva. Entretanto, o cinema é apreciado pela sua capacidade de criar ilusões. Sem dúvida, é importante sonhar. Já podemos ver cisnes e golfinhos nos canais de Veneza, até onças pintadas passeiam na BR-324. Toda a fauna animal volta a viver em paz, porque o ser humano ficou confinado. Ares despoluídos nas grandes metrópoles, camada de ozônio se fechando. De fato, o cinema pode fazer-nos sonhar, bem como nos acordar com violentas distopias. Porém, como sublinhamos em Deleuze (2018, p. 247), o interessante talvez seja mostrar-nos o “intolerável” do cotidiano, aquilo que está aí a nossa frente, mas não queremos ver. Situações de desigualdade social, racismo, violência de gênero, expulsão de estrangeiros, enfim, a pandemia pode estar sendo utilizada como diz o ditado: “mal de muitos, consolo de todos” – ou de tolos, como diriam os que não terminam de convencer-se.

Por isso, o cinema tem a função de mostrar a realidade sem escorregar tanto para a representação ou para a transcendência, buscando a possibilidade do sonho na imanência do real. Essa seria a função do documentário, muitas vezes feito por cineastas

amadores e com pessoas reais que atuam de si mesmas para revelar situações de opressão na vida cotidiana.

Filmes brasileiros recentes como *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012) e *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019) colocam essa ideia de que existe uma vizinhança que se ignora, que ninguém quer ver ou que se deseja eliminar a toda costa. Nós estamos aqui, de certa forma favorecidos, porque podemos ter um trabalho remoto, mas há um *som ao redor*; pessoas que eram invisíveis e que a pandemia não só tornou visíveis, mas imprescindíveis. Médicos, enfermeiros, porteiros, pessoal de limpeza e todos aqueles que trabalham fora de casa, a maioria pegando ônibus, para cuidar a qualquer custo que a sociedade mantenha o mínimo grau de funcionamento.

### **Imagem, sociedade, controle**

Pensar o cinema a partir de uma concepção filosófica e política da arte supõe reconhecer diferentes funções da imagem, que correspondem aos sucessivos períodos que a sétima arte atravessou ao longo da sua história. Primeiramente, o cinema era visto como uma enciclopédia. Havia uma tela e o desafio era descobrir o que aparecia *atrás* da imagem: belas paisagens ou cenas horríveis, como as da guerra. Depois, o cinema funda uma pedagogia dirigida a nossa percepção e a questão era saber o que havia *na* própria imagem. Por fim, já no período da televisão, se aspira a deslizar para dentro da imagem, uma vez que “nada mais acontece aos humanos; é com a imagem que tudo acontece” (DANEY apud DELEUZE, 2013, p. 102).

A tela não é mais uma janela ou um quadro, senão uma mesa de informação onde deslizam dados. Este processo se acentua consideravelmente na era da internet e facilita o que Daney chamava “viagens de verificação” (DELEUZE, 2013, p. 104). As pessoas

podem fazer cinema: “o mundo faz cinema”, visto que qualquer um com seu celular pode ir – como foram muitos antes da pandemia – conferir as escadas onde dançava o *Coringa* (TODD PHILLIPS, 2019).

Estaríamos no período correspondente à terceira função da imagem, ou seja, quando nos deslizamos para dentro dela. No contexto das sociedades de controle, segundo a análise que Deleuze (2013b) sublinha em Foucault, impera uma lógica que remete à passagem da fábrica para a empresa. Vemos o surgimento de prêmios, metas e cargos que modulam os salários como nesses jogos da TV, onde você ganha mais dinheiro se responde à pergunta correta (*Slumdog Millionaire* – Quem quer ser um milionário? Danny Boyle, 2008). Há uma rivalidade emuladora que contrapõe os indivíduos entre si, até os colegas, para ver quem produz mais, quem fala melhor etc. Isso afeta a educação pública, porque os alunos também são ensinados a passar por esse controle contínuo que nunca tem fim, adaptado ao modelo da empresa. O filme sobre o livro de Kafka: *O processo* (Orson Welles, 1962); nos mostra como operam as formas jurídicas e impositivas, aquelas moratórias nas quais você fica eternamente endividado. Prestações intermináveis que consomem as pessoas das classes baixas, impostos que as classes médias sempre devem ao Estado. Nunca terminamos de entender como será paga essa dívida, incluso a dívida pública e a dívida externa.

Deleuze (2013b, p. 226) ressalta outra ideia da sociedade disciplinar, que Foucault atribui ao modelo do “poder pastoral”: o pastor-rebanho. Vemos muito isso no Brasil, sobretudo nas igrejas neopentecostais, mas não cabe aprofundar essa linha agora. Só diria, para voltar ao Coronavírus, que a “imunidade de rebanho” pregada pelo presidente dos Estados Unidos e pelo primeiro-ministro britânico, alardeando que o contágio da maioria da população nos daria resistência contra o agente infeccioso, não passou de falsa crença. Como nota Fernández Vega (2020), o próprio Bo-

ris Johnson foi internado por Covid-19, fato que teve como resultado a surpreendente e comovedora apologia do sistema de saúde britânico, que lhe salvou a vida graças aos enfermeiros imigrantes que o cuidaram, aqueles que antes ele acusava de viver dos impostos pagos pelos homens de bem. O mesmo discurso que ouvimos do presidente brasileiro, ao afirmar que não se deve parar a economia do país por causa de uma “gripezinha”, que só mataria aos que tivessem que morrer e ponto.

Na sociedade de controle, a identidade de uma pessoa, antes expressa pelo número da carteira de identidade ou pela assinatura que nos individualiza, deve ajustar-se ao uso de senhas com acesso à informação. Há também uma transformação do dinheiro: as antigas moedas de ouro são substituídas por cartões com chip e pelo dinheiro digital, resguardado em cifras com senhas.

Aparecem, naturalmente, teorias da conspiração – pensando nos filmes de ficção científica, mas nem tanto, pois estas tecnologias já existem ou acontecerão no futuro próximo –, como a implantação de um chip que permitiria controlar as pessoas. Sem ir mais longe, a série brasileira 3% (Netflix, 2016) vislumbra uma espécie de imunização por vacina eletrônica, que pauta a divisão entre “o lado de lá” e “o lado de cá”. Nesse sentido, mecanismos de controle ordinários, como os serviços de localização por GPS que operam em todos os celulares, marcando “em tempo real” a posição do usuário em qualquer lugar do planeta, poderiam bloquear ou liberar acessos mediante senhas, reconhecimento facial ou biometria.

Tudo isso se relaciona com o cinema se lembrarmos que desde sua origem este nos oferece uma multiplicidade de imagens, captada por uma câmera imersa na realidade filmada. Claro que essa realidade se transforma à medida que a tecnologia se desenvolve, como vimos, quase sempre em função do controle. Em relação à medicina, que desponta como possível salvação nas condições atuais da pandemia, mas também pode ser vista como

instrumento de dominação e dependência, a sociedade de controle concebe “uma medicina sem médico nem doente” (DELEUZE, 2013b, p. 229), mas composta de grupos de risco, o que nos devolve à biopolítica – face visível do necropoder –, porquanto esses grupos substituem indivíduos reais por uma cifra a ser controlada. Daí a proliferação de tabelas e gráficos com o número de casos, o número de óbitos, a estratégia de aplanar a curva etc.

Nos perguntamos, então, não só pelo que vai mudar, senão pelo que vai continuar sob a forma da desigualdade social. A ideia de uma renda universal mínima é uma proposta política de alguns setores da sociedade que atualmente não existe, mas poderia contribuir para que todos tenham, principalmente, acesso aos alimentos. Assim, quiçá, se possa viver com alguma dignidade. Programas de organização comunitária promoveriam o acesso à educação, com computadores e internet.

Meio a contragosto, o governo federal concedeu o auxílio emergencial para famílias que estão abaixo da linha de pobreza, assim como Estado da Bahia outorgou um vale-alimentação aos pais de alunos que ficaram sem merenda escolar após a suspensão das aulas. Será que a pandemia está forçando o Estado a tomar conta de uma parcela da população que já deveria ter cuidado antes, mas não o fazia? Talvez seja isso o que mude, ao menos por um tempo. Nenhuma solução para o problema da desigualdade, mas cortar investimentos em saúde e educação em proveito da economia, com a falsa promessa de zerar as contas públicas, põe de manifesto um discurso perverso, que imediatamente abre caminhos para pensar e exigir um auxílio permanente.

## **Considerações finais**

Para terminar esta breve discussão, caberia considerar algumas diferenças culturais entre Oriente e Ocidente, relacionadas com a condição de isolamento prolongado que nos impõe a qua-

rentena. Nesse sentido, o professor Alexis Lavis (2020), que sobreviveu à pandemia entre a China e a França, reconhece a importância do budismo como uma maneira de atravessar a crise. O budismo aproveita a situação do confinamento para praticar a autodisciplina através da meditação.

Sem dúvida, surgirão aqui uma série de preconceitos imaginários que é preciso afastar, pois a reclusão budista não implica um rechaço pela vida nem uma anulação da vontade; pelo contrário, trata-se de renovar a vitalidade do corpo e do pensamento por meio da respiração e da concentração. Os excessos do trabalho remoto, realizado no mesmo espaço que antes era dedicado ao lazer e ao convívio familiar, nos sobrecarregam. A vida virtual em sociedade se tornou “muito viciante”, dispara Lavis (2020, p. 1). A distração nos bombardeia dia e noite, pela internet e pelo streaming, com *lives* de todo tipo, desde aulas de ioga e culinária até reuniões familiares e aniversários *online*. Tudo isso acaba “atrapalhando a vida” que poderia ser aproveitada, justamente por estarmos em regime de reclusão, para vivenciar esse espaço interior.

Diferentemente das religiões ocidentais, que põem o acento espiritual em Deus e nas Igrejas, o Budismo se concentra na interioridade e na reflexão. A espiritualidade não passa por uma meditação vazia – deitar-se no tatame ou sentar-se em uma almofada de olhos fechados –, senão pelo exercício constante de concentração da mente. Isto ativa, junto com a respiração consciente, uma introspecção séria e concreta. Esta reflexão se aplica também aos autores e às obras canônicas. Invés de buscar a distração e a diversão nos filmes ou nos livros, trata-se de aproveitar a oportunidade para retornar aos textos clássicos, de literatura e filosofia, para fazer junto com eles uma introspecção, como aquela que propunha Descartes (1974) em suas *Meditações metafísicas*.

A questão das diferenças culturais pode ser pensada não só no mundo asiático – China, Japão, Coreia etc. – senão também

no continente africano, que aparece na obra de Achille Mbembe (2018; 2020), filósofo camaronês doutorado pela Sorbonne. Ele introduz o conceito de necropolítica, mencionado no início deste ensaio, que consiste em denunciar a maneira como se decide politicamente quem vive e quem morre. A pandemia, infelizmente, já nos dá exemplos concretos da aplicação deste conceito. Agora, nos hospitais de São Paulo se está decidindo quem vai para a UTI e quem vai para o enterro. Então, há uma globalização não só no sentido da expansão do capitalismo, mas de visualização das minorias e de modos de vida intoleráveis, tal como o expõe o filme ganhador do Oscar – *Parasita* (Bong Joon-ho, 2019) – ao revelar as condições de vida subumanas nos porões das casas na Coreia do Sul.

Em algum ponto, as palavras de Mbembe (2020, p. 1) se cruzam com o espírito da prática budista, que é sobretudo um exercício de respiração e conexão com a vida: “No ato de respirar, manifesta-se uma igualdade radical, original e fundamental, substancial à vida dos seres humanos, mas também à das plantas e animais. Toda a vida respira”. No entanto, o Covid-19 bate à porta do homem branco ocidental e ele dá de cara com a morte. Não consegue mais respirar e percebe que não adianta delegar a morte a outras pessoas, aquelas que ele considera “inferiores”. Não podemos saber de antemão se a experiência da pandemia nos deixará mais unidos ou mais egoístas. Que ao menos sirva para pensar outros modos de vida possíveis, menos cruéis e mais equânimes. Quando não haja outra saída senão crer no amor e na vida, quiçá possamos compreender as palavras que Artaud sussurrava no ouvido de Deleuze (2018, p. 247): “algo possível, senão sufoco”.

## Referências

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de J. Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGAMBEN, G. *et al.* **Sopa de Wuhan**. Editorial ASPO: Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio, 2020.

ASIÁIN, E. La cuestión ética de la creencia en el mundo a través del cinematógrafo. **Cuaderno de Materiales**, n. 23, 2011, p. 5-23.

DANEY, S. **La Rampe. Cahier critique 1970-1982**. Collection Cahiers du Cinéma. Paris: Gallimard, 1983.

DAVIS, M. *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DELEUZE, G. **Cinema 2 – A imagem-tempo**. Tradução de E. Ribeiro. São Paulo: Ed.34, 2018.

DELEUZE, G. Carta a Serge Daney: otimismo, pessimismo e viagem. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 2013a.

DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. São Paulo: Ed.34, 2013b.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas** [1641]. Tradução de Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Col. Os Pensadores)

ESTÉVEZ, A. El *zoomismo* y el disciplinamiento para la inmovilidad productiva. **Nexos**, 6 de março de 2020. Disponível em: <https://medioambiente.nexos.com.mx/?p=277>. Acesso em 06 de abril de 2020.

FERNÁNDEZ VEGA, J. Enemigos de la humanidad: el coronavirus y las tareas del proletariado. **El cohete a la luna**, 19 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.elcoheteealaluna.com/enemigos-de-la-humanidad/>. Acesso em 21 de julho de 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1983.

FRATESCHI, Y. Mulheres, Violência e Desigualdade no Momento Atual. Mediação de Mário V. Santos. **Casa do Saber**, 16 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2JL1mCKkX3U>.

LAVIS, A. En Chine, la discipline ne se relâche pas. [Entrevista cedida a]: **Philosophie Magazine** – Dossier Covid-19: Les philosophes face à l'épidémie, 20 de abril de 2020.

Disponível em: <https://www.philomag.com/lactu/temoignages/alexis-lavis-en-chine-la-discipline-ne-se-relache-pas-43046>. Acesso em 21 de abril de 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. L' 'homme occidental blanc' ne peut plus faire comme si la mort ne le concernait pas. [Entrevista cedida a] **Philosophie Magazine** – Dossier Covid-19 : Les philosophes face à l'épidémie, 20 abril de 2020. Disponível em: <https://www.philomag.com/lactu/temoignages/achille-mbembe-lhomme-occidental-blanc-ne-peut-plus-faire-comme-si-la-mort-ne-le>. Acesso em 21 de abril de 2020.

PASSOS, U. Saiba o que os grandes filósofos estão dizendo sobre coronavírus. Um guia para navegar nos debates intelectuais do momento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/04/saiba-o-que-os-grandes-filosofos-estao-dizendo-sobre-coronavirus.shtml>. Acesso em 12 de março de 2020.



# SONORA\_01 - um netvideo low-fi diy

Cláudio Manoel Duarte de Souza  
Andrea May  
Gleydson Públio



Crédito da imagem: Cláudio Manoel Duarte

Luigi Russolo ainda em 1913 (em seu texto *The Art of Noise*<sup>1</sup>) falava que, a princípio, a arte da música buscava pureza, limpidez e doçura do som. Ele se referia a essa limpidez como sons que “foram amalgamados (...), foi tomado cuidado para acariciar o ouvido com harmonias suaves”. Mas Russolo já reconhecia que a música, “à medida que se torna continuamente mais complicada, esforça-se para criar os sons mais dissonantes, estranhos e ásperos”. Segundo ele, era dessa forma que chegávamos cada vez mais “perto do ru-

---

1 - Publicado somente em 1967 (ver Referências). Raro documento disponível on-line: <[www.wdl.org/pt/item/20037/view/1/1/](http://www.wdl.org/pt/item/20037/view/1/1/)>.

*ido-som*"<sup>2</sup>. Anos depois, em 1937, outro artista-pesquisador do som, John Cage<sup>3</sup>, conforma suas ideias sobre ruídos e música:

Acredito que o uso do ruído para fazer música continuará e aumentará até chegarmos a uma música produzida com o auxílio de instrumentos elétricos que estarão disponíveis para fins musicais todo e qualquer som que possa ser ouvido<sup>4</sup>. (CAGE, 1937 apud KOSTELANETZ, 1968)

Então ruídos, asperezas, “estranhices” e dissonâncias, quando ordenados, quando encadeados, formam também os sons de uma nova música que chamaram de Música Concreta, de Música Aleatória, de Música Experimental, de Arte Sonora ou ainda de IDM, numa projeção libertária dos modelos e gêneros anteriores de estruturas definidas (ou mais definidas). Essa música que elege os ruídos como bases criativas, e sempre pautada na confecção de outras experiências de ordenação de sons e na improvisação, “elastecendo-se” junto com o tempo do atual e, agora se apoiando também nas tecnologias digitais (além das elétricas e acústica) - ampliando-se a si própria em experimentos e em novas construções de sentido.

Como essa discussão é trazida há várias décadas - e, portanto, não pertence à pós-modernidade nem à era digital - emergiu num cenário de tecnologias, reafirmamos, ainda analógicas, elétricas e acústicas.

---

2 - “At first the art of music sought purity, limpidity and sweetness of sound. Then different sounds were amalgamated, care being taken, however, to caress the ear with gentle harmonies. Today music, as it becomes continually more complicated, strives to amalgamate the most dissonant, strange and harsh sounds. In this way we come ever closer to noise-sound.”

3 - John Cage tem seu nome associado à pesquisa de música aleatória e da música eletroacústica, além de suas experiências sonoras com instrumentos musicais tidos como não convencionais. Possui vários estudos sobre o silêncio.

4 - “I believe that the use of noise to make music will continue and increase until we reach a music produced through the aid of electrical instruments which will make available for musical purposes any and all sounds that can be heard”. Richard Kostelanetz (autor de *John Cage, An Anthology*, New York, 1968) faz uma nota sobre esse texto, o qual foi publicado como uma palestra em 1937 em Seattle (EUA). Documento *on-line* (ver Referências).

## Tem na Bahia

O projeto sonoro baiano de may hd + junix11 tem bases estéticas nesses pensamentos. Aliás, pode-se dizer que há uma cena musical experimental baiana capaz de fazer-se visível em festivais com esse foco, organizados, principalmente, pelo músico e produtor cultural EdBrass Brasil<sup>5</sup>, desde 2005.

may hd explica que ao longo de alguns anos vem desenvolvendo experimentos artísticos objetivando o “aprofundamento na intermedialidade” e nas conexões desenvolvidas por meio de ações “fundamentadas na hibridização de Artes Visuais e Música, linguagens nas quais sigo construindo uma série de obras numa breve amostragem da potencialidade singular que gira em torno das múltiplas definições do ruído”, argumenta a artista<sup>6</sup>.



*May hd e junix11, diante do set up, 2020. Crédito da imagem: Cláudio Manoel Duarte*

5 - Informações disponíveis em: <<https://edbrass.webnode.com>>.

6 - Informações retiradas do vídeo e disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FbV9qu8iMwo>>.

Para may hd, cada uma destas obras busca evidenciar particulares facetas deste fenômeno que “provoca e suscita pensamentos sobre uma estética ou comportamento ao traçar um eixo colateral que introduz nuances de reconfiguração cultural e expansão de territórios que absorvem inclusive as zonas de indefinição” (SONORA\_01, 2020). may hd destaca que a dupla busca uma nova direção com “alguns atalhos de inspiração em gêneros específicos como a música experimental, *noise* e *visual music*” (idem). Eles buscaram incorporar em seus projetos “elementos simbólicos” que impactam na nossa expressão. may hd incorpora o elemento advindo da cultura punk, *faça você mesmo*, que elegera ferramentas básicas para viabilizar os produtos:

Em complemento às minhas inquietações intencionalmente voltadas para apresentação de um conjunto de manifestações distintas em torno do ruído, busquei parceria com o músico e produtor musical Junix 11, para juntos operarmos em sistemas com procedimentos na linha do ‘faça-você-mesmo’ (*DIY*) na realização de gravações e performances sonoras. Ao buscarmos um alinhamento conceitual para o trabalho em duo, nos deparamos com divergências x confluências, ocasionando atritos x soluções, num misto de ambas trajetórias que potencializa um pensamento uníssono: o da música livre (SONORA\_01, 2020).

O duo afirma que o processo de criativo é variável mediante a natureza da proposta artística. “Eventualmente nos surge a proposição, seja ela temática ou baseada num determinado formato de mídia, assim damos início à construção da peça compilando ideias pré-existentes ou inéditas por meio de livre improvisação com utilização de ferramentas direcionadas à estética escolhida”, esclarece may hd (SONORA\_01, 2020). O *set up* (o conjunto dos equipamentos para uso nas performances) também acompanha a liberdade de cada conceito, de cada performance, incluindo toca-

-discos portáteis para o *noisy turntablism* (discotecagem ruidosa), osciladores *handmade*, guitarra *preparada*<sup>7</sup>, *pedais de efeito*, *Monotribe* e *Sp404*.

## Entre videoarte e documentário

Pensar num registro, em vídeo, sobre a arte sonora da dupla may hd e junix11 é recuperar, em muitos aspectos, toda essa discussão construída desde Russolo, no milênio passado, tempos distante, até os dias atuais, a partir das experiências próximas, geolocalizadamente.

Começamos a produzir as imagens para esse vídeo, ainda sem narrativa definida (sem nem mesmo um roteiro/guião), em meados de dezembro de 2019. Nosso intuito era finalizar o vídeo após as festividades locais (virada do ano, festa de lemanjá, ensaios de blocos e carnaval), pois precisaríamos de outras locações para enriquecer o vídeo, com novas tomadas em outros ambientes e, mais especialmente, da gravação em plano-sequência de uma performance do duo.

Veio a notícia do Coronavírus e a intensa campanha pelo distanciamento social.

A pandemia nos trouxe, a todos, uma paralisia, que tendia a significar improdutividade, nos momentos iniciais de impacto – pois pensar em retomar um trabalho artístico parecia anacrônico e distante; até irresponsável.

Mas uma possibilidade se apresentou. Finalizar o produto com o material disponível e como ação do período de afastamento social e de quarentena. Quais as opções tínhamos? A primeira

---

7 - Artistas se referem a “guitarra *preparada*” como uma guitarra que sofre alteração em sua forma de gerar sons, com a inclusão de objetos entre as coras, por exemplo, como pregadores de roupas, folhas de papel, metais, etc., com o intuito de gerar novos sons estranhos à própria guitarra. Isso vale para outros instrumentos, inclusive discos de vinil, propositalmente destruídos (riscados, quebrados, com adesivos...).

seria buscar formas de direção e edição remota que viabilizassem o produto. Na sequência, reorganizar o material gravado e (re)ver as possibilidades e limites. Gleydson Públio, editor, faz um relato das etapas iniciais dessa retomada do vídeo como atividade produtiva na quarentena:

Antes do editar as imagens captadas, buscamos conhecer um pouco o perfil dos personagens, que usam o ruído para construção de sonoridades e música experimental. Então buscou-se incorporar esse *noise* para que a estética do vídeo dialogasse com a vivência sonora desses artistas. Por estarmos em isolamento social, as demandas e soluções foram definidas usando as ferramentas de comunicação proporcionadas pelo uso da web, como por exemplo *Whatsapp*, *Email*, *Wetransfer* e *Youtube*, além do uso do software Adobe Premiere CS6 para edição e finalização do netvídeo. As reuniões, áudios e *e-mails* serviram para nortear o processo de construção do vídeo. Assim, a cada *corte*<sup>8</sup>, Cláudio Manoel enviava uma devolutiva com observações e sugestões. A plataforma de compartilhamento de arquivos, *Wetransfer*<sup>9</sup>, foi definida como a forma de transferência dos arquivos brutos e dos finalizados (SONORA\_01, 2020).

Públio, pensando a edição do material, realiza um primeiro corte onde continham apenas as falas dos artistas. “O segundo corte foi feito mesclando as entrevistas dos artistas, imagens de cobertura (ainda sem cortes) e trecho dos *samples* de vídeos produzidos pelos artistas. Após a análise desse segundo corte, nos reunimos virtualmente, para pensar o conceito estético do vídeo”, complementa Públio (SONORA\_01, 2020).

---

8 - Em cinema, chamamos *corte* uma prévia do material editado (1º. corte, 2º. corte...).

9 - Um ponto desfavorável dessa plataforma é o fato de ter limitação de 2gb (gigabytes) por transferência, isso fez com que se fragmentasse a transferência dos arquivos originais em longos vai-e-vem de arquivos.



Crédito da imagem: Junix 11.



Crédito da imagem: Cláudio Manoel Duarte.

Essa primeira parte estruturante do vídeo reflete apenas uma seleção de inclusão e descartes de imagens, de inclusão e descartes também de trechos das falas (entrevistas). Restava ainda pensar na narrativa, na sequência/encadeamento das imagens, título, subtítulo e fontes para os créditos/ficha técnica.

Dois pontos tensionavam: qual o caminho narrativo que melhor se adaptaria ao tema, sem deixar de informar, a partir das entrevistas, sobre como may hd + junix11 pensavam o conceito de sua arte de sons e seus processos criativos, porém fora de um enquadramento de abordagem tradicional? De que forma as imagens poderiam dialogar com o conteúdo experimental proposto pela sonoridade dos artistas?

No campo da videoarte, – se fosse uma videoarte – estaríamos mais livres para um caminho menos, digamos, dentro de uma estrutura documental. E se buscássemos um caminho do entre-meu estético, onde a estrutura se aproximaria do documental e a narrativa pudesse explorar, nas imagens, uma conexão com uma estética, digamos, mais *noisy*, mais ruidosa, mais distorcida, mais experimental, menos documental? A videoarte passa a ser uma referência para pensar a reconstrução das imagens, na estruturação do vídeo e no uso de efeitos. Desde seu surgimento e consagração como linguagem na década de 1960, a videoarte aparece

como uma experiência estética que rompe com as convenções tradicionais cinematográficas de composição, roteiro, narrativas. Ela se estrutura além dos filmes de vanguarda (notadamente os de curta-duração que traziam um cinema mais experimental) dando-se liberdade criativa, favorecida pelos equipamentos de vídeo de gravar, apagar, regravar, tentar efeitos, a partir das fitas magnéticas dos formatos U-Matic, Betamax, VHS e Super VHS, principalmente. Poderíamos, então, buscar um diálogo com a videoarte em nosso vídeo? Em que campo estético poderíamos ainda encontrar uma conexão imagética com a sonora no campo de uma escritura de vídeo em diálogo com os sons?

A *glitch art*<sup>10</sup> passou então a cumprir o papel referencial estético para buscar, nas imagens do netvídeo, uma conexão com as sonoridades de ranhuras do duo. O ruído na imagem como elemento de desconstrução da imagem documental mais tradicional e de sua aproximação com o campo da videoarte, apontava para uma imagem *glitch* como uma forma de desmonte de uma estética previsível da imagem videográfica mais tradicional, conforme nos diz Mello (2008):

A desconstrução do vídeo é um procedimento criativo em que há a intenção consciente de desmontar a linguagem videográfica, desmontar um tipo de contexto midiático ou uma imagem. [...] a ruptura ocorre principalmente no estatuto da imagem. Essa ruptura reflete o modo como o artista se apropria dos dispositivos maquímicos do vídeo e promovem novos sentidos para a imagem contemporânea (2008, p. 116).

Além de fazer referência à videoarte na década de 1970 e à produção de distorções e efeitos nas imagens eletrônicas do próprio VHS, promoveria esse “desvio” do modo convencional da estética do vídeo documental e com maior interação com a arte de *hd* e *linux*.

---

10 - *Glitch art* aplicada ao vídeo traz das primeiras referências é produzida pelo cineasta Len Lye e seus filmes experimentais em 1935 (destaque para o filme *A Color Box*). Depois lembramos do artista contemporâneo Nam June Paik – a principal referência da videoarte no mundo – com seu vídeo *TV Magnet* (1965).

Trata-se aí de friccionar, tensionar as bordas das duas narrativas na busca de um intermédio (documentário/registo e videoarte/*glitch*video), criado numa zona limite que geraria um produto imbricado, contaminado, com uma “interpenetração de linguagens”, como fala Nunes (1996), e Neves (2020, p. 76) de “uma multiplicidade ligada ao conjunto de operações artísticas que expandem sua própria extremidade da linguagem, possibilitando um alargamento de sentidos.”

Então, já teríamos uma conformação de linguagens que pudessem referenciar nossa narrativa rasurando um discurso televisivo, documental, informativo com referências da estética da videoarte, da *glitch art* - que contaminaria o campo visual, o campo da “pele” do vídeo. Uma falha, no entanto, proposital e insistente.

Há ainda um aspecto implicador e positivo no processo de produção desse vídeo. Uma característica dos produtos audiovisuais do diretor Cláudio Manoel Duarte (desde seus videopoemas nas décadas de 1980 e 1990) é o elemento DiY (Do it Yourself, faça você mesmo), onde o autor aposta em processos de realização de baixo custo para ter velocidade na construção do produto em sua viabilização, como o uso reduzidíssimo de equipamentos. Ou seja, fazer “assim mesmo” e “com o que puder”. Tudo isso se espelha em sua produtora fictícia *O Imaginário é TV*, em associação com o igualmente fictício patrocínio da produtora *Nossos Bolsos Produções Artísticas*, que aparecem pela primeira vez no vídeo experimental *Passos, Espaços, Corpo & Linguagens* (1989), dirigido e produzido por Cláudio Manoel e Pedro Nunes Filhos, que tem uma estrutura de videoclipes com performances do bailarino mineiro de dança afro Edu Passos.

Seria então o encontro dos conceitos de *glitch art*, *low-fi*<sup>11</sup> (produção de “baixa resolução” no sentido de poucos equipamentos e até de resultados sem alta fidelidade) e do DiY. Murray Scha-

---

11 - *Lo-fi* (antes dos anos de 1990 *low-fi*) seria o resultado contrário ao *hi-fi* (alta fidelidade), numa correlação direta do ao áudio, ao som. Aqui usamos o conceito de *low-fi* aplicada ao vídeo.

fer, escritor, compositor canadense, em seu livro *The Tuning of the World* (1977), entende como a noção de *lo(w)-fi* como algo que resulta numa "relação sinal-ruído desfavorável". Estes conceitos norteiam a produção de *may hd + junix11*, também. Estamos, esteticamente, conectados!

A experiência artística desta produção audiovisual parece ter encontrado um viés que se auto fortaleceu (na busca de referências) e nós impulsionou.



*Crédito da imagem: Cláudio Manoel Duarte*

Gleydson Públio, formado no curso de Cinema e Audiovisual da UFRB, parceiro em vários trabalhos de Cláudio Manoel Duarte, continua seu relato:

A partir da definição da estética visual, realizamos os ajustes nos cortes e posicionamento das imagens de cobertura, de sobreposição aos áudios das entrevistas, bem como os momentos de inserções da trilha sonora. Sentimos a necessidade de acrescentar outras imagens que aplicassem os "ruídos" nas

imagens, não sendo apenas os provocados pela distorção e saturações nas cores (SONORA\_01, 2020).

Novas gravações com “ruídos”, na busca de termos mais opções de “erros”, foram produzidas com a refilmagens de imagens exibidas em tela *lcd*, em lente aproximada à tela de TV para saturar cores e aumentar a granulação dos pixels (pontos de luz). Essa é uma técnica antiga, da década de 1980, usadas em videoarte, na busca por maior granulação da imagem eletrônica. Claro que esse efeito é possível hoje via ferramentas digitais nos programas para edição de vídeo através de filtros, mas optamos por uma experiência *vintage*, eletrônica, numa referência ao modelo de produção das décadas anteriores. “Então realizamos as correções, distorções e sobreposições das imagens ao longo do vídeo, deixando sem tais ajustes, apenas as imagens dos *samples* dos artistas que foram alteradas apenas no redimensionamento para se adequar ao tamanho do vídeo, 1920x1080”, complementa Gleydson (SONORA\_01, 2020).



Crédito da imagem: Cláudio Manoel Duarte

Os *samples* (amostras, recortes, pedaços retirados) dos artistas são das performances no evento *Música Insólita Vídeo Performance* e *stay home*, ambos de 2020, disponíveis no canal da dupla (<https://www.youtube.com/user/amnixstudioart>).

Para a produção das imagens foram utilizados uma câmera *Canon Rebel T3i* (já fora de série), um microfone de lapela genérico, um tripé simples e duas luzes de *led*. A edição foi realizada no *Adobe Premiere CS6*; e os ajustes de cores e distorções de cores foram produzidos com o *plugin Channel Mixer*, nativo do software, com ajustes manuais. O redimensionamento dos *samples* foram feitos usando o *plugin Instant 4k*, da *Red Giant*. O netvídeo foi finalizado em formato *mp4* com compactação *H264*, em tamanho *Full HD*, com 29 FPS, ficando com um total de 11 minutos e quarenta e 43 segundos.

A ideia da terminologia netvídeo (e não webvídeo, como antes se usava quando falávamos de produção audiovisual distribuída via internet) diz respeito a sua livre exibição em qualquer dispositivo conectado e não apenas na *www* (*web*). Diz respeito ainda à escolha e aplicação da licença de uso e de direitos autorais em plataformas *streaming* de vídeo em redes telemáticas (principalmente *Youtube* e *Vimeo*) e em espaços geolocalizados - que já é inerente à produção de Cláudio Manoel a aplicação de uma das licenças - *CC-BY-NC-SA* - do *CC* (*Creative Commons*). A *CC-BY-NC-SA* permite que o produto pode ser usado livremente, sem utilização comercial, com fins culturais e distribuídos sob a mesma licença. Um vídeo conectado com a cultura *open source*, cultura livre, *information wants to be free*<sup>12</sup>.

Finalizado, o netvídeo *SONORA\_01 - a arte de sons de may hd + junix11*, após 3 cortes (versões), teve sua edição conclusiva para postagem no *Youtube*, com lançamento programado para 19h30,

---

12 - *Information wants do be free* (A informação quer ser livre) - Esta expressão refere-se à cultura hacker e foi creditada ao escritor americano Stewart Brand, em uma de suas falas na conferência hacker de 1984, nos EUA.

do dia 19 de maio de 2020. O *Youtube* preparou a sessão *première* (como foi chamado pela plataforma), inserindo vinheta de 120 minutos em contagem regressiva, para um público cadastrado e presente de 30 pessoas, na noite. Um tipo cineclube *on-line*!

O susto da Covid-19 interrompeu um processo e, ao mesmo tempo, terminou por se apresentar como um ponto para um outro pulo, que implicou não só o de retomar o processo de feitura do vídeo, mas servir como um ponto de reconexão entre os quatro artistas, uma espécie de alento temporário que desemboca em arte, como o alívio para esse enorme drama que nos tirou as rotinas diárias, o livre caminhar, o encontro com amigos, a perda de conhecidos.

O *SONORA\_01*, então, passou a ser uma pequena resposta, nossa, para que esses tempos nos reserve uma boa lembrança do aconchego que o *fazer arte* nos traz; uma lembrança nesses tempos onde "gostar de estar vivo dói", como disse Clarice Lispector em *Felicidade Clandestina*.

Sigamos na vida! Sigamos com arte! Veja o netvídeo *SONORA\_01 - a arte de sons de may hd + junix11* em: <https://youtu.be/FbV9qu8iMwo>

## Referências

CAGE, John. **The Future of Music** – Credo (1937). Disponível em: <http://www.medienkunstnetz.de/source-text/41>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

KOSTELANETZ, Richard. **John Cage** - *An Anthology*. [S.l.]: New York, 1968.

MACHADO, Arlindo. Hipermídia: o labirinto como metáfora. In: DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Senac, 2008.

NEVES, Felipe Ferreira. **Nas extremidades do vídeo**. Disponível em: <https://estudosaudiovisuais.files.wordpress.com/2019/09/o-d-o-c-u-m-e-n-t-acc81-r-i-o-e-o-d-i-s-p-o-s-i-t-i-v-o.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

NUNES, Pedro. **As relações estéticas no cinema eletrônico**. Natal: EDUFRN, EDUPb, EDUFAL, 1996.

PRITCHETT, James. **The Music of John Cage**. Nova York: Cambridge University Press, 1995.

RUSSOLO, Luigi. **The Art of Noise** (futurist manifesto, 1913). Publicado em 1967 pela Something Else Press. Documento *on-line*: <https://www.wdl.org/pt/item/20037/view/1/1/>. Acesso em: 19 de maio de 2020.

SONORA\_01 – arte de sons de may hd + junix 11. Direção e imagens: Cláudio Manoel Duarte. Edição, efeitos/distorções: Gleydson Públio. Samples de vídeos: Performance may hd + junix 11 (Música Insólita Vídeo Performance/2020); Performance stay home may hd + junix 11. Salvador, maio de 2020. (Netvídeo, 11'47"). Disponível em: <https://youtu.be/FbV9qu8iMwo>.

# Somos um o vírus do outro?

*Deivide Garcia da Silva Oliveira  
Bárbara Simões Barreto de Araújo*

Quais nossas semelhanças com um vírus em nível de relação intra e interpessoal, e numa relação nossa com o planeta? As narrativas sobre o comportamento humano do ponto de vista pessoal, interpessoal e com o planeta, são variadas e, qualquer que seja a posição adotada, encontra abrigo em todo tipo de literatura e arte. Obviamente, não seguiremos aqui uma linha conceitual séria sobre reclassificação biológica do ser humano como um vírus, mesmo porque, a resposta interessaria menos que a pergunta.

Me dei conta de algo quando tentei classificar sua espécie. Percebi que vocês não são de fato mamíferos. Todo mamífero instintivamente desenvolve um equilíbrio natural com seu ambiente. Mas vocês humanos não. Vocês vão para uma área e se multiplicam, se multiplicam, até que os recursos naturais sejam consumidos. Como única forma de sobrevivência se mudam para outro lugar. Há um outro organismo neste planeta com o mesmo padrão de comportamento. Sabe qual é? Um vírus!<sup>1</sup> (MATRIX, 1999).

Deste modo, aproveitando a oportunidade do diálogo da metáfora do agente Smith dentro do âmbito de tipos naturais, uma pandemia abre portas para refletir o que foi apontado por Smith quanto ao nosso comportamento. Esta é uma reflexão que, embora possível em qualquer momento da história da humanidade, ela apresenta maior força quando um problema sério e global como uma pandemia se instala de fato, e não apenas hipoteticamente. A pandemia traz distanciamento social/quarentena (não faremos distinção conceitual), e com isso uma reflexão sobre as conse-

---

1 - Agente Smith em conversa com Morpheus, filme *Matrix*.

quências que duas heranças projetam sobre os três níveis de relações citadas.

As heranças são, primeiro, o antropocentrismo vindo da modernidade impulsionada pela revolução industrial. No antropocentrismo, é central a ideia de que humanos são, ao menos, a espécie mais importante do planeta. Esta herança parece estar associada a uma outra herança da contemporaneidade em uma sociedade com valores de mercado livre, consumismo e liberalismo, a saber, a herança do *individualismo*, com *ismo* enfatizado, produzindo humanos egocêntricos como espécie e como sujeito.

Por isso mesmo, alertamos para a reflexão que aqui se segue, propiciada pela pandemia, que talvez não seja tão útil para certo público, já que ao final acabará por não dar uma resposta objetiva à pergunta acima, tal como supostamente se espera em uma sociedade e por pessoas imediatistas. Para esquivarmos da possível acusação de injustos com o leitor, antecipamos que o leitor está convidado a formar sua própria resposta entre as muitas possíveis, ainda que isso não signifique cair num relativismo onde tudo vale.

Isso não diz muito para o leitor que queira uma resposta pronta e acabada. Apontamos, porém, para a natureza provocativa e aberta do título, que em tempos de pandemia parece ser mais importante que qualquer possível resposta.

Consideramos a pergunta mais importante, porque a pandemia oferece uma chance de revisão dos nossos valores e modo de vida. Revisão dos valores herdados da modernidade (antropocentrismo) e contemporaneidade (individualismo exacerbado) como comportamentos virais no sentido apontado acima por Smith. A partir disso, trataremos dos seguintes tópicos: nossa relação com o planeta, nossa relação com o outro (amigo, parente, desconhecido, pessoa nascida ou por nascer), e nossa relação com nós mesmos.

Primeiro, vejamos como temos nos comportado ‘viralmente’ com nosso entorno. Por exemplo, Yuval Harari (2014), apesar de

sua visão positiva sobre o ser humano, não se abstém de informar que nosso comportamento parece mesmo equivocada, nos termos deste texto, ‘viral’ no sentido antropocentrismo-egoístico do agente Smith. Temos consumido os recursos do planeta com a mesma consciência de quem, aparentemente, não possui informações climáticas e ambientais no nível que possuímos. Harari (2014) lembra deste comportamento já na pré-história em relação à chamada megafauna. Ele diz no capítulo quatro que, segundo os registros apontam, “o *homo sapiens* parece mais com um serial killer ecológico” (HARARI, 2014, p.131) do que com apenas mais uma espécie naquele hábitat. Veja-se o caso dos mamutes, que prosperaram por milhões de anos na Terra, mas viram sua população diminuir a partir da interação com o *homo sapiens* até que, há aproximadamente dez mil anos atrás, não havia um único mamute no mundo. Tal foi o caso, com exceção da ilha Wrangel, onde mamutes prosperaram por mais alguns milênios. Porém, há aproximadamente quatro mil anos atrás, os humanos chegaram na ilha. Destino similar acometeu o tigre dente-de-sabre, a preguiça gigante, o leão americano (*Panthera atrox*), entre outros.

Não apenas isso. Imagens recentes de satélite mostraram que níveis de contaminação em grandes capitais caíram drasticamente após período de quarentena nestes lugares. Devido aos efeitos do isolamento social impostos como saída para uma pandemia viral, o ar ficou mais limpo de dióxido de carbono e outros gases poluentes a fauna selvagem voltou a aparecer dentro das cidades, como se dissesse que os humanos são mais passageiros do que pensam.

Não esqueçamo-nos também que a própria pandemia parece ter se originado de uma relação abusiva que temos com as outras espécies, já que o consumo de animais selvagens e os bilhões de dólares que este mercado faz girar indicam muito mais um consumo estimulado menos pela necessidade (grande parte dos chineses já nem consome este tipo de animal), do que pela excen-

tricidade que um pangolim (possível espécie hospedeira do vírus SARS-CoV-2) ao molho barbecue pode ter em restaurantes finos e/ou em jantares que impressionam a alta sociedade mundo afora.

O que dizer então dos fracassados encontros entre grandes potências mundiais a respeito de acordos para a redução de emissões de gases tóxicos na atmosfera? Fracassados porque, apesar da existência do encontro, ao fim não se chega nem perto do mínimo de redução ideal de gases tóxicos nos acordos firmados. Por exemplo, a COP21 (uma conferência do clima), sediada no Rio de Janeiro, pretendia substituir o protocolo de Kyoto. Vale lembrar que a COP15 já tinha sido considerada um fracasso aberto, segundo o presidente da Conferência Laurent Fabius. Por sua vez a COP21, pareceu publicamente um sucesso, pois todos os países entenderam que havia necessidade de redução de emissão de gases do efeito estufa. Noutra mão, também foi visto como fracasso, foi motivo de críticas por parte de cientistas o fato de que não se firmou nem quanto os países deveriam reduzir tais emissões e nem em quanto tempo<sup>2</sup>. Faltou estabelecer critérios claros de metas<sup>3</sup>. Outro exemplo é o anúncio em 2019 da saída dos EUA, um dos maiores emissores de gases estufas do mundo, do acordo do clima de Paris.

Por outro lado, interessante notar que a pandemia trouxe uma mudança forçada para este cenário abusivo de relação antropocêntrica-egocêntrica do ser humano com o planeta. A sociedade e a economia, que antes não podiam parar ou reduzir, apesar de todos esforços de acordos passados, agora reduziu. A aparente solidez da civilização que parecia inabalável se abalou, e o aparente inexorável movimento de avanço da economia que só podia ir adiante, retrocedeu. O comportamento viral,

---

2 - Ver artigo em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/cop21-sucesso-historico-ou-fracasso-velado/>.

3 - Ver em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/12/representantes-de-195-paises-aprovam-acordo-global-do-clima.html>.

presente na herança antropocêntrica e individualista, que antes parecia irrefreável por receio de danos econômicos inadmissíveis, foi certamente *forçado* a um arrefecimento por razões estruturais e temporalmente.

O isolamento pela pandemia também acabou forçando a civilização humana a se readaptar. Fala-se inclusive em um novo ‘normal’ da civilização. Um ‘normal’ de uma rotina de distanciamento incorporada na sociedade. O enorme fluxo de carros e transportes públicos, antes massivamente usados, agora passa por uma revisão. Afinal, como criar distanciamento se maior parte da população precisa se espremer em ônibus e metrô para trabalhar e até comprar comida? Resta saber se esse isolamento ‘forçado’ vai ser suficiente para abalar todo esse comportamento antropocêntrico e individualista que construímos e solidificamos por séculos, numa relação de clara exploração desumana do nosso planeta, tendo como fim apenas satisfazer desejos de 1% da população mundial. Ademais, ainda que falemos dos desejos consumistas de grande parte da população, a pandemia e o isolamento evidenciou que muitos destes desejos são supérfluos, já que foram facilmente *sacrificados*, mas não certamente supérfluos para a sustentabilidade do planeta. Talvez com a pandemia revalorizemos as pessoas e corramos para recuperar o “tempo perdido”.

Em países com reabertura gradual do comércio e afrouxamento do distanciamento, a exemplo da Inglaterra, o uso de bicicletas passou a ser uma opção segura, eficiente, uma maneira de exercício e ainda com benefícios climáticos e econômicos. Agora, em vez de se arriscar num metrô, de poluir o ar e engarrafar o trânsito, além de não se exercitar, as pessoas compram suas bicicletas, fazem exercícios e vão até o trabalho, mantêm distância segura, e não engarrafam o trânsito. Quiçá neste novo normal, usar um carro particular se torne não mais a primeira opção, quiçá o planeta agradeça o novo normal. Como nós e os governos se portarão sobre isso?

Claro, haverá outras saídas e oportunidades que cada país adotará para retomar a economia. O que a pandemia, porém, fez foi abrir uma forçada oportunidade para enxergar que, se não for por bem, a economia vai parar por mal e a civilização, que parecia sólida, será levada a um limite talvez irreversível e catastrófico de ruptura. Um comportamento antropocêntrico e individualista, posto à prova por um micro-organismo, mostrou-se insustentável. Talvez, seja necessária mesmo uma ruptura. Será por isso que, como previsto por Smith, em vez de criar um novo normal, buscamos agora colonizar Marte para instalar o velho normal por lá? Fica com o leitor a resposta.

O segundo aspecto do texto, nossa relação interpessoal (que ocupará maior espaço no texto), ficou evidenciada por uma das medidas mais antigas frente a uma pandemia, a saber, o distanciamento social/quarentena. É de conhecimento comum que Aristóteles descreveu na *Política* (1998) que o ser humano é um *zoon politikon*, um animal social, político enquanto parte da *polis* em sentido pleno do termo (ARISTÓTELES, 1998, p. 8-17), i.e., que mais do que uma simples abelha como espécie gregária, o humano desenvolve suas potencialidades na relação com o próximo, inclusive quanto ao que é justo ou injusto.

Disso que um distanciamento social em uma pandemia produziu uma abrupta e forçada quebra de rotina da natural relação que buscamos ter com o outro. A questão que aqui se coloca é como tal comportamento, em certa medida, se tornou viral e consumidor do próximo. Consumidor porque, dada as heranças mencionadas da modernidade e da contemporaneidade, nossa relação com o outro tem sido objetificante, mas numa pandemia isso fica nítido. Certamente, como herdeiros de tradições de outras gerações que somos, não parece difícil de encontrarmos no noticiário, no nosso dia a dia e em nossas ações, todas as situações em que fomos de fato levados a testar nossas potencialidades como parte

de uma *polis* em alguma forma de relação com o próximo, no trabalho, em casa, com amigos, parentes, desconhecidos, inimigos.

Objetificamos pessoas com frequência para atingir nossos fins e inventamos desculpas coletivas ou pessoais para isso. Espalhamo-nos pela carne e alma alheia para multiplicarmos nosso ‘Eu’ sobre o outro e justificamos isso dizendo “ele não gosta de mim” ou, “ele discordou de mim”, ou ainda “ele é diferente e não pensa como nós”. Por vezes usamos o ‘Eu’ grupal sobre o outro grupo ou sujeito para nos multiplicarmos no próximo. Colonizamos, como vírus, a riqueza da pluralidade para tornar aquilo que era plural em unitário. Com remorso ou não, parece que os que pensam contra o ‘Eu’ devem perecer, os que ficam no meu caminho devem perecer. Apenas o ‘Eu’ multiplicado deve prevalecer. Assim as heranças se projetaram sobre nosso agir. A pluralidade, constitucionalmente garantida, tem sido mundialmente ameaçada e não é raro ver até em instituições democráticas, como universidades, uma difusão deste comportamento virulento e supressor da pluralidade. Tal se faz por um mecanismo discreto que silencia sem mandar calar a boca, usando as vestes da Democracia, multiplicamos nosso ‘eu’. Mecanismos conhecidos de supressão da diversidade de pensamento. Mas, tudo vale se multipliquei o meu ‘Eu’!? A Universidade precisa repensar estas heranças.

Em certo sentido, a pandemia não mudou o desejo de colonização do outro e como o usamos para alcançar nossos fins. Como vírus, ainda colonizamos e contaminamos o outro, de modo que o outro passe a ser o meu inferno e ‘Eu’ o inferno do outro, como dizia Sartre (1975). Claro, se durante a pandemia não conseguimos, como normalmente fazíamos, ser o carrasco do outro ao descanso de qualquer repreensão, certamente ainda há a vontade de continuidade deste comportamento. Mas, devido ao isolamento por causa da pandemia, nosso comportamento viral passou a ser desafiado e precisou se reinventar, quem como vírus explora, precisa arrumar meios de continuar a explorar.

Todavia, o ponto desnudado por uma pandemia é: não há mais como facilmente esconder quão desumano isso pode ser. Exemplo, o simples ato de dizer para uma empregada doméstica pegar um coletivo, se expor na rua e correr o risco de se contaminar sem sequer ter um plano de saúde, apenas porque alguém não quer lavar o prato que come, pode representar mais do que uma mera relação trabalhista numa pandemia.

Assim, se é que podemos tirar algo de ‘bom’ disso tudo, e sempre devemos buscar algo de bom mesmo no pior, veremos que a pandemia deu a muitos brasileiros, ao menos num certo intervalo de tempo, aquilo que é justamente o básico necessário para refletir: tempo! Tempo para refletir quem somos, quem éramos e quem queremos ser.

Voltemos só um pouco a Sartre. Quando ele escreveu que ‘o inferno são os outros’, a frase foi dita pelo personagem Garcin na peça teatral *Entre quatro paredes* (SARTRE, 1975), onde 2 mulheres e 1 homem, Garcin, vão para o inferno, o qual seria um quarto fechado e sem saída em que estas pessoas ficariam presas pela eternidade. Na ocasião, Garcin externou que fogo e enxofre não seriam tão ruins como partilhar a eternidade com alguém.

Uma interpretação mais apropriada do caso é que Sartre não queria transformar o outro num inferno. Mas o contrário disso. Se haverá inferno ou não dependerá de como uma pessoa vê a outra. Tal questão remete a uma similaridade com a situação da pandemia que vivemos. Em ambos os casos, passar a eternidade em isolamento total com mais duas pessoas, ou em isolamento doméstico por tempo indefinido com família e/ou amigos, pode ter lá suas semelhanças. A responsabilidade que temos para conosco e para com o outro fica mais evidenciada em cenários de um quarto fechado no inferno ou numa casa por causa de uma pandemia.

Ao ver o outro como um meio para realização das nossas vontades, como dizia Kant (2002), se destrói o valor inerente que seres humanos carregam, valores de dignidade e respeito que,

assim, coloca a todos no mesmo lugar. Logo, não ao acaso Kant se oporia a comportamentos virulentos de objetificação de umas pessoas contra outras, assim como claramente ele se oporia a uma herança do utilitarismo (SANDEL, 2010), em que parte do individualismo se apoia.

Temos uma responsabilidade com gerações presentes e futuras, e estas questões nevrálgicas ficam expostas em situações limítrofes, como uma pandemia. Se numa convivência pré-pandemia, explorar o outro, violar sua dignidade, mentir, desrespeitar a autonomia alheia era grave, mas quiçá ignorado de tão comum, num mundo de pandemia e pós-pandemia, temos a oportunidade de rever estas tradições herdadas a fim de construir um novo 'normal', onde a objetificação e a desresponsabilização com o outro, que possui o mesmo valor que o 'Eu', não seja visto como normal. Numa pandemia, toda e qualquer ação intersubjetiva, ainda que o praticante esteja imunizado ou protegido, não nos isenta da clareza de responsabilidade com o próximo. O outro possui tanto valor como o 'Eu', e poucas situações deixam isso tão claro como numa pandemia, em que simples ações como ir ao mercado sem máscara pode impactar gravemente na vida do outro, e na de todos com quem o outro tem laços.

Cidadãos que somos, partes de uma polis, fica evidente a necessidade de usar máscaras, postergar ou cancelar festas, aniversários, comemorações. Poucas vezes na história ficou claro, como na pandemia, que a necessidade de colocar nossas vontades e desejos particulares em segundo ou terceiro plano é de fato algo a pensar como sendo a coisa certa a fazer. Poucas vezes ficou tão obviamente desumano *desejar* o acontecimento de alguma comemoração no cenário atual. O São João pode até ser importante, assim como ir ao cabeleireiro, mas visto a angústia e mortalidade que inúmeras famílias desta e de outras nações passam agora, em especial as mais vulneráveis, quiçá até porque *não lhes foram dada a opção* de ficar em casa, o protestar para a realização do São

João provoca uma ruptura do processo de valorização do outro. É certamente desconcertante termos uma mortalidade de mil pessoas por dia, e enquanto isso “levantamos poeira”. Duvidamos que tais protestos pudessem ocupar a nossa atenção se a pessoa que mais amamos tivesse sido vítima do COVID-19. O fato é que o amor de alguém foi e está neste momento sendo vítima do COVID-19. Assim, temos um débito com a *polis* da qual fazemos parte, com o lugar em que moramos para evitar torná-lo um inferno, temos um débito com o direito de dignidade e autonomia do outro. Temos um débito e também uma mensagem a mandar para a nossa própria geração e para as gerações futuras. Esta mensagem de valorização do outro não pode menosprezar o preço de um, nem de trinta mil vidas que o COVID-19 já levou. Sem tal, não passamos uns de lobos (vírus) dos outros, para lembrar Hobbes (2015).

Teremos vontade e força para romper com duas heranças e *agir (não só falar)* de modo que a vida do outro se torne tão valiosa como a minha? O fato é que, independentemente da classe social e país de moradia, todos se contaminaram com tais heranças, e no individualismo, perdemos nossa identidade como seres humanos. Não importa se você hoje está no nível 1, para fazer referência ao filme ‘O Poço’, ou se está no nível trezentos e trinta e três, não importa se você tem um livro, revólver, uma faca ou milhões de dólares pra gastar, é preciso lembrar que sem atenção ao próximo, se uns fizerem dos outros objeto para alcançar seus fins, no final a ilusão de falsa proteção dada por estruturas econômicas e sociais cairá. Seremos todos apenas animais selvagens presos no mesmo buraco (planeta, quarto) e em direção ao mesmo destino. Ainda que uns caiam primeiro.

Infelizmente, há vezes em que é preciso chegar no fundo do poço, dentro de uma pandemia, para só então entendermos que há algo que vale a pena salvar, uma criança, os mais vulneráveis, um resquício de humanidade, uma futura geração. Não esperemos pela administração, pelos governos, a pandemia nos pede uma

ação imediata de cuidado com o próximo. Que cada um faça sua parte para que haja comida na mesa de todos no fim do poço. Que cada um trate o outro com o merecido respeito e dignidade. Caso contrário, a pandemia mostra que todo mundo pagará de uma forma ou de outra. No fim, estamos todos trancados num mesmo espaço, embora sob condições diferentes, pois uns vulneráveis cairão primeiro. O COVID-19 mostrou que este espaço é um pouco maior que um quarto e mais fundo que um poço. Mostrou também que ainda temos como escapar dele lembrando o que é ser humano e enviando esta mensagem aos ‘de cima’, que estão deslumbrados com uma suposta e frágil superioridade e proteção, apaixonados pelo *status* “sou parte dos de cima”.

Por fim vamos ao último e mais sucinto ponto. A relação da pandemia e como temos sido virais intrasubjetivamente, impulsionado pela pandemia. As heranças que mencionamos prometeu entregar felicidade, florescimento humano, liberdade, pluralidade de ideias. Mas entregaram o que prometeram? A resposta dependerá do que você considera felicidade, florescimento de seres humanos bem desenvolvidos. Porém, qualquer que seja a resposta, nos parece que deveria estar relacionada com a ideia de *autonomia* promovida por alguns filósofos (ex.: Diógenes o cínico, ou Kant) e retomada por Brighouse (2006), no sentido de que qualquer que seja o tipo de situação ou atividade que nos inserimos, tais precisam ser tanto fruto de uma livre e completamente bem informada escolha perante uma rica pluralidade de alternativas que precisam ser avaliadas com proficiência, quanto que fruto de uma enriquecida capacidade de refletir sobre tal pluralidade (FEYERBEND, 1993). Acreditamos que isso produzirá maiores chances de felicidade uma vez que a escolha refletirá uma identificação do sujeito com o que foi escolhido por ele mesmo com clareza perante as opções.

Dito isso, com o tempo obtido da pandemia e isolamento, nos forçando ao ambiente doméstico, um corolário foi o quase inevitá-

vel tempo a sós com nós mesmos. Infelizmente, muitos não estão prontos para se olhar no espelho, refletir. Muitas pessoas têm relatado crises de ansiedade, depressão, insônia, entre outras doenças, nascidas ou aprofundadas pelo isolamento. Naturalmente, o desespero de ficarmos face a face conosco tem aumentado o nosso tempo surfando nas redes e mídias sociais, nas *lives* musicais, plataformas de *streaming* e que, não ao acaso, só tem produzido a sensação de distração, mais ansiedade e a busca por mais conteúdo num círculo vicioso que, com o isolamento, alimentou mais a disponibilidade destes conteúdos.

No isolamento fomos ainda mais bombardeados de possibilidades de alheamento, contudo, uma vez que estas opções foram minuciosamente construídas para nos viciar (inclusive quimicamente), então em algum momento você se dá conta que seu 'Eu' foi fragmentado em mil distrações as quais roubam nossa capacidade de florescimento humano, autonomia, de proficiência das alternativas e, ao fim, roubam o tempo e os meios essenciais para reflexão e uma construção orgânica do 'eu' (que deve apenas ser harmonizado). Talvez nunca as pessoas tenham lido tanto quanto agora, mas paradoxalmente, nunca foram tão consumidas por tanta coisa supérflua capaz de sabotar a construção e enriquecimento da autonomia e florescimento subjetivo. Sem percebermos, e com o isolamento fica ainda mais agravante, estamos indo por vontade própria cada vez mais fundo no poço do alheamento que nos tornam cada vez mais dependentes do supérfluo-necessário. Não ao acaso trabalhamos horas para entregamos para as empresas o que há hoje de mais valioso no mercado financeiro, a saber, informações detalhadas sobre nosso 'Eu'. Informações capazes de tornar estas empresas, esses aplicativos, os novos Senhores de nossa dependência e servidão voluntária (LA BOÉTIE, 1999). Nossos 'Eus' estão sendo esvaziados gradualmente, a cada descarga de serotonina gerada por *likes*, e não por outrem, mas por nós mesmos ao consentir que nos digam quem somos, quantos segui-

dores traz felicidade, e do que necessitamos na matrix moderna (veja o episódio *nosedive* da série *Black Mirror*).

As heranças de valores antropocêntricos e de individualismo encontraram o jeito mais eficiente de sabotar nossa autonomia. Criaram a ilusão de uma infinidade de escolhas para, na verdade, guiar nossa fuga para longe do peso e trabalho de ter que construir nossa autonomia, de lutar contra nossos egoísmos, intolerância, preconceitos. No filme *Matrix*, Morpheus alerta que muitas pessoas não estão prontas para acordar e ver a “realidade”. Preferem a ilusão, por isso, como cantou o poeta-filósofo Renato Russo, vamos celebrar “nosso pequeno universo”, vamos celebrar “toda a nossa falta de bom senso/Nosso descaso por educação/Vamos celebrar o horror /de tudo isso com festa, velório e caixão/ Está tudo morto e enterrado agora /Já que também podemos celebrar/A estupidez de quem cantou esta canção” (1993), e de quem escreveu este texto.<sup>4</sup>

## Referências

AMARAL, A.C. COP21: **Sucesso histórico ou fracasso velado?**. Agência Envolverde Jornalismo, Paris, 2015. Disponível em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/cop21-sucesso-historico-ou-fracasso-velado/>. Acesso em 26 de maio de 2020.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. 1. ed. Lisboa: Vega, 1998. (Edição bilíngue (português-grego) com tradução direta do grego)

BRIGHOUSE, H. **On education**. Abingdon: Routledge, 2006.

---

4 -v Agradeço a colaboração dos professores Dr. Ronaldo Pimentel (IFBA-Salvador) e Me. Maurício Rios (IFBA-Salvador). Além do apoio do CCAAB e da UFRB neste período de *home office*.

FEYERABEND, P. K. **Against method**. 3. ed. New York: Verso, 1993.

GARCIA, R. COP21: **representantes de 195 países aprovam acordo global do clima**. G1, Paris, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/12/representantes-de-195-paises-aprovam-acordo-global-do-clima.htm>>. Acesso em 26 de maio de 2020.

HARAR, Y.N. **Sapiens: A brief history of humankind**. New York: Random House, 2014.

HOBBS, T. **Leviatã**. São Paulo: Edipro, 2015.

KANT, I. **Groundwork for the Metaphysics of Morals**. New Haven: Yale University Press, 2002.

LA BOÉTIE, E. **O discurso da servidão voluntária ou o contra um**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MATRIX. Direção de Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Produção de The Wachowskis, Village Roadshow Pictures, Silver Pictures. Los Angeles: Warner Bros., 1999. Sci-fi (150 min)

PERFEIÇÃO. Intérprete: Renato Russo. Compositores: Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Russo. In: DESCOBRIMENTO do Brasil. Intérprete: Legião Urbana. [S.I.]: EMI, 1993, 4 faixa, CD.

SANDEL, M. J. Justice: **What's the right to do?** New York: Macmillan, 2010.

SARTRE, J. P. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

# Tecnologias digitais na Educação: possibilidades e desafios à docência

*Marcos José de Oliveira Silva  
Naiana de Carvalho Guimarães  
Ana Maria da Silva Oliveira*

## **Contexto: situações instáveis**

O presente texto pretende lançar algumas considerações acerca do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e do ensino remoto nesses tempos pandêmicos que marcam o contexto atual brasileiro. Para tanto, as reflexões apresentadas se direcionam para pensar as importantes possibilidades de utilização das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas e os desafios sociais e econômicos que envolvem as condições desiguais dos/as estudantes, seja na educação básica, seja no ensino superior. Além disso, apresentaremos relatos de docentes da educação básica que compartilham sentimentos, atitudes e movimentos de suas práticas pedagógicas no contexto adverso em que o mundo está envolvido.

Em meados do mês de março de 2020, uma política de distanciamento social foi implementada no Brasil como forma de conter o avanço do número de infecções da COVID-19<sup>1</sup>, causadas por um novo tipo de Coronavírus, o SARS-CoV-2, conforme também fora feito (e continua sendo realizado) em muitos países afetados pela pandemia da doença. O país, então, adentrava num momento de extrema transformação mundial nas relações sociais, trabalhistas, econômicas e em questões ligadas aos cuidados com a vida.

Nas instituições educacionais, as atividades letivas foram de imediato suspensas, demandando um olhar mais atencioso às tec-

---

1 - Ver Boletim Epidemiológico nº 5 do Ministério da Saúde (COE COVID-19 - 14/03/2020).

nologias e plataformas digitais como mediadoras do processo de ensino e aprendizagem. Assim, aumentam as discussões em torno da Educação à Distância (EaD) e do ensino remoto. Para muitos, o momento tem nos mostrado a importância de ensinamentos significativos e debates proporcionados pelas tecnologias; para outros, é preciso cautela, pois, há muitos desafios que precisam ser enfrentados, como o acesso às redes digitais, a familiaridade com algumas plataformas e as instabilidades emocionais causadas pelo distanciamento social.

É relevante ressaltar que ensino remoto e EaD não são sinônimos. O ensino remoto é uma experiência nova que ganhou espaço com o contexto pandêmico da Covid-19. Já o conceito de EaD está expresso no Decreto 5.622/05:

[...] caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

Podemos destacar como um dos diferenciais entre ensino remoto e EaD a temporalidade: a modalidade EaD é assíncrona, ou seja, não ocorre ao mesmo tempo, enquanto que a modalidade remota é síncrona, utilizando plataformas digitais para adaptação pedagógica às aulas.

### **Tecnologias digitais: possibilidades e implicações**

Para mitigar os efeitos do distanciamento entre professores e estudantes, e para cumprir de certa forma as aulas, atividades à distância assumem um caráter essencial. Assim, são construídas experiências em plataformas digitais, vídeo-aulas gravadas em redes sociais, aulas *on-line*, materiais audiovisuais via redes, etc. As

tecnologias digitais, nesse sentido, são utilizadas como mediadoras do ensino e impulsionadoras de aprendizagens (ROJO, 2012).

Muitas são as ferramentas e plataformas disponíveis para a consecução do trabalho docente de maneira remota, tanto de grupos proprietários, como as opções do *Google* (que se disseminaram), como também de *softwares* livres, não tão populares, mas que tentam fugir das regras mercadológicas dos grandes grupos. Esses produtos e serviços disponíveis são impulsionados pelos usos sociais das tecnologias e os consumidores de mídia provocam mudanças nos produtores, por conta das suas demandas sociais. Por exemplo, a necessidade de se realizar uma educação à distância contribui para a criação de plataformas e serviços.

Em muitos desses ambientes e ferramentas, há experiências de produção do conhecimento que envolvem a participação ativa dos sujeitos praticantes do ensino e da aprendizagem. Dessa forma, são “[...] produtores de conhecimento a partir dessas novas ferramentas e dispositivos digitais, compartilhando com seus alunos essas novas formas de construção colaborativa, levando-os a se tornarem produtores e não apenas consumidores de conhecimento” (TANZI NETO; THADEI *et al*, 2013, p.138). Ou seja, muitas das possibilidades desses instrumentos contribuem para a produção colaborativa do conhecimento.

Diversificar as experiências de aprendizagem continua sendo essencial, tanto nas relações presenciais como nas remotas (em destaque com mais intensidade atualmente). E, para isso, podem ser utilizados jogos, visitas a museus virtuais, simulações, uso de laboratórios remotos e uma série de outros recursos atualmente à disposição.

O fazer docente tem se deparado com a urgência em radicalizar o uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, demanda que não surgiu agora, por conta da Covid-19, já tendo sido anteriormente anunciada por professores/pesquisadores que se dedicam a pensar e desenvolver a educação

por meio de novas tecnologias. Então, esse “novo normal”, que se tem falado em matérias jornalísticas e textos que discutem as mudanças provocadas pelo cenário atual, no que se refere ao impulso e envolvimento com plataformas digitais, já fazia parte da prática pedagógica de muitos profissionais que alertam para a importância do desenvolvimento de ambientes educativos tanto presenciais como à distância.

Por outro lado, os desafios existem e nos impõe reflexões e ações consistentes. Muitos professores ainda não estão familiarizados com algumas plataformas e aplicativos<sup>2</sup>, impondo a necessidade de se “pensar nas agências que vão ajudar os professores a usar a tecnologia como recurso didático, uma vez que muitos deles não se sentem preparados para usar as tecnologias digitais como recurso pedagógico” (COSCARELLI, 2018, p. 4); e há desigualdades de acesso às redes digitais, por questões socioeconômicas e estruturais.

Vale ressaltar também, que o ensino remoto não pode ser realizado de qualquer forma. Não pode ser qualquer coisa para qualquer educação, afinal, essa premissa é válida para qualquer tempo/espço de ensino e aprendizagem. Não pode ser, portanto, uma espécie de “gambiarra” para darmos conta de manter as aulas, os conteúdos em dias e a carga horária.

## **Tecnologias digitais e a prática docente**

Números atuais identificam que, no Brasil, 70% dos domicílios possuem acesso à internet<sup>3</sup>, percentual que aumentou em comparação com os 67% de 2017. Esses dados permitem perceber um crescimento na cobertura do acesso às redes digitais, revelando

---

2 - Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 67% dos docentes alegam ter necessidade de aperfeiçoamento profissional para o uso pedagógico das tecnologias educacionais (INEP/2017).

3 - Pesquisa TIC Domicílios - 2018, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.br/NIC.br - UNESCO).

a participação de camadas menos favorecidas com os produtos e recursos da internet.

Todavia, as possibilidades de acesso ainda são distribuídas de forma desigual. Muitos indivíduos não têm acesso à internet por razões alheias à sua vontade. Entram nessa conta as ausências de equipamentos, as arquiteturas limitadas e os custos financeiros do próprio acesso. Apesar dos números de domicílios com acesso à internet ter crescido significativamente, esse crescimento se opera de maneira desigual entre as camadas sociais e regiões.

Se considerarmos que grande parte dos discentes é de família de baixa renda e/ou vive em condições de vulnerabilidade socioeconômica (o que implica falta de acesso à internet, equipamentos, e até mesmo de locais para estudar, por exemplo), temos muito que avançar em relação à implementação do ensino remoto como uma ferramenta pedagógica, de forma que ela não acabe se tornando uma ferramenta exclusiva de uma minoria de privilegiados.

Além do acesso à internet apresentar desigualdades quanto à utilização dos espaços digitais, a disponibilidade das ferramentas também expõe as limitações para o uso dos dados, pois em relação aos dispositivos utilizados, 85% dos usuários de internet pertencentes à classe socioeconômica D e E<sup>4</sup> acessa a rede exclusivamente pelo celular, 2% apenas pelo computador e 13% se conecta tanto pelo aparelho móvel quanto pelo computador (NIC. BR, 2019). A ausência de aparelhos como *tablets*, *notebooks* e computadores impedem/limitam os/as estudantes de acompanharem de modo satisfatório às discussões e atividades propostas no ambiente digital.

Além disso, aqueles que habitualmente utilizam as plataformas digitais tendem a se beneficiar mais das soluções tecnológicas, implicando em riscos de acentuação dos desníveis de

---

4 - O critério de classificação econômica no Brasil é um instrumento usado para diferenciar a população e classificá-la em classes que vai de A1 a E, sendo A1 a classe mais alta e E a classe mais desfavorecida economicamente.

aprendizagem entre estudantes. Por conta disso, “uma estratégia consistente para o ensino remoto é aquela que busca mitigar as condições heterogêneas de acesso e os diferentes efeitos de soluções à distância em função do desempenho prévio dos estudantes” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p. 05).

A questão do acesso não se restringe somente a ausência de infraestrutura física ou de recursos financeiros para o uso dos produtos. Soma-se a isso o fato de que “a utilização da tecnologia depende do ensino de métodos que possibilitem que as pessoas tenham maior habilidade para transitar no ambiente digital e explorar todo o seu potencial” (SILVA; ZIVIANE; GUEZZI, 2019, p. 35). Entretanto, isso não deve servir como justificativa ou impossibilidade para a implementação de experiências digitais pedagógicas. Pensar, por exemplo, um letramento digital é uma demanda da contemporaneidade, dadas as variadas tecnologias de informação e comunicação com as quais lidamos cotidianamente.

Apesar das desigualdades sociais, muitos desses recursos são constantemente utilizados e conhecidos por grande parte dos estudantes da contemporaneidade, já que esses indivíduos são nativos digitais (PRESNKY, 2001). Eles vieram ao mundo imersos em um ambiente tomado pelas novas tecnologias digitais. São os jovens “Polegarzinha” e “Polegarzinho” de Serres (2013), praticantes digitais por natureza com muitas perspectivas que não se adequam a recursos educativos de épocas anteriores, porque esses sujeitos são seres sociais que se comportam de maneira diferente, por terem acesso ao mundo e a todo tipo de conhecimento através de um celular e da internet, por exemplo.

Não se pode ignorar que esse “novo” tipo de aluno tem acesso a um volume enorme de informações, implicando na construção de pensamentos e conhecimentos sistêmicos, mas que também trazem riscos, como a contaminação negativa pela propaganda midiática, que muitas vezes se traveste de ensino bem intencionado e forja contextos em prol do alcance de ambições individualistas.

Esse panorama impõe atitudes exaustivas à prática docente a caminho de uma alfabetização e formação digital dos atores da educação, de modo que esses possam continuar imersos nessa era de corrida tecnológica, porém com a competência de construir as próprias convicções, contextualizações, análises e atitudes sociais, bem como os próprios conhecimentos, tendo em vista, conforme nos aponta Rojo (2012), a construção de uma nova ética e novas estéticas.

### **Experiências educacionais em tempos de pandemia**

A produção desse ensaio demandou, em termos metodológicos, a escuta de participantes de comunidades escolares com propósitos de discussão sobre os desafios, implicações e possibilidades de uso das tecnologias digitais para o ensino.

Gatti (2012) orienta que pesquisas em educação têm características peculiares que envolvem seres humanos e seus processos de vida. Nesse sentido, no mês de maio de 2020, professores de escolas públicas de educação básica, que integram as redes profissionais e de estudos dos autores desse ensaio, foram convidados a compartilhar, voluntariamente, breves relatos de suas experiências educacionais em meio ao distanciamento social.

Tais sujeitos receberam, através do aplicativo *WhatsApp*, um formulário *on-line*<sup>5</sup> contendo dois questionamentos: “O que você pode nos relatar sobre a sua experiência educacional no contexto da pandemia de COVID-19”? Na sua opinião, quais são os desafios e possibilidades que permeiam a educação brasileira nesse contexto pandêmico”? O formulário também continha um termo de consentimento livre e esclarecido com cessão de direitos autorais através do qual se comprometeram a compartilhar informações de própria autoria e que não incorram em violação de direitos.

---

5 - Para maiores informações, segue o link do formulário: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfXEShv7yboBzYcqaiqq9ReHUSOh2HOapJ4jIYgt7V0maRpSA/viewform?vc=0&c=0&w=1>>.

Esse dispositivo de coleta de informações foi enviado a oito professores, todos da rede pública de ensino, sendo dois atuantes em Feira de Santana-BA, dois em Salvador-BA, dois em Governador Mangabeira-BA e dois em Santo Amaro da Purificação-BA. Assim, houve a participação de docentes dos municípios de Feira de Santana-BA, Governador Mangabeira-BA, Salvador-BA e Santo Amaro-BA. As participantes da atividade (recebemos formulários preenchidos de professoras) foram nomeadas por uma letra maiúscula atribuída pela ordem de envio das respostas dos formulários, tempo de experiência docente e titulação acadêmica.

As respostas às provocações do formulário, que serão apresentadas e refletidas a seguir, demonstram sinais dos conflitos e potencialidades do “ser professor” em meio aos problemas de ensino, desigualdades de acesso à internet e a equipamentos digitais necessários para desenvolvimento da aprendizagem e familiaridade com as tecnologias digitais.

A professora C (13 anos de docência e mestre) compartilha:

Vivo um momento ímpar na minha profissão em que mesmo com as escolas fechadas, percebo a necessidade de as escolas estarem com os alunos. Apesar de toda a precariedade da escola pública que conheço, ela ainda desempenha uma função social exclusiva. Apesar de a proposta de ensino remoto não atender à grande maioria de nossos alunos, penso que é uma tentativa válida, assim como é válido criar estratégias outras para atender aos que estão à margem do ensino remoto. Muito está sendo reafirmado. Pais não são professores. Professor é professor, é profissão. Alunos não têm autonomia e, para alguns deles, a escola é um refúgio contra violências diversas e contra a fome. Considero que a pandemia, no contexto educacional, reafirma a importância da escola na sociedade e põe mais ainda em evidência o quanto essa escola precisa ser melhorada, por exemplo, em infraestrutura tecnológica e formação de professores.

A professora relata a importância do ensino remoto nesses tempos, mas também ascende o entendimento de que a escola muitas vezes reforça esse panorama desigual do Brasil e, ao se tornar remota, exclui muitas das suas razões de existir: os seus alunos. Alunos que precisam estar na escola para aprender e ter perspectivas de uma vida digna, mas que também encontram nessas instituições a oferta das suas únicas refeições diárias e uma proteção, ainda que temporária, contra abusos violentos que assombram os seus cotidianos. Esses fatos não devem continuar sendo naturalizados, pois, configuram um desastre sutil que precisa ser apontado e combatido nos mais diversos espaços possíveis.

Já a professora A (16 anos de docência, mestre) reforça as considerações traçadas até o momento nessa produção, ao relatar as experiências desenvolvidas nas suas redes profissionais:

No contexto da Rede Estadual estão sendo enviadas aos estudantes atividades desenvolvidas pela Secretaria Estadual de Educação e, nós professores, somos acionados para situações de dúvidas. Na rede Municipal, Governador Mangabeira, estamos desenvolvendo atividades para períodos de 4 semanas, onde o responsável do estudante vai até a escola e retira um conjunto de atividades de todas as disciplinas. Ainda que contrariando a ideia do isolamento social, este foi o meio encontrado pela escola, uma vez que a maior parte dos estudantes são da zona rural e não possuem acesso à internet. A expectativa é que essas atividades serão retomadas e discutidas no retorno às atividades em sala de aula. O grande desafio das escolas que trabalho (Col. Est. Prof. Edgard Santos e Centro Educ. Prof. Angelita Gesteira - ambas no município de Governador Mangabeira) é o perfil social dos estudantes. Em torno de 70% dos estudantes são da zona rural e de baixa renda, isto é, possuem pouco ou nenhum acesso à internet, dificultando ações que poderiam ser desenvolvidas a partir de ferramentas digitais. Ainda assim, as duas escolas, na tentativa de contornar este obstáculo, estão desenvolvendo atividades remotas.

O relato da docente A endossa a existência do grande desafio da desigualdade de acesso à internet, acentuada por questões geográficas, que está sendo enfrentado com ações tais como a entrega presencial de atividades, apesar de contrariar as regras do isolamento social necessário ao combate da pandemia. Ao mesmo tempo, essa fala demonstra um movimento de sustentação do fazer educativo, através das atividades virtuais e domiciliares, ainda que de forma precária (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020). Essa é uma tendência da educação escolar brasileira que por vezes se permite ser qualquer coisa, feita por qualquer pessoa e em quaisquer condições. Ainda sobre as adequações das práticas pedagógicas, a professora C (13 anos de docência, mestre) compartilha que:

Muitos desafios e muitas invenções surgiram na minha escola nessa pandemia. Criamos um *blog* escolar, grupos no *WhatsApp* com as turmas, lives e concursos têm sido realizados etc. Na verdade, temos feito cursos de tecnologias educacionais na prática. Embora tenha se notado produtividade e interação significativas por parte de alguns alunos, diante das atividades pedagógicas propostas, vemos que o despreparo pra toda essa nova situação tem afetado também a privacidade do professor que acabou cedendo, por exemplo, e-mail e contatos telefônicos pessoais aos alunos e pais. Em meio ao caos, vemos brotar as invenções. Tomara que muitas dessas invenções sejam visibilizadas e reconhecidas mais à frente.

Essa resposta às provocações de compartilhamento de experiências demonstrou que o contexto adverso da pandemia oportunizou aprendizagens, avaliações e transformações de práticas pedagógicas que foram exemplificadas no grande aumento da adesão dos professores aos recursos digitais, o que é promissor e precisa ser perpetuado no contexto da contemporaneidade tomado pelo avanço da tecnologia e pela inovação (COSCARELLI, 2018 e SILVA; ZIVIANE; GUEZZI, 2019). Todavia, as condições de trabalho do professor continuam sendo precarizadas, como reclama a pro-

fessora C sobre o fato das atividades remotas prejudicarem a vida privada do docente pela exposição de dados e contatos pessoais, por exemplo.

A professora B (20 anos de docência, mestranda) também chama a atenção para as dificuldades de acesso a recursos digitais por parte dos discentes. Porém, traz a motivação de pensar o contexto pandêmico como uma oportunidade para aprendizagem, qualificação docente e proposição de políticas públicas para a educação, quando diz:

O principal desafio é que grande parte dos estudantes não têm acesso regular à internet e o celular geralmente é um único aparelho compartilhado por toda a família, não estando disponível para atividades educativas. A possibilidade é de aprendizagem. Precisamos aprender com essa experiência desastrosa que foi para a educação nesse período para nos prepararmos para qualificar o corpo docente e criar políticas públicas de acesso às tecnologias digitais.

Nesse mesmo sentido, a professora D (16 anos de docência, mestre) também salienta as dificuldades e exclusões educacionais causadas pela desigualdade social apontadas nesse texto, mas faz referência à possibilidade do desenvolvimento da autonomia do discente através do uso das tecnologias, o que pode motivá-lo na aprendizagem e produção do próprio conhecimento, (ROJO, 2012 e TANZI NETO; THADEI, *et al*, 2013, p. 138). Ela conta que tem:

[...] preparado atividades remotas para serem disponibilizadas para os estudantes, contextualizadas com o momento que estamos atravessando. No entanto, devido a falta de acesso aos aparatos tecnológicos, muitos estudantes não têm tido acesso aos materiais didáticos propostos. Assim, intuo que grande parte dos estudantes não conseguem acessar e/ou realizar tais atividades porque não dispõem de recursos tecnológicos em casa. As atividades remotas não conseguem contemplar as diferentes realidades dos estudantes de escolas públicas.

Ainda compartilhando as suas vivências, a professora D ratifica problemas enfrentados pela educação na pandemia e cita possibilidades de crescimento do fazer educativo com vistas no protagonismo estudantil ao resumir que precisamos:

[...] encontrar estratégias viáveis e eficazes de (re) construção de conhecimentos/saberes, com os escassos recursos tecnológicos que dispomos na escola pública, que pudessem abarcar grande parte dos estudantes neste momento de isolamento social. [...] propor atividades aos estudantes, a partir de questões norteadoras, que contribuíssem de fato para aprimorar e/ou desenvolver sua habilidade de pesquisar, investigar, criticar e até se autocriticar, colocando o estudante como protagonista do seu percurso formativo.

O discurso da professora D, bem como os discursos dos outros participantes evidenciam que, mesmo sem muito tempo para capacitação, a comunidade escolar se lançou na prática da educação à distância no intento de reduzir os prejuízos educacionais causados pela suspensão das aulas. Esse fato teve potencial criativo, mas também causou angústias devido aos problemas sociais já mencionados nesse ensaio em que se destacam as dificuldades de acesso à internet e a equipamentos que permitam o contato e execução de atividades escolares digitais, por exemplo.

As contribuições dos participantes recordaram o poder de reflexão e transformação dos contextos de adversidades e retomaram a urgência abafada de ampliação de políticas públicas para formação continuada e disponibilização de recursos ou auxílios financeiros destinados especificamente para a educação, com vistas a amenizar o impacto das desigualdades sociais no fazer educacional. São muitas as possibilidades de enfrentamento do acesso desigual aos recursos tecnológicos que incluem ações tais como a instalação de redes de internet comunitária, distribuição de materiais didáticos e dispositivos, auxílios financeiros, dentre outras medidas que precisam ser cobradas aos gestores públicos.

## Considerações finais

Não se sabe quando a pandemia da Covid-19 irá acabar, nem quando as medidas de distanciamento social deixarão de existir, mas, não restam dúvidas de que formas de ensino e práticas pedagógicas estão sendo transformadas e ganhando novos impulsos, enquanto práticas sociais. O uso das tecnologias digitais gradativamente tem sido encarado como possibilidade significativa para as práticas pedagógicas e não como barreira. As TIC são mecanismos mediadores, recursos meios para a consecução do ensino e desenvolvimento da aprendizagem.

Parece-nos importante tratar os desiguais de modo desigual, o que implica identificar quem tem acesso à internet em casa, de que forma tem acesso e que equipamentos estão à sua disposição para a realização das atividades digitais (NIC.BR, 2019). Dessa forma, é possível estabelecer diferentes atividades pedagógicas para diferentes estudantes. Isso não é estranho na sala de aula.

Que o uso das tecnologias digitais não tenha uma referência de término, quando as aulas presenciais retornarem. O momento pandêmico, dentre os tantos assuntos e implicações que têm nos mostrado, tem modificado perspectivas de ensino e mobilizado ações consistentes na manutenção de práticas pedagógicas mediadas pelas TIC.

Além disso, para o entendimento de que o êxito do processo de ensino e de aprendizagem constrói-se no alcance de competências, tanto por parte do docente quanto do discente, dentre as quais se potencializam a criticidade, a criação, a transformação, a coletividade, a autonomia e a autocompreensão que podem ser favorecidas em produções colaborativas de conhecimento impulsionadas pelas TIC. Tais produções, ao serem inspiradas pelo contexto adverso e desconstrutor dessa pandemia, tem o valor de permitir ao sujeito uma tomada de consciência de suas potencialidades, fragilidades e perspectivas. Dessa forma, o sujeito pode

imersão numa transformação, imbricando-se nos objetivos do fazer socioeducativo.

O momento atual é de cuidarmos da gente e um do outro. Nesse meio, as tecnologias podem nos manter conectados para fazermos reflexões e construirmos caminhos em defesa de políticas públicas para as escolas e seus processos educativos.

## Referências

BRASIL. **DECRETO 5.622 de 19 de Dezembro de 2005**. Regulamenta o art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional.

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública. Boletim Epidemiológico nº 5 - COE COVID-19 - 14/03/2020. Disponível em: [http://maismedicos.gov.br/images/PDF/2020\\_03\\_13\\_Boletim-Epidemiologico-05.pdf](http://maismedicos.gov.br/images/PDF/2020_03_13_Boletim-Epidemiologico-05.pdf). Acesso em 20 mar. 2020.

CETIC - Centro de Estudos sobre as tecnologias da Informação e da Comunicação. Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2018/>. Acesso em 02 mar. 2020.

COSCARELLI, C. V. Perspectivas culturais de uso de tecnologias digitais e a educação. **Revista Brasileira de Alfabetização**. Belo Horizonte-MG, v. 1, n. 8, p. 33-56, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/view/293/211>. Acesso em 03 mai. 2020.

GATTI, B. A. **A construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Líber Livro, 2012.

PRESNKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **De On the Horizon**, v. 9, n. 5, 2001. Tradução de Roberta de M. J. de Souza. Disponível em: [http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf). Acesso em 18 mai. 2020.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. **Escola Conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, F. A. B. da; ZIVIANI, P.; GHEZZI, D. R. **As tecnologias digitais e seus usos**. (Texto para discussão). Rio de Janeiro: Ipea, 2019. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34795](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34795). Acesso em 05 mar. 2020.

TANZI NETO; THADEI, *et al.* Multiletramentos em Ambientes Educacionais. In: Todos Pela Educação (Associação). **Ensino à distância na educação Básica frente à pandemia da Covid-19**. (Nota Técnica), abril, 2020. Disponível em: [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/425.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/425.pdf). Acesso em 05 mar. 2020.



## **A luta contra o câncer: COVID-19 e sua interferência**

*Edméa Barbosa dos Santos*

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), instituição que auxilia nas informações referentes a ocorrência e evolução das doenças oncológicas no Brasil, há uma estimativa de mais de 66 mil novos diagnósticos do câncer na mama feminina para 2020. Dentre as mulheres brasileiras que possuem útero, 16 mil novos casos são previstos para este ano. Segundo o instituto, a análise precoce das células cancerígenas em desenvolvimento aumenta a chance de cura em até 95%.

O câncer não vem de uma única causa. Fatores internos e externos provocam mutações que alteram o DNA da célula, a qual passa a executar funções erradas em suas atividades. Segundo o INCA, o meio em geral (água, terra e ar), o ambiente de trabalho, o consumo de alimentos e medicamentos, o ambiente social e cultural são os causadores de mais de 80% das doenças cancerígenas no Brasil. Segundo estudos desenvolvidos pelo Instituto, são raros os casos de câncer provocado por fatores hereditários, familiares e étnicos.

Falar de câncer é carregar um estigma. A patologia traz uma ideia de sofrimento, resultando em morte rápida, dolorosa e sofrida. Para Botega (2002), esta doença, quando diagnosticada, imobiliza e congela a existência humana, afetando a relação com o mundo e com o outro. Por maiores que sejam os estudos, que haja drogas, tratamentos radioterápicos e quimioterápicos, além de cirurgias que reparam ou retiram as células doentes, na visão da pessoa e dos familiares, na maioria das vezes, é uma guerra perdida. Segundo Barbosa, Francisco e Efken (2007), este diagnóstico

causa um sofrimento tão grande, que produz angústia e um medo incontrolável, não o de morrer, mas o de morrer de câncer.

A afirmação de Botega tem proximidade com as angústias que me tomaram em 2018, quando no final de agosto recebemos o diagnóstico de câncer de mama da minha sogra. As células eram recentes, os exames aconteceram de maneira rápida e a médica que iniciou o mapeamento do nódulo demonstrou segurança e muito positivismo, mas tinha pressa em resolver a questão. O tratamento inicial envolvia quimioterapia. As seções definidas semanalmente, não apagavam a angústia, o medo e a ansiedade em saber quando aquilo findaria.

Na mesma época, minha mãe iniciava uma investigação por conta de dores que acometiam o pé da barriga. Segundo ela, a dor iniciava na parte frontal da barriga e chegava até as costas, o que lhe fazia lembrar da dor do parto. O diagnóstico de câncer no ovário chegou após a retirada de água na pleura, membrana que protege o pulmão, em outubro de 2018. O tumor havia se infiltrado do lado direito do órgão reprodutor e inicialmente eram necessárias oito seções de quimioterapia.

Ao contrário da minha sogra, as quimioterapias que estavam espaçadas em 21 dias, nas últimas sessões, por duas vezes precisou ser remarcada. O organismo da “Véa” não aguentava aquelas drogas e as hemácias baixavam drasticamente. Após receber os nutrientes necessários para normalização de seus exames, através da bolsa de suprimentos do sangue, a cirurgia foi agendada para agosto de 2019, e vinte e seis horas após a histerectomia, a jovem senhora poderia ser encaminhada para casa.

O sucesso dos procedimentos no aparelho reprodutor foi grande. Havia ausência de câncer no ovário, o que significa a cura através das medicações. Dos linfonodos que estavam contaminados, apenas um insistia em apresentar células malignas, porém, foram retirados, eliminando a possibilidade de reincidência no local. Em novembro de 2019, três meses após a cirurgia, e um ano

após o diagnóstico, ela estava curada do sítio primário do câncer (local de início).

Porém, havia uma suposição de metástase na mama. Assim como havia células cancerígenas na pleura, existiam chances de o câncer ter invadido a mama. Após quinze anos fazendo acompanhamento no Centro Estadual de Oncologia (CICAN), com o mesmo médico, para observar nódulos na mama esquerda, existia, pela primeira vez, uma suspeita de nódulo maligno na direita. Em janeiro de 2020, novamente, ela entrou no centro cirúrgico, para retirar o nódulo e examinar o tecido. A alta aconteceu no mesmo dia e não foi indicado resguardo, apenas que mantivesse o curativo pelos próximos oito dias.

Após vinte dias do procedimento, uma secreção saía do local da cirurgia e na emergência do Aristides Maltez, foi informado por um médico clínico que o próprio organismo expulsaria aquela inflamação. Em casa, aos cuidados de um enfermeiro, foi sanado o processo inflamatório. O resultado do exame chegou no final de fevereiro e mostrou que não havia células malignas no material coletado. Naquele momento era preciso mais uma consulta com o mastologista responsável, o qual findaria o prontuário para então buscar um novo parecer do oncologista, que supostamente receitaria a medicação administrada diariamente por pacientes que tiveram câncer.

O sistema único de saúde é superlotado em Salvador. O Hospital Aristides Maltez atende quase toda a demanda da capital e de todo o interior da Bahia. Existem até pessoas que vem de outros estados e ficam na casa de parentes para buscar atendimento. Porém, marcar um mastologista ou oncologista requer a espera de três a cinco meses. E este tempo coincidiu exatamente com o surgimento do COVID-19 no Brasil.

Março chegou com a notícia de que o vírus tinha chegado ao Brasil. Governantes e instituições traçavam metas para atender as demandas e evitar o contágio em grande escala. Em meados do

mês, no dia vinte, o Aristides Maltez reduziu seus atendimentos. As matrículas só chegariam ao número de trinta e cinco pessoas e as consultas no Pronto Atendimento apenas os pré e pós operatórios. Porém, aos dias vinte seis do mesmo mês, o comunicado demonstrava preocupação com os pacientes em tratamento.

O Hospital Aristides Maltez reafirma que pacientes em tratamento de quimioterapia e radioterapia não devem abandonar o tratamento, exceto se tiver com outro problema de saúde, como gripe, infecções, hipertensão descontrolada e diabetes descontrolada.

A chamada do hospital salienta para a importância da continuação do tratamento, porém o medo do contágio estava ganhando força. E aos 28 dias do terceiro mês do ano de 2020 entramos em quarentena, pois havia grande chance de não haver atendimento para pacientes que tivessem complicações. Para algumas pessoas a vida estacionou. Continuar o tratamento, naquele momento, foi atravessado pelo medo de ir ao hospital, estar com a imunidade baixa, se contaminar e perder a guerra contra ambas as doenças.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) pacientes oncológicos devem dobrar a atenção aos cuidados. O INCA informou a possibilidade de complicações graves, caso pacientes da oncologia tenham contato com o novo Coronavírus, principalmente se estiverem em tratamento com radioterapias, quimioterapias, medicações imunossupressoras ou se recuperando de cirurgia recente. A baixa imunidade de pessoas vitimadas pelo câncer é uma realidade alertada por todos os médicos oncológicos. Prova disso são as precauções passadas para familiares quanto aos cuidados com a limpeza e administração dos alimentos.

Dito isso, precisamos entender que a paciente oncológica vive em guerra contra uma doença traiçoeira que ataca o organismo, transformando o corpo em um ambiente frágil. Segundo a OMS, este pode ser um território propício para o vírus e esta infor-

mação está sendo largamente divulgada, proporcionando medo, o que corrobora para a inadimplência quanto aos tratamentos. Na minha família, ainda não podemos fechar este ciclo. Estamos em meio à pandemia e minha sogra que recebia medicação para um mês, recebeu para dois meses. O retorno que deveria acontecer para a mastologista não aconteceu e não tem previsão de acontecer, pois o medo de ir na clínica e ser contaminada é abafado pela frase que ela construiu “estou bem e só vou para a doutora quando passar a pandemia”.

Minha mãe segue fazendo compressas com chá para diminuir as dores na mama. Porém, foi obrigada a pagar uma consulta para ter uma avaliação detalhada. O atendimento aconteceu no primeiro horário, e assim seguirá, até que haja condição de normalidade e no discurso adotado por ela: “Tomara que não precise nenhum procedimento cirúrgico por agora, pois eu tenho medo do Covid”.

As lutas, ambas, de minha mãe e da minha sogra, foram atravessadas por uma guerra social. Elas fazem parte de um grupo de mulheres que enfrentaram o câncer com todas as forças e estão vencendo, uma mais rápida do que a outra, devido ao diagnóstico precoce da primeira, e de não haver nenhuma complicação. Mas devido a estes exemplos, pergunto-me se será possível encontrar o número de 66 mil diagnósticos defendido pelo INCA, e se devido a essa pandemia, será possível continuar tratamentos, sem iniciá-los.

## Referências

BOTEGA, N. J. Reação à Doença e à Hospitalização. In: BOTEGA, N. J. (org.). **Prática Psiquiátrica no Hospital Geral: Interconsulta e Emergência**. São Paulo: Artemed, 2002. p. 43-59.

BARBOSA, L.N.F.; FRANCISCO, A.L.; EFKEN, K. H. Adoecimento: O Ser-para-a-Morte e o Sentido da Vida. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 2, n. 1, 2007, p. 54-60.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). Disponível em: <https://www.inca.gov.br/causas-e-prevencao/o-que-cao-causa-cancer>. Acesso em 28 de maio de 2020.

HOSPITAL ARISTIDES MALTEZ (HAM). Disponível em: <https://aristidesmaltez.org.br/comunicado-26-03-2020-coronavirus/>. Acesso em 28 de maio de 2020.

# COVID-19: vulnerabilidades na saúde reprodutiva

*Amália Nascimento do Sacramento Santos  
Ana Beatriz Argolo Cavalcante Lima  
Cristiane dos Santos Silva  
Luís Eduardo Pessoa Farias  
Raíssa Morgana dos Santos Fuza  
Thaís Emanuelle Bomfim Aragão*

A Covid-19 reporta um problema mundial de saúde pública. Trata-se de uma pandemia provocada por um vírus novo e altamente contagioso, exigindo o desenvolvimento de conhecimentos e de cuidados à saúde urgentes. Para além das medidas de etiqueta respiratória impostas a toda população, o isolamento social e as mudanças de hábitos comunitários são medidas adotadas na perspectiva de diminuir a velocidade de propagação e minimizar o impacto de uma doença muito letal (BRASIL, 2020a). Nesse contexto, atenção à saúde sexual e reprodutiva das mulheres é indicada como serviço essencial frente aos impactos negativos, que pode causar na vida da população e das mulheres quando interrompida ou deficiente nos serviços de saúde (UNFPA-OMS, 2020).

Apesar das fortes recomendações para a ampliação desse cuidado, observam-se, na realidade, descontinuidades e falta de funcionamento dos serviços que provocam vulnerabilidades à saúde das mulheres. No contexto brasileiro, há falta de comprometimento político da parte da autoridade dirigente federal, que não trata da questão geral do enfrentamento da pandemia com seriedade, tampouco das especificidades dos direitos sexuais e reprodutivos relacionados.

O entendimento de saúde reprodutiva, seguindo a perspectiva definida na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, ocorrida no Cairo em 1994, remete ao cuidado integral,

seguro e respeitoso às mulheres no período reprodutivo. Abaixo a definição:

[...] ter uma vida sexual segura e satisfatória, tendo autonomia para se reproduzir e a liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes deve fazê-lo. Implícito nessa última condição está o direito de homens e mulheres de serem informados e de terem acesso a métodos eficientes, seguros, permissíveis e aceitáveis de planejamento familiar de sua escolha, assim como outros métodos de regulação da fecundidade, de sua escolha, que não sejam contrários à lei, e o direito de acesso a serviços apropriados de saúde que deem à mulher condições de atravessar, com segurança, a gestação e o parto e proporcionem aos casais a melhor chance de ter um filho sadio (BRASIL, 2010, p. 13).

No entanto, esse contexto de saúde reprodutiva segue bastante fragilizado no Brasil e no mundo, sobretudo para populações com baixas condições socioeconômicas, as quais precisam mais do aparato estatal e de políticas públicas. Com a pandemia e a redução na oferta de serviços em todas as esferas de atendimento, as iniquidades nessa seara de cuidados têm se exacerbado, trazendo à tona toda sorte de insegurança e medo para a vida das mulheres, ao mesmo tempo em que evidencia as disparidades sociais. No campo da saúde sexual e reprodutiva elas são assentadas nas assimetrias de gênero, raça e classe, as quais perpassam as vulnerabilidades políticas\estruturais do cuidado em saúde.

Apesar da definição de saúde reprodutiva afinada no Cairo em 1994, redefinições de cuidados e estratégias para melhorar os perfis de saúde reprodutiva foram discutidas em 2019, a partir da Cúpula de Nairóbi, ocorrida na capital do Quênia, em que foram afirmados eixos políticos de ação global, almejando alcançá-los até o ano de 2030, quais sejam: “erradicar as mortes maternas, atender as necessidades de contracepção e de combate à violência de gênero e práticas nocivas contra mulheres e meninas” (MARTINS, 2019).

O Brasil, apesar de signatário do acordo internacional assinado em 1994, na Cúpula de Nairóbi, se posiciona contra a agenda de reafirmação de ações em favor dos direitos humanos e da ampla defesa dos direitos sexuais e reprodutivos. Essa situação repercutiu em movimento no qual 179 organizações latino-americanas assinaram nota contra o seu posicionamento. Portanto, essa é uma temática desafiadora e reemergente, um tópico quente, que requer atenção das políticas públicas, dos pesquisadores e dos centros de ensino na formação profissional de saúde no Brasil, que se inicia no cenário devastador da pandemia pelo coronavírus.

Nesse sentido, revela-se importante o destaque de vulnerabilidades na atenção à saúde reprodutiva de forma a possibilitar o seu enfrentamento. Objetiva-se nesse ensaio teórico retratar vulnerabilidades na saúde reprodutiva das mulheres acentuadas pelo isolamento social imposto pela Covid-19. Trataremos das vulnerabilidades no acesso a serviços de atenção à saúde reprodutiva e de reflexões sobre o racismo no isolamento social das mulheres produzido pela Covid-19.

### **Vulnerabilidades no acesso a serviços de saúde**

As gestantes, puérperas (mulher no período pós-parto) e mulheres no pós-aborto se constituem em um grupo de grande relevância no contexto da pandemia do Coronavírus tendo em vista a vulnerabilidade destas às complicações da doença, colocando-as, à partir de abril de 2020, entre os grupos considerados de risco para Covid-19 (BRASIL, 2020a).

Apesar desse grupo não estar mais vulnerável para adoecer em relação aos demais grupos da população, as mudanças fisiológicas (normais e esperadas) no organismo da gestante, da puérpera e da mulher no pós-aborto levam a uma predisposição para infecções graves, inclusive respiratórias e alterações da co-

agulação, dentre outras, que podem potencializar o agravamento do adoecimento, se infectadas pelo Coronavírus.

Nos consensos de cuidados em todo o mundo, o serviço de pré-natal deve ser mantido, favorecendo a atenção às mulheres, evitando complicações. Em todos os cenários há indicação de que a abordagem possa ser flexibilizada no cronograma de consultas, de forma a manter o atendimento básico mínimo (pelo menos seis consultas, realização dos exames e imunização inerentes à gestação). Contudo, observa-se, na realidade, que o serviço básico de pré-natal foi negado em muitos locais do Brasil, deixando as mulheres soltas na rede de atendimento, sem saber para onde ir.

Podíamos concordar com esse cenário em início da pandemia, onde os serviços estivessem se readequando à nova realidade. Contudo, passados cerca de três meses desse processo, muitas unidades de saúde continuaram fechadas e as gestantes e puérperas seguindo sem as devidas orientações e atendimentos. Mesmo o atendimento remoto que poderia ser factível em algumas consultas, torna-se de difícil acesso para muitas mulheres, tanto na rede pública pelo Sistema Único de Saúde (SUS), quanto na atenção privada, quando muitos atendimentos estão suspensos, visibilizados a partir de queixas circulantes na mídia e casos registrados a partir de acionamento do Ministério Público para Secretarias de Saúde de diversos municípios no Brasil (MINISTÉRIO PÚBLICO DE PERNAMBUCO, 2020; PONTES, 2020; RIBEIRO, 2020; CORES, 2020).

Deste modo, a orientação das autoridades em saúde em todo o mundo está sendo contrariada em muitos ambientes de saúde no Brasil. Além disso, naqueles serviços em funcionamento tem ocorrido a alta do pré-natal de forma irresponsável. As mulheres não deveriam ficar abandonadas até que tivessem realizado o parto e deveriam receber o devido acompanhamento pela Atenção Primária em Saúde (APS) no puerpério. Não deveriam ter alta do pré-natal até que ocorresse o desfecho da gestação. A não oferta desse serviço básico constitui-se em negação de direitos

adquiridos e aniquilamento de políticas historicamente alcançadas pela luta das mulheres.

Pode-se falar de outras iniquidades de acesso como a negação da oferta de métodos contraceptivos, a partir da falta de funcionamento de unidades de saúde, cancelamentos de consultas agendadas e suspensão de inserção do Dispositivo Intrauterino (DIU), possibilitando maior risco de mulheres passarem pela gravidez não intencional, além de risco de acometimento por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e Vírus da Imunodeficiência Adquirida (HIV).

Essa problemática é vivenciada em outros países e já sinalizada como questões importantes de saúde a serem enfrentadas. De acordo com Sumner (*et al*, 2020), as projeções de coberturas de métodos contraceptivos na população global são desafiadoras. Estudos relatam que aproximadamente 47 milhões de mulheres em 114 países de baixa e média renda poderão não ter acesso aos contraceptivos e, com isso, ser possível ocorrer mais de sete milhões de gravidezes não planejadas entre adolescentes e mulheres. Nesse sentido, é imperioso que os serviços cumpram com as recomendações das autoridades nacionais e internacionais de possibilitar acesso a todas as mulheres ao direito e ao planejamento reprodutivo, assim como acesso à informação e educação em saúde e ao uso de tecnologias para a assistência em saúde sexual e reprodutiva (UNFPA-OMS, 2020).

As mulheres e também os homens têm estado amedrontados com a ida a serviços por ficarem mais expostos a contaminação pela Covid-19 e essa é uma preocupação salutar. Contudo, os serviços precisam estar funcionantes, e além disso, chamando a atenção de mulheres e homens para esse problema, sem deixar de orientar as precauções para evitar a contaminação pelo coronavírus, inclusive utilizando a teleorientação ou a teleconsulta, quando necessária e possível. Os gestores em saúde, por sua vez, devem possibilitar segurança aos seus profissionais, provendo materiais e equipamen-

tos necessários para sua proteção e das usuárias, e isso se faz com responsabilidade e desenvolvimento de políticas públicas.

Outra faceta das vulnerabilidades da mulher no cenário reprodutivo é o abortamento que prossegue de forma insegura e mais acentuada na pandemia, considerando a restrição dos serviços e também a falta de funcionamento de unidades da Atenção Primária em Saúde, com consequentes dificuldades de acesso das mulheres aos métodos contraceptivos. Assim, a gravidez não intencional se ergue como um produto da desassistência em saúde. Para muitas mulheres, o caminho é o aborto que acabam realizando sozinhas e de forma insegura, possibilitando a trilha pela mortalidade materna.

Segundo Goes (*et al*, 2020a), no Brasil, a busca por assistência em situação de abortamento para as mulheres está conectada com as desigualdades sociais. As mulheres percorrem caminhos influenciados por barreiras individuais, sociais e estruturais, expondo-as a situações de vulnerabilidades. As autoras referem que “a discriminação racial nos serviços de saúde e o estigma em relação ao aborto podem atuar simultaneamente, retardando a ida das mulheres ao serviço, o que pode configurar uma situação limite de maior agravamento do quadro pós-abortamento” (GOES *et al*, 2020a, p. 01).

No tocante à mortalidade materna, que se traduz em um indicador de qualidade da assistência obstétrica, estudos no Brasil apontam que esse tipo de incidente no país vem se desenvolvendo de maneira diferente de outros países, estando mais aumentada aqui e em países de menor desenvolvimento econômico, o que pode estar relacionada a dificuldades de acessos a serviços, problemas estruturais e da qualidade do atendimento, ou mesmo por ter valorizado tardiamente a gravidade do avanço da pandemia, bem como a falta de testagem em massa.

Pesquisadoras brasileiras, estudando a relação da Covid-19 com a gravidez, têm alertado o mundo que a evolução da pande-

mia poderia ter desfecho materno diferente em países de baixa e média renda e enfatizam a necessidade de medidas apropriadas para o pré-natal e pós-natal e vigilância constante dessa questão (AMORIM, TAKEMOTO, FONSECA, 2020). Essas cientistas analisaram os primeiros cinco óbitos maternos por Covid-19 e vem acompanhando todas as mortes maternas anunciadas, confirmando cenários de desigualdades sociais e raciais no contexto da mortalidade materna com identificação de maiores riscos de adoecimento grave pela doença entre as mulheres grávidas negras e pobres, moradoras de regiões periféricas. Na análise de vinte mortes de mulheres grávidas pela Covid-19 no Brasil, observou-se que em 45 dias ocorreram mais mortes de grávidas, no período, que todas as mortes por H1N1 registradas para o ano de 2019. Os estudos revelam ainda que os dados dispostos pela estatística oficial estão em subnotificação e que para averiguar dados mais representativos, as pesquisadoras fazem constantes buscas junto a jornais que publicam notícias diárias e outras fontes (AMORIM, TAKEMOTO, FONSECA, 2020).

O número de mortes maternas no Brasil sempre esteve alto em relação ao recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), apesar do registro de queda desse indicador ao longo dos anos: em 2018, o registro é de 59,1 mortes para cada 100 mil nascidos vivos, valor acima da meta que deveria ser atingida até 2015, que era de 35 mortes. As metas firmadas com a OMS para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), até o ano de 2030, inclui reduzir os óbitos maternos para 30 em cada 100 nascidos vivos (BRASIL, 2020b). Nesse contexto, além da falta de assistência tem a situação de muitas mulheres que tem essa gravidez também como produto da violência doméstica, da violência perpetrada pelo parceiro íntimo, na sua própria casa. Como bem anunciado na mídia e já na literatura científica, a violência tem aumentado nesse cenário de isolamento social como resultado do próprio medo da doença, do confinamento, mas que se

assenta nas bases do machismo de uma sociedade patriarcal e misógina, que estruturalmente atende aos preceitos da dominação masculina, do domínio e do poder do homem sobre a mulher, sobre o corpo da mulher, desenhando mais vulnerabilidades em saúde. Ao serem obrigadas ao isolamento em suas residências estão mais expostas ao perigo da violência (VIEIRA *et al*, 2020). As estatísticas reveladas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) indicam que no Brasil, para o ano de 2019, ocorreram 3.739 registros de homicídios de mulheres: desses, 1.314 (35%) foram categorizados como feminicídio, sendo que 88,8% dos feminicídios foram praticados por companheiros ou ex companheiros.

Esse emaranhado de vulnerabilidades contribui para que, nesse período pandêmico e de isolamento social, os problemas mentais venham à tona. Os transtornos mentais comuns já acontecem com frequência mesmo em mulheres fora dessa trilha de violência, e ainda mais nas mulheres violentadas e agredidas dentro e fora de casa. No contexto do isolamento social, medida muito empregada na área da Saúde Pública para a preservação da saúde física do indivíduo, é de fundamental importância a valorização da saúde mental das pessoas que estão confinadas, pois de acordo com análises da Fiocruz (2020), estima-se que um terço ou metade da população mundial apresente algum tipo de transtorno mental e sua manifestação terá variação a depender da intensidade do problema vivenciado e o estado de vulnerabilidade social, além de depender de ações efetivas de políticas públicas governamentais no enfrentamento da pandemia do coronavírus. Somado a todas as adversidades relacionadas ao cuidado em saúde reprodutiva, as mulheres podem apresentar-se potencialmente mais vulneráveis ao adoecimento psíquico.

Essas vulnerabilidades se traduzem em desafios de trabalho e coadunam com as perspectivas do Fundo das Nações Unidas, que prevê ações na década que segue, reunindo recursos financeiros para colaborar com os países signatários, incluindo o Brasil, no

propósito de alcançar três metas com resultados transformadores: “zero mortes maternas, zero necessidade não atendida de contracepção e zero violência baseada em gênero e práticas nocivas contra meninas e mulheres” (MARTINS, 2019, p. 06). Eis uma luz para enfrentamento das vulnerabilidades dentro e fora da pandemia e do isolamento social, para além dos trabalhos específicos de gestões, assistência, pesquisa, extensão, de forma competente e inovadora em cada localidade, em cada país ou região.

### **Racismo no isolamento social para as mulheres**

Entendendo o racismo como resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida e como uma ideologia que preconiza a hierarquização dos grupos humanos em função de sua cor, raça ou etnia (JACCOUD, 2008), vê-se que ele, enquanto determinante social em saúde, está entrelaçado às ações de enfrentamento para prevenção do adoecimento pela Covid-19, visto que a possibilidade de isolamento social e de distanciamento social não acontece de forma equânime. Na realidade brasileira, a força de trabalho das mulheres é evidente no campo da informalidade, do trabalho doméstico, além do trabalho nas áreas do comércio, alimentação e que muitas vezes continuam trabalhando mesmo durante a pandemia, em detrimento de muitas mulheres brancas que conseguem manter-se isoladas e menos expostas à infecção (GOES, 2020b).

Tratando do recorte racial nas diversas análises das condições de vida da população, a síntese de indicadores sociais retrata as dificuldades da população negra e de mulheres negras, em específico, que tem os piores perfis no que tange à estrutura econômica, mercado de trabalho, padrão de vida e distribuição de renda e educação (IBGE, 2019). Entendendo a saúde como qualidade de vida, nota-se que, nesse ínterim, as vulnerabilidades sociais empurram a

mulher para um cenário mais adoeecedor. Quando se está de frente para uma pandemia com riscos cruciais de morte, as mulheres negras acabam sendo as principais vítimas, visíveis nos caminhos do abortamento inseguro e da mortalidade materna (GOES *et al*, 2020b), e da mortalidade por Covid-19. Para Amorim (apud DINIZ e CARINO, 2020), a identificação de maiores riscos de adoecimento grave por Covid-19 está entre as mulheres grávidas negras.

Também no contexto do isolamento, as mulheres negras são as que sofrem mais violência. Observa-se que “a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 4,5% entre 2007 e 2017, enquanto a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9% e a proporção de mulheres negras entre as vítimas da violência letal, totalizando 66% de todas as mulheres assassinadas no país em 2017”, explicitando vulnerabilidades das mulheres negras no acesso às Políticas Públicas no Brasil (IPEA, 2019, p. 38-39).

Vê-se, nesse cenário, portanto, o racismo estrutural que é definido por consolidar-se presente continuamente nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, fazendo com que a responsabilização individual e institucional por atos racistas não anule a reprodução da desigualdade racial (ALMEIDA, 2018).

## **Considerações finais**

O isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 favorece maiores vulnerabilidades de adoecimento às mulheres. Considerando a saúde reprodutiva, observam-se maiores possibilidades de desassistência no período pré-natal e no planejamento reprodutivo, aumento de violência doméstica, abortamento inseguro, podendo culminar em aumento da mortalidade materna e mortalidade por Coronavírus.

As vulnerabilidades sociais relacionadas às condições de vida refletem em piores condições de saúde reprodutiva e esse perfil de mulheres trilha na injustiça social que cruza com o sexis-

mo e o racismo, sobretudo o racismo institucional. Nesse sentido, urgem ações de controle social e políticas públicas que venham contribuir no enfrentamento das vulnerabilidades, sobretudo neste momento de crise sanitária mundial decorrente da pandemia.

## Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMORIM, Melania Maria Ramos; TAKEMOTO, Maíra Libertad Soligo; FONSECA, Eduardo Borges. Maternal deaths with coronavirus disease 2019: a different outcome from low- to middle-resource. **Am J Obstet Gynecol**, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2020.04.023>. Acesso em 25 abril 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Protocolo de manejo clínico da Covid-19 na atenção especializada. Brasília: Ministério da saúde, 2020a. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/14/Protocolo-de-Manejo-Cl-nico-para-o-Covid-19.pdf>. Acesso em 25 abril 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância epidemiológica. Boletim epidemiológico, n. 20, v. 51, maio 2020b. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/May/20/Boletim-epidemiologico-SVS-20-aa.pdf>. Acesso em 07 julho 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Saúde sexual e reprodutiva.

Brasília: Ministério da saúde, 2010. 300 p. (Caderno da atenção básica - 26).

CORES, Tunísia. Coronavírus: Defensoria busca junto à Secretaria Estadual de Saúde informações sobre atendimentos às mulheres gestantes e parturientes. **Defensoria Pública Bahia**, Seção Comu-

nicação de notícias, 2020. Disponível em: <https://www.defensoria.ba.def.br/noticias/coronavirus-defensoria-busca-junto-a-secretaria-estadual-de-saude-informacoes-sobre-atendimentos-as-mulheres-gestantes-e-parturientes/>. Acesso em 22 maio 2020.

DINIZ, Débora; CARINO, Gisele. Saúde reprodutiva e a covid-19: o escândalo da morte materna. *El país*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-17/saude-reprodutiva-e-a-covid-19-o-escandalo-da-morte-materna.html>. Acesso em 22 maio 2020.

FIOCRUZ - FUNDAÇÃO INSTITUTO OSVALDO CRUZ. *Saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19: um guia para gestores*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://renastonline.ensp.fiocruz.br/recursos/saude-mental-atencao-psicossocial-pandemia-covid-19-recomendacoes-gestores>. Acesso em 29 abril 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário brasileiro de segurança pública 2019. Ano 13, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Anuario-2019-FINAL-v3.pdf>. Acesso em 22 maio 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101678>. Acesso em 29 abril 2020.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA; FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Org). Atlas da violência 2019. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. In: THEODORO, M. (et al). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008.

GOES, Emanuelle Freitas (*et al*). Vulnerabilidade racial e barreiras individuais de mulheres em busca do primeiro atendimento pós-aborto. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, supl. 1, 2020a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2020001305006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020001305006&lng=en&nrm=iso). Acesso em 27 maio 2020.

GOES, Emanuelle Freitas; RAMOS, Dandara de Oliveira; FERREIRA, Andrea Jacqueline Fortes. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020b. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462020000300301](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462020000300301). Acesso em 29 maio 2020.

MARTINS, Richarlls. Do Cairo a Nairóbi: 25 anos da agenda de população e desenvolvimento no Brasil. **Rev. bras. estud. Popul.**, São Paulo, v. 36, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982019000100552-&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100552-&lng=en&nrm=iso). Acesso em 07 julho 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE PERNAMBUCO (MP-PE). Recomendação Nº 004/2020 - Pandemia do COVID-19, de 20 de abril de 2020. Diário eletrônico oficial, Pernambuco, p. 35-36. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/293957842/mp-pe-21-04-2020-pg-36>. Acesso em 29 abril 2020.

PONTES, Anna. Gestantes dizem não conseguir fazer consultas de pré-natal em unidades de saúde de Maceió. **Jornal Globo G1**, Maceió, 13 de abr. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/04/13/gestantes-dizem-nao-conseguir-fazer-consultas-de-pre-natal-em-unidades-de-saude-de-maceio.ghtml>. Acesso em 20 de maio de 2020.

RIBEIRO, Tayguara. Mulheres grávidas encontram dificuldades para realizar pré-natal em SP. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08 de abr. de 2020. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/04/mulheres-gravidas-encontram-dificuldades-para-realizar-pre-natal-em-sp.shtml>. Acesso em 29 maio 2020.

SUMNER, Andy; CHRIS, Hoy; ORTIZ-JUAREZ, Eduardo. Estimates Of The Impact Of Covid-19 On Global Poverty. **WIDER Working Paper**, 2020/43, Helsinki, UNU-WIDER, 2020.

UNFPA-OMS. FUNDO DAS POPULAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Doença pelo coronavírus, preparação e resposta: resumo Técnico Provisório do UNFPA, v. 23, Março 2020. Disponível em: [https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/saude\\_materna.pdf](https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/saude_materna.pdf). Acesso em 30 março 2020.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. bras. epidemiol.**, Rio de Janeiro, v. 23, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-790X2020000100201&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201&lng=en&nrm=iso). Acesso em 25 maio 2020.

## Sobre os/as Autores/as

### **Alan Barbosa de Santana**

Graduando no Bacharelado em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas pela UFRB, e para além disso gosta de estar em todos os lugares apesar de não ficar em nenhum deles. E-mail de contato: alan.barbosa18@gmail.com

### **Alessandra Gomes**

Doutora em Educação (Universidade Federal de São Carlos e Centro de Investigación y de Estudios Avanzados do Instituto Politécnico Nacional do México/Doutorado-Sanduiche/Bolsista Capes). Desde 2006 é professora no Centro de Formação de Professores/UFRB, coordena o Programa de Extensão CAsA do DUCA/UFRB (Centro de Artes de Amargosa: Diversidade, Universidade, Cultura e Ancestralidade) e o Projeto de Extensão Cine Rapadura, é membro do Grupo de Pesquisa LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes). E-mail de contato: alessandragomes@ufrb.edu.br

### **Alexsandro de Jesus Souza**

Graduando em Letras: Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais/Língua Estrangeira no Centro de Formação de Professores - CFP pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Monitor do Programa Universidade Aberta à Maturidade - PROMAT, atuando diretamente com discentes extensionistas da UFRB na comunidade de Amargosa. Monitor do Núcleo de Políticas de Inclusão - NUPI, atuando diretamente com discentes surdos do Centro de Formação de Professores da UFRB. E-mail de contato: alexsouzza96@gmail.com

### **Aline Souza Mota Nogueira**

Especialista em Prevenção da violência e promoção da cidadania - UFBA. Graduada em Letras Vernáculas - UEFS. Participo pela primeira vez da Antologia Poética - Bardos Baianos/Recôncavo, pela Cogito Editora, a ser lançado em 2020. Atualmente é estudante da Licenciatura Interdisciplinar em Artes. E-mail de contato: ninesmotasud@gmail.com

**Amália Nascimento do Sacramento Santos**

Enfermeira obstétrica, mestrado e doutorado em enfermagem. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro da COPARC\UFRB, Líder do grupo de pesquisa es Saúde da Mulher - GESAM e integrante do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Saúde - NEGRAS. E-mail de contato: amaliasacramento@ufrb.edu.br

**Ana Maria da Silva Oliveira**

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica. Técnica em Assuntos Educacionais na UFRB e professora do Estado da Bahia. E-mail de contato: ana.silva@ufrb.edu.br

**Ana Maria de Oliveira Urpia**

Psicóloga pela Escola Bahiana de Medicina, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail de contato: anaurpia@ufrb.edu.br

**Ana Verônica Rodrigues Silva**

Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Graduação em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialização em Psicanálise pelo Instituto "Sedes Sapientiae" - São Paulo. Especialização, Mestrado e Doutorado em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo FSP-USP. Atua na área de Saúde Pública/Coletiva com os seguintes temas: políticas públicas de saúde, saúde e direitos; saúde materno-infantil, parto humanizado. E-mail de contato: rodriguesanav@gmail.com

**Andrea May**

Artista visual e sonora, curadora independente e mestranda em Processos Criativos em Artes Visuais no PPGAV/UFBA, com pesquisa na hibridação de linguagens artísticas - ênfase na estética do ruído (<http://www.andreamay.com.br>; may hd + junix11 (Site): <http://hd11soundart.blogspot.com>

### **Bárbara Simões Barreto de Araújo**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Biologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Foi monitora de Filosofia da Educação por dois semestres consecutivos. Foi membro do grupo de pesquisa Biotecnologia Microbiana Aplicada à Agricultura e atualmente é integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ciência e Educação científica- G- EF-FICIENTIA. Tem experiência na área de Bioinformática, Genômica Comparativa, Evolução Microbiana, Ensino de Ciências, com ênfase em História e Filosofia da Ciência, atuando principalmente nos seguintes temas: educação científica, ciência e história e filosofia da ciência.

### **Caíque Fialho (Caíque da Silva de Jesus)**

Graduando em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, onde também é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Atua como Fotojornalista, Assessor de Comunicação e Social Media. Foi um dos idealizadores do projeto Rádio Quilombo ganhador de prêmios a nível Regional e Nacional (2017). Membro do grupo de pesquisa ARCCO - Arte, Cultura e Comunicação (UFRB). Vencedor do VIII<sup>o</sup> Prêmio Francisco Montezuma de Comunicação na Categoria Fotojornalismo (2019). Foi estagiário na Secretária de Comunicação do Governo da Bahia (2019). E-mail de contato: caiquefialho@gmail.com

### **Celso de A. Oliveira Jr.**

Professor, ator e diretor teatral. Como ator, estreou na Cia. Baiana de Patifaria, com o espetáculo "Abafabanca", em 1987 e teve atuações elogiadas nas peças "Otelo", de Shakespeare (1995), "Esperando Godot", de Samuel Beckett (2014) e "Por que Hécuba", de Matei Visniec (2018). Dirigiu as peças "Quem matou Maria Helena?" (1994), "Caso sério", (2009), "A persistência das últimas coisas" (2017) e "A última virgem" (2018). É professor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde coordena o curso Tecnológico em Artes do Espetáculo. E-mail de contato: celsoaojr@ufrb.edu.br

**Cláudio Manoel Duarte de Souza**

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea e doutor em Cultura e Sociedade pela UFBA. Atualmente é professor da UFRB. É líder do Grupo de Estudos e Práticas Laboratoriais em Plataformas e Softwares Livres e Multimeios - LinkLivre (CNPQ/UFRB). Organizador da coletânea SomBinário (uma cartografia de música eletrônica do norte e nordeste do Brasil). É membro pesquisador do grupo de Pesquisa Música popular urbana e mediações culturais; DIGITALIA - Rede de Estudos Interdisciplinares da Internet e da Cultura Digital; Audiosfera - Música, Tecnologia e Cultura. É um dos organizadores dos festivais internacionais Digitália e Paisagem Sonora. E-mail de contato: [claudiomanoelufrb@gmail.com](mailto:claudiomanoelufrb@gmail.com)

**Críssia Maria Magalhães Santos**

Bacharela em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail de contato: [crissiamagalhaes@gmail.com](mailto:crissiamagalhaes@gmail.com)

**Cristian Martins de Souza**

Estudante de Agronomia na UFRB, interessado nos assuntos que envolvem a temática de meio ambiente, ecologia, sustentabilidade, desenvolvimento rural, cultivares, plantação orgânica e plantas medicinais. E-mail de contato: [cr-tiam@hotmail.com](mailto:cr-tiam@hotmail.com)

**Deivide Garcia da Silva Oliveira**

Tem estágio Pós-doutoral pela York University e Pós-doutoral visiting pelo Center for Philosophy of Science of Pittsburgh University. Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA. Mestre em Filosofia da Ciência pela Universidad de Valladolid e também é Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (2008) e graduado em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Também é líder do grupo de pesquisa na UFRB chamado: Grupo de Estudos em Filosofia, Ciência e Educação científica (G-EFFICIENTIA) certificados pelo CNPQ. Atualmente é professor da UFRB. E-mail de contato: [deividegso@gmail.com](mailto:deividegso@gmail.com)

### **Edméa Barbosa dos Santos**

Formada em Jornalismo. Mestranda do PPGCOM/UFRB. Atualmente tem sua pesquisa voltada para gênero, mídias e sensibilidades na linha de Mídias E Formatos Narrativos do programa de pós Graduação em Comunicação. Tem experiência na área de Comunicação e mídia. Idealizou em 2014 a primeira revista eletrônica "Arte Trans Bahia", sobre a arte transformista da Bahia. E-mail de contato: edmea.nea@gmail.com

### **Eduardo Borges de Jesus**

Bacharel em Direito, advogado, escritor, servidor Técnico-Administrativo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Escreve por que o mundo lhe parece em desordem. E-mail de contato: eduardocecult@gmail.com

### **Fernando Porfírio Lima**

Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail de contato: flima499@gmail.com

### **Gilmar Café Alves Júnior**

Pós-graduando em Inclusão e Diversidade na Educação - UFRB. Graduado em Matemática Aplicada pela Faculdade de Ciências Educacionais e em Administração de Empresas pela Faculdade de Ciências e Empreendedorismo (FACEMP). Atualmente é Agente de Apoio Educacional na Secretaria Municipal de Cairu - BA. Tem experiência na área de Matemática, com ênfase em Matemática Aplicada e na área de Gestão de empresas, Supervisão comercial e Coordenação de Recursos Humanos. E-mail de contato: gilmar-cafe@gmail.com

### **Gleydson Públio**

Possui graduação em Cinema e Audiovisual pela UFRB (2013). Atualmente é técnico em Audiovisual na Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de ser cinegrafista, editor, finalizador e possuir experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema. Atualmente é mestrando em Design pelo Cesar School. Tem atuação, principalmente, nos seguintes temas: cinema, cinema direto e fotografia. Portifólio: <https://glpublio.myportfolio.com>.

**Hebert Luan Pereira Campos dos Santos**

Bacharel em Saúde pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduando em Medicina pelo Instituto Multidisciplinar em Saúde (IMS) da UFBA.

**Iara Regina Demetrio Sydenstricker Cordeiro**

Arquiteta, escritora e roteirista, dedica-se à criação de obras literárias e de programas audiovisuais e a atividades de ensino e pesquisa. Professora adjunta no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da UFRB. Doutora em Artes Cênicas, mestre em Planejamento Urbano e Regional. E-mail de contato: iarasyd@ufrb.edu.br

**Leandro dos Reis Muniz**

Graduado em Psicologia pela UFBA e graduando em Filosofia pela mesma instituição. Tem especialização em Clínica do Idoso, do Adulto e do Adolescente, em Hermenêutica e Problemas Feneom-enológicos. Trabalhou como psicólogo da rede de saúde e da rede de serviço social em alguns municípios da Bahia. Atualmente é psicólogo da UFRB, lotado na PROPAAE. E-mail de contato: leomuniz@ufrb.edu.br

**Lua Candeia Parente**

Artista visual, atriz, dramaturga e estudante da Licenciatura Interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail de contato: luacanderente@gmail.com

**Luciene Vieira Pereira**

Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia na UFRB e Pós-graduanda em História da África, da Cultura Afro Brasileira NGAE/CAHL- Cachoeira. Bolsista do PET/Afirmação: Acesso e Permanência de jovens de comunidades negras rurais do Ensino Superior. E-mail de contato: negralu.vieira@gmail.com

**Ludmilla Santana Soares e Barros**

Docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB). Bacharel em Medicina Veterinária pela UFG. Especialista em Saúde Ambien-

tal pela FSP-USP. Mestra em Medicina Veterinária Preventiva pela FCAV-UNESP. Doutora em Medicina Veterinária Preventiva pela FCAV-UNESP. Pós-Doutora em Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca pela CAUNESP. Atua na área de SAÚDE ÚNICA. E-mail de contato: barros@ufrb.edu.br

### **Marcos José de Oliveira Silva**

Mestrando em Educação e Diversidade - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e EaD. Técnico em Assuntos Educacionais na UFRB. E-mail de contato: marcosjose4230@gmail.com

### **Maia Gonçalves** (Maiara Cristina Gonçalves de Freitas)

Fotógrafa e estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Trabalhou como fotógrafa no e-commerce de 2011 a 2017. E-mail de contato: maia.gf7@gmail.com

### **Maria das Graças Mascarenhas Queiroz**

Formação em Letras Vernáculas, Especialização em História, Cultura e Memória - UNEB (Graduação e Especialização). Assistente em Administração da UFRB em Cruz das Almas. E-mail de contato: mgmqueiroz@gmail.com

### **Naiana de Carvalho Guimarães Oliveira**

Mestre em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação. Técnica em Assuntos Educacionais na UFRB e professora do município de Santo Amaro-BA. E-mail de contato: naiana@ufrb.edu.br

### **Nayara Pereira**

Cearense, educadora musical e discente do curso de Licenciatura em Música Popular Brasileira - CECULT UFRB. Desenvolve, atualmente, pesquisa no Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA - UFRB). Integra também os grupos de pesquisa Formação e Investigação em Práticas de Ensino (FIPE - UFRB) e Música e Mediações Culturais (MUSPOP - UFRB). E-mail de contato: nahvieirah@gmail.com

**Pablo Enrique Abraham Zunino**

Professor adjunto do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Licenciado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com estágio de pesquisa na Université Paris I - Panthéon-Sorbonne. Publicou o livro *Bergson: a metafísica da ação* (Humanitas, 2012) e coorganizou o livro *O ensino de filosofia entre nós* (EDUFRB, 2018). E-mail de contato: pablo@ufrb.edu.br

**Priscila Teixeira das Neves**

Discente do terceiro semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas. Cantora e escritora (de vez em quando). E-mail de contato: ptn2@outlook.com

**Renata Dias Oliveira**

Filha de Afonso e Jamilda, irmã de Breno e de Turan, mãe de Carina. Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas pela Universidade Salvador, especialista em Marketing Organizacional, mestranda em Comunicação na UFRB. Atuou por dez anos na Comunicação Institucional da PETROBRAS. Prestou consultoria em Responsabilidade Social para as empresas Braskem e VIABAHIA. Na gestão pública, foi assessora de comunicação e técnica da Coordenação de Povos e Comunidades Tradicionais na SEPROMI. Atualmente é diretora geral da Fundação Cultural do Estado da Bahia, autarquia vinculada à Secretaria de Cultura. E-mail de contato: renatadias.comunica@gmail.com

**Rubens da Cunha**

Professor da UFRB, poeta e cronista. E-mail de contato: rubensdacunha@gmail.com

**Sarah Roberta de Oliveira Carneiro**

Jornalista e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-doutorado na Université Paris 8. Atualmente é professora do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CECULT/UFRB). Seu primeiro livro foi publicado em parceria com Luciano Fogaça de Souza, em 2017, pela Conspire edições e se chama *Miudezas de uma cidade do interior; escritos sobre Cruz das Almas*. E-mail de contato: sarah.palavra@gmail.com

### **Sérgio Ricardo Oliveira Martins**

Bacharel e licenciado em Geografia. Mestre e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro dos Grupos de Pesquisa: Tempo Ritual e Espaço Festivo e Memória, Espaço e Culturas - MESCLAS. Coordenador do Laboratório de Estudos Interdisciplinares e Interculturais. E-mail de contato: sergioolivemartins@gmail.com

### **Sheila Araújo da Silva**

Bacharela em Cultura pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e estudante do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes. Escreve crônicas sobre a realidade do cotidiano e também inventadas. E-mail de contato: sheila-araujobk@outlook.com

### **Vinícius Zurawski Padilha**

Artista multifacetado natural de Porto Alegre. Bailarino, coreógrafo, ilustrador, diretor de arte, produtor, roteirista e editor de mídia. É estudante de Tecnologias em Artes do Espetáculo pela UFRB. Integra o elenco e a produção do *podcast* "POD4". Trabalhos mais recentes: "Intestino" (2019-2020), peça teatral dirigida por Gabriela Chaves, como coreógrafo e operador de som; "Natal pelo Mundo", espetáculo dirigido por Edson Erdmann, como bailarino e coordenador de corpo de baile. Atuou como responsável pela identidade visual de diversos projetos, entre eles: "Viral", monólogo dirigido por Daniel Colin e Denis Gosch e "Plurais", como diretor de arte, espetáculo de Juliano Barreto. E-mail de contato: viniciuspilha0@gmail.com

### **Wellison Silva Santana**

Integrante do Projeto OXE: literatura baiana contemporânea. Graduando no curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. E-mail de contato: contatowellison-silva@gmail.com

### **William Conceição de Jesus**

Estudante universitária da Licenciatura Interdisciplinar em Artes do CECULT. Artista que experimenta e produz visualidades e corporeidades. E-mail de contato: wildulin@outlook.com

O E-book *Navegando entre ilhas: experiências do isolamento em tempo de pandemia* apresenta uma coletânea de textos produzidos a partir de uma proposta de reflexão sobre o isolamento social devido à pandemia da COVID-19, no Brasil, a partir de março de 2020. A proposta, cujo objetivo foi de estimular a socialização de experiências e relatos que proponham uma reflexão profunda e multifacetada sobre os impactos do isolamento social, contém diversas expressões literárias e/ou artísticas produzidas por todas as esferas integrantes da comunidade acadêmica da UFRB. Navegando por essas ilhas é possível perceber águas e pedras, fragilidades e fortalezas que se expõem em escritas e imagens, sinalizando que é na partilha que se fortalece o corpo e a alma.

ISBN: 978-65-88622-03-2



Editora UFRB